

Erich von Däniken

Somos todos filhos dos deuses

Se os Túmulos Pudessem Falar..

Edição integral Título do original: "Wir alie sind Kinder der Götter — Wenn Gräber reden könnten"

Copyright © Erich von Däniken

Tradução: Airton Gandolfi

CIRCULO DO LIVRO LTDA. Caixa postal 7413 01065-970 São Paulo, Brasil

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Cia Melhoramentos de São Paulo

mediante acordo com C. Bertelsmann Verlag GmbH Venda permitida apenas aos sócios do Círculo
Composição cedida pela Cia Melhoramentos de São Paulo
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

ISBN 85-332-0257-1

Sumário

Capítulo 1

Era uma vez dois príncipes ... 4

Viagem de reconhecimento ao Iêmen — Acontecimentos de 1951 — 36 anos depois — A misteriosa rainha de Sabá — O que foi e permaneceu — O prodígio de Marib — Hoje, petróleo — ontem, incenso — A surpresa e a admiração são o começo da compreensão — Ortega y Gasset (1883-1955) — Datação do local — Jogo de adivinhação com a rainha de Sabá — O louco trono real totalmente mecanizado — O presente de Salomão: um veículo aéreo — A viagem celeste do filho do rei — Um castelo pode desaparecer? — As lendas amam o maravilhoso — Por que os deuses foram eliminados? — As viagens do "Columbia" confirmam as lendas — O misterioso Senhor D. do Alcorão — Em busca do túnel de Bainun — A hora do "kat" — Viagem por uma estranha estrada — Bainun fica em algum lugar — Nosso destino, finalmente: o castelo de Bainun — Bilocação com indícios — Banho de amor nas alturas iluminadas — Par amoroso ambulante — Saber gustar...

Capítulo 2

E a Bíblia não tinha razão ... 69

A avassaladora descoberta — O que aconteceu ? — No local da prova — Conseqüências — Como um espinho na carne — Mandado de busca de Salomão — Enganos eruditos — Fios vermelhos com nós! — Lágrimas para Jerusalém — O eterno Ezequiel.

Capítulo 3

Deuses, túmulos e vigarices ... 95

Diga-me onde estão os túmulos... — Abraão, o patriarca, deixa muitos indícios, e nenhum — Túmulos: de quem? — No bar do Rei Davi — A caminho do túmulo de Aarão — O objetivo: Petra! — 22 de agosto de 1812 — Aarão, irmão e rival de Moisés — Quem foi Aarão? — Ebet de co-piloto — Na região montanhosa de Petra — A caminho com Machmud — Um tesouro para Alá — Próximo à montanha de Aarão — Meditação em Petra — Genealogia, topografia, história de Petra — Cavalgando até o túmulo de Aarão — O túmulo de Aarão? — Reminiscências.

Capítulo 4

Filhos da Terra, Filhos dos Deuses ... 149

O homem não tem uma pátria de origem? — 25 linhas que agitaram o mundo — Os acontecimentos — O inteligente Diodoro da Sicília — Muito mais que ficção científica — O novo caminho — Filhos, como o tempo passa — Eva — uma jovem mulher? — O código genético e a criação — O oitavo dia da criação — O espaço de nossa liberdade — Perguntas não respondidas — Darwinismo — um engano.

Capítulo 5

Eternos contatos de terceiro grau176

A coragem de admitir novas possibilidades — O túmulo da gigante Eva — Trânsito intenso no céu — Repressão coletiva — OVNI filmado — Tudo já existiu — Processo de transformação do pensamento — As visões de Fátima.

Bibliografia201

Capítulo 1

ERA UMA VEZ DOIS PRÍNCIPES VIAGEM DE RECONHECIMENTO AO IÊMEN

Uma fábula é uma ponte que leva à verdade.
Ditado árabe.

Roma antiga deve ter sido fundada em 733 a.C, a cidade maia de Tikal 100 anos antes. A fundação de Atenas data de aproximadamente 1500 a.C, e supõe-se que Jericó foi construída por volta de 6000 a.C. Existem cidades ainda mais antigas em nosso planeta? É possível, pois todos os cronistas árabes garantem que Sanaa, sobre o planalto do maciço iemenita, 2.500 m acima do nível do mar, era a cidade mais antiga do mundo, construída antes mesmo do Dilúvio.

Conheço Roma, Atenas, Tikal e Jerico. Precisava conhecer

Sanaa. Ela não fica exatamente na rota, e o caminho que me levou até aí dá muitas voltas e é cheio de aventuras. Vamos percorrê-lo.

O Iêmen fica ao sul da Península Arábica. A região é habitada desde tempos imemoriais, tendo presenciado culturas altamente desenvolvidas como a do reino de Sabá, por volta de 1200 a.C.

Era uma terra rica, pois possuía — como se pode constatar em qualquer obra de referência — um impressionante sistema de irrigação para seus oásis, sendo grande exportadora de incenso, artigo bastante procurado até hoje.

Acontecimentos de 1951

"Descarregamos completamente nosso caminhão, tirando tudo o que estava dentro dele, e partimos diretamente através do Hadi. Lá atrás, as pessoas que ficaram no carro estavam com garras e dentes preparados, espreitando por sobre o terreno plano à procura de algum sinal da caravana de camelos que vinha de Harib ... enquanto Chester, que agora se dava conta da dimensão do perigo ... repentinamente desviava para a esquerda, escapando por pouco dos iemenitas e mantendo seu caminhão fora do alcance dos tiros." ¹

O jovem paleontólogo americano Wendell Phillips, de 36 anos, sofreu esse ataque quando, com seu colega William Frank Albright, fazia algumas escavações 180 km a leste de Sanaa.

A autorização para esse empreendimento fora concedida pelo rei Imã Achmed, do Iêmen, à American Foundation for the Study of Man, a Fundação Americana para o Estudo do

Homem.

Através de relatos dos estudiosos alemães Carl Rathjens e Hermann von Wissmann, do ano de 1928, os americanos sabiam da existência de um templo próximo a Marib. Devia tratar-se, portanto, do misterioso templo da rainha de Sabá.

Apesar dos soldados e funcionários que o Imã tinha colocado à disposição da expedição, após alguns meses de bom trabalho começaram a surgir dificuldades consideráveis: os iemenitas não gostaram que infiéis — nessa terra, quem não acredita em Alá é infiel — estivessem desenterrando tesouros escondidos em seu país.

As ordens dos arqueólogos não eram cumpridas por causa das contra-ordens dadas pelos funcionários reais. Um infortúnio levou à primeira revolta: um trabalhador esbarrou inadvertidamente em um balcão de proteção de madeira, que arrastou consigo seis colunas antigas; um trabalhador egípcio e um rapaz iemenita sofreram ferimentos leves. Imediatamente os funcionários do Imã exigiram que lhes fossem entregues todos os moldes de látex* que até então tinham sido feitos das antigas inscrições do templo, um trabalho cansativo que já durava meses.

* Arqueólogos empregam borracha de látex para fazer cópia de textos e figuras em relevo. O látex úmido é pressionado contra o original, e então retirado da pedra: obtém-se assim um negativo exato.

Tendo voltado de uma breve viagem à América, onde havia levantado dinheiro para a continuação dos trabalhos, Phillips encontrou no local uma situação tão delicada emocionalmente, que os trabalhos não puderam prosseguir. Após uma reunião secreta, realizada à noite, os arqueólogos

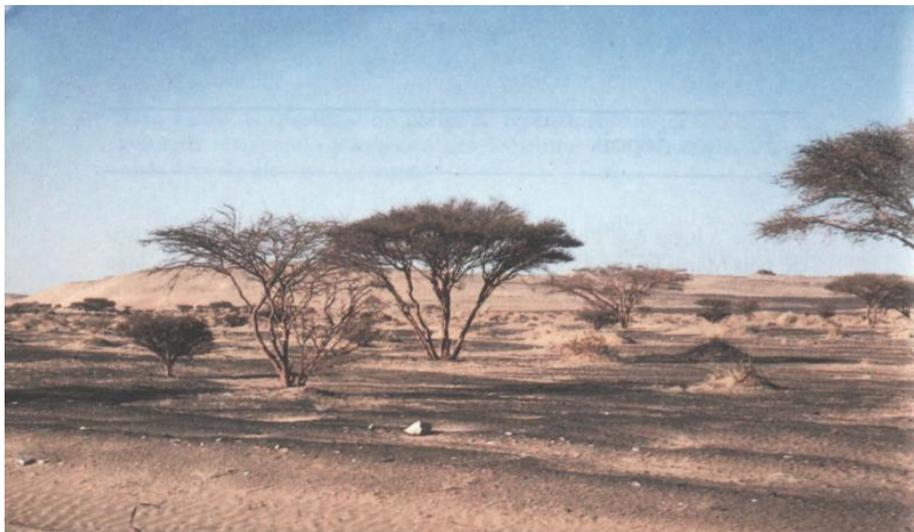
decidiram fugir imediatamente. Eles espalharam a notícia de que no dia seguinte iriam até as colinas para filmar a região. O engodo foi bem sucedido pois, ao embarcar nos dois caminhões com seus auxiliares egípcios, os arqueólogos estavam deixando para trás os equipamentos da expedição, avaliados em mais de 200.000 dólares. Os soldados e funcionários ficaram bastante contentes, pois podiam agora fazer, sem ser observados, o que vinham fazendo o tempo todo: roubar.

36 anos depois

Hoje o lugar que Phillips abandonou em fuga é uma atração turística, pois Marib foi ligada à capital Sanaa por uma estrada asfaltada. Meu colaborador Ralf Lange e eu desfrutamos o panorama, uma extensão de 175 km, do assento traseiro de um Land-Cruiser. No assento dianteiro um jovem iemenita nos servia de motorista, com a adaga curva (Dschambia) obrigatória, presa sobre a barriga por um cinto de um palmo de largura. Assim que um jovem iemenita faz 14 anos, recebe a adaga curva para atestar sua virilidade a partir de então. Ela pende do cinturão, de onde sobressai a lâmina, grande e larga ou mais modesta, com o cabo de prata trabalhado ou simplesmente de madeira ou outro metal menos valioso, a bainha de couro bordada com fios de prata ou bem rústica. O importante é que se trata de uma adaga! Ao lado do motorista, nosso guia meditava, de paletó e gravata, o que o caracterizava como arrivista. Conhecimento e inteligência não faziam parte de seus predicados, como tivemos de constatar, infelizmente. O funcionário da agência de turismo no centro da cidade

havia recomendado que eu contratasse o motorista iemenita; é lá que os estrangeiros conseguem autorização para viajar pelo interior. Foi um bom conselho. Não se deve alugar um cano a uma pessoa para que ela própria o dirija, pois isso pode ser uma forma tranqüila de suicídio. Neste país não importa absolutamente se em um acidente você é ou não culpado, pois a legislação do trânsito ainda é influenciada pelos direitos de religião e descendência: ferimentos físicos são encarados como homicídios. Ainda que não tendo nenhuma culpa pelas regras de trânsito ocidentais, segundo o direito islâmico, aquele que causou o acidente deve pagar à família do ferido ou morto um "dinheiro de sangue". Em 1986 os valores eram os seguintes: por um homem morto em um acidente de trânsito pagava-se cerca de 50.000 marcos alemães, e a metade dessa quantia caso se tratasse de uma mulher; durante o mês de jejum e peregrinação, o Ramadã, o "dinheiro de sangue" dobra. E a coisa pode ser pior: os familiares podem exigir vingança. Para nós isso seria pura e simplesmente assassinato. Mas lá vigora a justiça familiar ou de descendência, e o executor pratica um ato honroso. E se, como passageiro, não seria necessário recorrer à minha carteira, graças a Deus tampouco precisei comprová-lo.

Um segundo bom conselho me foi dado pelo porteiro do hotel. Ele me aconselhou a fazer várias cópias da autorização para viajar. Como ele estava certo! Já no primeiro controle na estrada, feito por jovens armados, fiquei sem meu original. O sentinela o levou para os arquivos. No próximo controle eu seria mandado de volta.



Apreciamos o panorama ao longo dos 175 km de estrada.



Do alto do desfiladeiro avista-se, embaixo, o Wadis.

De longe, os morros que cintilavam ao sol, de um castanho luminoso contra a sombra negra, aproximavam-se cada vez mais rapidamente. A estrada sobe em aclive até o

desfiladeiro de Bin-Ghaylan, a 2.315 m de altitude, estendendo-se em curvas sinuosas através de gargantas rochosas bastante estreitas. A partir do desfiladeiro de Al-Fardah, atravessa-se uma paisagem rochosa antiqüíssima: gigantescos monólitos quadrangulares erguem-se como verdadeiros arranha-céus. Trata-se de um Skyline!* Pontes naturais de pedra pendem sobre torres cúbicas como em uma maquete. Refletindo a luz do sol, picos rochosos brilham ao longe como se tivessem sido borrifados recentemente com cores berrantes por grafiteiros. Do alto do desfiladeiro avista-se abaixo o Wadis, um vale no deserto de um colorido castanho amarelado que se estende na distância. Após longas curvas cavadas na rocha avista-se, 1.000 m abaixo, a planície sobre a qual se encontra Marib. A cada metro que nosso carro avança, aproximando-se do fundo do vale — que ainda assim encontra-se a 1.300 m de altitude —, o ar torna-se mais quente. Apenas uns poucos arbustos e árvores miseráveis margeiam a estrada, e além disso areia, nada mais que areia, uma desolação que faz com que nos perguntemos de que vivem, ou melhor, sobrevivem, os beduínos e seus animais. Pedras vulcânicas negras como piche orlam nossa estrada praticamente sem interrupção — a escuridão do inferno, uma paisagem marciana, da qual os morros se erguem como gigantescos montes de carvão. É um palco natural grandioso ao sol do meio-dia. Luz bruxuleante. Sombras do negrume do universo. Antracita emitindo reflexos prateados ao sol.

* Linha formada pelos edifícios de uma cidade, vista à distância, contra o horizonte. (N. do T.)

Após duas horas e meia de jornada, partindo de Sanaa,

avistamos a antiga aldeia de Marib com suas construções de vários andares. Extrai-se petróleo nas proximidades. Vagões-tanques esperam ser carregados sob o sol abrasador. Quanto a ruínas milenares, não se vê nada, absolutamente nada.

Apenas o forte calor do meio-dia podia deter minha febre de caçador, e além disso uma refeição para meus acompanhantes viria a calhar. Dirigimo-nos a um hotel cuja limpeza permitia a suposição de que fora construído para convidados por uma empresa petrolífera.

Seguiu-se, então, uma pantomima grotesca. Meu iemenita não conhecia nenhuma palavra em inglês além de money, e eu então, através de gestos, convidei-o para o almoço. Recebemos cardápios escritos em árabe e inglês. Ralf e eu pedimos uma omelete com champignons frescos, nossos acompanhantes fizeram seus pedidos ao garçom em árabe, e este os rabiscou em seu bloco. Comemos nossa "omelete" — dois ovos fritos com champignons em lata — enquanto serviam a nossos iemenitas duas suculentas bistecas de boi. Eles não as tocaram. Prossegui com minha linguagem de gestos, animando-os a comer como se faz com crianças: nham-nham. Nada aconteceu. Como que hipnotizados, eles não tiravam os olhos de seus bifés, garfos e facas. E se eles estivessem rezando em silêncio? Neste caso não deveriam ser perturbados. Um pensamento então iluminou minha mente. Agarrei o osso de uma das bistecas e a levei à boca com entusiasmo. O encanto então se desfez: desembaraçados e sorridentes, eles começaram a comer com as mãos, lambendo os beiços. Após alguns arrotos ruidosos, nossos companheiros deram a entender que nada mais impedia nossa partida.



A antiga aldeia de Marib, com seus edifícios de vários andares.

A Misteriosa Rainha de Sabá

Preparamo-nos então para visitar a barragem de Marib, que há milênios já era considerada uma obra-prima da tecnologia, admirada na literatura como um prodígio da Antigüidade.

Quem iniciou a construção? Ela é atribuída à lendária rainha de Sabá. O Antigo Testamento comenta sua visita ao rei Salomão; no trabalho arqueológico de campo, no entanto, não se conseguiu trazer à luz nenhum indício, nenhum testemunho de sua existência sobre a Terra. Quem foi, portanto, essa rainha? É fascinante penetrar nos enigmas de

sua existência para chegar aos fatos. A busca de indícios, pois!

A história abaixo foi transmitida pelo antigo poeta árabe Semeida Ibn Allaf ²:

"Hadhad (um poderoso rei) saiu um dia para caçar. Encontrou então um lobo que perseguia uma gazela, tendo-a encurralado em um barranco de tal forma que não havia nenhuma maneira de escapar. Hadhad atacou o lobo, afugentando-o, e salvou a gazela, cujo rastro seguiu. E assim se afastou cada vez mais de sua comitiva, até que repentinamente viu diante de si uma majestosa cidade: lindos edifícios, incontáveis rebanhos de camelos e cavalos, espessos bosques de palmeiras e exuberantes campos cultivados ofereciam-se a seus olhos. Um homem veio ao seu encontro, dizendo-lhe que essa cidade chamava-se Ma'rib, bem como sua própria residência, embora o povo que vivia ali fosse chamado Arim, sendo uma linhagem dos Dschinnen*: ele mesmo, no entanto, era seu rei e soberano, e Ialeb I. Sa'b era seu nome".

* Em árabe pré-islâmico: espíritos e demônios, tais como aparecem, por exemplo, nas Mil e Uma Noites.

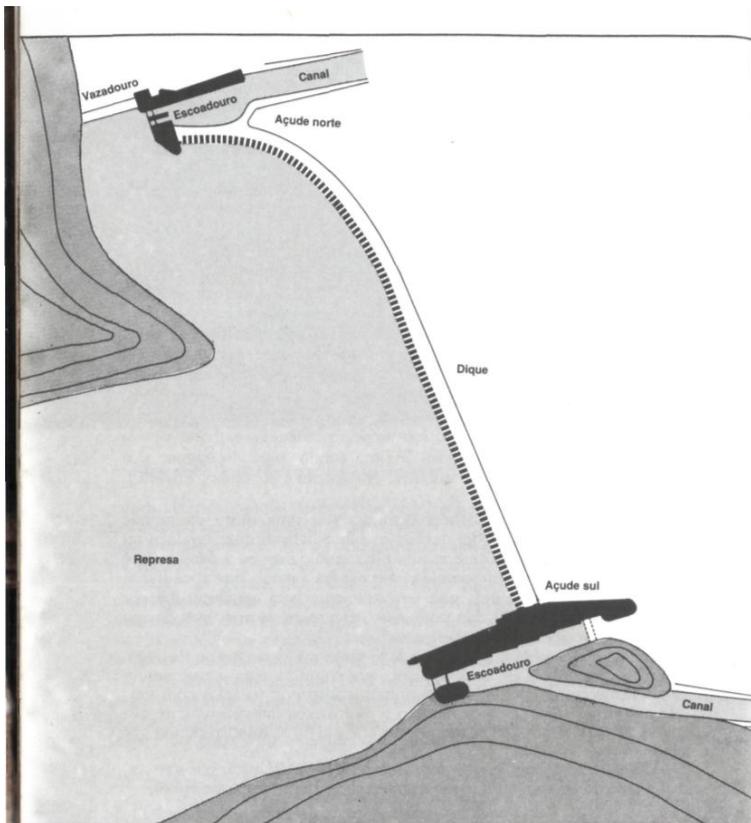
Enquanto eles assim conversavam, passou uma moça de grande beleza e Hadhad não podia desviar os olhos dela. E disse então o rei dos Dschinnen: 'Essa moça é minha filha, e se quiser eu a darei a você como esposa, você salvou sua vida, pois ela era a gazela que você livrou do lobo, e toda a sua vida não será suficiente para agradecer-lhe por isso. Esteja aqui em 30 dias com seus parentes e os príncipes do seu povo para a celebração do casamento.

Hadhad foi embora, e logo a cidade fantasma desapareceu de vista. Mas 30 dias depois ele retomou com sua comitiva para o casamento. Nesse entretempo os Dschinnen tinham construído palácios com fontes e jardins. O rei Ieleb os recebeu e os entreteu magnificamente durante três dias e três noites até que Harura, sua filha, foi introduzida nos aposentos de Hadhad.

Um desses palácios passou a ser sua residência. Harura, por sua vez, foi a mãe de Bilkis. (Bilkis é o nome árabe para a rainha de Sabá.)

Não satisfeito com as maravilhas da Arábia, o historiador e lexicógrafo Nashwan Ibn Sa'id, morto em 1195, observa que a cidade surgida do nada era feita de metal, apoiando-se sobre quatro imponentes colunas de prata, sendo a água conduzida através da cidade por canos de metal. Um conto de fadas das Mil e Uma Noites ou ficção científica antiga?

O velho Semeidá Ibn Allaf é prestimoso; ele sabe que a rainha de Sabá, aliás Bilkis, possuía dois jardins que eram irrigados por duas fontes, que por sua vez brotavam de uma represa². Estou realmente muito curioso com essa barragem.



A barragem de Marib é um trabalho prodigioso da engenharia árabe antiga, e sua construção é atribuída à rainha de Sabá.

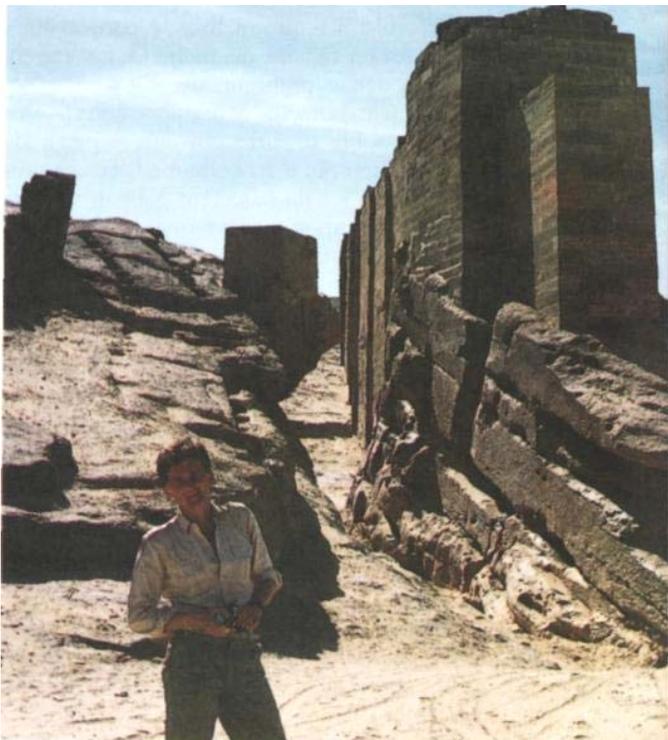


Aterros milenares na barragem de Marib.

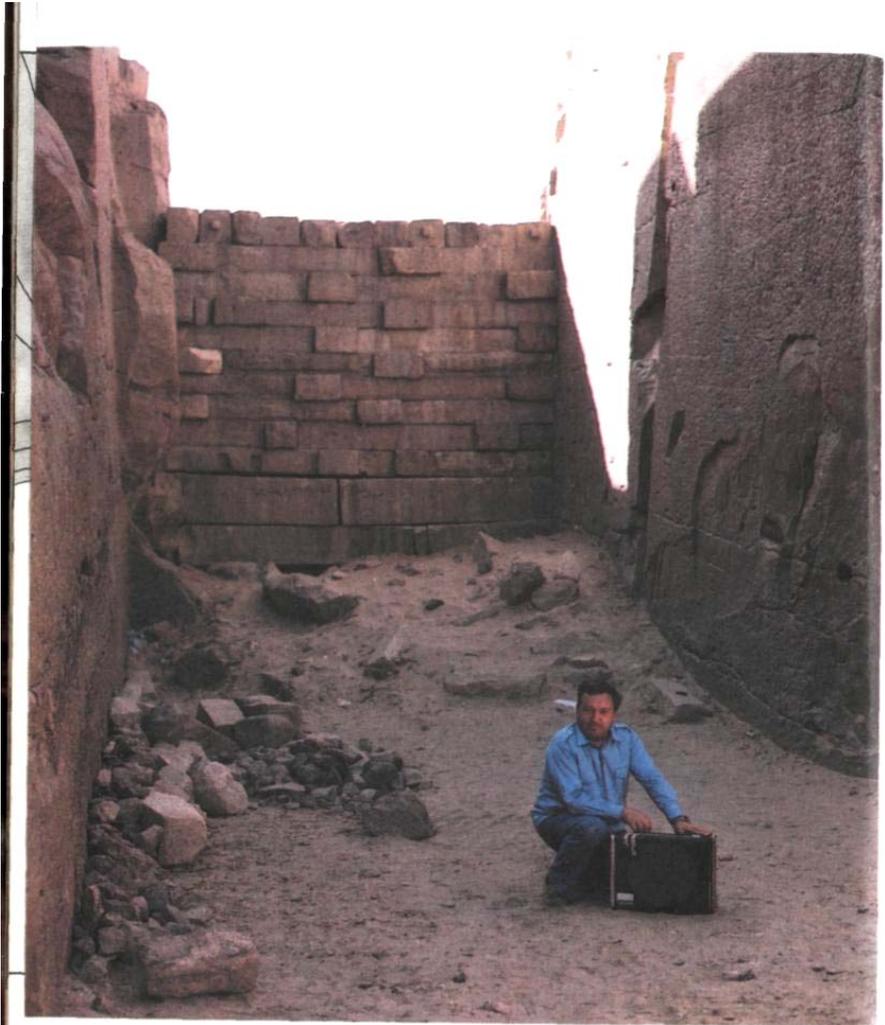
O que foi e permaneceu

Houvera um Livro Guinness dos Recordes, e a represa de Marib constaria dele! Evidentemente autores antigos escreveram sobre o assunto, descrevendo o prodígio tecnológico como um dos pontos altos da cantaria e engenharia do sul da Arábia. O muro da barragem tinha 70 m de largura na base e 615 m de comprimento — comparável em todos os sentidos às barragens atuais. Entre as montanhas dos lados norte e sul*, a barragem represava as águas provenientes das enchentes anuais do Wadi Adana. Nas encostas ao norte e ao sul, os construtores ergueram açudes e canais de distribuição com blocos de pedra cuidadosamente trabalhados; por eles corriam os preciosos cursos d'água até os jardins norte e sul da rainha de Sabá. Este trabalho de cantaria me fazia lembrar das construções incas no distante altiplano do Peru.

* As montanhas Dschabal Balaq al Qibli e Schabal Bal aq Awsat.



No açude sul da barragem, as fundações de um muro monolítico foram fixadas no rochedo.



No lado sul o muro do açude resistiu aos milênios.

Tanto lá como aqui não se pode introduzir nem mesmo a lâmina de uma faca entre os monólitos.

O açude sul foi o que melhor se conservou. As fundações do muro monolítico foram fixadas no rochedo. Os engenheiros da Antigüidade instalaram o açude propriamente dito entre

rochas naturais e muros construídos pelo homem. Monólitos cortados em ângulos retos foram dispostos um sobre o outro em cruz a partir do chão. Essa barragem sobreviveu ao tempo, e eu pude medi-la: ela tem 4,63 m de largura, os blocos mais pesados da base têm 3,54 m de comprimento e 51 cm de espessura. Da comporta propriamente dita não sobrou nada para ser visto.

Durante a cheia, a massa de água precipitava-se primeiro em uma barragem de proteção, uma depressão onde a torrente era "acalmada", para ser então conduzida ao canal principal, com vários canais secundários, até os campos ao sul. Como os mestres construtores eram espertos, levaram também em consideração uma inundação temporária do canal principal: eles o proveram com um vazadouro que recolhia a água excedente e a conduzia em direção ao vale até o Wadi.

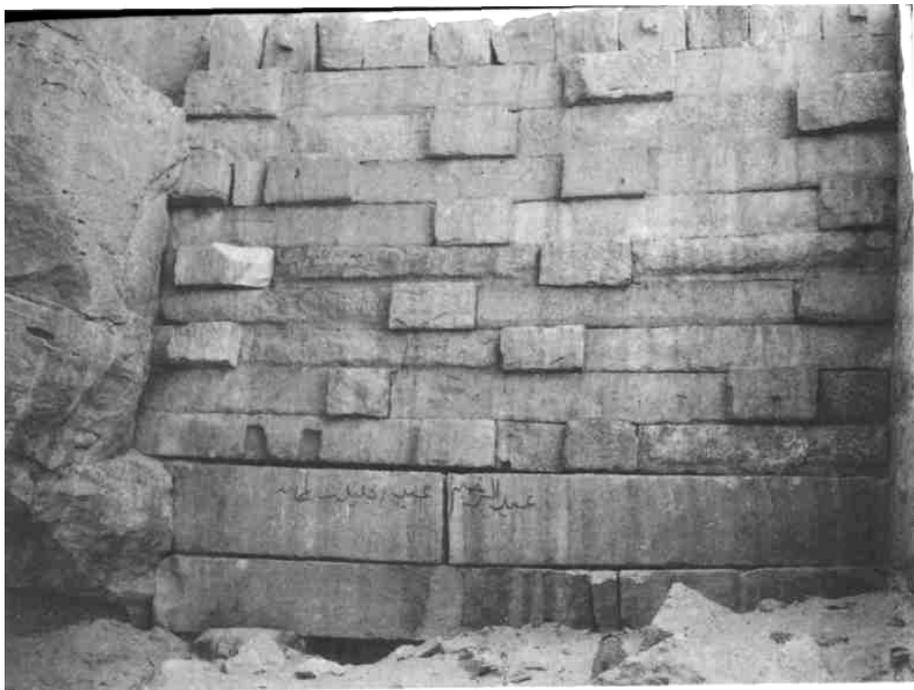
A partir da construção ao sul, a barragem se estendia por mais de 600 m, atravessando o vale até as edificações ao norte. Neste lugar a represa está bem conservada, e também a torrente escorria primeiro em uma barragem de proteção e só então para o canal principal até o "jardim norte". Imensos diques erguidos ao lado de muros com metros de espessura suportavam a pressão da água, e foram construídos com o intuito de se estar preparado para qualquer situação — um vazadouro cuja altura aumentava gradualmente, controlando a altura do nível da água na represa.

O Prodígio de Marib

Em 1982 Ulrich Brunner, da Universidade de Zurique, apresentou sua dissertação³ sobre o antigo oásis de Marib. Nela o doutorando citava um estudo da firma Elektrowatt,

de Zurique, que constrói represa em todo o mundo e que também projetou uma nova represa em Marib para o governo do Iêmen.

Em seu estudo, a Elektrowatt ficou sabendo que nos tempos de Sabá havia em Marib uma área irrigada de aproximadamente 9.000 ha, e que a vazão da água numa média de 2 anos alcançava 950 m³ por segundo. "Em média pode-se esperar uma vazão de 3.750 m por segundo a cada 10 anos, e a média em 100 anos indica uma vazão de 7.250 m³ por segundo." Sob tais condições, a represa em seu tempo se encheria "em pouco mais de duas horas"; entretanto, o vazadouro cuja altura aumentava gradualmente podia evitar a catástrofe caso a barragem se rompesse. Segundo cálculos recentes, a velocidade de vazão nos canais das represas norte e sul alcançava 30 m³ por segundo e podiam com isso satisfazer a demanda dos "jardins norte e sul", calculada em aproximadamente 60 milhões de metros cúbicos, em 12 dias. Ulrich Brunner resume: "O que é genial no sistema de irrigação de Marib, e que lhe permitiu uma vida útil de cerca de 2.000 anos, foi talvez essa simplicidade das edificações funcionais de todo o complexo".

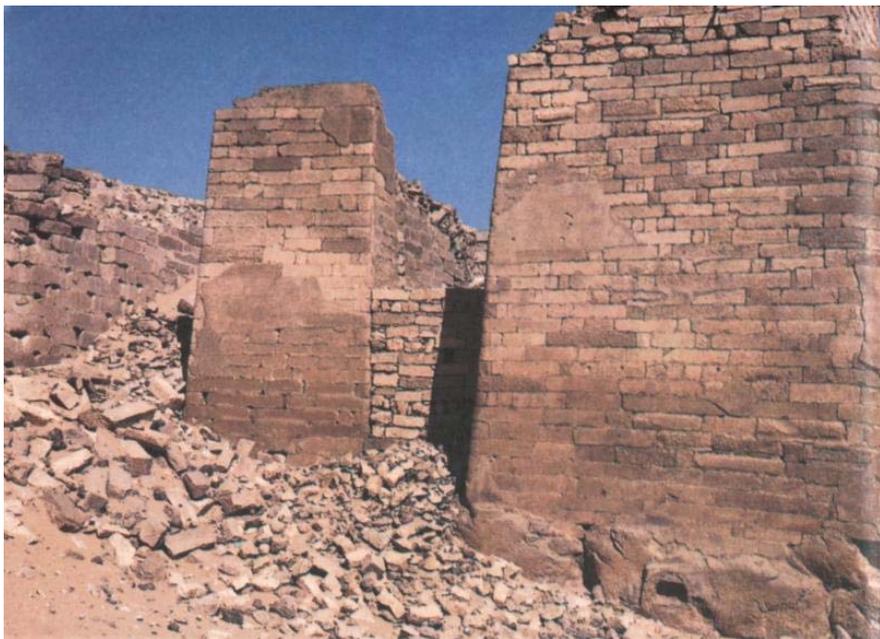


O muro do açude tem 4,62 m de largura. Os monólitos inferiores têm 3,54 m de comprimento e 51 cm de largura.

Pode-se ter uma idéia da enormidade da tecnologia de Marib se imaginarmos uma represa construída pelos romanos na Alta Baviera no ano 100 a.C. que estivesse em funcionamento até hoje!

Nenhuma construção de qualquer época é tabu para as forças da natureza. Evidentemente ocorreram rompimentos de diques no complexo de Marib, mas apenas estes foram atingidos, permanecendo as represas incólumes. Diz a lenda que uma primeira represa de alvenaria e pedras já havia sido construída em 1700 a.C, e só então os habitantes de Sabá acrescentaram a este "dique primordial" os muros e barragens admirados até hoje. Sabe-se que ocorreu um rompimento de dique em 500 d.C. em cujos reparos foram

empregados 20.000 homens. Finalmente houve um rompimento catastrófico. O que havia sido construído há milênios foi destruído pelas massas de água. Campos e jardins ficaram submersos. A Surata 34 do Alcorão, versículo 17, relata o seguinte:



Em cima: O portal do açude do lado norte também está bem conservado. Embaixo: Muros com metros de espessura suportavam a pressão da água.



"Mas eles se desviaram da crença, e nós enviamos a eles a inundação dos diques, e transformamos seus dois jardins em dois jardins que produziam frutos amargos, tamarindos e um pouco de  tus. Isso nós demos a eles como recompensa por sua ingratidão".

Que jogada comercial deixou Marib, logo após a represa,   beira da ruína? Havia sistemas de irriga o por toda parte no antigo Iêmen, e também pequenas represas, embora todas juntas não alcançassem o volume de água de Marib, que com seus campos produtivos e jardins luxuriantes florescia como grande cidade comercial.

Hoje, petróleo — ontem, incenso

A soluço do enigma é o incenso.

A história bíblica faz um relato comovente do Menino Jesus, para o qual três reis do Oriente trouxeram incenso e mirra até a estrebaria onde ele havia nascido, em Belém. Incenso era um presente digno, que naquele tempo valia tanto quanto o ouro. O historiador grego Heródoto (c. 490-425 a.C), que viajou pelo Oriente Próximo, relata que em Babilônia gastavam-se anualmente 1.000 talentos de prata para incenso em honra do deus Baal.

Os egípcios, que purificavam o ar no templo com incenso, e o misturavam como essência perfumada ao betume utilizado na mumificação de seus mortos, cobriam suas necessidades de incenso através de expedições ao mar Vermelho.

O imperador romano Nero, durante o enterro de sua amada de longos anos e, posteriormente, esposa, Popéia Sabina (65 d.C.), promoveu uma orgia de incenso. Por dias a fio ele deixou que mais incenso subisse aos céus do que toda a Arábia colhia em um ano — uma perfumada e tardia reparação pelo brutal pontapé dado por ele, e em consequência do qual Popéia Sabina morreu.

Entretanto, o incenso era mais que um artigo balsâmico e narcótico e uma preciosa oferta aos deuses. O médico grego Hipócrates (c. 460-375 a.C.) descobriu seus efeitos curativos na asma e males do útero, e também como ingrediente para pomadas cosméticas. Esse remédio milagroso era receitado pelos hipocráticos para grande êxito da medicina da época.

Aquilo que Hipócrates havia descoberto como um novo remédio já havia sido empregado por Moisés cerca de 800 anos antes para desinfetar seu povo de doenças contagiosas durante o Êxodo:

"E Moisés disse a Aarão: Pegue o turíbulo, acenda-o com o fogo do altar e coloque incenso, leve-o então depressa ao

povo e consiga sua expiação; pois a praga já começou. E Aarão pegou o turíbulo, como Moisés havia recomendado, e caminhou com ele em meio ao povo. E realmente a praga já havia começado; e ele defumou e conseguiu a expiação para o povo. Pois, caminhando assim entre os mortos e os vivos, ele pôs termo à praga". (Núm. 16:46.)

Pode-se assegurar sem exagero: as imensas riquezas proporcionadas aos árabes pelo petróleo na atualidade eram trazidas aos palácios em troca de incenso na Antigüidade, e isso não é um conto das Mil e Uma Noites.

O incenso é obtido extraindo-se a resina de uma árvore, a *Boswellia carterii*; essa pequena árvore silvestre, que chega a atingir 3 m de altura, um arbusto na verdade, cresce principalmente no litoral calcário seco do reino de Hadramaut, no que é hoje o golfo de Aden, até Dhofar, em Oman. Sua casca é áspera e pintalgada, mais ou menos como a da bétula-européia. Sob ela encontra-se uma camada mais macia com uma resina grudenta e leitosa semelhante ao látex. A cada início de verão essa resina surge no tronco da árvore, no qual são feitas então incisões em vários lugares, brotando delas, em gotas, a resina. Em contato com o ar quente essas gotas secam, formando pequenas pelotas, que após uma semana são raspadas e jogadas fora. O processo é repetido um mês depois. A resina que novamente escorre das incisões, secando rapidamente, é vendida como incenso de qualidade inferior. Somente a terceira sangria, executada durante os quentes meses de verão, produz incenso de primeira qualidade. Escravos formavam pelotas com a resina, que era então purificada e, acondicionada em cestinhas, enviada aos depósitos, de onde era distribuída.

Oh, sim, a natureza sempre foi cheia de boas intenções para com os árabes — seja fazendo medrar o incenso ou

deixando o petróleo jorrar.

Com boas razões os geógrafos romanos se referiam freqüentemente a península arábica como Arábia felix, a feliz Arábia.

Os custos de transporte em imensas caravanas de camelos através de milhares de quilômetros até o destino final faziam com que a mercadoria fosse vendida a peso de prata e até mesmo de ouro. O grande beneficiário com o comércio de incenso sempre foi Marib.

O financiamento das construções de Marib fica assim esclarecido... bem como a decadência da próspera cidade e do reino de Sabá. Com o último rompimento da barragem, que não foi consertado, as rendas estancaram. A partir de então o transporte de incenso passou a ser feito por mar. Enquanto na América Central a floresta cobria os templos e palácios maias, dunas de areia faziam o mesmo com Marib e suas plantações de incenso. Em breve somente historiadores da Antigüidade como Heródoto, Estrabônio (63 a.C.-26 d.C.) e Plínio (24-79 d.C.) podiam ainda escrever relatos sobre o feliz reino da rainha de Sabá. Se não houvesse no Antigo Testamento e no Alcorão nenhum dado concreto sobre a soberana envolta em mistérios e seu rico reino, essa época teria passado despercebida e teria sido talvez completamente esquecida, e ninguém teria se dado ao trabalho de sair em busca de indícios.

**A surpresa e a admiração são o começo da
compreensão**

Ortega y Gasset (1883 -1955)

A caminho de Sanaa, tendo partido de Hadramaut, em 1589 o padre jesuíta Pero Pais passou por Marib. Ele a contemplou com veneração, e escreveu sobre blocos de pedra impressionantes e inscrições desconhecidas, que ninguém podia decifrar.

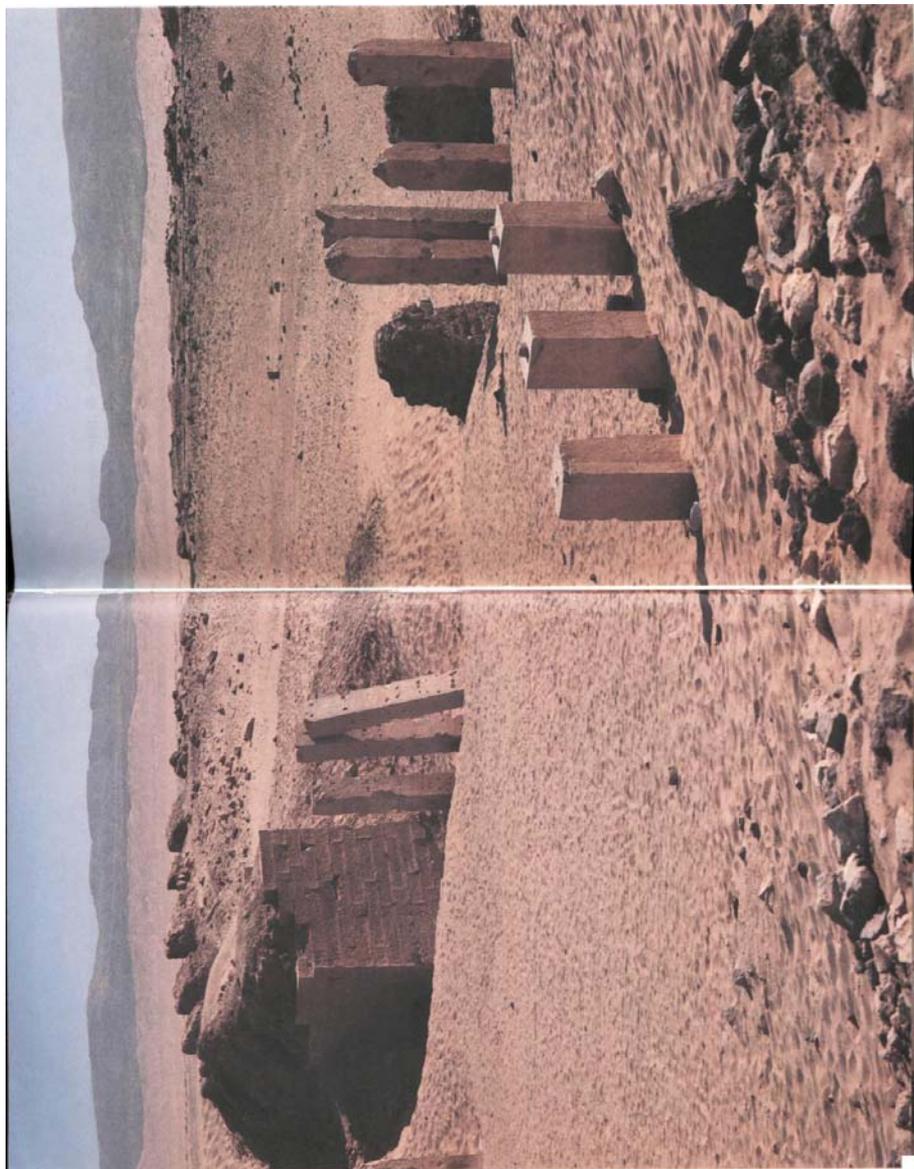
Quase 200 anos depois, em 1762, uma expedição dinamarquesa, dirigida pelo viajante pesquisador alemão Carsten Niebuhr (1733-1815), viajou pelo Iêmen. Niebuhr foi o único participante que retornou à Europa. Em vários livros ele confrontou pela primeira vez a ciência com os tesouros do sul da Arábia: monumentos e inscrições indecifráveis.

O ano de 1843 fez com que a Europa se familiarizasse de forma mais intensiva com a região desconhecida. O francês Thomas Joseph Arnaud enviou a Paris 56 cópias de inscrições de Sabá com sua bagagem. O barão alemão Adolph von Wrede (1807-1863) escreveu um relato de sua viagem ao Iêmen, onde falava de túmulos, edificações e inscrições, embora naturalmente não tenha encontrado um editor para seu livro Viagem a Hadramaut, já que tinha sido acusado de exagero por Alexander von Humboldt, entre outros. O trabalho de Wrede somente foi publicado 13 anos após sua morte, e há muito que todo o mundo sabe que o autor descreveu apenas fatos. Em 1870 o francês Joseph Halévy (1827-1917) se introduziu em uma expedição iemenita e copiou, arriscando freqüentemente a própria vida, mais de 600 inscrições antigas.

Mas os europeus ficaram realmente de orelha em pé após o retorno do austríaco Eduard Glaser (1855-1908), que

percorreu o Iêmen de 1882 até 1884- Disfarçado de árabe, ele conseguiu alojar-se na casa de um xá por seis semanas em Marib. Há uns bons 100 anos, portanto, Glaser viu e descreveu o seguinte⁴:

"As ruínas do templo têm a forma de uma elipse. Exatamente ao longo do eixo que vai de noroeste a sudeste ... Do ponto central do edifício exatamente para noroeste há quatro colunas ..."



Ao fundo pode-se reconhecer ainda o grande aterro em forma de elipse. Sob a areia encontram-se restos do templo da Lua da rainha de Sabá.

No templo assim esboçado por Glaser, os eruditos europeus farejaram uma religião de orientação astronômica. Em 1904, Ditlef Nielsen colocou em discussão sua visão de uma antiga religião árabe da Lua⁴:

"A orientação astronômica em direção a determinadas regiões celestes ... e todo o complexo parecem ter servido a instituições astronômicas ... Todo o serviço divino estava intimamente relacionado a observatórios astronômicos, pois o caminho dos astros no céu era também aquele percorrido pelos seres divinos ..."

O assunto ficou nessa avaliação até hoje. Desde então se colocam perguntas como estas: existia um culto cósmico em torno da rainha de Sabá? Sua origem fabulosa indica uma relação com o universo, com os deuses? De qualquer forma o Iêmen passou a atrair grande curiosidade. Pesquisadores, arqueólogos e aventureiros partiam para lá.

Em 1928 os alemães Hermann von Wissmann e Carl Rathjens descobriram templos nas proximidades de Sanaa. Em 1936 o britânico Harry St. John B. Philby⁵ descreveu edificações misteriosas e inscrições indecifráveis obtidas no planalto de Asir, localizado no que é hoje a região fronteira do Iêmen, e em 1948/49 a expedição Ryckmans-Philby-Lippens⁶ ficou estupefata na região do sul da Arábia ao deparar-se com círculos de pedras monolíticas orientados astronomicamente semelhantes àqueles conhecidos na antiga Europa (Stonehenge). Seguiram-se em 1952 as monumentais escavações de Marib levadas a cabo por Frank Albright e Wendell Phillips.

Desde então nenhuma escavação mais foi feita. O Instituto Arqueológico Alemão abriu até mesmo uma filial em Sanaa e também um pequeno posto avançado em Marib, que se ocupa com a proteção e catalogação do que já foi obtido —

mas escavações extensas somente serão novamente possíveis quando o jovem Estado iemenita for suficientemente forte para impor suas leis também às estirpes, linhagens e xás ainda poderosos, que consideram cada objeto encontrado em suas regiões propriedade particular.

Datação do local

Eu estava, decepcionado e confuso, nos lugares dos quais arqueólogos haviam contado coisas assombrosas. O que havia restado do Mahram Bilqis, o templo da rainha de Sabá? Alguns aterros em forma de elipse, de cuja areia erguiam-se algumas pequenas colunas. Atrás de alguns restos de muralha pouco importantes, oito pilastras enfileiradas. Dois pedaços de pedra. Isso era tudo. Algumas poucas colunas permitiam entrever a engenharia exata do construtor. Em torno das vigas de pedra que antigamente se apoiavam sobre as colunas foram esculpidos suportes de forma cônica para se obter a maior estabilidade possível. As peças correspondentes que se apoiavam transversalmente sobre eles tinham buracos que se encaixavam exatamente nos suportes cônicos. Dessa forma, a "cobertura" ligava-se aos pilares, literalmente firme como uma rocha. As pontes de concreto pré-moldado atuais são feitas exatamente da mesma maneira.

A alguns quilômetros do local onde está aquele que foi o templo da rainha, os restos do Templo da Lua se desfazem. Cinco monólitos de 15 m de altura surgem contra o céu azul, acusadores como os dedos de uma mão gigantesca. Deuses, onde está seu esplendor, onde está sua glória? As

superfícies laterais parecem polidas, e as arestas afiadas. No chão, blocos de pedra calcária, nos quais, com um pouco de sorte, podem-se encontrar inscrições dos tempos de Sabá. De qualquer direção que brilhe o sol, as cinco imponentes colunas projetam gigantescas sombras negras uma ao lado da outra sobre o chão de pó. No decorrer do dia as sombras dão uma volta em torno do quinteto de pedra, como gigantescos mostradores de um relógio solar. O tempo vem, o tempo vai.

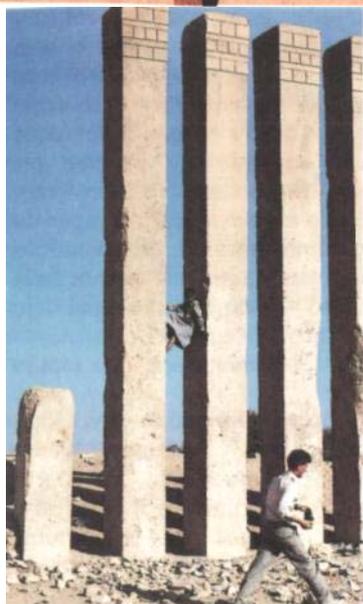
Nesse dia éramos os únicos visitantes ... até que surgiu um garoto de sete ou oito anos de idade, vindo não se sabe de onde. Ele se colocou entre duas colunas, pressionando as costas e os pés contra elas e, sem usar as mãos, começou uma escalada acrobática. Um impulso com joelhos e pés, um impulso com as nádegas, e o menino franzino subia 15 cm, contrabalançando o peso do corpo com os braços. Não havia nenhuma saliência, nenhuma cavidade em que ele pudesse ter arranhado os pés nus. Eu estava com medo; caso ocorresse um acidente, será que só com minha presença de espírito eu conseguiria escapar da vingança dos parentes? "Ora!", eu disse a mim mesmo, observando-o pular de um monólito para outro a 15 m de altura, de onde ele nos fazia reverências e abanava os braços, "ele faz isso — como talvez o pai dele fazia antes — assim que descobre um turista." Após sua apresentação — ele desceu lá de cima como um esquilo — ele desapareceu tão rápido como havia surgido. Sabe Deus para onde.

O jornalista de TV Volker Panzer⁷, que juntamente com o Dr. Gottfried Kirchner produziu o documentário Terra X, escreve: "Novas pesquisas do Instituto Arqueológico Alemão constataram que Marib seguramente já era habitada em 1500 a.C, se não antes".

Isso quer dizer 3.500 anos atrás, e os indícios dessa época encontram-se a apenas 15 m de profundidade, sob minhas botas. Sendo um apaixonado andarilho que caminha entre as ciências, me vi tentando cavar com as mãos nuas. Para mim era insuportável ver como o resultado da expedição Phillips-Albright transformava-se em pó, como tesouros que tinham sido praticamente arrancados do passado desapareciam novamente no nada.



Oito pilastras erguem-se ainda da areia, como se alinhadas em relação às três colunas que estão defronte.



Um garoto de sete ou oito anos apresentou um número artístico de circo entre as colunas.



Jogo de adivinhação com a Rainha de Sabá

Quando nada pode ser decifrado por meios arqueológicos, é preciso recorrer aos escritos antigos, fazer um jogo de adivinhação com lendas, lidar com tradições obscuras, isso para encontrar os caminhos que levam a esse passado primordial, que os historiadores não costumam percorrer.

Já que se pode recorrer ao Antigo Testamento, vamos começar com esta lenda, que se encontra no Terceiro Livro dos Reis, capítulo 10:1:

"E até a rainha de Sabá, tendo ouvido falar da fama de Salomão no nome do Senhor, foi experimentá-lo com enigmas. E, tendo entrado em Jerusalém com grande comitiva, e riquezas, e camelos, que levavam aromas, e infinita quantidade de ouro e pedras preciosas, apresentou-

se diante do rei Salomão, e falou-lhe de tudo o que ela tinha no seu coração. E Salomão instruiu-a em todas as coisas que ela havia proposto; não houve nenhuma que o rei ignorasse, e sobre a qual não lhe respondesse. Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que ele tinha feito, e os manjares da sua mesa, e os aposentos dos seus oficiais, e as diversas classes dos que o serviam, e os seus vestidos, e copeiros, e holocaustos que ele oferecia na casa do Senhor, ficou fora de si, e disse ao rei: É verdadeiro o que eu ouvi no meu país acerca da tua conversação e da tua sabedoria; e eu não dava crédito aos que mo diziam, até que eu mesma vim, e vi com os meus olhos, e reconheci que me não tinham dito metade do que era; é maior a tua sabedoria e as tuas obras do que a fama que tenho ouvido ... Deu, pois, ao rei cento e vinte talentos de ouro, e grandíssima quantidade de aromas e pedras preciosas; desde então não foram levados a Jerusalém tantos aromas, como os que a rainha de Sabá deu ao rei Salomão ... E o rei deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou e lhe pediu ... A rainha voltou, e foi para o seu reino com os seus servos.

Quando ocorreu essa reunião de cúpula real? O rei Salomão deve ter vivido por volta de 965-926 a.C. Teoricamente pode-se pensar em um tal encontro nessa época, pois ela coincide com a época em que Marib florescia. Os arquivos, entretanto, são discutíveis.

Para os judeus o Midrasch pertence ao Antigo Testamento; ele contém interpretações e esclarecimentos, sua leitura era acrescentada à promulgação da Escritura e fazia parte do serviço divino. Como o Midrasch contém toda a literatura rabínica, não é de admirar ser ele uma fonte da história da religião judaica.

Dessa compilação deriva também o segundo Targum

(tradução) caldeu do Livro de Esther. Não se pode precisar quando surgiu o "segundo Targum", um romance histórico. Especialistas datam-no do VII século a.C, embora os autores — fossem quem fossem — remetam-se a fontes mais antigas, que não existem mais. No "segundo Targum" há também descrições das viagens de Salomão, relatos do exílio dos judeus (por volta de 597 a.C.) sob Nabucodonosor II, afirmações sobre o trono de Salomão, bem como sobre a visita da rainha de Sabá à sua corte. Pode-se ainda descobrir mais detalhes que no Antigo Testamento. No "segundo Targum" o rei Salomão envia à rainha de Sabá a mensagem ameaçadora de que a está esperando imediatamente.

A rainha leu a mensagem e ficou tão assustada que rasgou seus preciosos vestidos, convocando seus conselheiros aos berros. Esses homens sábios disseram: Nós não conhecemos o rei Salomão, e não nos preocupamos com seu governo⁸. A rainha não seguiu esse conselho.

"Ela no entanto carregou todos os navios do mar com pérolas e pedras preciosas para presentear Salomão, e enviou-lhe ainda 6.000 meninos e meninas que haviam nascido na mesma hora do mesmo dia do mesmo mês e ano, todos da mesma altura e com a mesma aparência, todos vestidos com roupas de púrpura. Ela entregou-lhes uma carta para que levassem a Salomão, onde ela propunha, apesar de a viagem de seu país ao dele demorar sete anos inteiros, apresentar-se a ele em três. Quando ela chegou após o decurso desse prazo, encontrou Salomão sentado em um aposento de vidro. Ela, entretanto, achou que ele estivesse sentado em meio à água, e ergueu seu vestido para chegar até ele. Foi então que ele viu que os pés dela eram recobertos de pêlos, e disse: Sua beleza é a beleza das

mulheres; seus pêlos, no entanto, são os pêlos de um homem. Os pêlos são um ornamento para o homem, mas para a mulher uma deformação."

Seis mil meninos e meninas — todos parecidos um com o outro como ovos — foram certamente produto da fantasia dos contadores de histórias árabes. Husein ibn Muhammed ibn al Hasan, um biógrafo de Maomé, reduz o número a 500, afirmando no entanto, como o cronista persa Mansur — autor de uma crônica mundial árabe —, que fala de apenas 100 meninos e meninas, que todos tinham a mesma aparência. Assombroso.

Não interessa saber quantos garotos e garotas participaram da expedição; o que interessa saber é o que eles foram fazer na corte do rei Salomão. Husein ibn Muhammed ibn ai Hasan sabia⁸:

"Ao receber a mensagem ... ela vestiu 500 meninas como meninos e 500 meninos como meninas e ensinou a estes como se comportar como moças, e àquelas como rapazes. Com eles enviou a Salomão uma caixinha trancada com uma pérola não perfurada e um diamante com uma perfuração torta, e finalmente uma taça que ele deveria encher com água que não tivesse caído do céu nem brotado da terra".



Exemplo típico da maneira iemenita de construir: este palácio de cinco andares foi colocado como um "trono" sobre o rochedo de 60 m de altura; era a residência de verão de Imam Yahyah (1904-1948).

Extremamente capciosa, a rainha de Sabá queria enganar Salomão, que tinha fama de ser muito esperto, mas ela não conseguiu. Salomão perfurou a pérola com uma pedra mágica, deixou que um bicho-da-seda tecesse um fio através do diamante e encheu a taça com urina de cavalo. Ele também desmascarou os 500 rapazes e moças observando-os enquanto se lavavam. Os rapazes erguiam os braços para esfregar-se, e as moças não.

A mensagem que a rainha de Sabá enviou a seu real colega é também misteriosa, ela precisava de sete anos para chegar a seu país! Marib ficava e fica a uma distância de aproximadamente 2.500 km de Jerusalém. Tomemos uma caravana de camelos — pois era assim que se viajava naquele tempo — que percorre 30 km por dia; a viagem teria durado três meses. Mas se a rainha — como está no "segundo Targum" — utilizou os "navios dos mares", tendo portanto embarcado em um porto do mar Vermelho, e desembarcando na atual Akaba, a distância teria sido vencida em bem menos que três meses.

Segundo a mesma tradição, presume-se que o par real finalmente se casou, e que Salomão, a partir daí, passava "três dias de cada mês na capital Marib". Com essa distância e tempo de viagem? Salomão estava escondendo alguma coisa, pois suas visitas mensais a Marib são aceitas como óbvias até mesmo por intelectuais do mundo islâmico. Elas são confirmadas entre outros pelos comentários feitos no século XI pelos sábios al-Kisa'i e ath-Tha'lab. Segundo esses comentários, Salomão parava em Meca — um santuário de Abraão em tempos pré-islâmicos. Não há nenhuma palavra sobre isso no Antigo Testamento, o que não quer dizer nada, pois os judeus evitavam qualquer menção aos antigos santuários árabes em seus escritos.

Em Meca, portanto, o rei decidiu viajar ao Iêmen para ver com seus próprios olhos os floridos jardins da rainha de Sabá. Se a viagem tivesse sido feita pelas vias normais, a excursão sentimental teria exigido no mínimo um mês: "Mas com a ajuda dos ventos, que ele comandava, Salomão e sua armada venceram entre o nascer e o pôr-do-sol à distância até Canopus (uma estrela)"⁹.

Segundo as tradições, o rei bateu esse recorde com a ajuda de demônios, ventos ... e com um "meio de transporte sobrenatural". Sem aviões, helicópteros ou pelo menos alguns econômicos balões de ar quente, os fins-de-semana mensais no ninho de amor em Marib não teriam sido possíveis ... "Um meio de transporte sobrenatural?"

Salomão tinha problemas consideráveis com a senhora de seu coração! Cronistas árabes juram por tudo o que lhes é sagrado que a rainha tinha pernas peludas, e apresentavam essa mácula animalésca em sua beleza como prova de sua origem extraterrena, demoníaca. Desde aquela época o amor já era engenhoso; o rei fez com que o mago da corte executasse o primeiro depilador de todos os tempos!

O louco trono real totalmente mecanizado

Os autores bíblicos adornaram o nome do rei Salomão com o epíteto "o Sábio". Os "julgamentos salomônicos" eram anunciados do alto do trono que não tinha igual no mundo. Era uma maravilha mecânica da qual o "Targum Scheni para o Livro de Esther" nos dá uma descrição impressionante¹⁰. Das passagens intermináveis eu retirei apenas os dados relativos à tecnologia do trono. Eles são espantosos:

"Ainda não fora feito trabalho semelhante para rei algum" ...

E o trono foi construído assim:

Ao lado do trono havia doze leões dourados e doze águias douradas um em frente ao outro, de forma que a pata direita de um leão confrontava a perna esquerda de uma águia. No total havia 72 leões dourados e 72 águias douradas. Acima do espaldar do trono havia uma cúpula redonda. Seis degraus dourados levavam até ela ... No primeiro degrau havia um touro, e em frente a ele um leão; no segundo, um urso e em frente a ele um carneiro; no terceiro, uma águia e em frente a ela um anca; no quarto, uma águia e em frente a ela um pavão; no quinto, um gato e em frente a ele uma galinha; no sexto um falcão e em frente a ele uma pomba, todos esses animais trabalhados em ouro puro ... Sobre o trono foram construídas 21 asas douradas para fornecer sombra a Salomão.

De qualquer lugar que Salomão quisesse subir ao trono, podia fazê-lo valendo-se de um mecanismo: ao colocar o pé sobre o primeiro degrau, o leão dourado o levava até o segundo; o leão do segundo degrau até o terceiro; e assim por diante ao quarto, quinto e finalmente ao sexto. Então as águias voavam até ele, agarravam-no e erguiam-no ao alto do trono. Nesse mecanismo fora construído também um dragão prateado...

Quando o rei Salomão estava assim acomodado em seu trono, uma grande águia pegava a coroa e a depositava sobre sua cabeça. Então o dragão ligava o mecanismo, e os leões e as águias se erguiam e sombreavam a cabeça do rei Salomão ... Quando as testemunhas se apresentavam perante o rei, a engrenagem do mecanismo punha-se em funcionamento: o touro mugia, os leões rugiam, o urso grunhia, o carneiro balia, a pantera uivava, o anca chorava, o gato miava, o

pavão gritava, o galo cantava, o falcão piava, pássaros gorjeavam ...

Quando a cota de pecados de Israel se esgotou, Nabucodonosor, o criminoso rei de Babel, tornou-se poderoso ... Ele levou também o trono do rei Salomão, e quando ele, que não conhecia seu mecanismo, tentou subir no trono, assim que colocou o pé no primeiro degrau, o leão adiantou sua pata direita atingindo-o na esquerda, o que o deixou coxo por toda a vida. Após Nabucodonosor, Alexandre da Macedônia capturou o trono de Salomão e o trouxe para o Egito. Mas quando Sisak, rei do Egito, viu esse trono magnífico, o mais belo de todos os tronos reais, quis subir nele e aí sentar-se, mas ele não sabia que o mecanismo o ergueria, e quando colocou o pé no primeiro degrau, o leão deslocou sua pata direita e atingiu sua perna esquerda, por isso ele passou a ser chamado pelo resto da vida de Faraó manco ..."

"Primeiro os olhos criam o mundo", disse Christian Morgenstern (1871-1914). O que os antigos cronistas viram foi um prodígio incompreensível. Quem o havia inventado? Quem havia executado a idéia? Quem construiu esse robô único? Para movimentar essa parafernália de animais prestativos era preciso sem dúvida energia. Que energia? O sábio rei precisava dominá-la. Esse sujeito surpreendente era "Senhor dos Ventos" e possuía "meios de transporte sobrenaturais". Isso tudo era um pouco demais para essa época. Que mundo era esse?

O presente de Salomão: um veículo aéreo

A mais antiga tradição etíope é o épico Kebra Negest, que significa algo como "Glória do Rei" ou "Fama dos Reis". A versão original é datada de aproximadamente 800 a.C., o que se aproxima bastante dos tempos de Salomão.

A tradução para o alemão foi executada pelo assiriólogo Carl Bezold (1859-1922) para a Academia Real Bávara para as Ciências. Essa tradução está baseada em textos dos etíopes Isaak e Jemharana-Ab do ano 409 a.C., que se remetem, no entanto, a escritos ainda mais antigos. O Kebra Negest novamente descreve a visita da rainha de Sabá ao rei Salomão. Aqui ela se chama — na variante etíope da Bilqis de Sabá — Makeda. Novamente são fornecidas aos leitores cifras contabilísticas sobre a quantidade de pão consumida, o número de bois gordos levados na viagem, carneiros, etc., novamente irrompe um romance tempestuoso entre Makeda e Salomão, cujas muitas outras amantes a crônica não deixa de mencionar. Mas é para Makeda que ele dirige toda a arte da sedução de um galanteador real; não quer apenas usá-la, ele a pede em casamento e lhe oferece até mesmo a realeza. Makeda faz amor com ele, mas, compreensivelmente, quer voltar a seu belo e verdejante país. O rei permite que ela se vá, cobrindo-a entretanto de presentes principescos — até mesmo um veículo aéreo, como garantem os cronistas":

"Ele deu a ela todo tipo de riquezas e magnificências preciosas, belos e atraentes vestidos e todas as magnificências desejadas pelo país da Etiópia, camelos e carros em número de 6.000, carregados de utensílios desejáveis e valiosos. Veículos, nos quais se viajava por terra, e um carro que viajava pelo ar, que ele havia construído com a sabedoria que Deus lhe havia concedido". (Kebra Negest, capítulo 30.)

Notável! O antigo cronista traça uma clara diferença entre

veículos que viajam por terra e o carro que viajava pelo céu.

A viagem celeste do filho do rei

Nove meses após o retorno — a duração da gestação não mudou neste entretempo — a rainha Makeda trouxe o fruto do amor ao mundo. Quando esse filho já estava crescendo, foi visitar o pai em Jerusalém. Lá esse rapazola, criado com todas as águas da Arábia, roubou de seu pai Salomão a sagrada Arca da Aliança, que Moisés fizera construir seguindo instruções de Jeová, o Deus de Israel, que era uma misteriosa caixa de madeira de acácia, com 1,75 m de comprimento e 1 m de altura e largura, recoberta de ouro por dentro e por fora. Além dessa estimada propriedade de Salomão, o filho varão apropriou-se também de um — ou vários — carro voador de seu corpo expedicionário, que foi retirado do estacionamento de Salomão. No Kebra Negest o caso é reconstituído. Na viagem de ida da Etiópia a Jerusalém uma rica caravana, trotando sob o sol escaldante, é descrita no geral e em detalhes — enquanto a viagem de volta do príncipe etíope a bordo de um carro celeste é de tirar o fôlego:

"E o carro se adiantava rapidamente como um navio sobre o mar impulsionado pelo vento, e como uma águia voando com facilidade sobre o vento ... (Kebra Negest, capítulo 52) ... e os habitantes do Egito lhes contaram (aos que perseguiram o rei Salomão): há muito tempo as pessoas da Etiópia passavam por aqui, e elas viajavam em um carro como os anjos, e eram mais rápidas que a águia no céu ... (Kebra Negest, capítulo 58) ... Este é o terceiro dia após sua (do príncipe etíope) partida, e quando seu carro foi

carregado, ele não prosseguiu por terra, mas eles flutuavam no carro sobre o vento; eles eram mais rápidos que a águia no céu, e toda a sua aparelhagem vinha com eles no carro sobre o vento ... (Kebra Negest, capítulo 58). O rei e todos os que seguiam suas ordens voavam no carro sem doenças e sofrimentos, sem fome e sem sede, sem suor e sem cansaço, pois eles cobriam em um dia um percurso de três meses".

E com isso pode-se esclarecer também as misteriosas visitas mensais que o rei fazia à rainha; com o carro celeste de Salomão a viagem de três meses era feita em um dia!

Um castelo pode desaparecer?

Ah, se a Bíblia e o Alcorão fossem apenas livros de fábulas orientais que pudessem ser folheados e postos de lado num piscar de olhos! Na verdade trata-se de grandes livros da história da humanidade. Um bilhão e seiscentos milhões de cristãos aceitam o conteúdo da Bíblia; oitocentos e cinquenta milhões de muçulmanos, o do Alcorão. De onde quer que tenham se originado suas extraordinárias informações, de antigas tradições ou inspiração divina — o Alcorão sabe que Alá colocou espíritos prestativos a serviço do rei Salomão:

"Nós tornamos o vento submisso a Salomão ... Além disso, em seu tempo, pela vontade de Alá espíritos trabalhavam para ele ... Eles faziam qualquer coisa que ele quisesse, palácios, monumentos e alguidares grandes como viveiros de peixes..."

Todos os antigos cronistas árabes são unânimes em afirmar que Salomão fez construir com a ajuda de "demônios" e "gênios" três imponentes castelos, um dos quais seria a

cidade em ruínas de Baalbek. O que Baalbek, no atual Líbano, tem a ver com o reino da rainha no Iêmen, não é possível descobrir. Salin e Gumdan, o segundo e o terceiro castelos, não teriam sido — de acordo com o que foi transmitido — construídos pelos trabalhadores do rei Salomão, mas "seres fantásticos" teriam atuado lá. O castelo de Gumdan, primeira edificação após o Dilúvio¹³, é aceito como tendo existido um dia por todos os arqueólogos do Iêmen, embora não se tenham provas concretas até hoje. Seria preciso procurar o castelo a leste da atual Sanaa, lá onde agora está a cidadela. Seria bom se o Instituto Arqueológico Alemão conseguisse uma autorização para executar escavações; seria possível cavar bem em frente à porta de casa.

O historiador árabe Al-Hamdani deixou várias obras. Em seu oitavo livro ele assegura ter visto com seus próprios olhos as ruínas monumentais do castelo de Gumdan. Essa inspeção deve ter ocorrido por volta de 930-940 d.C. Suas afirmações coincidem exatamente com as de seu colega afegão Biruni, que viveu mais ou menos na mesma época e descreveu as gigantescas ruínas de Gumdan próximas a Sanaa. O alemão Carsten Niebuhr, já mencionado, também trouxe consigo de sua expedição uma descrição de Gumdan¹⁴:

"A cidade de Sanaa fica a 15° 21' de latitude norte ao sul de uma montanha chamada Nikkam ou Lokkum, da qual ainda se podem ver as ruínas de um castelo muito antigo, que teria sido construído por Sem, o filho mais velho de Noé".

Há informações dos anos 70 de nosso século¹⁵, do arqueólogo e orientalista italiano Gabriel Mandei. Ele pesquisou muitas fontes no Iêmen, de onde concluiu que o palácio de Gumdan teria tido 200 m de altura, tendo sido,

portanto, a mais alta construção do mundo após a Torre de Babel. Al-Hamdani caracterizava Marib como a "cidade das torres celestes"¹⁶. Qualquer turista se admira ainda hoje em Sanaa com os antigos edifícios de vários andares. Por que especificamente no Iêmen se construía de modo vertical, quando na verdade não havia nenhuma falta de superfície para esse fim? Construía-se segundo os modelos de Marib e Gumdan?

Ainda que os cronistas árabes não concordem em alguns detalhes, esta afirmação é feita em uníssono: Sanaa era a cidade mais antiga do mundo, fundada logo após o Dilúvio por Sem, o filho mais velho de Noé. Nós, os ocidentais, não estamos familiarizados com a idéia de que tanto árabes quanto judeus são semitas, porque são descendentes de Sem¹⁷. Muitas gerações após Sem, os árabes dividiram-se em dois ramos principais: uma linha remetia-se a Ismael, um filho de Abraão; outra a Qahtan, mencionado no Antigo Testamento como Joktan. Um descendente direto de Qahtan foi Abd-Shams, chamado sheba pelos árabes — em português, Sabá. Abd-Shams significa "adorador das estrelas", e com isso retornamos aos habitantes de Sabá, que cultuavam as estrelas.

Os historiadores árabes deixaram genealogias exatas, através das quais pode-se saber quem descendia de quem. É tão difícil provar se essas genealogias estavam corretas quanto a exatidão daquelas que se encontram no Antigo Testamento. Em casos individuais as árvores genealógicas árabes derivam diretamente dos astros, que seus respectivos soberanos veneravam¹⁸:

"Himyar orava ao Sol.
Kinahah venerava especialmente a Lua.

Misam orava às cinco estrelas em Taurus.
Lakhm e Jadhham veneravam o planeta Júpiter.
Tayy orava à constelação de Canopus.
Qays venerava a estrela-cão Sirius.
Asad venerava o planeta Mercúrio..."

Em boa parte as intermináveis listas de nomes não podem ser checadas, mas é indiscutível que elas existem há muito tempo. No século IX d.C. o historiador Ibn Wadih al-Ya'qubi¹⁹ dedicou-se a passar a limpo antigas listas de descendência. Somente a linha árabe do sul, que descende de Qahtan/Joktan, cita 31 dinastias que teriam reinado por aproximadamente 3.500 anos. Segundo essas listas, o rei Salomão teria ocupado o trono de Sabá por 350 anos. Pura loucura! O Antigo Testamento concede a Salomão um sólido governo que vai de 960 a 932 a.C. Depois, como se pode deduzir da Bíblia, o reino de Salomão foi dividido em dois Estados: o filho de Salomão, Roboão, regia o reino de Judá, enquanto Jeroboão I — um funcionário de Salomão — assumiu o reino de Israel. Os árabes contam outra história: após a morte de Salomão, Roboão teria assumido também a regência do reino de Sabá, sendo sucedido por um sobrinho da rainha de Sabá, com o que a antiga linhagem foi restabelecida após o interregno de Salomão.



Como em toda parte, no mercado de Sanaa são oferecidas adagas curvas de todos os materiais e preços.

As lendas amam o maravilhoso

Após ter-me ocupado por 30 anos com lendas populares, ficou claro para mim que as lendas regalam-se com exageros e prodígios, mas — como um acompanhamento beletrístico da verdadeira história, digamos — contêm verdades. Embora as lendas contraponham-se à história, elas costumam completar a história escrita. Dois exemplos clássicos comprovam que, nas lendas, datas e nomes de personalidades raramente concordam.

Segundo a descrição do Dilúvio na Bíblia, Noé construiu um navio, no qual sobreviveu com sua criadagem e seus animais. O épico sumeriano Gilgamés, muito mais antigo,

escrito 2.000 anos antes de Cristo, relata o mesmo acontecimento. No Gilgamés, o Noé da Bíblia chama-se Utnapischtim, e ele conta sua história na primeira pessoa, que é essencialmente a mesma. O antecessor de Utnapischtim foi o ainda mais antigo Ziusudra. Todos os povos antigos transmitiram lendas do Dilúvio, e todas tinham um herói assim ou assado que sobreviveu.

Qualquer pessoa conhece a tocante história do menino Moisés, que, colocado em uma cesta de juncos, flutuou pelo Nilo e foi salvo pela caridosa filha do Faraó. No épico indiano Mahabharata — que já era um best seller no século IV a.C. —, a virgem Kunti espera um filho do deus Sol. Temendo a vergonha, ela coloca o bebê em uma cesta de juncos impermeabilizada com piche e a solta em um rio. O bravo Adhirata pesca a criança e a cria. A lenda do rei babilônico Sargão foi transmitida em placas de argila: ele mesmo conta que sua mãe o colocou em uma cesta de juncos impermeabilizada com piche, e o rio o levou até Akki, um homem que o criou.

Moisés, Kunti e Sargão viveram separados no tempo e no espaço. Mas algum dia, em algum lugar, um recém-nascido foi colocado em uma cestinha ... e em todos os lugares a criança extraviada cresceu para tornar-se um soberano admirável. Esta é a essência com a qual todos concordam.

Há 70 anos o Dr. J. Bergmann²⁰, rabino da comunidade judaica de Berlim, escreveu:

"A lenda não concorda inteiramente com as fontes históricas, ela ama o maravilhoso, e ela se desloca incansavelmente pelos séculos e países, e vários acontecimentos são relatados de maneira uniforme por diversas pessoas. Mas nem tudo o que a lenda conta é inventado; a fantasia popular não cria a partir do nada, mas

está relacionada com acontecimentos reais e pessoas vivas".

Por que os deuses foram eliminados?

Salomão e a rainha de Sabá atuam em um cenário totalmente lendário, que está associado a "acontecimentos reais e pessoas vivas". As tradições árabes e judaicas estão baseadas em material mais antigo, ao qual os "novos" narradores acrescentam seus próprios heróis. Caso essa afirmação fosse contestada com a tese de que a Bíblia não é uma lenda, mas, pelo contrário, contém apenas a palavra de Deus, citamos a seguir as palavras de Deus que se encontram no Livro de Esther (6:1), e que se referem a fontes mais antigas:

"O rei passou aquela noite sem dormir, e mandou que lhe trouxessem as histórias e os anais dos tempos passados, que foram lidos para o rei".

"É melhor acender uma pequena luz que praguejar contra uma grande escuridão", disse o filósofo Confúcio (551-479 a.C). Acendamos, portanto, uma pequena luz para reconhecer que o "Livro dos Feitos Passados" não contém nada mais que tradições!

Com a passagem para o monoteísmo judaico, a crença em um único Deus, tudo o que se referia a quaisquer deuses ou divindades anteriores foi eliminado. Os redatores da Bíblia, espertos como eram, deram a eles — para não roubar ao povo sua ligação com os antepassados — novos nomes semíticos em lugar dos tradicionais, atribuindo acontecimentos do mundo dos deuses totalmente incompreensíveis ao novo e único Deus.

Uma operação cosmética semelhante foi efetuada no Islã do

mundo árabe: Maomé amaldiçoou o antigo culto aos deuses pré-islâmicos com as em seu gênero assustadoras ameaças de que as tradições antigas raramente e apenas de forma muito tênue podem ser relacionadas a nomes e datas, isso quando mantidas. Como Alá punia impiedosamente, não é de admirar que eruditos islâmicos dos tempos da fundação do Islã mal tivessem coragem de mencionar antigas tradições.

O mesmo sucedeu mais tarde, quando enviados cristãos atuaram como missionários na América Central. Eles eliminaram todos os cultos pagãos antigos, impondo o novo como válido e correto, sendo o antigo sem valor e errado.

É fantástico dar-se conta de que em todas essas áreas geográficas houve cronistas que anotaram as lendas antigas às escondidas, transmitindo-as dessa maneira para a posteridade. Uma dessas obras foi feita por Ibn al-Kalbi, chamada Kitab Al-Asnam, que significa O Livro dos Ídolos²¹.

Com uma seqüência de nomes e datas, al-Kalbi esforçou-se em dar à tradição um ar de correção: "Em nome de Alá Todo-Misericordioso".

O xá Abû'l-Husain al-Mubârak b.'Abd al-Gabbar b. Ahmad as-Sairafî nos contou ... enquanto eu escutava ... que quando Ismâ'il, filho de Ibrahîm (que sejam ambos abençoados por Deus), morava em Meca, tendo-lhe lá nascido muitas crianças, expulsando de lá os Amalequitas, Meca tornou-se muito pequena para eles. Aconteciam lutas e inimizades entre eles, e uma parte deles expulsou a outra; ...

Em conseqüência eles passaram a adorar o que bem queriam ... E assim eles adoravam os ídolos e retornaram ao comportamento religioso dos povos que os tinham antecedido, e exibiram os ídolos que o povo de Noé

(louvado seja) costumava adorar, fundamentando-se na lembrança deles que haviam herdado, e que permanecia entre eles."

O Livro dos ídolos conta também uma história que retorna aos primeiros homens: os filhos de Seth, um dos filhos de Adão, tinham erguido cinco estátuas de deuses que ainda eram adoradas na época de Noé. Finalmente o Dilúvio levou as estátuas até a praia de Gidda e os habitantes das terras baixas encontraram e passaram a adorar as imagens divinas, que se chamavam Wadd, Sowa, Jaghut, Ja'uk e Nasr. Elas foram descritas com exatidão, e também relacionadas as linhagens que as adoravam. De Wadd foi dito o seguinte:

"Wadd era a estátua de um homem, grande como o maior dos homens que já existiu. Dois vestidos foram cinzelados sobre ele ... Ele tinha uma espada desembainhada e trazia um arco ao ombro. Diante de si havia uma lança com uma flâmula e uma aljava com flechas".

Não é possível que se trate de quimeras de contadores de histórias orientais sem discernimento. O Livro dos ídolos diz, por exemplo, que Nasr "foi colocado em um lugar na terra de Sabá chamado Balha, onde os Himjar* o reverenciavam". Realmente foram encontradas inscrições himjáricas com o nome "Nasr" na região do reino de Sabá. Lendas, lendas, mas as informações do local onde "Nasr" era adorado coincidem.

Isto é penoso para aquelas corporações de eruditos que supõem serem as lendas uma espécie de ficção científica da Antigüidade. E o que acha também Werner Daum, grande conhecedor do Iêmen, no que se refere à análise das divindades do sul da Arábia²²:

* População pré-islâmica do sul da Arábia. As inscrições

antigas do sul da Arábia são chamadas himjáricas.

"Justo nesse ponto as portas estão totalmente abertas à especulação, e é provável que não haja nenhuma ciência cujos representantes tenham tantas desavenças um com o outro quanto os da que estuda o sul da Arábia antigo".

As viagens do "Columbia" confirmam as lendas

"A experiência são os óculos da razão", diz um ditado árabe. Através de que óculos o passado deve ser observado? Conheço eruditos que gostariam de entregar todas as lendas às chamas, num auto-de-fé pseudocientífico, atendo-se exclusivamente a fatos históricos autênticos. Essa espécie de "saber" sustenta-se somente até o momento em que inscrições, estátuas ou edificações vêm à luz, e das quais não havia até então nenhum indício garantidamente histórico. Em momentos de perplexidade, quanto ao que se classifica de "historicamente garantido", deve-se recorrer às amaldiçoadas lendas para a busca de indícios. Algum anti-lendário gostaria de negar que lendas deram o impulso inicial para escavações arqueológicas? (Schliemann!) Oh, sim, há verdades "lendárias", que, como um raio em céu azul, modificam a paisagem científica cotidiana. Os populares contadores de histórias egípcios sempre falaram de Bahr-Bela-Ma, de grandes rios no Saara, que eram mais largos que o Nilo, em cujas margens existiu um dia uma cultura muito desenvolvida. Absurdo, conto de fadas, palavrório popular, diziam as desqualificações. Em novembro de 1982 a nave americana Columbia

constatou — através de um equipamento especial de radar a bordo — que a lenda estava correta. Sob a areia do Saara existiam vales de rios com até 15 km de largura. Sondagens de teste encontraram cascalhos de rio apenas poucos metros abaixo da areia do Saara. O arqueólogo americano Vance Haynes acredita ser possível que, após a avaliação de todos os dados do radar, surja "uma espécie de mapa de estradas de colônias de grupos humanos pré-históricos"²³.

As lendas são mais resistentes que couro, sobrevivem até mesmo às múmias, de cujas bocas vivas foram transmitidas tradições um dia.

O misterioso Senhor D. do Alcorão

Tanto o Alcorão quanto o Antigo Testamento são fontes de informações misteriosas. A "verdade" que vale a pena ser encontrada não está nos floreios da narrativa, mas em seu núcleo. Para a busca de indícios deve-se regular o compasso com perguntas como: O que é que o narrador da lenda quer realmente transmitir? O que é que ele sabe apenas de ouvir dizer, e o que é que ele vivenciou? Preocupar-se com o surpreendente constitui o cerne das tradições.

No Alcorão (Surata 18:84 e seg.) é contada a história do poderoso

Dhulkarnain, que veio ao país dos árabes. Ninguém sabia quem era esse estranho Senhor D. Uma escola de exegetas do Alcorão supunha que ele fosse até mesmo Alexandre, o Cirande (336-323 a.O), uma outra achava que seu nome deveria ser traduzido como "o de dois cornos". Um ser fantástico? O estranho Senhor D., segundo o Alcorão, "prosseguiu seu caminho até chegar entre duas montanhas,

onde encontrou um povo que não entendia praticamente nenhuma língua". Eles se fizeram compreender de alguma maneira, queixaram-se ao Senhor D. de guerreiros que assolavam o país e perguntaram-lhe se ele não poderia construir um muro entre o povo pacífico e as tribos guerreiras. O misterioso Senhor D. respondeu: "Basta vocês me ajudarem com energia, e eu construirei uma sólida muralha entre vocês e eles. Tragam-me grandes peças de ferro para preencher o espaço entre as duas encostas". Assim como o Alcorão não tem nenhuma informação precisa acerca do Senhor D., não se sabe tampouco onde a muralha protetora foi construída.

Ficção científica?

Sob a data de 16 de julho de 1843, Adolph von Wrede anota em seu livro *Viagem a Hadramaut*²⁴:

"As ruínas de Obne não são de uma cidade, como eu havia imaginado, e sim de um muro construído transversalmente através do vale e que então avança sobre uma montanha não muito íngreme ... A função desse muro fica clara na maneira como foi disposto. Ele evidentemente não servia para outra coisa senão para bloquear o acesso ao Wadi Hadschar e ao Hadramaut ... Deixo aos eruditos a tarefa de determinar a época da construção desse muro ..."

O pesquisador viajante Adolph von Wrede confirmou o núcleo da lenda do Alcorão.

Em busca do túnel de Bainun

Tomando as tradições ao pé da letra, os "demônios" de

Salomão, além de três castelos, devem ter construído para a rainha de Sabá um túnel através do pico de uma montanha na aldeia de Bainun. Essa afirmação, que não pode ser datada, é confirmada pelo erudito Al-Hamdani*, que morreu na prisão de Sanaa em 945 d.C., em seu livro Descrição da Península Arábica²⁵:

* Seu nome completo: Ahu Muhammeil al-Hasan ibn Ahmed ibn Ja'qub ibn Jusuf ibn da'ud ai Hamdani.

"Bainun, urna montanha, também foi perfurada; um dos reis himjéricos a perfurou para que fosse trazido um aqueduto do país que ficava atrás dela até a região de Bainun".

Al-Hamdani atribui a construção do túnel a "um dos reis himjéricos", mas infelizmente esquece de mencionar seu nome. A localidade de Bainun era um dos centros de poder do Império na época himjérica.

Partes do antigo castelo real podem ser vistas até hoje, e deve haver também restos do túnel para ser observados. Eu li. Procurei uma imagem do túnel, cheguei até mesmo a encontrar uma foto em preto e branco de um canal de irrigação da época himjérica no guia de viagens de DuMont²⁶, mas nenhuma do túnel. Eu pressentia a chance de dar de cara com o conteúdo de verdade de uma lenda. Eu queria ver Bainun!

A hora do "kat"

Sanaa. Fui até a agência de turismo, que concede as

autorizações para viajar. O motorista do táxi tinha uma bochecha inchada; fiquei com pena dele e pensei: "Esse sujeito deveria estar em uma cadeira de dentista, e deve estar com um dente muito podre que precisa ser arrancado". Observei seu rosto, para ver se não estava contorcido de dor. Dava-se exatamente o contrário: tinha a expressão relaxada, quase alegre. De tempos em tempos ele enfiava alguma coisa verde na boca, guardando-a na bochecha. Às 14 h paramos em frente à agência de turismo, desci rapidamente, mas a porta exibia uma placa: CLOSED. Fechado. Fiquei passeando pela cidade, até o mercado. Havia pessoas de várias cores por toda parte, e os homens, no chão, tinham todas as bochechas cheias. Em uma ruela, em frente a uma loja aberta, um adolescente com as duas bochechas cheias olhava fixamente para mim com olhos vidrados, e me estendeu um embrulho com uma coisa verde. Seriam folhas de coca, como as que os índios do Peru e da Bolívia mascam? Folheei o Guia de Viagens Poliglota e li: "Diariamente, entre as 13 e as 17 horas, os serviços públicos param de funcionar. O clima e a altitude exigem uma pausa para descanso, durante a qual a população entrega-se aos prazeres do kat".

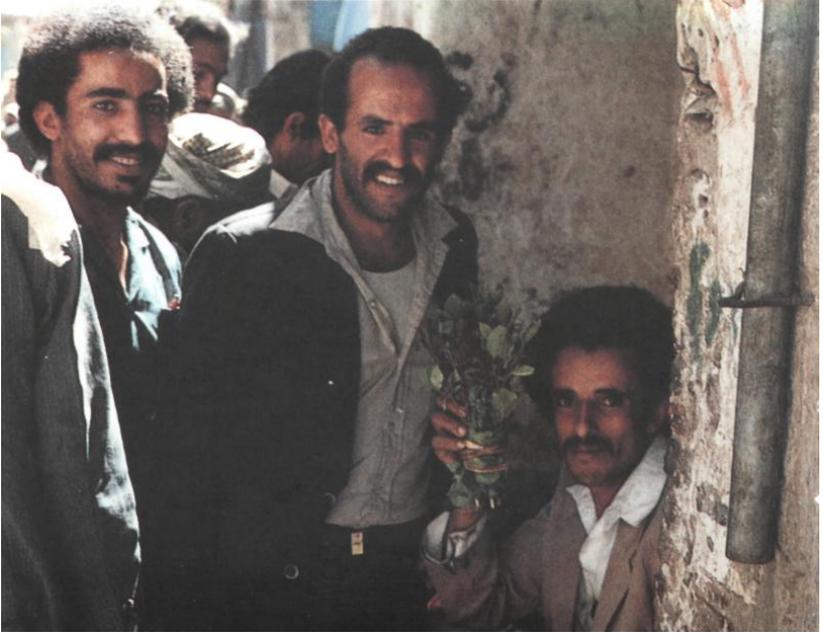
O que se passa aqui não tem relação com a tendência de nossa época de se viciar em drogas. O pesquisador viajante Hans Helfritz²⁷, que ficou preso em Sanaa, já escreveu há 50 anos:

"Por volta das cinco horas quase tudo estava fechado, pois era a hora do kat, que lá é tão sagrada quanto talvez a hora do chá nos países ocidentais. O kat é tão indispensável para a existência do árabe do sul quanto o Alcorão. Trata-se de uma droga, mas os iemenitas chamam-no de seu elixir da vida. O consumo de kat está difundido por toda a

população; homens, mulheres e crianças cultivam o hábito praticamente sem exceção ..."



Nas estreitas vielas de Sanaa maços de droga nacional são oferecidos na hora do kat.



O kat é a droga: ele deixa o iemenita pacífico, seus olhos vidrados, e supostamente faz com que seus pensamentos fiquem mais claros quando está drogado. Noventa por cento da população — praticamente todos, portanto, até os bebês de colo — relaxam durante a hora do kat de todas as tardes. Com certa habilidade lingual e mastigativa, a coisa verde é moída na boca até formar uma pelota do tamanho de um ovo, que é rolada de uma bochecha para a outra, embebida em saliva, chupada, sendo continuamente reabastecida com novas folhas de kat. Os nativos do país, brincando, chamam sua droga de "whisky iemenita". Até onde sei, não são necessárias tantas horas de consumo de whisky para se ficar "alto", mas devo mencionar que o kat não deixa nenhuma ressaca — é o que se diz —, e tampouco embota os sentidos. Nenhum bom negócio seria fechado sem antes usar o kat. "Até mesmo as crianças temem não ter bom

rendimento na escola caso não tenham consumido a erva mágica antes."²⁷

Com o sol a pino nas aldeias, os homens, acorados e armados com as adagas curvas, bebericam chá, fumam cigarros e mastigam kat. É uma cena pacífica. Disseram-me que o kat (*Catha edulis*) é plantado em todo o Iêmen, desenvolvendo-se melhor, no entanto, em altitudes que vão de 1.000 a 2.000 m. Os brotos desse arbusto, de 2 ou 3 m de altura, que não dá flores, são verde-claros. Após quinze meses nascem as primeiras folhas em um pé de kat, que a partir de então podem ser colhidas três vezes por ano. A colheita é feita de forma cuidadosa. As folhas não são arrancadas, mas cortadas com os ramos e atadas em maços fáceis de manejar. O kat deve ser consumido fresco; por isso chega aos consumidores no dia em que foi colhido, ou o mais tardar um dia depois. Um maço custa aproximadamente 40 francos suíços; trata-se de uma droga cara. Segundo cálculos de especialistas em agronomia, os iemenitas gastam cerca de 1 bilhão de francos suíços por ano com seu prazer diário.

Para o Iêmen, a erva da felicidade é uma bênção e uma catástrofe. Apenas uma pequena quantidade de kat é exportada para a preparação de medicamentos. Em todos os países vizinhos, sua importação é proibida, e o consumo de kat na Arábia Saudita é reprimido com penas pesadas. Áreas produtivas valiosas são plantadas com kat, embora pudessem ser utilizadas para a produção de alimento ou café, que se desenvolve de maneira notável no Iêmen e que são muito mais necessários.



Em algum lugar, em uma esquina como esta, compramos um maço de kat para experimentar

Por aquele dia a autorização para viajar até Bainun havia desaparecido em uma nuvem de kat. Comprei um maço e me dirigi ao hotel com meu colega Ralf, que é químico, para uma rodada de kat. Limpamos as folhas, o que presumivelmente já estava errado, pois elas deixavam estrias amareladas nas toalhas com que as secávamos. Tendo uma garrafa de água mineral ao alcance da mão, pusemo-nos valentemente a mastigar. O gosto era horrível, como um caldo de espinafre cru e folhas de louro, embora isso seja apenas uma descrição gentil do verdadeiro sabor. As folhas se desfiavam rapidamente, desfazendo-se e deixando um gosto amargo e oleoso. Passamos as fastidiosas pelotas de um lado para o outro da boca, enfiando nelas novas folhas, como havíamos observado. Uma hora Ralf perguntou: "Você está sentindo alguma

coisa?" "Nada!" Esperando o efeito, continuamos mastigando. Na hora do jantar já estávamos cheios. Senti o pulso acelerado e uma agradável sensação de formigamento no cérebro, mas a exaltada iluminação naturalmente não ocorreu. É possível que um maço não fosse suficiente para levar-nos à luz, mas pelo menos a viagem provocou um sono profundo do qual despertamos sem dor de cabeça ou qualquer outro tipo de mal-estar.



Do gracioso arbusto do kat à sua folha: plantas com um efeito sedutor



Antes de partir, compramos mais um maço de kat com belas folhas. Ralf guardou-as em um recipiente plástico para analisá-las em casa. Aqui está o resultado para os que se interessam por farmácia:

Cathin [(+)-amino-2-fenil-1-propanol]C₉H₁₃NO,
Cathinon (α -Aminopropiofenon),
40 outros alcalóides bem como ésteres diversos.

— O que vocês querem fazer em Bainun? — perguntou no dia seguinte o funcionário no escritório da Tourist Corporation.

— Eu gostaria de ver o túnel que foi construído pelos reis himjéricos ou pelos demônios de Salomão.

— Vocês sabem onde fica Bainun? — quis saber o simpático funcionário.

— Comprei o mapa no Museu Nacional — eu disse, e apontei Bainun, claramente impressa no mapa.

— Com isso vocês não vão nem começar. Precisam de uma caminhonete, um motorista e um guia!

Lembrando-me do "guia" que nos acompanhara até Marib, e

que não compreendia nem uma palavra em inglês, insisti junto ao funcionário que me conseguisse um guide que falasse inglês, que por mim podia ser também alemão, francês, italiano, espanhol ou holandês. O funcionário compreendeu meu desejo e prometeu que no dia seguinte, às 6 h da manhã, veículo, motorista e guia estariam diante do meu hotel, desde que eu fechasse contrato com o proprietário do carro naquele dia mesmo; ele me apanharia no hotel.

Por volta das 19 h meu funcionário apresentou-se no hotel para levar-me ao proprietário do veículo. Foi-me oferecida uma cadeira e chá preto e quente, preliminares para uma longa negociação. O iemenita disse Good evening e passou a me escutar, mascando kat, enquanto eu, com uma eloqüência puramente oriental, apresentando sempre novos argumentos, pleiteava um carro absolutamente seguro e um motorista que falasse inglês, o que era imprescindível. O homem mascava e me observava calado, e o funcionário bem-intencionado tampouco abria a boca. O orgulhoso proprietário do automóvel dirigiu-se ao funcionário com uma torrente de palavras árabes. Ele respondeu com um palavrório não menos torrencial, participando-me após um longo diálogo que o proprietário do carro, que não era exatamente um especialista em língua inglesa, estava pronto para fechar um contrato comigo. Em um jogo de perguntas e respostas, tendo o funcionário como intérprete, o resultado simples da interminável conversa foi que eu mesmo redigi o contrato, em inglês. No dia seguinte, às 6 h da manhã, o automóvel utilitário, em condições técnicas impecáveis, estaria diante do meu hotel, com um motorista e um guia que falavam inglês. Preço pelo automóvel, dois homens, seguros, combustível e gorjeta: 200 dólares americanos por

dia.

Sete e trinta da manhã. Com atraso árabe a tripulação surge diante do hotel, o motorista com adaga curva, o guia de gravata. Após um teste de três frases ficou claro para mim que o orgulhoso guia não entendia nem uma palavra de inglês, e tampouco de nenhuma outra língua que não fosse o árabe. Ele tinha na mão um cartão com perguntas em inglês: "Como vai você?" "Aonde você quer ir?" "Você está com fome?" Não tinha sentido suspender o empreendimento. Partimos.

O sol havia surgido. Sanaa ardia em uma difusa luz avermelhada, as casas coloridas com janelas de molduras brancas brilhavam como se tivessem sido pintadas ou lavadas durante a noite.

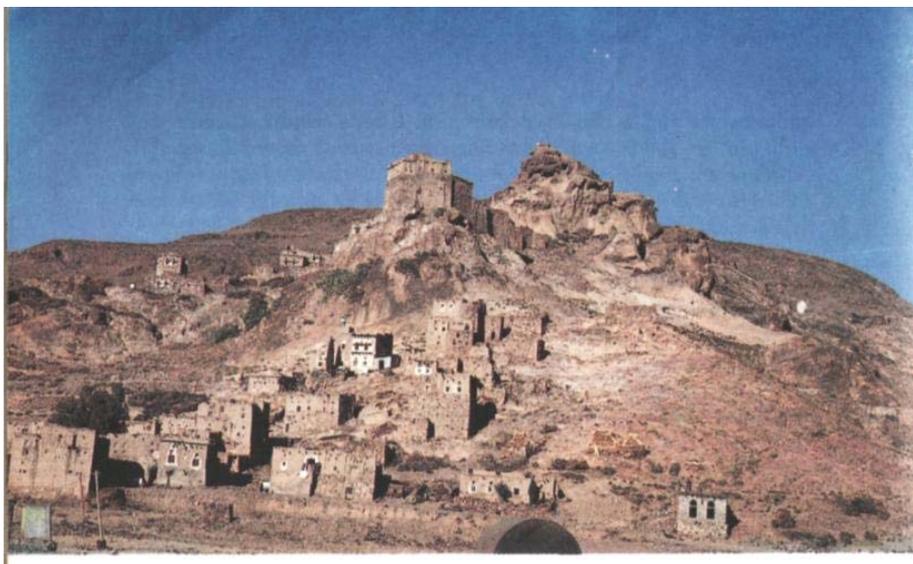
Viagem por uma estranha estrada

Seguimos pela estrada que vai de Sanaa em direção ao sul, asfaltada e excelente. Tem 240 km de extensão. Lembrei-me da história dessa estrada. Meu conterrâneo Dr. Heinz Rudolf von Rohr a registrou em seu eminente volume ilustrado²⁸:

Em 1958, o ano do "grande salto" na China, os chineses deram um grande salto no Iêmen também. Como projeto de auxílio ao desenvolvimento, eles construíram uma estrada que ia da cidade portuária de Al Hudaydan, às margens do mar Vermelho, até Sanaa. Cheios de problemas em seu próprio país, os chineses levaram adiante o gigantesco projeto — através de desertos ardentes e atravessando cadeias de montanhas — com obstinação até o fim. Os engenheiros chineses conseguiram feitos notáveis, ultrapassando diferenças de altitude de até 3.000 m. Rudolf

von Rohr nota com assombro que os chineses, "durante os quatro anos que levaram para construir a obra, nunca tentaram influenciar diretamente os destinos políticos do país".

Onde os chineses estão trabalhando ativamente, os russos não podem ficar de braços cruzados sem fazer nada. Eles sugeriram ao Imã um projeto de estrada para ligar Al Hudaydan a Taiz. Ela foi executada de 1966 a 1969. Parece que os russos se portaram de maneira menos diplomática que os chineses. Rudolf von Rohr: "Diz-se que eles se comportavam como senhores, bebiam muito, e isso não se refere ao chá iemenita, e metiam o nariz em toda parte".



Numa estrada solitária a caminho de Bainun, passando por montanhas e ninhos de rochas.



Descanso em meio à areia, deserto e cascalho.

Bem. Os americanos não iam se deixar abater por tantos quilômetros "vermelhos" de estrada. Eles submeteram o projeto de uma estrada de Sanaa a Dhamar e Taiz. Em determinado momento surgiram divergências políticas. Os americanos — que já tinham preparado boa parte do leito da estrada — deixaram o Iêmen. Vieram então os alemães. No início dos anos 70 eles completaram a obra iniciada pelos americanos.

É por essa estrada que estávamos viajando.

Bainun fica em algum lugar

Logo após sair de Sanaa, a paisagem, com suas montanhas e picos rochosos, trouxe-me à lembrança o trajeto que vai de Lima a Ica, no Peru. Não fosse pelos fios de alta tensão que acompanhavam o percurso, qualquer civilização seria esquecida, podendo-se imaginar que se estava em um

pedaço de terra jamais tocado pelo homem. Campos e terras não cultivados, desertos e plantações de kat e — como é comum no Iêmen — controles de estrada feitos por homens armados. Após 60 km, a cidade de Mabar, e então novamente terras incultas e deserto.

No cérebro de nosso guide havia-se formado um pensamento que ele mastigou em uma frase em inglês/árabe ou árabe/inglês: ele queria saber de nós onde ficava Bainun! Respirei profundamente para não explodir. E assim, o mais calmamente possível, eu lhe disse lenta e insistentemente que ele deveria levar-nos até lá, e portanto deveria saber onde ficava Bainun. Mostrei a ele o mapa de estradas e indiquei Bainun. O valoroso cicere de paletó preto e uma elegante gravata verde-amarelada, a julgar por seu olhar vazio, não estava entendendo nada, absolutamente nada, podendo-se presumir que ele não sabia de forma alguma ler um mapa. Ele tagarelou com o motorista, que para meu desgosto mantinha apenas uma das mãos na direção, enquanto com a outra acariciava ininterruptamente sua adaga. Estava claro para mim que seguíamos a rota correta, e por isso dei a entender, através de gestos, que prosseguissem. Um pouco antes de Dhamar o carro morreu. Pane? Não, a gasolina havia acabado. O teimoso condutor não havia enchido o tanque, mas encontramos um posto a somente 80 km de distância. *Insch-Allah*.

Equipado com algumas fotocópias do guia de viagens DuMont, consegui deduzir que 30 km a leste de Dhamar encontraríamos uma estrada que se dirigia ao norte. Como não havia nenhuma placa na estrada, irremediavelmente ficaríamos dirigindo a esmo se não fosse por essas informações sobre a quilometragem. Olhei para o velocímetro, bati no ombro do motorista e, abaixando

suavemente as mãos, como um regente que conduz sua orquestra até pianissimo, reduzi a velocidade a 29 km por hora, fixando o norte na bússola. Como promete o guia DuMont, exatamente 30 km depois desvia-se uma pista — ou, para ser mais exato, duas trilhas de pneus na areia — para a esquerda, na direção norte, deserto adentro. A partir daí o mapa não ajudava mais, estradas de terra logicamente não estão marcadas. Última informação: atinge-se Bainun após mais ou menos uma hora de viagem entre as montanhas Dschebel Isbil e Dschebel Dhu Rakam. Isso seria uma indicação excelente se houvesse placas luminosas nos picos das montanhas. Agora só podíamos adivinhar e entregar-nos à sorte.

As silhuetas de duas montanhas ao longe. Talvez fossem estas as mencionadas pelo guia. Homens e mulheres trabalhavam em um campo. Dei a entender ao nosso guia que ele poderia perguntar por Bainun; ele arrumou sua gravata e, com infinita má vontade, levantou-se. Pelo rosto das pessoas podia-se deduzir que Bainun para eles não queria dizer nada.

O motorista teve uma intuição: dirigiu-se a uma casa de dois andares cercada por um jardim de kat, animando o guide a acompanhá-lo. Os dois desapareceram, voltando um quarto de hora mais tarde com um notável compatriota. Ele usava a maior e mais bela adaga que eu já vira no Iêmen. O punho de chifre era cravejado de pedras preciosas — ou seria apenas vidro colorido? —, com lâmina de prata, o cinto largo era trabalhado com fios de prata e de ouro. Em torno dos quadris bamboleava uma cartucheira, e apertada sob o braço ele trazia uma carabina da Segunda Guerra Mundial. Através do rosto barbado dois olhos negros espreitavam, e ele usava um pano branco enrolado em volta da cabeça

cuja pontas caíam por sobre os ombros, tocando uma camisa azul-clara, que exibia toda uma paleta de manchas de gordura. Um homem impressionante, enfiado em sapatos de tamanho recorde. O trio de árabes se acomodou no carro sem nos dirigir nem mesmo um único olhar.

O carro rangeu morro acima até chegar a um platô interminável, polvilhado, cravejado de pedras vulcânicas negras como o piche, com pequenos muros feitos com o mesmo material. O tempo voava. Uma hora até Bainun, tinha prometido o guia. Já estávamos sacolejando por entre pedaços de rochas e dunas há uma hora e meia. Eu me imiscuí na animada conversa dos homens: "Ei! Bainun?"

O sujeito exibiu seus dentes amarelados e continuou a conversar com seus compatriotas. Seguimos adiante. O sol já havia ultrapassado o zênite há mais de uma hora quando comecei a ter cá minhas dúvidas se aqueles três tinham idéia de aonde queríamos chegar. Coloquei energicamente minha mão no ombro do motorista e ordenei: "Stop!" Se por acaso ou por ter compreendido o mais curto de todos os sinais internacionais, não se pode determinar, de qualquer forma ele parou o carro. Descemos. Ralf desenhou as ruínas de um castelo em uma folha de seu bloco de notas, esboçando uma montanha com a entrada de um túnel. "Bainun! Bainun?", repeti. Eles olhavam fixamente para nós sem compreender. Fiz um monte de areia e cavei um buraco nele. Crianças teriam compreendido a linguagem visual, mas não nossos acompanhantes. O homem da gravata era — para dizê-lo educadamente, mas de forma clara, — estúpido, e para o motorista dava na mesma para onde dirigia, enquanto o sujeito armado continuava alegre, falava e gesticulava. Cui bono? Para quem serve isso?, perguntou o sábio Cícero. Entramos no carro e prosseguimos. Assim que chegamos ao

final de um planalto, descendo em curvas por entre as rochas, surgiu uma outra trilha que quase não podíamos distinguir visualmente. Onde estávamos?



Onde poderíamos encontrar o túnel de Bainun?
Os nativos também não tinham nenhuma resposta.

Do desolado deserto de areia e pedras erguiam-se, em um vale com campos verdes, cabanas de barro. O homem armado grunhiu: "Bainun!" apontando com o cano de sua carabina as ruínas de um castelo que se equilibravam sobre uma saliência rochosa contra a luz do sol. O trio desapareceu de vista sem dizer uma palavra, entrando com determinação em uma cabana de barro. Eles retomaram com um feixe da coisa verde. Hora do kat!



À distância, um rochedo com uma edificação.

Nosso destino, finalmente: o castelo de Bainun

Seja dito em honra de nossos acompanhantes que eles ficavam rolando na boca as pelotas de kat, mas nos mostraram uma íngreme rampa natural de pedra que levava ao castelo de Bainun. Lá eles tiveram tempo para, mastigando, encontrar a bem-aventurança.

O impressionante castelo deve ser "uma das fortificações que foram construídas pelos gênios na época do rei Salomão"²⁹. O orientalista austríaco David Heinrich Müller (1846-1912) trouxe consigo poesias árabes antigas que foram escritas para enaltecer o castelo³⁰. O poeta Alqama escreveu: "E Bainun e Salhin são agora destroços, enquanto

seus senhores devastavam todo o mundo".

Ou a ameaça: "Ai daquele que vê Bainun em ruínas, vazios e abandonados seus edifícios de pedra".

Raposas agora habitam os palácios a cuja proteção entregavam-se súditos poderosos, que envelheciam no poder.

O que vimos foram às ruínas dos palácios construídos pelos "demônios" do rei Salomão para a rainha de Sabá. Esses demônios ou gênios eram feiticeiros! As ruínas ainda o testemunham com blocos de construção lavrados que pesam toneladas e que se encaixam uns nos outros. De longe nos lembramos dos castelos medievais europeus, que como ninhos de águias se protegiam em montanhas escarpadas. O que lá foi construído dá uma impressão tranquilizadora quando comparado com essas edificações: o minúsculo com o gigantesco. Foram erguidas torres de monólitos! Alguma experiência obtida em outras partes do mundo, especialmente no altiplano do Peru e da Bolívia, permite-me avaliar esses blocos de pedra. Os monólitos inferiores devem atingir pelo menos 20 t! Que tecnologia possibilitou a construção? Com quais dispositivos de elevação, guias, cordas, esses pesos foram içados até o local onde se encontram? Do fundo do vale até o cimo do penhasco há uma diferença de 200 m a ser vencida.



Logo estávamos diante das ruínas do castelo de Bainun.

Mas o castelo não era o objetivo da minha busca, e sim o túnel de que falam as lendas.

A enervante mímica com nossos companheiros continuou. Novamente construí uma pequena montanha com pedrinhas, enfiando nela um graveto e dando a entender que ele a atravessava. O sujeito armado indicou o próprio morro onde estávamos com sua carabina, apontou um trecho mais para cima e balançou a cabeça afirmativamente. Então! Não era possível fazê-lo com o carro. Ralf e eu colocamos as câmeras nos ombros e galgamos a trilha acidentada até o cimo. Nada de túnel. Nenhuma entrada de túnel. Após descer novamente, mostrei ao sujeito da carabina uma

fotocópia que eu havia trazido comigo na bagagem. Ela não mostrava exatamente o túnel, mas um "canal" que levava a ele.

Uma luzinha faiscou em seus olhos brilhantes de kat. Ele assentiu e desapareceu em um nicho do castelo em ruínas, retornando algum tempo depois com um velho que ele amparava cuidadosamente. O ancião logo entendeu, falou calmamente a seus conterrâneos, enquanto com a mão nodosa apontava para o vale abaixo, para um ponto invisível que ele aparentemente descrevia.

Se nesse entretempo não tivéssemos ouvido que o kat acalma e faz com que vejamos com mais clareza, estaríamos perturbados por mil receios quando o motorista, olhando fixamente, iniciou a descida: uma trilha beirando o penhasco, tão estreita que as rodas do lado esquerdo esbarravam nas bordas. Mas para que criar suspense? Não aconteceu nada, pois em caso contrário eu não estaria sentado à escrivaninha.

O carro dava a volta na montanha quando, à distância, uma parede de pedra perpendicular com uma fenda pouco natural atraiu nossos olhares. Logo o carro parou exatamente aí. Estávamos pasmos. Diante de nós, a terça parte de uma montanha, que um "demônio" havia cortado. Mesmo quem não acredita em "gênios" ou "demônios", como eu, tem que admitir que gênios atuaram ali. A incisão superior — à direita e à esquerda da parede de pedra — era lisa, a metade inferior de pedra rústica, dando a impressão de que placas lisas — como acima — haviam se desprendido com o tempo. No fim da garganta do túnel, um buraco escuro, sobre a entrada um gigantesco monólito polido com as bordas lisas. Exatamente como se não tivesse sido cinzelado a partir da massa rochosa, e sim colocado ali. Estendemos

nossas trenas: na entrada oriental medimos uma largura de 3,37 m e uma altura de 3,48 m.

Estávamos ocupados com medições e fotografias quando fomos paralisados por um estrondo fortíssimo, que levantou nuvens de poeira. Abaixamo-nos e chegamos à conclusão de que os tiros não se dirigiam a nós. O kat provavelmente subira à cabeça do sujeito armado, e ele estava atirando para dentro do túnel. Como pontas de pedras podem ser tão perigosas quanto um tiro, encostamo-nos contra a parede, e então avancei — corajoso como um confederado — em direção aos tiros e, rindo, pedi sua carabina. Mirei uma pequena torre de três pedras, e a de cima — Alá seja louvado! — se fez em pedaços. O Guilherme Tell iemenita ficou admirado e seguiu atirando na outra direção, mas provocou uma longa interrupção em nosso trabalho, pois orgulhosamente queria mostrar como era bom atirador. Ao final dessa festa de tiros ele posou para uma foto.

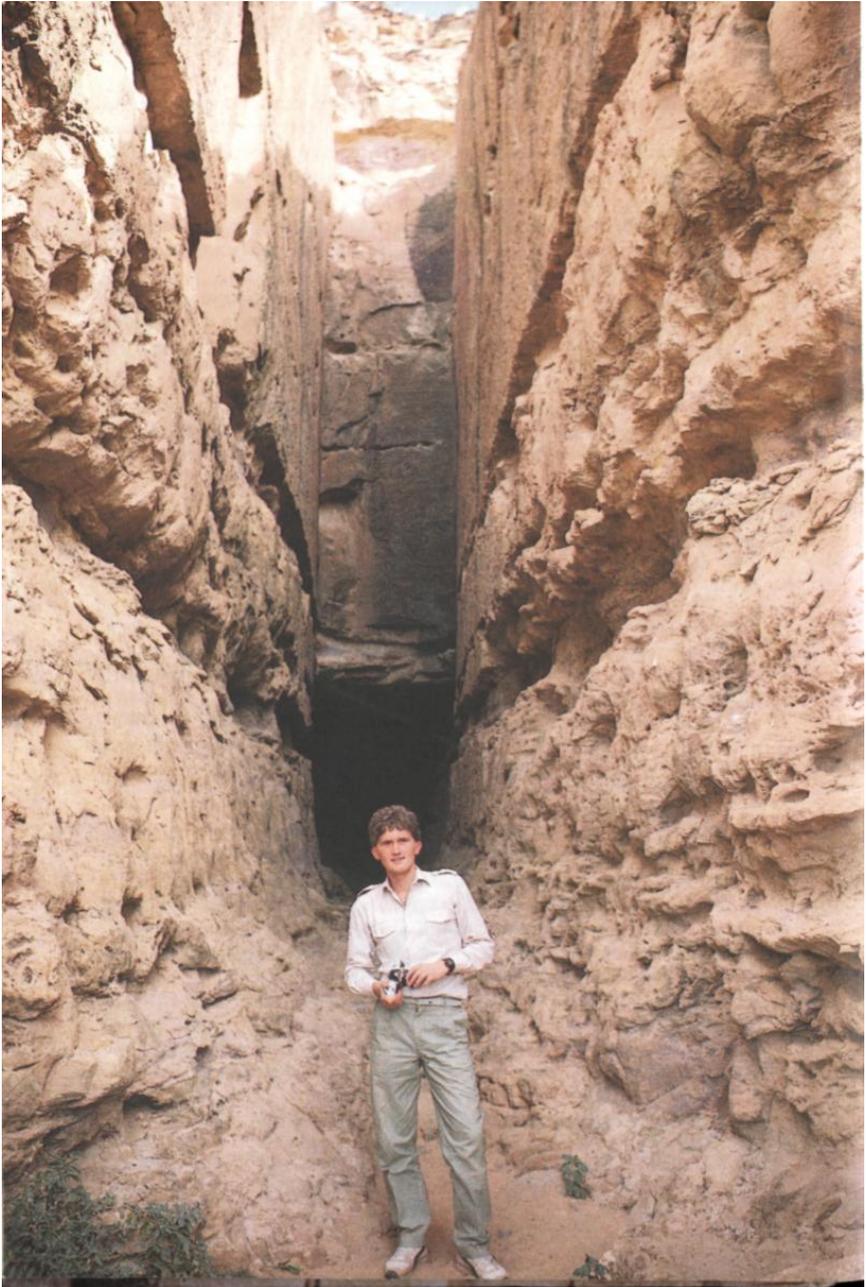
Apalpávamos o caminho túnel adentro. Não se avistava nenhuma luz no outro lado porque ele tem um ligeiro desvio para a direita. Medido em passos, o túnel tem mais ou menos 160 m de comprimento. Na saída oeste tem 5,92 m de altura e 3,03 m de largura. O túnel sai do penhasco do lado ocidental alguns metros acima do solo.

Desse lado não havia nem sinal de um canal ou uma barragem de proteção. Longe, à esquerda, vale abaixo, as ruínas de Bainun acenavam para nós, enquanto do túnel troavam as salvas de nosso acompanhante. Impressionante!

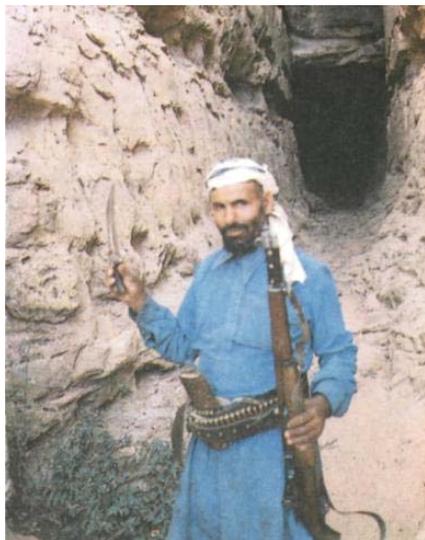
O assim chamado canal começa no lado oriental, lá onde se inicia a fenda na rocha — acompanhando a encosta em direção ao sul, elevando-se aos poucos. Em um ponto largo ele media 2,94 m, em um estreito, 2,46 m. Especialistas do Instituto Arqueológico Alemão sustentam a opinião de que

por esse canal eram "recolhidas as águas que escorriam pela encosta, levando-as através do túnel pelo prolongamento ocidental até os campos localizados no Wadi al-Galahim". Como a água recolhida no vale ocidental não seria suficiente para irrigar os campos cultivados, seria necessário recorrer à água suplementar do vale vizinho. Por isso o túnel e o canal. Essa interpretação por si só não resolve o enigma. Não há dúvida de que durante a época das chuvas e quando ocorriam tempestades intermitentes passava água pelo canal. Ainda assim não consigo imaginar que todo esse complexo tenha sido construído desde o início como um aqueduto superdimensionado.

Quando os arqueólogos partem do princípio de que a água da encosta ocidental seria recolhida pelo canal, eu gostaria de contra-argumentar que a encosta oriental mal poderia fornecer uma quantidade mínima, pois a entrada do túnel encontra-se já muito no alto da montanha. Não estamos lidando com um pico compacto, pelo qual a água escorreria lateralmente com facilidade; a montanha é porosa, a água se perde, formando pequenos riachos para chegar até o vale. Uma outra contradição da opinião "oficial" dá-se pelo fato de que justamente nas margens da montanha as paredes do canal são mais altas! Supondo-se que a água que escorresse deveria ser recolhida do lado do vale, uma simples mureta na encosta teria sido suficiente. Por que então esse esforço gigantesco?



O corte rochoso no túnel de Bainun. Embaixo, pedras rústicas; em cima, placas polidas.



À esquerda: Sobre a entrada do túnel, um monólito gigantesco. À direita: Nosso rei protetor de Bainun.

Há ainda contradições que se originam no presente: o solo do vale de Bainun continua sendo cultivado como o era no passado, e a água do vale vizinho seria tão bem-vinda hoje quanto antes. O túnel e o canal estão intactos. Quando ocorressem precipitações fortes não deveria formar-se uma torrente no canal, bramindo através do túnel para precipitar-se como uma poderosa catarata surgindo da encosta rochosa? Não se tem nenhuma notícia disso. A água deixa indícios, cavando o solo, especialmente quando cai de 10 m de altura! Parece-me que alguma coisa escapou aos arqueólogos em suas teorias. Alguma coisa.

Bilocação com indícios

Chama-se "bilocação" ao fenômeno de se estar presente em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Isso, no entanto, somente ocorre em lendas de santos, e a grande maioria das figuras desaparece sem deixar traços. Deus sabe que o rei Salomão não foi nenhum santo, mas de uma maneira ou de outra ele deve ter sido onipresente, e deixou inúmeros indícios.

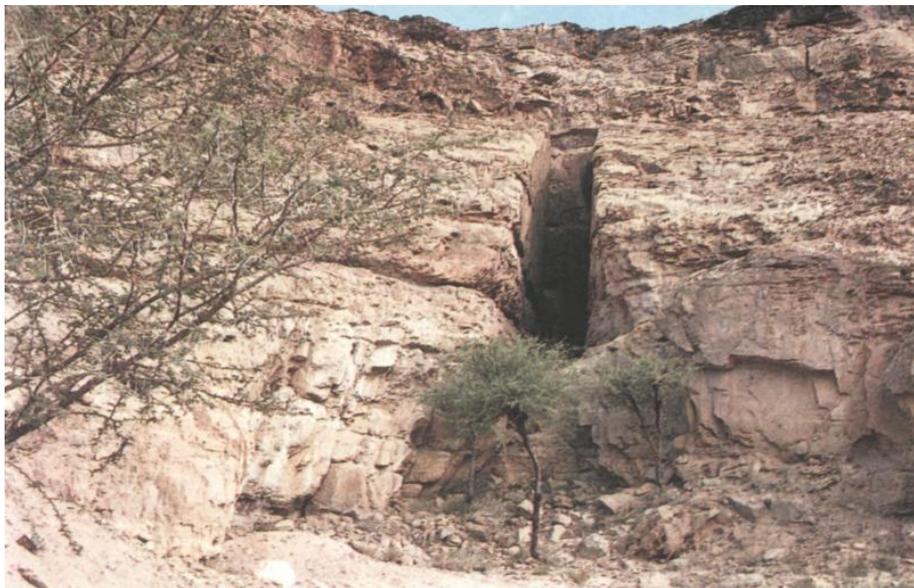
Considerações feitas no local: suas obras, cujos resíduos ainda hoje causam pasmo, foram realizadas em uma época que as torna historicamente incompreensíveis. Os nomes dos mestres construtores são desconhecidos, e os recursos técnicos que sem dúvida foram empregados não têm explicação. É de admirar que as gigantescas construções tenham sido atribuídas a "gênios" ou "demônios" nas lendas de Salomão? Como então explicar o que não tem explicação? As lendas sempre mantiveram "vivo" o túnel de Bainun. A história não sabe nada a respeito.

Será que algum outro significado faz mais sentido que o de serem o túnel e o canal parte de um sistema de irrigação? Se ambos fossem um investimento estratégico, o deslocamento de tropas de um vale para o outro poderia ser feito então com relativa rapidez; a marcha para contornar a montanha seria encurtada em oito horas. Um caminho de fuga não poderia também dar sentido às construções de rocha?

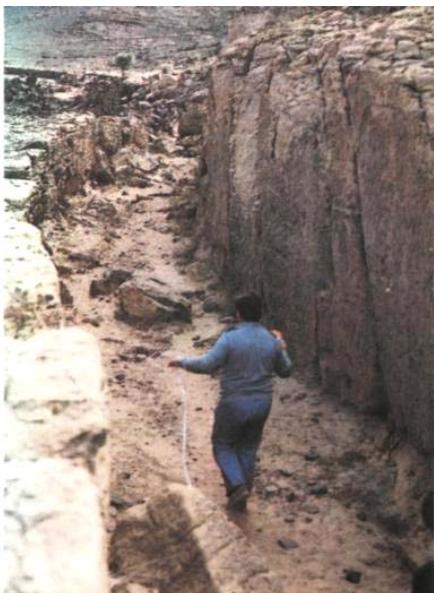
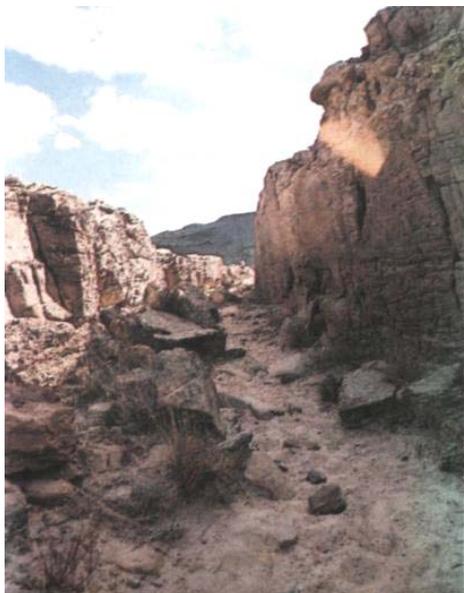
A pergunta principal: o que tinham o rei Salomão e a rainha de Sabá a ver com a construção? A rainha de Sabá — ao contrário de Salomão, que também está presente em arquivos — somente aparece em lendas, mas aí os sinais surgem de forma marcante. Em primeiro lugar sua mãe aparece em Marib no contexto de um palácio de vidro e metal, que de repente estava lá e — Simsalabim! — tornou

a desaparecer para, quando do casamento com o rei Hadhad (pai de Bilqis), estar novamente presente no mesmo lugar. Salomão deixou alguns enigmas complicados para os redatores de lendas: ele está sempre aparecendo de improviso em lugares onde, devido às distâncias geográficas, não poderia estar; todos os meses ele visitava sua amada rainha, embora a viagem de Jerusalém a Marib não pudesse ser vencida nesse prazo. Como senhor dos ventos ele presenteou sua rainha com um carro que voava. Esses já seriam prodígios mais que suficientes para ilustrar as lendas, mas a coisa era ainda mais extravagante. Não bastando Salomão, com suas tropas de apoio, ter encomendado a construção de edificações que durariam muito tempo em Jerusalém, Marib e Bainun, por exemplo, ele construiu também templos e residências no atual Irã, no atual Paquistão, e na Cachemira de hoje. Salomão era onipresente e deixou indícios.

Após minuciosas pesquisas de campo³², pude relatar que próximo à cidade de Srinagar, na Cachemira, há uma montanha chamada Takht-i-Suleiman, Trono de Salomão. Sob o castelo que existe atualmente no cimo encontram-se as ruínas monolíticas de uma fortaleza que teria sido construída por Salomão. Srinagar está situada na saída do lago Wular, no vale da Cachemira. A lenda local informa que Salomão foi até aí com seu trono voador, construiu uma barragem para as águas que corriam de maneira selvagem, secando os pântanos". Por isso a Cachemira é também chamada de "Jardim de Salomão".



Na face oeste o túnel surge da fenda na rocha alguns metros acima do chão. Quanto a canais condutores de água, nem sinal ...



O assim chamado canal mede em seu ponto mais largo

2,94 m; no mais estreito, 2,46 m.

A oeste da cidade paquistanesa de Dera Ismail Khan ergue-se um segundo Trono de Salomão de 3.441 m de altura, e no noroeste do Irã, a 2.400 m de altitude, um terceiro. O fogo e a água eram adorados em todos os Tronos de Salomão.

As coisas que me inquietam deixam frios aqueles que não estão dispostos a pesquisar as lendas a fundo. Será que povos tão afastados um do outro tiveram a mesma visão? Os etíopes sabem do carro de Salomão, "que atravessava o ar". Os habitantes da Cachemira falam do "trono voador de Salomão". Esses povos estão distantes 5.000 km um do outro em linha reta, e o caminho por terra, passando por montanhas e desertos, estende-se por pelo menos 20.000 km. Por que — maldição, novamente, e perdão! — as lendas desses povos (que provavelmente não sabiam nada um do outro) sustentam os mesmos fatos? Haveria uma fonte primordial comum de onde os autores teriam extraído seu mel? Visões e demônios imaginários não podem mover uma única pedra para não dizer nada das monstruosas edificações erguidas.

Banho de amor nas alturas iluminadas

Todas as montanhas chamadas de Trono de Salomão têm um denominador comum: elas foram santuários "do fogo e da água". Vamos examinar bem o Trono de Salomão do noroeste do Irã já que, por estar localizado exatamente no centro geográfico das atividades de Salomão, pode ser tomado como representante das montanhas de mesmo nome. O batismo dessa montanha é uma lenda. Salomão a

princípio encontrou dificuldades para levar adiante seu romance, na tentativa de enternecer a fria rainha de Sabá. Escolhendo um método não muito requintado, ele atordoou a amada com uma bebida mágica e a seqüestrou, levando-a "através do ar"³⁴ ao planalto persa. Houve preocupação com o conforto: no alto da montanha havia um lago quente com água mineral. Esgotada pela viagem aérea, a rainha tomou um longo banho, encontrando disposição para retribuir os sentimentos de Salomão. Desde então o pico da montanha com o lago oval chama-se Takht-i-Suleiman. É o que diz a lenda. Quanto ao transporte aéreo, a Enciclopédia do Islã³⁵ atesta que os "gênios" de Salomão tinham tecido um tapete mágico com seda verde "para viajar pelo ar". Sobre esse tapete o rei, com toda a sua comitiva, podia deixar a Síria pela manhã e chegar ao Afeganistão ao final da tarde.

Ainda hoje a melhor maneira de se chegar ao Trono de Salomão é de helicóptero. A rainha deve ter ficado enfeitiçada só de ver a paisagem selvagem. O planalto fica numa região remota e árida no Azerbaijão, a sudoeste de Maragheh, no Irã. Os arqueólogos encontraram a 2.400 m de altitude um outeiro com os restos de um muro circular ciclópico, que antigamente tinha 1.100 m de comprimento. Lá em cima havia um santuário da água e do fogo com instalações residenciais para sacerdotes, alojamentos para hóspedes ilustres, tudo circundado por um complexo defensivo com dois portões principais voltados para o norte e para sudeste e que encerrava uma área de 10 ha. Havia 38 torres integradas à construção. Tantas torres de observação causam estranheza, já que o complexo, que pode ser visto de longe, está localizado no alto da montanha.

Em meio às ruínas que se podem ver hoje há um lago de montanha, azul-escuro, cujas águas sulfurosas refrescaram a

rainha de Sabá. O lago, com 67 m de profundidade, é alimentado por fontes subterrâneas que fazem com que o nível da água se mantenha constante o ano todo. Pessoas bem-informadas afirmam que havia um sistema de tubulações subterrâneo que ligava esse lago a outros lagos de montanha vizinhos.

Houve um tempo em que o templo e os alojamentos dos sacerdotes agrupavam-se em torno da água límpida. Há 150 anos havia ainda do lado norte a cúpula de um templo, que desde então ruiu³⁶; ela coroava uma construção quadrada com 25 m de lado. O que restou foi uma coluna redonda, com 5 m de diâmetro, e que continua sendo um enigma para os arqueólogos. A coluna não servia para sustentar a cúpula — isso era feito por quatro pilastras quadrangulares maciças —, ela, na verdade, bloqueava o espaço interno.

Os outros santuários — se é que se pode chamar de santuários! — também são enigmáticos. Havia salas quadradas com paredes de até 2,40 m de espessura. Os assoalhos eram constituídos de seis camadas de tijolos "que não continham nenhuma argamassa, mas eram recobertas por uma camada fina e dura de depósito calcário"³⁷. Entre os tijolos encontrava-se uma "massa negra semelhante à ferrugem", como se podia comprovar nos canais próximos ao portão norte. Um túnel estreito forrado com tijolos, que hoje está entupido com areia de aluvião, levava às salas. Enigmas sobre enigmas. Aparentemente bombeava-se água para dentro das salas — mas não havia nenhum escoadouro! Arrisco, portanto, a seguinte pergunta: em que resulta água e fogo? Vapor, naturalmente, e eu já posso escutar os arqueólogos concordando: claro, eram banhos de vapor! Entretanto, veneradas senhoras e senhores, para a instalação de banhos de vapor não são necessárias paredes de 2,4 m de

espessura, e o que estariam fazendo — já que não havia turismo em massa — tantos banhos de vapor em um lago de montanha de difícil acesso?

A arqueologia moderna classificou nesse Takht-i-Suleiman várias camadas e épocas de construção. Nesse contexto interessei-me pelo período mais antigo, aquele que está ligado ao rei Salomão. O que aconteceu aqui não é diferente do sucedido em outros lugares sagrados do mundo. Após o início orogênico vieram novas gerações e modificaram ou construíram por cima das obras dos antepassados. A cruz comum a todos: neste Takht-i-Suleiman também sabe-se pouco ou quase nada sobre as edificações mais antigas, mas a maneira de construir com monólitos os muros de defesa e a "torre n^o 11", que ainda existe, indica que a idade das primeiras instalações reporta-se a um passado muito remoto. Fiz a experiência: quanto mais se constrói com monólitos, mais antigo é o complexo. Os homens, que mal haviam saído da Idade da Pedra, atormentavam-se com imensos blocos de pedra — seja na Bretanha francesa, em Malta, no antigo Egito, na Inglaterra, no altiplano do Peru ou em outro lugar.

Para que teriam servido as instalações sobre esse Takht-i-Suleiman?

A mais ou menos 10 km de distância do Trono de Salomão há a cratera vulcânica do Zindan-i-Suleiman, a prisão de Salomão; nas vizinhanças há também o Takht-i-Bilqis, o Trono de Bilqis, e — para completar o conjunto — na planície de Isfaryin há ainda o complexo de ruínas Shar-i-Bilqis, a residência da rainha de Saba³⁸!

Par amoroso ambulante

Parece que nossas crianças reais estiveram ativas em Jerusalém e na Cachemira, além do Iêmen, e também deixaram uma infinidade de indícios no Irã. Como isso foi possível com as enormes distâncias envolvidas?

Arqueólogos descobriram no Trono de Salomão fragmentos de cerâmica com estrelas amarelas de seis pontas. Notável, pois segundo a Enciclopédia do Islã³⁵ a estrela de seis pontas era o "selo de Salomão", seu brasão.

O refinado Salomão possuía também um espelho mágico, que lhe "revelava todos os lugares do mundo"! Devia tratar-se de um espelho que faz muita falta aos nossos atuais profetas, que fazem tantos prognósticos errados, pois essa coisa misteriosa, "feita a partir de várias substâncias", permitia a Salomão "ver em todos os sete climas"³⁹, uma capacidade importante para se saber o clima em todas as rotas de vôo.

Al-Mas'udi (895-956), o mais significativo geógrafo e enciclopedista da Arábia, chamado também de "o Heródoto da Arábia"⁴⁰, escreveu em suas Histórias que, no templo de Salomão, havia maravilhosas paredes pintadas no Trono de Salomão que "mostravam os corpos celestes, as estrelas, a Terra com seus continentes e mares, as faixas de terra povoadas, suas plantas e animais e muitas outras coisas admiráveis"⁴¹.

Admirável é a palavra certa! O seguinte arsenal inaudito foi compilado a partir das tradições:

- "Gênios" e "demônios" trabalham para Salomão.
- Ele era o "Senhor dos Ventos".

- Ele possuía um trono robotizado.
 - Ele utilizava "carros voadores".
 - Ele cobria grandes distâncias em curtíssimo tempo.
 - Ele possuía um "espelho mágico" (um radar climático).
 - Ele possuía um mapa-múndi detalhado.
- "Tudo o que sabemos refere-se a alguma coisa que ainda não sabemos".

Rahel Varnhagen von Ense (1771-1833)

Saber perguntar...

"Perguntar bem é saber muito", diz um ditado árabe. Goste-se ou não, com esse acúmulo de dados assombrosos não se pode fugir à questão de uma técnica de vôo prematura. Se ela existiu? O Prof. Dr. Dileep Kumar Kanjilal, renomado estudioso de sânscrito da Universidade de Calcutá, deu uma resposta absolutamente afirmativa⁴². Kanjilal documentou sua resposta científica com antigas tradições indianas existentes em sânscrito. A afirmação do erudito: fontes indianas da Antigüidade afirmam claramente que existiam aparelhos voadores nessa época que eram movidos a "mel" ou, o que é mais provável, "óleo".

O óleo teria sido um combustível ideal, que aqueceria o ar para o funcionamento de dirigíveis, servindo também para fornecer calor para a produção de vapor. Com a descoberta feita por Kanjilal, de dirigíveis antigos, as inumeráveis lendas e representações de "cobras voadoras" — dos egípcios até os maias na América Central — encontram uma explicação plausível. Os dirigíveis movidos a vapor deixavam faixas de vapor condensado atrás de si — como cobras voadoras.

Defendo, portanto, que Salomão dispunha de aparelhos voadores dirigíveis, talvez balões de ar quente semelhantes ao Zeppelin, que eram movidos a vapor d'água e que precisavam dos diversos postos, perdão!, templos Takht-i-Suleiman, onde o fogo e a água eram adorados.

E que papel desempenhava a rainha de Sabá? Como se pode esclarecer seu surgimento fantasmagórico do nada? A lenda árabe não falava de uma "cidade de vidro e metal", que apareceu "de repente" em Marib, tornando a desaparecer misteriosamente?

A resposta está onde ninguém espera: na ilha mediterrânea de Creta. Na pequena ilha não são apenas os arqueólogos que se maravilham diante dos testemunhos da cultura minóica criada pelos cretenses cerca de 2000 a.C. Ela se remete — como poderia ser diferente? — ao lendário rei Minos, um dos três filhos do — também lendário — pai dos deuses, Zeus, e sua — lendária — esposa, Europa. No *Léxico da Mitologia Antiga*⁴³ ele é mencionado como "o mais ilustre monarca do mundo civilizado" e "as leis que ele introduziu em Creta lhe teriam sido transmitidas por seu pai, Zeus". Apesar de sua descendência divina, Minos tinha rivais, sendo um deles o deus dos mares, Posêidon, que enviou ao rebento do rei um touro especialmente belo — que, além do mais, surgiu do mar! — como oferenda aos deuses. Minos recusou o presente. Posêidon jurou vingança. Fez com que Pasífae, esposa de Minos, se apaixonasse pelo touro, acasalando-se com ele e dando à luz o Minotauro — um monstro com corpo de homem e cabeça de touro. Não sendo capaz de enfrentá-lo, Minos contratou Dédalo, que fugia de Atenas acusado de assassinato, para que construísse uma prisão. Dédalo criou p labirinto, do qual não se podia sair. Minos, por maldade, banuiu o criador Dédalo para seu

próprio labirinto, só que Dédalo, um homem extremamente talentoso, construiu para si mesmo e para seu filho Ícaro asas que levaram pai e filho até a Sicília. As pessoas eram tecnicamente prendadas em Creta.

Nem a capital Knossos nem o palácio de Minos eram protegidos por edificações defensivas. Isso tampouco era necessário. Três vezes ao dia o colosso de bronze Talos circundava a ilha disparando pedras e fogo contra estranhos que não haviam sido anunciados. Uma artéria percorria o corpo de Talos da cabeça até os calcanhares, onde era tampada com uma unha; quando Talos abraçava alguém com seu corpo aquecido ao ponto de brasa, matava-o na hora. A feiticeira Medéia, filha do rei — viajando com os Argonautas em busca do Velocino de Ouro —, deu fim ao monstro. Ela arrancou a unha do pé, e o óleo — o sangue, é claro! — escorreu do colosso de bronze Talos, que enferrujou miseravelmente.

Todas as lendas a respeito de Minos e do Minotauro, de Talos e Dédalo e também do labirinto "cheiram" a tecnologia perdida. O rei Minos é até hoje um fantasma. Homero mencionou-o pela primeira vez em sua *Ilíada*, mas sua poesia somente surgiu 700 anos após o completo desaparecimento da cultura minóica. Fica claro, no entanto, que algo enigmático aconteceu em Creta por volta de 1450 a.C. A arqueologia também não tem nenhuma explicação para isso. Os minóicos praticamente se dissolveram no ar, e suas edificações foram sacrificadas em uma catástrofe, presumivelmente um terremoto.

O arqueólogo inglês Arthur Evans (1851-1941) iniciou às suas próprias custas, na virada do século, escavações de grande extensão em Creta. Em Knossos ele pôs a descoberto o mais significativo palácio da ilha, do 1º milênio a.C.

Portas trancadas com trincos de pedra, recipientes em forma de banheira com orifícios de escoamento, mas sem canal de escoamento, e numerosas escadarias. Três delas estavam na mesma ala a uma distância de apenas 10 m uma da outra, e levavam a um grande terraço na cobertura. Haveria circunstâncias em que todos os habitantes acorressem à cobertura ao mesmo tempo? Evans encontrou vários armazéns cheios de vasos duas vezes maiores que um homem e bules ornamentados a fogo. O Prof. Hans Georg Wunderlich escreveu⁴⁴:

"Em se tratando de vasos de armazenamento de 'altura normal', já nos perguntamos como se fazia para esvaziá-los e limpá-los de tempos em tempos, pois mesmo com conchas muito longas mal se alcança o fundo, ainda que se utilize uma cadeira ou banco. Os gigantescos Pithoi (vasos) apresentam nesse sentido um problema insolúvel: não podem ser virados" ...

Vasos de armazenamento do tamanho desses colossais Pithoi tiveram que ser trazidos antes que os muros circundantes fossem construídos, instalados e só então emparedados, sem que houvesse possibilidade de que fossem substituídos mais tarde por outros recipientes. Somente podiam ser enchidos e esvaziados com o auxílio de mangueiras, seguindo-se o princípio dos vasos comunicantes. Mas que pouco prático construir tais vasos em lugares de difícil acesso! Nós nos afastamos irritados ..."

Irritado ficou também Ralf Sonnenberg, que se tornou versado no que se referia a Knossos e que apresentou um relatório sobre suas pesquisas⁴⁵ na AAS*:

* Ancient Astronaut Society — Organização que estuda enigmas do passado sem explicação.

"Uma dessas cubas monstruosas tinha uma capacidade média de 586 litros, e todas somadas, levando-se em conta somente as que estavam acomodadas nos armazéns da ala oeste do palácio de Knossos, correspondiam a uma capacidade de armazenamento de mais ou menos 226.000 litros".

Não é preciso ser arqueólogo de carreira para colocar em discussão alguns pensamentos razoáveis. Além dos tanques de armazenamento na ala oeste, que irritaram o Prof. Wunderlich, havia recipientes de óleo por toda parte, tanto no palácio como à sua volta, chamados com frequência pelos arqueólogos de "cisternas", com uma capacidade total de armazenagem absurda. A explicação de que os minóicos haviam se prevenido para tempos de crise não convence. Knossos não temia perigo algum, pois não era ameaçado por terra, e o colosso de bronze Talos, com seus vôos em torno da ilha, garantia a segurança do litoral, além do que o óleo comestível ficaria rançoso rapidamente sob o calor mediterrâneo, tornando-se impróprio para o consumo.

As reservas de óleo eram armazéns de combustível!

"Nenhum avanço é tão difícil quanto o retorno à razão", disse Bertolt Brecht (1898-1956).

Caminhei de volta à razão... e em breve encontrarei a rainha de Sabá.

Os sabeus — que construíram a barragem de Marib no Iêmen e que dominavam o comércio de incenso — eram idênticos àqueles minóicos que desapareceram por volta de 1450 a.C. sem deixar vestígios. Essa idéia não me trouxe

nenhuma "iluminação", mas fez com que me entregasse ao trabalho, à tarefa de estabelecer ligações entre as diversas tradições da Antigüidade. As etapas:

O historiador romano Plínio, o Velho, nascido em 23 ou 24 d.C. e morto em 79 durante uma erupção do Vesúvio, escreveu sua História Natural, uma enciclopédia em 37 volumes, onde resumiu o conhecimento científico da época. Cuidadosamente ele coletou todo o conhecimento sobre remédios, plantas, árvores, pedras, geografia e povos. Há 2.000 anos essa era a obra de referência. No sexto volume, Plínio escreve sobre os povos que viviam na Arábia⁴⁶:

"A residência real dentre todas é portanto Mariaba (Marib) ... No interior do país, os mineus fazem fronteira com os atramitas ... eles, segundo se crê, seriam descendentes do rei Minos de Creta ..."

No décimo segundo volume, Plínio trata das espécies de árvores da Arábia; dentre elas ele se interessou especialmente pela árvore de incenso. Cito aqui apenas a seguinte passagem do tratado⁴⁷:

"... Ela está limitada por um outro distrito, onde vivem os mineus, através do qual o incenso é transportado por um caminho estreito. Esse povo foi quem iniciou o comércio, explorando-o ao máximo, e por isso chama-se também Mineum. Além dos mineus nenhum árabe chega a ver uma única árvore de incenso. Seu número restringe-se às 3.000 famílias que mantiveram esse direito por herança ..."

Essa é forte, mas deveríamos acreditar em Plínio — ele é freqüentemente citado pelos arqueólogos, quando isso lhes convém. A informação, entretanto, é monstruosa. E preciso ler o texto muitas vezes para compreender o que o historiador romano disse claramente:

Os mineus iniciaram o comércio de incenso, que portanto é

"também chamado de Mineum". Para Plínio os mineus não são um povo comerciante qualquer de Creta — os mineus são árabes! ("Além dos mineus nenhum árabe vê a árvore de incenso".)

Sim, a rede de filigranas dos livros sagrados, lendas e tradições históricas nos dão um quadro bastante claro. Como não quero repetir o que já foi documentado por mim antes, seguem-se apenas estas linhas gerais de pensamento ad memoriam:

Os "guardas do céu" de que fala o profeta Henoque um dia desceram até aqui. De uma forma ou de outra todas as grandes tradições da humanidade falam deles como mestres extraterrestres de um mundo distante. Eles dominavam uma tecnologia superior, e por isso as populações primitivas os tinham por "deuses".

Esses "deuses" não tinham sempre boas intenções uns para com os outros; tinham disputas e brigavam, chegando a ocorrer motins. Um grupo manipulava o material genético de homens e animais na Terra — tendo por conseqüência seres híbridos como os centauros (seres meio homens, meio animais) e animais humanos (o Minotauro). Outros extraterrestres misturavam-se com as filhas dos homens. Os produtos dessa mistura de deuses e homens foram os "colossos" e "semideuses" mencionados pelos textos antigos, tais como o rei Minos, descendente do pai dos deuses, Zeus. Havia os Elohim* do Antigo Testamento, os "guardas do céu" de Henoque, os heróis divinos do épico nacional indiano, o Mahabharata. Todas essas figuras míticas dispunham ao menos de uma parte do conhecimento técnico de seus pais extraterrestres. Por isso chegaram a ser senhores e reis neste planeta — e ainda que seus sucessores fossem aos poucos perdendo parte do conhecimento

original, ele ainda era suficiente para impressionar o resto da humanidade com demonstrações mágicas.

* Formas divinas. (N. do T.)

O rei Salomão — para nos restringir a nossos protagonistas — herdou de seus antepassados a capacidade de construir "carros voadores", dominava todo tipo de truque mecânico, possuía conhecimentos eminentes no que se referia à construção de ferramentas e instrumentos e presumivelmente dispunha de algum tipo de explosivo. Poderoso, esperto e sabido como era, mandou construir palácios em vários lugares do mundo e instalou "santuários" em cumes de montanhas ao longo de suas rotas de vôo — postos de aterrissagem e abastecimento.

Sua amiga e amada, a rainha de Sabá, não lhe ficava muito atrás; ela e seu clã eram descendentes de um semideus, o rei Minos de Creta. O séqüito da rainha também possuía conhecimento técnico suficiente para se impor aos que o cercavam. Os minóicos instalaram santuários sobre altas montanhas, edificações que a princípio serviam a múltiplas funções. Eram postos de abastecimento, onde eles também se alimentavam, pontos de observação e defesa, sendo ainda formações opticamente marcantes, pelas quais os descendentes dos deuses em vôo se orientavam.

Na verdade os minóicos poderiam ter vivido prósperos e em paz, mas sempre ocorriam terremotos, forças da natureza contra as quais até mesmo os descendentes dos deuses eram impotentes, sendo entretanto suficientemente inteligentes para em boa hora sair em busca de novas terras e novas fontes de riqueza. Por isso os pais da rainha de Sabá surgiram repentinamente em Marib com uma "cidade de

vidro e metal", ampliando seu poder através do casamento com um potentado local, apoderando-se do comércio de incenso, plantando em larga escala o rentável arbusto. E assim por diante. Os minóicos — sabeus de agora em diante — criaram a maravilha técnica que é a represa, construíram — o que até então era desconhecido nessa região — casas de vários andares. Contrários ao uso do lugar, os sabeus continuaram a adorar as estrelas, seguindo o nome Sabá, que quer dizer "adorador das estrelas".

Salomão observou atentamente o florescimento do reino de Sabá. O que o irritava acima de tudo eram as notícias que recebia a respeito das manobras técnicas dessa rainha. Será que afinal essa senhora — como ele mesmo — dispunha de conhecimentos secretos especiais oriundos de seus antepassados divinos? Quando se encontraram estavam mutuamente desconfiados, propondo enigmas um ao outro. Essa situação precária esclareceu-se através da maravilha eterna que é o amor: Salomão ajudou a rainha na construção do grande complexo que o povo admirava, perplexo. Nunca havia acontecido algo assim antes. Iniciou-se a lenda a respeito dos "gênios" e "demônios" que trabalharam na obra.

O último encontro de Salomão com a rainha de Sabá ocorreu em Tadmor*, a cidade das palmeiras. Aí o pródigo Salomão erigiu um mausoléu para seu grande amor. Não há dados sobre sua morte, mas Muhammed al-Hasan, biógrafo do fundador religioso Maomé, relata que Kalif Walid I (705-715 d.C.) encontrou em Tadmor um túmulo com a seguinte inscrição⁴⁸:

* Cidade em um oásis ao norte do deserto sírio.

ESTE É O TÚMULO E O ESQUIFE
DA PIEDOSA BILQIS,
A ESPOSA DE SALOMÃO.

O califa mandou que se abrisse o túmulo. O sangue gelou em suas veias. Ele ordenou que fosse novamente fechado para sempre, e fez com que se erguesse uma edificação sobre a sepultura.

O que deixou o califa tão horrorizado?

A sepultura de Bilqis era a de um gigante!

Capítulo 2

E A BÍBLIA NÃO TINHA RAZÃO

A AVASSALADORA DESCOBERTA

Os homens tropeçam por acaso em uma verdade. Mas se levantam e prosseguem em seu caminho como se nada tivesse acontecido.

Winston S. Churchill (1874-1965)

Existe um livro que mudou nosso mundo, ainda que se tente fazer com que se cale para sempre. Os estudiosos do Antigo Testamento, a corporação de intérpretes da Bíblia, todos devem ter passado muitas noites em claro. Eles sorriem e se expressam com arrogância. Sua reação foi prevista pelo descobridor de uma verdadeira sensação: "Quando não puderem ignorar minha teoria, eles tentarão torná-la

ridícula. E quando isso não der certo, terão que trabalhar muito para tentar contestá-la. É isso o que eu pretendo".

O que aconteceu?

O Prof. Dr. Kamal Sulaiman Salibi, um libanês da turma de 1929, estudou história em Beirute, e após ter-se doutorado em Londres tornou-se professor de história na renomada Universidade Americana, em Beirute. Ele já tinha publicado alguns trabalhos clássicos antes de escrever *A Bíblia Veio do País de Asir*¹. Seu manuscrito teve que esperar três anos para ser impresso, pois as editoras científicas não tinham coragem de assumir o abacaxi. O que seria do manuscrito se a revista *Der Spiegel* não o tivesse publicado ... após lingüistas terem esclarecido que os argumentos de Salibi eram corretos?! Cientistas e políticos tiveram que engolir um sapo, pois Salibi afirmou que a história bíblica não se deu entre o Egito e a Palestina, mas principalmente na orla ocidental da Península Arábica, que hoje se chama Asir e que se estende de Meca até próximo à fronteira do Iêmen. O que há de tão sensacional nesse deslocamento de lugar?



Páginas seguintes: O bairro do templo em Jerusalém.

Todos conhecem a história das cidades pecadoras, Sodoma e Gomorra, que foram aniquiladas através de uma punição

divina. Todos sabem que elas ficavam na Palestina — na extremidade sul do mar Morto. Entretanto, elas não ficavam aí, mas num lugar muito diferente.

Todos conhecem a lenda de que os israelitas "atravessaram o Jordão" várias vezes, que atravessaram o riozinho chamado Jordão em Israel. Na verdade, o Jordão é uma cadeia de montanhas na atual província de Asir, no sul da Arábia.

Todos sabem que os israelitas passaram pela servidão no Egito, até que Moisés os levou à Terra Prometida. O curioso é que nem nas inscrições egípcias antigas nem nas tradições há o menor vestígio a respeito dos prisioneiros israelitas, não havendo também nada a respeito do Êxodo.

Todos sabem que por causa disso Jerusalém era considerada a cidade mais antiga, pois Salomão construiu lá o primeiro templo dos israelitas. O fato é que, apesar da busca encarniçada empreendida pelos arqueólogos, não se conseguiu até hoje trazer à luz do dia um único resíduo do templo salomônico. O que se encontrou foram restos inequívocos de templos mais recentes.

Todos conhecem a história das trombetas de Jerico, que, segundo o profeta Josué no Antigo Testamento, teriam derrubado os muros da antiga cidade. Qualquer arqueólogo digno do nome sabe há muito que pelos dados existentes a história de Josué não aconteceu na Jericó que fica na Palestina.

Como foi que o Prof. Salibi transferiu os locais bíblicos para uma outra paisagem?

Segundo seus estudos — pesquisas sobre os nomes dos lugares localizados na Península Arábica —, ele descobriu que muitos deles não correspondiam às formas lingüísticas dos árabes, e sim ao canaanesco ou aramaico. É necessário

saber o seguinte a respeito:

Nosso alfabeto tem vogais e consoantes. A escritura original do Antigo Testamento, uma coletânea de textos antigos, é puramente consonantal. Exemplo: a escrita consonantal para "Jerusalém" é: rslm*; para "Éden", dn, para "Salomão", slm. Exemplo pessoal: rch vn dnkn pode querer dizer, dependendo de que vogais são introduzidas onde, "Erich von Däniken"/ "Urich ven Dukokun"/ "Irach vun Dinaken". Tais inserções de vogais podem levar a erros terríveis.

* O j vale como "i". (N. do T.)

A escrita bíblica sem vogais deriva do alfabeto semita, que originalmente tinha 22 consoantes e as semivogais "w" e "y". O mesmo vale para o alfabeto árabe, que também é de origem semita.

Durante séculos, talvez milênios, os textos sagrados — inclusive o Antigo Testamento — foram copiados na forma consonantal por sacerdotes e estudantes. A vocalização dos textos somente ocorreu entre os séculos VI e IX de nossa era.

Ocupado em procurar fontes não-árabes para os nomes de lugares da Arábia Ocidental, os achados irritaram o Prof. Salibi:

"A princípio eu achava que isso só poderia ser um engano, mas para minha grande admiração verificou-se que não havia nenhum. Quase todos os nomes de lugares bíblicos que eu conhecia encontravam-se lá em uma região de 600 km de comprimento e 200 de largura, que abarca o atual Asir e a parte meridional do Hedscha".

Essa descoberta por si só não teria sido suficiente para transferir os locais bíblicos para a Arábia, pois não é raro

que nomes de lugares sejam usados várias vezes. Minucioso conhecedor da Arábia e dos textos bíblicos que era, Salibi comparou descrições de montanhas, riquezas do solo, animais, plantas e cursos d'água, campanhas, batalhas, vitórias e derrotas e também dados de horas, dias e noites que determinada viagem durava, com as localidades na Arábia ocidental — e veja só: elas se encaixavam perfeitamente aí, mas de forma alguma na Palestina! Em nossa correspondência o Prof. Salibi forneceu-me algum material complementar^{2,3}, de forma que a teoria e as conclusões eram muito convincentes.

Sem dar-se ao trabalho de verificar pessoalmente, os eruditos de plantão, aparentemente tão objetivos e abertos a novos conhecimentos, atiraram-se sobre Salibi. Eu admito que, caso eles tivessem aceitado, os arqueólogos bíblicos e os estudiosos do Antigo Testamento estariam plantando bananeira. Sem querer atribuir qualquer falsidade, deve-se entretanto poder dizer que a "Terra Prometida" foi identificada com a Palestina de maneira muito crédula. Sempre e em qualquer lugar da Palestina que uma ruína, uma inscrição, um poço, um caco ou um trapo desfeito foi encontrado, as pessoas rapidamente transformavam a coisa em uma "prova" da correção da palavra bíblica. A revista *Der Spiegel* comentou como isso se dá realmente: "Em todos os três volumes (de trabalhos biblioarqueológicos) pululam pseudoconhecimentos arqueológicos, nada mais que isso"⁴.

Exemplo desse tipo de manipulação:

Em 1880 foi encontrada uma inscrição em pedra em Siloam, que dizia que nesse local homens haviam cavado dos dois lados da montanha um túnel de água. Num piscar de olhos a inscrição foi transformada em prova para uma passagem do

Quarto Livro dos Reis (20:20): "O resto das ações de Ezequias, o seu grande valor, e de que modo fez a piscina, e o aqueduto, e como conduziu a água para a cidade, não está tudo isto escrito no livro dos anais dos reis de Judá?"

A verdade é que na inscrição não há nenhuma letra mencionando o rei Ezequias, ela não se refere a nenhuma outra pessoa, nem a alguma localidade. Diz Salibi a respeito: "Aquedutos foram construídos em todas as épocas". Mas são assim os truques que muitos arqueólogos bíblicos tiram da manga.

O Prof. Salibi não pretende atentar contra o conteúdo religioso da Bíblia, apenas são transferidas de lugar as localidades geográficas onde ocorrem os acontecimentos. Esforço-me para levar alguma luz aos pontos ainda obscuros de nosso conhecimento. Não é minha culpa se neste caso as conseqüências são assustadoras. Novos conhecimentos ganham voz, e eles dizem: a Terra Prometida dos israelitas, na qual foi fundado o Estado de Israel, não fica na Palestina, mas na Arábia ocidental.

Como foi que as hipóteses aceitas até hoje incorreram nesse erro histórico?

Os israelitas foram expulsos por guerras de sua terra natal, grande parte do povo foi posta em cativeiro na Babilônia (586 a.C), enquanto outros erravam pelos países vizinhos, muitos dentre eles na atual Palestina. Aí eles fundaram novas povoações e cidades com os nomes antigos. Essa prática não é extraordinária, sendo utilizada até hoje. Na Suíça há um cantão chamado Glarus; emigrantes fundaram nos Estados Unidos uma New Glarus; em Jerusalém novos bairros ortodoxos exibem nomes de cidades polonesas.

Poderia ser que o contrário tivesse ocorrido? Não seria o caso de se pensar que os acontecimentos descritos no

Antigo Testamento realmente se passaram na Palestina, e que grupos emigraram para a Arábia ocidental fundando aí localidades com os antigos nomes palestinos? Os nomes dos locais na Arábia ocidental coincidem também com a fauna, a flora, a topografia, rios e distâncias. Mas não os da Palestina.

No local da prova

Podem-se comprovar arqueologicamente as descobertas de Salibi? Mas é claro! Nossos cientistas, sempre em busca da verdade, tinham que cavar "somente" nos locais designados. Segundo os dados de Salibi, por exemplo, a mais antiga, a Jerusalém salomônica, estaria situada a cerca de 35 km a nordeste da região montanhosa de Nimas, na província árabe meridional de Asir. Aí existe uma aldeola pitoresca chamada Al-Sarim, a Jerusalém de Salomão. A antiga Jerusalém assumira uma posição estrategicamente dominadora nessa região montanhosa — como alguns profetas descreveram. Aqui nas altas montanhas havia também material de construção para os construtores do templo de Salomão, que falta na Palestina.



Em escavações do templo de Jerusalém foram encontrados restos de muros que consistiam em pequenas pedras. O templo de Salomão, entretanto, deve ter sido construído com grandes blocos monolíticos.

No Terceiro Livro dos Reis (7:10) fala-se que para a construção do templo de Salomão foram utilizadas "... pedras valiosas, pedras grandes de dez ou de oito côvados". Trabalhou-se, portanto, com material pré-fabricado, provavelmente com granito, pois o imenso complexo não poderia jamais estar assentado sobre fundações de areia ou pedra calcária. Há granito nas montanhas de Nimas, que é retirado até hoje. Na Palestina, não.

Em 586 a.C. o templo de Salomão foi completamente destruído pelas hordas do rei babilônico Nabucodonosor, sendo a classe dominante israelita posta em cativeiro. Apesar da destruição, deveria haver blocos de pedra trabalhada da gigantesca construção nas proximidades da aldeia de Al-Sarim.

E necessário que sejam feitas escavações arqueológicas.

Elas vão dar em nada. Quer apostar que...?

Por que não?

Os judeus na atual Palestina não podem ter nenhum interesse em "transferir" a pátria de Israel para o território de seu vizinho inimigo, a Arábia Saudita. O reino da Arábia Saudita estará menos interessado ainda na herança do Antigo Testamento. A intelligentsia teológica, seja ela de qualquer tendência, não tem o menor interesse em constatar a nova descoberta. Milhares de livros eruditos sobre o Antigo Testamento, exegetas da Tora e lingüistas teriam que ser descartados como ultrapassados. Heresia. Como a Bíblia, cada linha e cada um de seus dados foram fixados na Palestina, não restou nada, absolutamente nada de todas as declarações que se encontram no Antigo Testamento. Um fiasco.

A coisa vai se dar exatamente como o Prof. Salibi profetizou: primeiro a tentativa de cobrir sua teoria de ridículo, ou de calá-la. Mas como as pedras de construção são muito sérias, como são comprováveis, e como um livro de tal peso não se desfaz de uma hora para outra, os depositários de toda a sabedoria e toda a verdade vão ter que dar duro para refutar as evidências.

A contagem regressiva está agora na tentativa de ridicularizar e calar o "Livro de Salibi". O sucesso é duvidoso. O Neue Zürcher Zeitung, que em geral se mantém

distanciado, escreveu com simpática objetividade, mas ainda assim uma crítica clara ao comportamento dos cientistas⁵:

"Não se deveria tentar acabar com ela (a teoria) simplesmente afirmando que os árabes de qualquer forma não podem pensar objetivamente, como fizeram pessoas que se dizem acadêmicas. Salibi, que além do mais descende de uma família árabe protestante, é um cientista muito sério".

Conseqüências

A nova localização dos acontecimentos bíblicos esclarece alguns disparates nas atividades do rei Salomão. Se, por exemplo, o templo de Salomão não estivesse na atual Jerusalém, e sim na porção meridional da Arábia Saudita que faz fronteira com o Iêmen, torna-se de imediato compreensível por que ele se ocupou tanto com o reino de Sabá: os sabeus eram seus vizinhos imediatos. Ainda assim, as visitas de fim-de-semana mensais que fazia à rainha continuam sendo impossíveis sem "máquinas voadoras". Em linha reta as montanhas de Nimas no Asir — a residência de Salomão — ficam a 530 km de distância da cidade de Marib.

Não são somente os nomes de lugares no Antigo Testamento que nos forçam a uma mudança de pensamento, a um novo pensamento. Na região do Asir existem santuários, altares quebrados, inscrições antiqüíssimas e até mesmo cumes de montanhas dedicados às figuras bíblicas de Abraão e Salomão.



Muros do atual templo de Jerusalém.

Na segunda metade do século passado o viajante e pesquisador francês Joseph Halévy, de origem judaica, foi o primeiro europeu a entrar — por caminhos secretos e disfarçado — no Iêmen, onde nenhum estrangeiro podia

entrar. Halévy falou de inscrições em pedra himjáricas e hebraicas, que ele viu uma ao lado da outra na mesma parede de pedra⁶. Além de Marib ele chegou a visitar a "mesquita de Salomão", cujas paredes estavam literalmente cobertas de inscrições árabes.

O inglês Harry St. John B. Philby atravessou a Arábia nos anos de 1917/18. Ele falou de inscrições e desenhos em pedra em altos cimos de montanhas, dos quais um "se parecia com um centauro"⁷, e de paredes cheias de "volumosas inscrições talmúdicas". Diante de uma outra parede de pedra Philby ficou assombrado com "uma quantidade maciça de inscrições" (...a mass of Talmudic inscriptions ...).

Cerca de 130 km ao sul da cidade de Taif — hoje residência de verão do rei saudita — fica o Dschebel Ibrahim, a montanha de Abraão, com 2.595 m, na província de Asir. Mais 150 km para o sul e estamos nos movendo na região original de Salomão, em Al Sulaiman. No cume do Dschebel Shada há restos de um altar com inscrições ilegíveis (até agora), que a população chama de Musalla Ibrahim — local de oração de Abraão.

Até mesmo Aarão, um dos irmãos de Moisés, foi imortalizado em uma montanha da atual Arábia meridional; no Dschebel Harun, o monte Aarão, com 2.100 m de altitude a sudeste de Abha, a capital da província de Asir. Profetas e pais de linhagens do Antigo Testamento atuaram nas montanhas do Iêmen, e também foram aí sepultados. Em 1950 os turistas ainda eram levados aos túmulos de Caim e Abel, no Dschebel Hadid, mas eles estão agora emparedados.

A sepultura do patriarca Hiob está situada no pico mediano do Dschebel Hesha, no Iêmen, e a tumba do profeta Hud é

até hoje um dos grandes santuários árabes, e fica ao norte de Tarim, nas montanhas Hadramaut.

Como um espinho na carne

Eruditos corajosos de crença judaica e cristã apontam sempre para o fato de que há algo suspeito na aparentemente tão fechada visão de mundo do Antigo Testamento, mas suas vozes são abafadas pelo ruidoso coro dos representantes de um ponto de vista restrito. Algum de nós, que fomos criados e educados dentro do cristianismo, já ouviu uma palavra, uma insinuação sequer de que há outras fontes das tradições além da versão bíblica do Antigo Testamento?

Em 1910, o erudito judeu Rudolf Leszynsky iniciou seu livro *Os Judeus na Arábia*⁸ com as palavras: "Não sabemos desde quando os judeus habitam a Arábia". Dois anos mais tarde Jehosehuah Feldmann expressou-se da seguinte maneira em seu livro sobre os judeus iemenitas: "Os judeus, que habitam o Iêmen há muitos séculos, talvez milênios ..."⁹. Em 1921, D. S. Margouliouth, professor de línguas semitas da Universidade de Oxford, chegou à conclusão de que os israelitas vieram originariamente da Arábia meridional: "O livro do profeta Hiob, uma obra que pertence aos cânones bíblicos, vem inequivocamente da Arábia"¹⁰. O professor de Oxford somente ousou fazer essas importantes declarações após passar anos comparando lingüisticamente o árabe e o hebraico antigos.

Todos os que nos últimos 80 anos se ocuparam com a questão da origem dos judeus do sul da Arábia chegaram a um dilema: tradições e estudos lingüísticos comparativos

forçosamente levam à constatação da existência dos judeus na Arábia meridional, deixando entretanto em aberto a questão de onde eles vieram e quando isso aconteceu. O etnólogo Hugh Scott, especialista em História dos povos árabe-meridionais, confessou abertamente esse dilema em 1947: "Os judeus eram muito numerosos na Arábia central e meridional séculos antes do advento do Islã, mas não se sabe quando eles foram para aí, e por qual rota"¹¹.

Agarravam-se a qualquer palha que promettesse a salvação, que trouxesse a bom porto as "comprovadas" interpretações da Tora e do Antigo Testamento. Não era possível que as histórias do Antigo Testamento tivessem sucedido na Arábia meridional. Não podia ser verdade que houvessem existido tradições religiosas na Arábia meridional antes de chegarem à Palestina. A briga entre cátedras estava programada até que o peso encontrado pelo Prof. Salibi fosse colocado na balança. Como solucionar o enigma dos judeus na Arábia? O etnólogo Erich Brauer constatou¹²:

"Entre os judeus do norte da Arábia correm lendas de que parte deles já se havia estabelecido na Arábia à época de Josué. Segundo as tradições dos iemenitas, os primeiros imigrantes chegaram ao país na época de Salomão. Eles contam que a rainha de Sabá teve um filho de Salomão, para o qual ela pediu que lhe mandasse professores; esses foram os primeiros judeus que vieram para o Iêmen. Segundo outra tradição, eles vieram para o Iêmen com a comitiva da rainha".

Essa opinião foi adotada pela maior parte dos eruditos. Aleluia, o enigma estava resolvido e a Bíblia tinha razão. Moisés guiou os israelitas até a Palestina, Salomão construiu o primeiro templo em Jerusalém e a rainha de Sabá aí o visitou; Salomão, ao despedir-se, presenteou-a

com mil de seus conterrâneos. E assim os israelitas chegaram à Arábia meridional!

Tomo a pequena liberdade de ratificar essa linha de pensamento. Durante 40 anos os israelitas erraram pelo Sinai, passaram fome e sede, lutaram contra seus inimigos. Finalmente chegaram à Terra Prometida, e, por fim, podiam tornar-se sedentários. Seu rei Salomão fez com que se construísse o primeiro grande templo, toda a mão-de-obra jovem trabalhou em sua construção. Ao mesmo tempo brotaram casas e escolas, aquedutos foram instalados, estradas construídas, campos tornaram-se produtivos, uma horda guerreira recrutada, sacerdotes e professores ergueram suas vozes sábias. E numa situação dessas, um Estado jovem, recém-fundado e a ser consolidado, o rei Salomão não tem nada mais importante do que dar uma ajuda de desenvolvimento para sua amada, a rainha de Sabá, que vive em um país distante 2.500 km. Ela não pertence a seu povo, não compartilha de sua religião, mas ele a presenteia com 1.000 adolescentes, mais educadores.

Essa situação verdadeiramente grotesca tem uma solução compreensível assim que aceitamos que o reino de Salomão não se identifica com a atual Palestina, estando localizado na região montanhosa de Nimas, na Arábia meridional. Então o auxílio desenvolvimentista — absurdo, partindo da Palestina — torna-se um gesto de boa vizinhança e um ato de amor do apaixonado para com sua amada.

Mandado de busca de Salomão

De onde veio Salomão? Reis venerados como ele, e justamente ele, têm antecessores. Quem havia acumulado as

riquezas? Teria sido talvez o pequeno e sabido rei Davi — sim, aquele que derrotou Golias?

Se seguíssemos rigorosamente a árvore genealógica de Salomão, ela teria de reportar-se a Abraão, que deu origem a todas as linhagens, mas

deve atingir um passado ainda mais remoto, pois o pai Abraão também tinha ascendência, que era bem esquisita.

O pai de Abraão foi Tare, de qualquer maneira é o que afirmam antigas tradições judaicas, e esse Tare — não há nenhum comentário contra — era um idolatra. O próprio Abraão confirma essa mácula paterna no Apocalipse de Abraão", relatado na primeira pessoa:

"Eu, Abraão, naquele tempo, onde meu destino foi traçado, consagrava as oferendas de meu pai Tare a seus deuses de madeira e ferro e ouro e prata e bronze e pedra. E uma vez compareci ao serviço no templo; e aí encontrei o deus de pedra Merumat caído de bruços aos pés do deus de ferro Nachon".

Os pais de Abraão eram adeptos de um culto aos astros, como havia e ocorria não apenas na Arábia e no Egito, mas também entre babilônios e minóicos, na verdade entre todos os povos da Antigüidade. Tare, o pai de Abraão, seria originário de Ur, na Caldéia, e o Prof. Fritz Hommel disse que aí "esse culto aos astros estava particularmente difundido"¹⁴. E assim o nascimento de Abraão foi também relacionado às estrelas, como descreve uma tradição judia¹⁵:

"Abraão, filho de Tare ... e de Amtelai ... nasceu em Ur na Caldéia ... no mês de Tischri ... no ano de 1948 após a criação ... na noite em que Abraão nasceu os amigos de Tare estavam ... reunidos ... em um banquete ... Então repararam em uma estrela extraordinária na região oriental do céu. Ela parecia afastar-se em grande velocidade, correndo pelos

quatro lados do céu. Todos ficaram admirados pensando se essa aparição ..."

O zangado rei Nimrod, fundador de cidades e "grande caçador entre os soberanos", mencionado por Moisés e Micha, foi advertido por seus astrólogos de que havia nascido um menino que se tornaria perigoso para o seu reino. Nimrod então mandou matar 70.000 recém-nascidos, por precaução. Claro que a mãe de Abraão amedrontou-se terrivelmente e, para dar à luz, escondeu-se em uma caverna que se iluminou com o rosto radiante do bebê ao nascer. Ninguém percebeu nada, exceto o arcanjo Gabriel, que rapidamente correu do céu para alimentar o recém-nascido. Uma bela lenda, que não valeria a pena contar se não tivesse tantas semelhanças com o nascimento de Cristo, em Belém. Naturalmente Abraão, a partir daí, deixou de ser uma pessoa comum na lenda. Em uma versão ele surgia envolto em nuvens e neblinas pelos anjos para escapar despercebido de seus perseguidores, em outra aparecia escondido dos construtores da Torre de Babel em um forno. Claro que sem nenhum efeito danoso para Abraão.

Com mil diabos! Somente após dedicar-me intensamente a Abraão é que ficou claro para mim que esse patriarca mantinha estreitas relações com extraterrestres. Na Crônica de Jerahmeel¹⁶, que por sua vez reporta-se a fontes mais antigas, afirma-se que Abraão foi o maior mago e astrólogo de seu tempo, tendo recebido sua sabedoria diretamente dos "anjos".

Essa representação coincide com os dados do Apocalipse de Abraão, onde é mostrado de forma impressionante como ele foi levado "ao céu" por dois enviados do Altíssimo. Muito acima da Terra ele viu "algo como uma luz, que não pode ser descrito", e "grandes figuras, que trocavam palavras que

eu não podia entender". É compreensível, pois quando extraterrestres levaram Abraão consigo à nave-mãe, ele não entendia a linguagem dos estrangeiros. Abraão lembra-se perfeitamente de que o local alto onde ficou movia-se para cima e para baixo, ora ele via a Terra sobre si, ora as estrelas novamente abaixo. Uma desvairada fantasia? Seguramente que não. Na época dos vôos espaciais lemos relatos sensatos de como as naves espaciais giram sobre o próprio eixo, provocando efeitos óticos que Abraão reproduziu corretamente.

Embora eu sempre tenha tido a consciência de lidar com tradições lendárias, não compreensíveis historicamente, fiquei muito surpreso ao constatar em uma obra publicada por um instituto bíblico americano¹⁷ que — como na minha linha de pensamento — aí também os visitantes de uma civilização extraterrestre são aceitos como óbvios.

No livro consta o seguinte: "Somente após o jantar Abraão descobriu que seus convidados não eram visitantes comuns. Eles tinham vindo do espaço".

Que progresso! Os teólogos também são capazes de aprender: Abraão mantinha contato com viajantes do espaço!

Seguindo os ensinamentos da Bíblia, foi-nos apregoado que Abraão teria originado todas as linhagens da humanidade; e os eruditos não estão nem mesmo certos de que Abraão realmente existiu ... e o que seu nome poderia significar.

Franz M. Böhl, professor da Universidade de Leiden, constatou¹⁸:

"O nome Ab-ram, que não vem de lugar nenhum além de Gen. 11:26 — 17:5, significa 'pai elevado' ou 'o pai é elevado'. Pode-se considerar a palavra 'patriarca' como uma tradução desse nome. Por pai entende-se aqui a divindade,

originalmente talvez o deus da Lua ... O mais provável é que Abraham seja apenas uma variante dialética ("desdobramento") do nome Ab-ram, mais freqüente".

O que o Prof. Böhl comunicou com tanta segurança no ano de 1930 foi contradito por especialistas no conceituado *Journal of Biblical Literature*¹⁹: "Originalmente Abraão não era um nome pessoal, mas o nome de uma divindade".

Passaram-se desde então 40 anos de pesquisas sobre Abraão, que, entretanto, não esclareceram muita coisa. Em uma publicação da Universidade de Yale²⁰, E.U.A., surgida em 1975, consta a notável frase: "Presumivelmente nunca estaremos em condições de comprovar que Abraão realmente existiu..."

Tudo isso é muito desconcertante, e seria totalmente insustentável não fosse o fato de multidões reportarem suas árvores genealógicas a um homem que talvez não tenha existido...

Apesar de todas as contradições, pode-se assegurar que Abraão — que portanto existiu — não pode de forma alguma ter estado em uma cidade com o nome de Jerusalém. No local onde está a atual Jerusalém existiu, talvez já no ano 2000 a.O, uma povoação arqueologicamente comprovável, mas ninguém sabe como esse lugar se chamava.

Em 1975 foi desenterrada em Ebla, no norte da Síria, uma biblioteca de placas. Pela primeira vez surgiu — em escrita cuneiforme sumeriana — uma localidade chamada Urusalim (rslm). Hieróglifos egípcios da época do faraó Amenófis III (1402-1364 a.C) mencionam uma cidade chamada Auschamen ou Ruschalimum. Ambas as variantes foram por assim dizer capturadas num golpe de mão por arqueólogos bíblicos e tomadas pela atual Jerusalém. Olhando atentamente, reconhecem-se unicamente as denominações,

faltando no entanto uma localização geográfica. A confusão é total quando se olha o Gênesis, 14:17:

"E, quando voltava da derrota de Codorlaomor e dos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma, no vale do Save, que é o vale do Rei. E Melquisedec, rei de Salém, trazendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo, o abençoou e lhe disse: Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, por cuja proteção os inimigos estão nas tuas mãos. E Abraão deu-lhe o dízimo de tudo".

Fala-se aí de um "rei de Salém". "Salém" é a posterior Jeru-Salém. Estranho. Não havia ainda a Terra Prometida, Moisés não tinha nascido ainda, o rei Davi (pai de Salomão) não tinha ainda tomado a cidade — qual? — que ele, a partir de então, chamou de Jerusalém. Quem era portanto esse "rei de Salém", que se encontrou com Abraão, e onde ficava essa cidade-reino de Salém?

Enganos eruditos

"Onde o erudito se engana, comete um engano erudito", diz um ditado árabe. De fato.

As cidades, e ainda mais as cidades-reino, não surgem num passe de mágica. Frequentemente surgiam primeiro estruturas sociais, formava-se através de gerações uma hierarquia do Estado, surgindo então forçosamente a necessidade de se construir uma cidade. É o mesmo em todos os países — em toda parte existem três condições prévias para a urbanização: tornar visível o poder do soberano, que era maior que a força dos dominados; a segurança contra os inimigos; a construção de um santuário

como manifestação de um culto comum.

A terceira manifestação era a ocasião central para a fundação de uma cidade. O culto aos astros era total entre os homens da Antigüidade. Esse culto aos astros de nossos antepassados costuma ser explicado pelo esplendor do céu estrelado, o surgimento e o desaparecimento do Sol e da Lua. As pessoas escalavam os picos das montanhas para ficar mais próximas de seus deuses, para adorá-los; construía altares a grandes altitudes, e onde não houvesse nenhuma montanha, erguiam montanhas para construir sobre elas cidades sagradas.

Até esse ponto sigo a opinião erudita geral. Mas, "mesmo quando todos concordam com uma opinião, todos podem estar errados", constatou Bertrand Russell (1872-1970). A ciência considera as divindades celestes e estelares como seres fictícios, produtos da fantasia humana, que na realidade nunca existiram. Então personagens fictícios exerciam o poder? Os homens tinham medo de semideuses? Frutos da fantasia tornavam-se visíveis e concretos aos filhos da Terra?

A ciência oferece uma explicação: não existiram "materializações", assim como não existiram deuses reais; sempre que os homens se tornavam miseráveis em algum país, procuravam um culpado. Mas como esse causador da miséria não existisse realmente para que pudesse prestar contas, todos os males — e também todos os bens — eram atribuídos aos deuses, que somente então tornaram-se uma realidade para os homens. Erupções vulcânicas, terremotos e tempestades sempre foram tidos como manifestações divinas, e daí surgiram as religiões da natureza.

Isso soa claro, mas então aconteceu o monstruoso, que não mais se encaixa no conceito: os deuses começaram a falar.

Eles davam instruções, instituíaam proibições e mandamentos, criaram leis, em casos individuais comprovados levaram pessoas consigo às suas distantes "cidades celestes", demonstraram aos povos o poder técnico de que dispunham, transmitiram-lhe novos conhecimentos, que estavam muito além de seu estado de desenvolvimento. Os eleitos, que transmitiram as instruções dos deuses a seus conterrâneos, fizeram-no — em todo o mundo! — na primeira pessoa: ... e eu ouvi ... e eu vi ... ele me disse ... ele me mostrou ... ele me ordenou ... vá até lá ... Desde que os homens podem falar, a primeira pessoa indica o testemunho ocular. Em muitos casos, essas comunicações que foram depois declaradas "profecias" eram acrescentadas aos dados testemunhados pessoalmente quando e onde ocorresse um acontecimento, nomeando os deuses participantes ou suas tropas de apoio.

Uma situação esdrúxula!

Os deuses não teriam existido. Todas as mensagens feitas em seus nomes devem ter sido então invenções, ficções — ou mentiras! — dos profetas que queriam fazer-se importantes. Não é o cúmulo da falta de lógica compilar esses relatos mentirosos nos livros sagrados da humanidade? Não é pura loucura, segundo essa estranha metamorfose, essa distorção, considerar então as profecias absolutamente verdadeiras, como o mais puro ouro da santa verdade? Devemos "acreditar" nelas?

Fios vermelhos com nós!

Tenho certeza de que estou exigindo muito de meus leitores quando deixo que participem da busca por um fio vermelho

em meio ao labirinto de tradições antigas, tanto sacras como profanas. Como consolação posso mencionar o fato de que nos últimos anos passei mais tempo em bibliotecas do que em casa, e que estas páginas expõem apenas um extrato de uns 100 livros que constituíram minhas leituras.

Novamente o problema central são sempre nomes e datas, que não estão incorretos apenas nos livros sagrados. Podemos ler no Gênesis, 15:13:

"E foi-lhe dito: Sabe, desde agora, que a tua descendência será peregrina numa terra não sua, e será reduzida à escravidão, e afligida durante quatrocentos anos... (vers. 16). Mas, à quarta geração, voltarão para aqui..."

A arqueóloga Kathleen M. Kenyon, baseando-se em pesquisas recentes, resume²¹:

"De qualquer forma, não há mais nenhuma necessidade de se discutir as cronologias apresentadas na Bíblia. Elas se contradizem por si só. Aceitar um intervalo de 400 anos para a permanência e ao mesmo tempo constatar que já a quarta geração, após a ida ao Egito, participou do Êxodo são duas afirmações tão evidentemente incompatíveis uma com a outra, que somos obrigados a classificar o cálculo daí resultante como não histórico".

A cronologia bíblica é um grande disparate. Ela não pode coincidir, pois as datas foram distorcidas e alteradas para adaptar-se a um determinado modelo. Caso ainda vivesse, Abraão teria se deslocado para lá por volta de 1800/2000 a.C. Ele gerou Isaac e Jacó, cujo pobre filho José foi vendido ao Egito pelos irmãos desalmados. Aí os israelistas teriam se multiplicado até formar uma população considerável, ainda que nenhuma inscrição egípcia, nenhum papiro quebradiço diga uma única palavra a respeito. O povo não estava bem. Por volta de 1200 a.C, num momento

de grande aflição, entram em cena no palco do destino os salvadores Moisés e Aarão: começa o Êxodo do Sinai, que durou 40 anos. Jericó, na atual Palestina, é conquistada — um fato que arqueologicamente é rechaçado sem contestação. Os familiares heróis bíblicos Samuel, Sansão, Saul e Davi vencem batalhas. Por volta de 970 a.C, o rebanho esfolado pode finalmente descansar. O rei Salomão pode encomendar a construção do primeiro templo.

Uma cronologia notável, cujo final não pode dar certo porque o começo também está incorreto. A história dos israelitas só começa a ser historicamente datável a partir do momento de sua libertação do cativeiro babilônico, quando construíram o chamado segundo templo. Esse ficava realmente na atual Jerusalém, pois há testemunhos históricos suficientes a respeito. Mas o primeiro, o templo salomônico, estava localizado na região montanhosa árabe-meridional de Nimas.

Não haverá provas concretas para esta constatação enquanto não forem feitas escavações em Al-Sarim, na província de Asir, e até aí será preciso trabalhar com indícios, mas este é também um "trabalho de campo" gratificante e de muito interesse.

Na antiga Arábia meridional o culto aos astros era tão intenso quanto em qualquer outra parte do globo terrestre. Conhecem-se os nomes de alguns deuses estelares e ídolos, bem como uns dois locais de culto. Os cronistas o souberam por Amr bin Luhajj, que pela primeira vez empreendeu uma viagem pela Arábia²²:

"Nessa ocasião ele teria visto que as pessoas adoravam ídolos; quando perguntou a elas em que condições isso se dava, responderam-lhe: 'Esses ídolos são soberanos que erigimos segundo a forma de pessoas humanas e das

moradas celestes".

"Moradas celestes" e "pessoas humanas" serviram de modelo; modelos de quê? As estrelas sempre foram pontos luminosos no firmamento, não servindo de estímulo para a construção de ídolos nem mesmo com a mais fértil das fantasias. O homem sempre imitou o que adorava, mesmo quando não o compreendia²³. Os árabes do sul copiaram realidades, criaram representações de coisas vividas. Teriam eles copiado na forma de templo a "morada celeste" de um "soberano", um descendente dos deuses que teria descido nas montanhas? Os santuários deviam ser muito atraentes para que as pessoas se reunissem lá para adorar os deuses... com o que foi dado o impulso inicial para a formação de povoações à sua volta. O santuário comum ainda não era suficiente. Os deuses tinham que ser poderosos, tinham que demonstrar seu poder. Não podiam enferrujar nem cair de seus pedestais, pois deixariam de ser dignos de crença. Deuses precisam realizar algo, precisam exercer seu poder para que sejam adorados.

Melquisedec, o rei sacerdote, era um personagem tão poderoso quanto misterioso. Segundo os Ditos dos Judeus dos Tempos Antigos²⁴, houve um "nascimento celeste"; o próprio "soberano" implantou seu sêmen em Sopranima, mãe de Melquisedec. (Uma concepção in vitro?) Melquisedec era, portanto, filho dos deuses, e na época de Abraão ele teria sido rei de Salém. De Abraão já sabemos que desde seu nascimento contava com a proteção celeste, e que o "Altíssimo" — segundo a antiga tradição judaica — "amava especialmente Abraão". Abraão encontrou-se com o rei de Salém, um "sacerdote do Deus Altíssimo", e ambos imediatamente entenderam-se de maneira admirável: o rei sacerdote abençoou Abraão. E isso não deveria ser de

estranhar, pois ambos pertenciam à crème de la crème; eram descendentes dos deuses e portanto ligados de alguma forma.

O rei de Salém dispunha de poder, era temido e venerado; as pessoas estavam dispostas a construir para ele a cidade de Salém (sim). A centralização do reino consolidou-se na construção de uma residência e de um templo.

Nesses tempos não passíveis de datação existiam, tanto aqui como em outros lugares, muitos descendentes de deuses. Somente o profeta Henoque fala de 200 "sentinelas celestes" que baixaram à Terra, transformada por seus descendentes em motivo de litígio. Tratava-se de reivindicações territoriais em que as pessoas armavam-se para defender seus territórios, cercando-as com fortificações. Os filhos dos deuses cuidavam do planejamento para a construção de palácios e residências, enquanto o trabalho pesado ficava a cargo de seus súditos, estimulados e subjugados através de demonstrações de poder que às pessoas pareciam mágicas e sobrenaturais, o que afinal eram mesmo. Em troca dos serviços prestados, os divinos prometiam ajuda em caso de guerra.

Nessa luta competitiva dos descendentes dos deuses pelos melhores lugares torna-se compreensível a rígida exigência: Você não terá nenhum deus ao meu lado! Moisés não foi o primeiro a defender essa ordem estrita, e o direito autoral tampouco pertence a Abraão. Seu pai Therach era ainda um adepto do culto puro aos astros. Muitos deuses deixavam os crentes inseguros, não ficava claro para as pessoas a quem elas pertenciam. Veio a época da divisão da terra, as disputas pelo poder dos descendentes dos deuses. Todos cuidavam ciosamente de que suas hordas de trabalhadores não os abandonassem devido a manipulações da

concorrência, evitavam que os ingênuos fossem oferecer dinheiro, ouro e pedras preciosas em portas erradas. Por isso a palavra de ordem era: Você não terá nenhum deus ao meu lado!

Salém foi a princípio a residência de um "sacerdote do Deus Altíssimo". Melquisedec, o rei, é comparável ao "nascimento celeste" do rei Minos de Creta, que era filho do deus-pai Zeus. Com o passar do tempo o poder dos descendentes dos deuses diminuiu, as gerações posteriores sabiam cada vez menos a respeito da tecnologia dos pais ultraprimitivos. E assim o poder passou para os sacerdotes. As pessoas sentiam cada vez menos veneração, pois deixavam-se enganar menos, reconhecendo também a impotência dos ídolos venerados. Há muito que não se avistava mais extraterrestres em gigantescas naves-mãe, as tripulações tinham — segundo informam tradições indianas — se aniquilado mutuamente ou tinham prosseguido viagem para corpos celestes distantes. Quando um rei chamado Salomão tornou-se senhor de Salém, a cidade devia ser ainda bastante próspera, e Salomão dispunha ainda da herança tecnológica de seus antepassados celestes (carro voador).

Mas este Salomão de Salém não pode ser o mesmo Salomão da Bíblia, segundo a qual ele é do ano de 970 a.C. Chega-se a presumir que existiu um arquivo "Salomão", no qual foram colocados todos os indícios pertencentes à misteriosa personagem, e do qual os cronistas serviram-se à vontade. Na tradição judaica Salomão figura como sábio cavaleiro e campeão das mulheres, adorador tanto do Deus único quanto adepto do politeísmo. No Segundo Livro das Crônicas ele tem a fama de ser "o maior rei da Terra", que "dominava todos os reis, do Eufrates à terra dos filisteus e

até a fronteira do Egito". Os árabes atribuem a ele construções em todo o mundo, afirmando no Alcorão que "espíritos" teriam trabalhado para ele, que ele teria sido o "senhor dos ventos", que teria reinado por 350 anos e que teria estado em vários lugares praticamente ao mesmo tempo. Os etíopes representam Salomão como sendo incomensuravelmente rico, guardião da Arca da Aliança, proprietário de uma frota de veículos voadores e sedutor da rainha de Sabá.

É bastante para um homem com uma cabeça, dois braços e duas pernas.

Ninguém sabe quem Salomão foi realmente e quando ele teria de fato vivido. Ele é uma peça no quebra-cabeça da Antigüidade, como Melquisedec, Abraão e a rainha de Sabá. Os repórteres da época somente constataram que Salomão teria sido rei de Jerusalém. Comprovadamente uma cidade chamada Jerusalém foi destruída pelos babilônios em 586 a.C. Mas qual Jerusalém ? Aquela em que reinava o lendário Melquisedec ... ou a atual Jerusalém na Palestina?

Lágrimas para Jerusalém

Parte do Antigo Testamento são cinco lamentos nos quais chora-se pela cidade de Jerusalém destruída. O primeiro, segundo e quarto lamentos começam com o suspiro "Ah!" A cidade de Jerusalém é enaltecida por seu tamanho e número de habitantes, e agora está abandonada. Todo o esplendor desapareceu, os conquistadores pilharam os tesouros, os objetos sagrados do templo foram profanados ou roubados. Virgens e adolescentes são escravizados, os inimigos riem da Jerusalém outrora tão orgulhosa. Profetas, sacerdotes e

juizes são escarnecidos e presos, os perseguidores espreitam como a "águia nas montanhas". Ao lembrar-se da orgulhosa cidade, lágrimas vêm aos olhos do autor dos lamentos: "O peito me queimava, meu coração se rompia".

Como não estão assinados, os lamentos são atribuídos a Jeremias. Esse profeta do século VI a.C. era um contemporâneo incômodo e venenoso. Advertiu os habitantes de Jerusalém quanto aos babilônios, embora ele mesmo mantivesse contato com o inimigo. Zedequia, última rainha de Judá (597-586 a.C.), atirou o admoestador em uma cisterna, que entretanto não continha água, e assim Jeremias sobreviveu. O vencedor Nabucodonosor II (605-562 a.C.) ordenou sua libertação e providenciou para que ele não sofresse nenhum mal. E assim o profeta pôde movimentar-se livremente, enquanto seus concidadãos marchavam agrilhoados para o cativeiro. Soldados babilônicos, que não foram atingidos pelo decreto real, acorrentaram o estranho passeante e o levaram com os outros presos em direção a Babel. O engano foi corrigido, Jeremias solto novamente, mas nunca mais retornou à Jerusalém destruída. Os israelitas que viviam no campo submeteram-se ao domínio babilônico, fugindo então em grupos. Um, que se dirigiu ao Egito, incluía Jeremias. Aí ele desapareceu da história.

Quando então teria Jeremias escrito seus lamentos? Os teólogos acham que ele o fez enquanto a cidade era ainda sitiada e destruída. Essa suposição especulativa não se sustenta, pois durante esse tempo Jeremias estava na cisterna, gozando em seguida de um curto período de liberdade para ser novamente acorrentado. Guerra. Destruição. Prisão. Este não era exatamente o momento de lazer, no qual o profeta pudesse escrever seus poemas dispostos em ordem alfabética. Em todos os lamentos

Jerusalém já está destruída. Além disso, a destruição já aconteceu há algum tempo, pois o autor dos poemas lamenta-se "que a montanha está desolada, e raposas vagam por ela".

Em sua dissertação do ano de 1889", que trata exclusivamente dos lamentos, Heinrich Merkel fez o seguinte resumo: quem quer que tenha composto os lamentos, recorreu a fontes mais antigas, e Jeremias fica eliminado como autor: "Temos portanto que abjudicar nossas canções a Jeremias, pois a crítica assim o exige".

Sentença:

Jeremias estava presente à destruição de Jerusalém, sendo então acorrentado, pois os lamentos referem-se à cidade já destruída. Além disso, foram utilizadas fontes mais antigas. Os lamentos podem, portanto, não se referir à atual Jerusalém. Chorou-se o aniquilamento de uma Jerusalém mais antiga.

Seria essa Jerusalém aquela Salém regida pelo lendário Salomão, na qual um dia reinou o rei-sacerdote Melquisedec?

Enquanto estou escrevendo isto, ouço atrás de mim a voz do meu leitor: "O que, Sr. von Däniken, tudo isso tem a ver com sua teoria? Por que o senhor se agarra de maneira tão fanática a uma Jerusalém antiga?" Calma.

Se os descendentes dos deuses atuaram como reis-sacerdotes, deveria então ser possível encontrar nas sedes de seus domínios provas da herança tecnológica recebida, ao menos pinturas murais, inscrições, relevos, objetos de culto! Nada foi descoberto sobre o templo da Jerusalém atual, nem mesmo uma única prova de que o templo salomônico tenha um dia existido. Portanto, é preciso procurar em outro lugar. Baseado em suas comparações de nomes de lugares, o Prof.

Salibi ficou convencido de que a antiga Jerusalém ficava nas montanhas Nimas, em Asir, em algum lugar próximo à localidade de Al-Sarim. Não acredito muito nas possibilidades de aí ainda encontrar alguma coisa. A cidade foi arrasada totalmente, as pilhagens das hordas guerreiras foram demasiadamente minuciosas. E: desde o acontecimento passaram-se dois milênios e meio.

Capitulação? Não. É possível que alguma coisa tenha sobrevivido à destruição. Mas isso é uma nova história.

O eterno Ezequiel

Há vinte anos dedico especial atenção aos textos do profeta Ezequiel. Quanto à biografia desse homem interessante, profeta israelita da casta sacerdotal. Foi deportado para a Babilônia, e aí aclamado profeta. Anunciou o colapso do Estado de Judá e a destruição de Jerusalém. Já escrevi muito sobre Ezequiel em quatro livros. Ele continua sendo uma mina. A novidade neste livro é vibrante, mas faz-se necessário um pequeno preâmbulo para sua total compreensão.

Ezequiel descreveu pormenorizadamente a aterrissagem de um estranho objeto, que ele caracterizou como "Magnificência do Senhor". Exatamente como um repórter moderno, ele anotou apenas o que viu: asas — rodas — aros — olhos — algo flamejante e o barulho do estranho objeto quando este se ergueu da terra.

Essa descrição detalhada animou o ex-engenheiro da NASA Josef Blumrich a tentar uma reconstrução na prancheta. O resultado foi uma nave espacial de transporte com forma característica. Terminando em ponta, ela era mais larga em

cima, semelhante a um enorme pão. Esse objeto servia para transportar carga entre a estação de base terrestre e uma nave-mãe em órbita.

O repórter Ezequiel descreve não apenas a nave de transporte mas também, com a mesma exatidão, um templo que foi mostrado a ele sobre uma "montanha muito alta", sobre o qual a nave espacial aterrissava: "E quando olhei, a 'magnificência do Senhor' encheu o templo" (Ez. 44:4)

Esse é o templo.

No outono de 1984 recebi uma carta do Sr. Hans Herbert Beier, engenheiro-chefe de uma grande empresa alemã, que eu não conhecia. O Sr. Beier escreveu que nos últimos anos havia se dedicado intensivamente aos textos de Ezequiel, e, seguindo suas detalhadas indicações, havia reconstituído o templo. O Sr. Beier escreveu dizendo que se tratava de um trabalho técnico levado a cabo com minuciosidade científica, e perguntava se eu estava interessado. Minha resposta não poderia ser mais clara. Durante os meses seguintes cerimoniosamente acompanhei uma palpitante descoberta, participando da clara e espantosa reconstituição do "templo de Ezequiel".

Informei o engenheiro da NASA Josef Blumrich, em Estes Park, Colorado. Surgiu uma correspondência entre os dois técnicos, e ambos ficaram espantados: a nave de transporte reconstituída por Blumrich encaixava-se exatamente e em todos os pormenores na reconstituição do templo feita por Beier! As informações de Ezequiel foram comprovadas em dois continentes por dois engenheiros independentes um do outro! — Blumrich já havia completado sua reconstituição da nave espacial em 1971, enquanto o trabalho de Beier somente começou em 1976.

O que há de sensacional nessa história e o que tem ela a ver

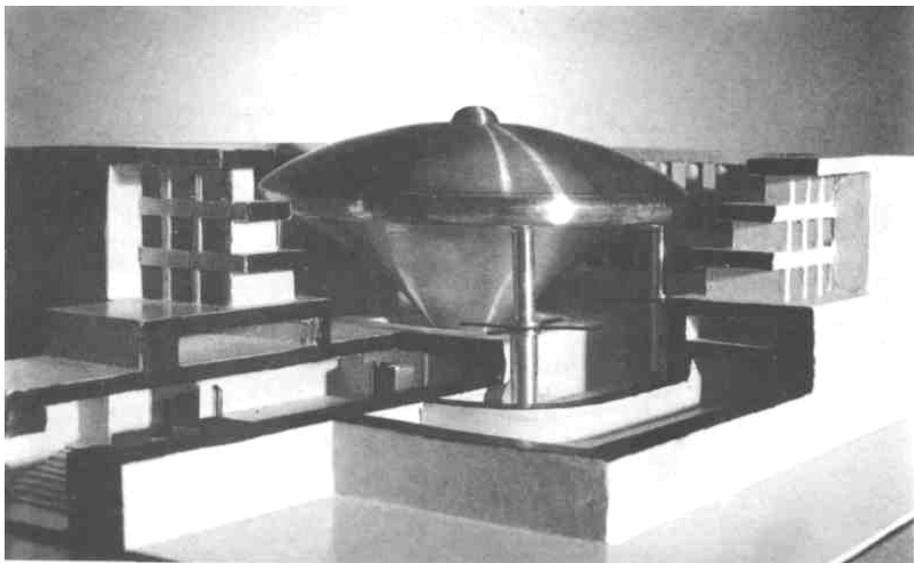
com o templo de Salomão?

Todos nós já testemunhamos a decolagem de uma nave espacial via TV. Há uma rampa alta como uma torre com vários andares que circunda o foguete. A fuselagem é controlada de cima a baixo, e durante a contagem regressiva, que dura várias semanas, trabalha-se duramente. Por meio de um emaranhado de mangueiras, cada estágio da nave é enchido de combustível. Então, antes da partida, acontece o seguinte: a torre é retirada lateralmente, o foguete permanece por si só na posição vertical sobre a gigantesca base, e a parte inferior da torre de partida vai ao chão. Mais abaixo ainda há um sistema de canos, bombas e tanques imensos que apagam as chamejantes radiações expelidas por ocasião da partida. No momento em que o foguete é aceso, uma cortina de água espirra da rede de canos, apagando a cauda em brasa e resfriando o enorme equipamento de lançamento.

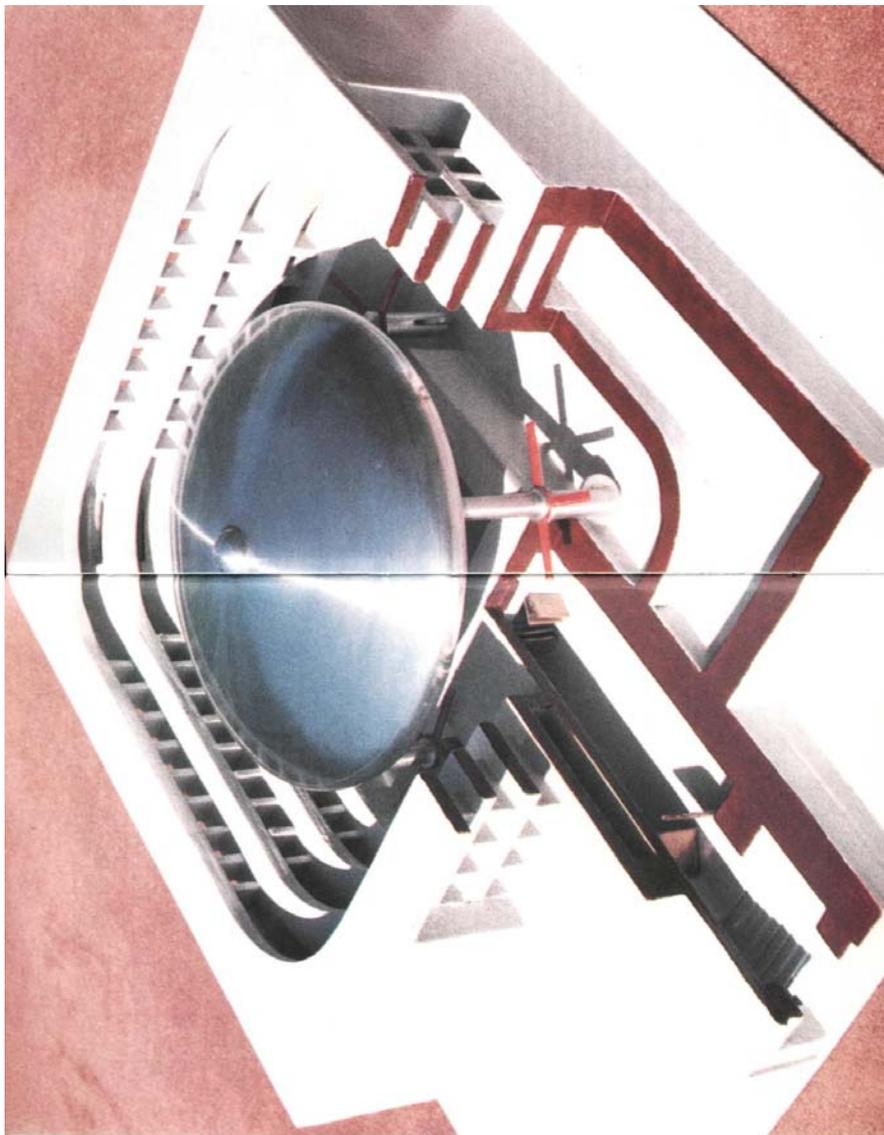
Qual deveria ser a aparência de uma rampa de lançamento para uma nave espacial em forma de pião? As rampas atuais têm a forma de torres, pois os foguetes erguem-se em direção ao céu como obeliscos. Esses foguetes só são necessários para o lançamento, porque em seguida eles se desintegram no espaço. (No caso do ônibus espacial, seus tanques externos caem de pára-quedas no mar e podem ser utilizados novamente.) Trata-se, entretanto, de uma nave de transporte que como um avião deveria ser continuamente esperada, não havendo portanto apenas rampas de lançamento, mas rampas de espera também, para que se possam aproximar da nave por todos os lados. A rampa de espera de uma nave de transporte em forma de pião teria em sua parte inferior a forma de uma cunha afilada, ajustando-se aos estágios mais baixos da nave — quanto mais alto

subimos na rampa de espera, mais larga ela se torna em todos os lados, aberta como um estádio, subindo em andares cada vez mais afastados um do outro. As reconstituições de Beier resultaram exatamente nessa forma.

Em seu livro *A Testemunha Principal Ezequiel*¹⁰, Hans Herbert Beier apresentou mais de 90 desenhos da construção, parte deles coloridos, que correspondem nos mínimos detalhes à descrição de Ezequiel. O "templo" não era originariamente um santuário, e sim uma rampa de espera com oficinas anexas, com salas e quartos para a guarnição.



Esta é a aparência do templo reconstruído de dentro para fora. Parece mais uma estação de manutenção que um santuário.



O engenheiro Hans Herbert Beier reconstruiu o templo descrito pelo profeta Ezequiel. Aqui está o modelo, com a nave espacial de transporte sobre a qual passamos a falar.

Nunca saberemos que combustível foi usado na época. O especialista da NASA Blumrich arrisca que a energia seria fornecida por um reator nuclear movido a combustível nuclear. (Muitos submarinos russos e americanos empregam essa fonte de energia!) A cada reação nuclear há dois problemas: calor, que deve ser resfriado, e também resíduos radioativos. Tanto a nave transportadora quanto a rampa de espera deviam estar dispostas de acordo. O resfriador para o reator estaria localizado abaixo, na parte afilada da nave, e correspondentemente neste ponto a rampa deveria ser recoberta com material resistente ao calor. Os elementos radiativos queimados deveriam ser armazenados em algum lugar, talvez enterrados. Como na época não deveria haver depósitos temporários ou definitivos, já que essa tecnologia era extremamente avançada, presume-se que ainda hoje elementos residuais possam ser encontrados nas proximidades imediatas da rampa. E caso a energia utilizada não fosse proveniente de um reator nuclear, existiriam combustíveis líquidos, talvez também algum no estado sólido. O que se quer dizer é o seguinte: sob a rampa de manutenção, sob o "templo", deveria haver canos, de condução e de vazamento. Consertos especialmente difíceis com toda a certeza não poderiam ser feitos enquanto houvesse combustíveis explosivos nos tanques. Esse combustível residual teria antes que ser sugado. Correspondentemente, ainda hoje deveria haver um emaranhado de canos condutores e de escape.

Caso a Jerusalém de Salomão tenha sido aquela do rei-sacerdote Melquisedec, extraterrestres ainda estariam mantendo a estação de manutenção em funcionamento à época de Abraão e Melquisedec, mas as gerações seguintes não sabiam mais o que fazer com ela. Eles estilizaram o

complexo, transformando-o em "templo", pois fora aí que os deuses haviam estado como visitantes. Salém tornou-se Jerusalém, e Jerusalém foi destruída. De acordo com essa equação, deveria haver, apesar dos milênios transcorridos, canos ou resíduos radioativos no solo da atual aldeia de Al-Sarim.

Críticos e estudiosos de Ezequiel vão argumentar dizendo que há um ponto fraco em minha teoria, pois o profeta escreveu seu testemunho ocular entre 595 e 570 a.C, quando, segundo minhas próprias declarações, os extraterrestres há muito tinham deixado nosso sistema solar, não sendo portanto possível que tenha existido uma ponte aérea através da nave de transporte.

Dois contra-argumentos:

É bem possível que aqueles grupos de extraterrestres que abandonaram nosso sistema solar, nos tempos lendários de Abraão e Melquisedec, tenham retornado 1.500 anos depois para verificar que frutos havia produzido sua ajuda desenvolvimentista à humanidade. E: a datação dos textos de Ezequiel é incerta; as comunicações de Ezequiel resistiram a muitas interpretações ao longo dos séculos. Em uma análise²⁷ surgida em 1981, trabalhou-se com 270 (!) ensaios sobre o Livro de Ezequiel.

O texto do profeta, que antigamente era sacrossanto, passa a ser dissecado e radiografado. Semanticistas constataram que o estilo e o vocabulário permitem pressupor mais de um autor. Por isso a maioria dos estudiosos do Antigo Testamento defendem a opinião de que o Livro de Ezequiel é o trabalho de um conjunto de autores, que mesclaram textos mais antigos ao original. Portanto, a descrição de Ezequiel da "magnificência do Senhor" não deve de forma alguma ser transferida para o período ativo do "verdadeiro"

profeta Ezequiel (entre 590 e 570 a.C). Isso quer dizer que o que foi descrito no livro do profeta pode — citando fontes mais antigas — ter ocorrido muito, muito antes.

"Feliz aquele que conseguiu reconhecer as razões das coisas." Sêneca (c. 55 a.C-40 d.C.).

Capítulo 3

DEUSES, TÚMULOS E VIGARICES

DIGA-ME ONDE ESTÃO OS TÚMULOS...

A falta de poder de julgamento é na verdade aquilo que se chama estupidez, e tal falta não pode ser remediada.

Immanuel Kant (1724-1804)

Figuras fantásticas e alguns personagens bíblicos não encontraram a morte, à qual todas as pessoas estão predestinadas. O profeta e patriarca Henoque não morreu; na veneranda idade de 365 anos ele foi "elevado" em carne e osso ao céu. O profeta Elias, de Israel, também levou consigo seu corpo ao desaparecer no infinito em um "carro de fogo" (Quarto Livro dos Reis 2:11). Outras figuras proeminentes do Antigo Testamento atingiram idades com as quais nossos geriatras não ousam sonhar. Adão, o pai primordial da humanidade, viveu 930 anos; seu filho Seth chegou aos 912 anos; o filho deste, Enos, aos 905, e o bisneto de Adão, o filho de Enos, Kenan, viveu por 910

anos. E assim a coisa prossegue com a alegre turma de anciãos no 5.º capítulo do Gênesis: Mahalaleeh atingiu os 895, Jahred, 962. Henoque — naturalmente antes de partir para o céu — criou Matusalém, que com 969 anos detém o recorde das idades bíblicas. Lameque, o pai de Noé, viveu apenas a bagatela de 777 anos, ficando assim atrás do filho, que novamente bateu em 950 anos. As poucas amostras apresentadas aqui somam, juntas, o número recorde do Guinness de 7.566 anos. E se eles não estão mortos...

Eles estão — com exceção de Henoque — mortos, e pessoas mortas deixam seus restos mortais na Terra. Personagens com vidas tão longas devem ter ficado gravados profundamente na consciência de muitas gerações, que devem ter orado por sua paz eterna em tumbas suntuosas. Nem uma única dessas tumbas pode ser encontrada. Talvez as águas do dilúvio de Noé as tenham varrido do mapa, mas onde estão os ossos dignos de veneração? Onde estão as grutas com inscrições das datas de suas mortes? Onde estão os sarcófagos, os adornos fúnebres?

Abraão, o patriarca, deixa muitos indícios e nenhum

A localidade de Mambre, 2 km ao norte da atual cidade de Hebron, em Israel, foi um dos principais locais onde atuou o lendário Abraão, um dos três patriarcas israelitas. Neste lugar a "montanha do profeta" ergue-se a 1.025 m de altitude.

Essa região montanhosa é o pano de fundo clássico da narrativa de Abraão. Aí ocorreram sinais e prodígios.

Segundo o Gênesis (13:18), Abraão instalou-se em Mambre com seus rebanhos e tendas e aí ergueu um altar ao Senhor. Daí ele, juntamente com 318 servos, saiu em perseguição a guerreiros babilônicos para libertar Lot e sua família. Mambre foi também o local do memorável encontro entre Abraão e o "Senhor", que prometeu ao patriarca que sua descendência seria tão numerosa "quanto as estrelas do céu". Também em Mambre o Senhor ordenou a circuncisão ritual. Abraão, que já então com seus 99 anos estava praticamente além do bem e do mal, foi o primeiro a dar o exemplo e deixou que lhe cortassem o prepúcio — juntamente com seu filho de 13 anos Ismael, escravos e servidores, bem como os hóspedes de sua tenda (Gên. 17:23 e segs.).

Naquela época a coisa era bastante emocionante em Mambre. Havia rendez-vous sensacionais. Um dia Abraão estava sentado diante de sua tenda quando três seres misteriosos vieram fazer-lhe uma visita. Hospitaleiro como era, o patriarca mandou matar uma tenra novilha, com a qual generosamente recebeu os estrangeiros... embora o filho Isaac sussurrasse para a mãe Sara que esses estranhos "não pertencem à mesma espécie dos habitantes da Terra"¹. No Testamento de Abraão, uma antiga tradição judaica, os visitantes repentinos são caracterizados como "homens celestes", que "desceram do céu" e aí tornaram a desaparecer.

Sim, Mambre foi um lugar cheio de histórias, um lugar que normalmente estaria coalhado de monumentos, túmulos e inscrições para a posteridade. Mas aqui não foi assim. É verdade que em Mambre encontram-se restos de um muro monumental, grandes blocos de pedra, mas não há o mais remoto indício de Abraão ou de seus visitantes celestes. Se

os artesãos contemporâneos tivessem ao menos feito um esboço do carro de fogo ou o retrato de um dos visitantes do infinito, eu exaltaria Mambre como local de encontro entre terráqueos e extraterrestres! Os arqueólogos estão também bastante perplexos, eles não têm idéia do que poderiam significar os fragmentos de monólitos. Segundo a corporação a que pertencem, os arqueólogos já fizeram de Mambre o redil de Abraão, o túmulo de Abraão, um memorial para Esaú, uma residência do rei Davi, enfim, um bíblico à la cartel Arqueólogos menos bíblicos vêem nos mesmos rudimentos uma construção bizantina, um santuário romano, um muro inacabado². Até mesmo no que se refere à idade das relíquias de Mambre as informações eruditas na literatura especializada divergem em até 3.000 anos.

A Bíblia afirma que Abraão comprou um lote de terra com um sepulcro "em frente de Mambre" por 400 siclos de prata (Gên. 23:9 e segs.); fez com que aí fossem enterrados ele e sua mulher Sara, e no jazigo familiar teriam sido colocados também seus filhos Isaac e Jacó com suas esposas Rebeca e Lia — respectivamente — seis personagens bíblicas em um só túmulo! Seguramente contemporâneos tão importantes e considerados seriam enterrados com pompa e circunstância, um monumento intocável para as gerações futuras recordarem. Deveria ser um santuário identificável até hoje, pois a Bíblia dá até mesmo o nome do túmulo de Abraão: caverna de Machpela.

No centro da cidade de Hebron, ergue-se a imponente e quadrangular mesquita de Al-Jbrahimi, um imenso espaço de oração para muçulmanos, judeus e cristãos, ricamente guarnecido de tapetes e lanternas. Nos dois lados da nave central há criptas sob as quais estariam os túmulos de Isaac e Rebeca. Do lado direito há um púlpito adornado

artisticamente, do ano de 1091. Versículos dourados do Alcorão brilham nas paredes. Através de uma grade de latão reluzem panos de um rico verde bordados com inscrições árabes douradas. Os símbolos dizem: Este é o túmulo do profeta Abraão. Ele descansa em paz. Panos bordados em ouro cobrem dois grandes cenotáfios*. Quatro pequenas colunas brancas sustentam uma estrutura de mármore semelhante a um baldaquim. Encaixado no piso de mármore há um pequeno muro heptagonal, com 15 cm de altura, coberto com uma placa de madeira escura. Abaixo, 68 degraus íngremes devem levar à câmara mortuária de Abraão. Devem! A mesquita é na verdade um dos lugares mais sagrados dos maometanos e dos judeus, mas quanto a túmulos, sarcófagos, relíquias, complementos e inscrições fúnebres, não há nada à vista.

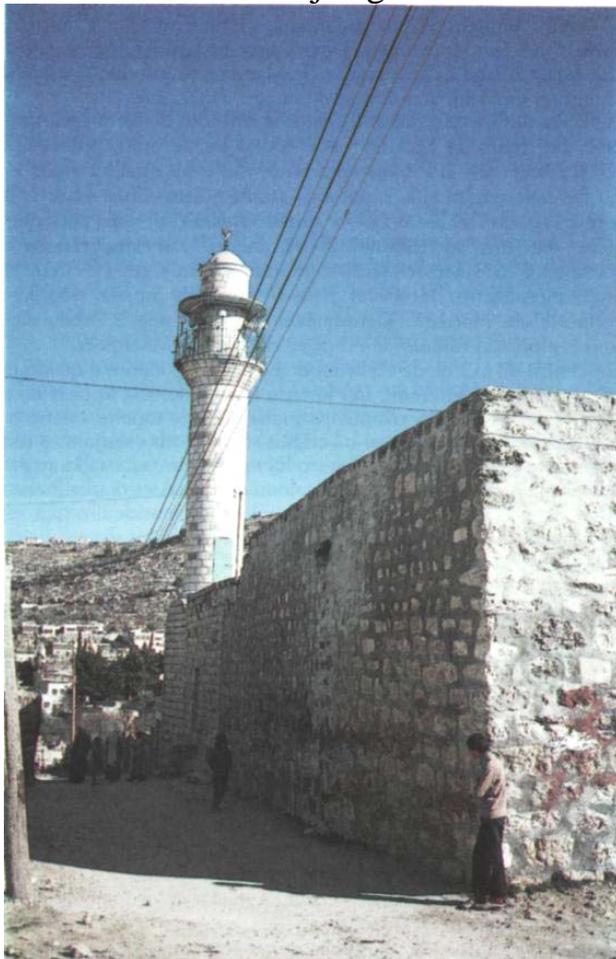
* Túmulo vazio em memória de um morto que não está aí enterrado. Aparentemente o cenotáfio é igual aos túmulos normais.

Pergunto: os ossos de Abraão (e de sua família) estarão mesmo sob a mesquita? Ou os crentes estão sendo enganados?

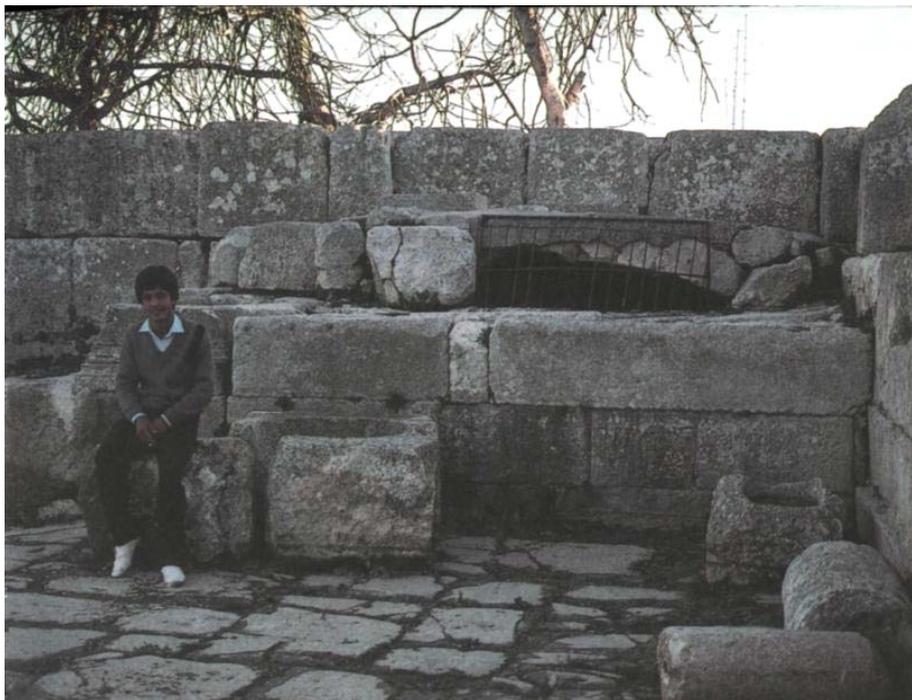
Já na época das cruzadas (de fins do século XI até o final do século XIII) existia uma mesquita islâmica em honra dos túmulos. Não se sabe o que aí havia antes. Após a tomada de Hebron os cruzados transformaram a mesquita em um mosteiro cristão e mudaram o nome de Hebron para "Cidade de Santo Abraão".

Um monge sentiu uma corrente de ar enquanto meditava; contou isso a seus irmãos, e no dia seguinte todos juntos procuraram avidamente o sepulcro de Abraão. Até então eles sabiam apenas pela tradição que a caverna Machpela

devia ficar no local do mosteiro. Com pequenos martelos de madeira esses senhores religiosos bateram no chão até encontrar um ponto que soava oco. Então uma placa de pedra foi removida, embaixo havia uma cavidade; os monges desceram uma escada íngreme cantando hosanas, para dar de cara com uma parede de pedra. Dessa vez grandes martelos foram empregados, uma parede ruiu, e os monges entraram em uma pequena sala arredondada, vazia. Não havia o menor sinal de um jazigo.



Nesta mesquita de Si'ir, em Zior, uma aldeia árabe ao norte de Hebron, está a sepultura de Esaú.



Em Mambre — 2 km ao norte da atual cidade de Hebron, em Israel — teria atuado o patriarca Abraão.

Um dos piedosos prospectores não se conformou com a decepcionante descoberta e, tateando a parede, encontrou uma pedra em forma de cunha que nela estava encaixada. Ao pressioná-la, a parede se abriu para uma gruta. Então, à luz trêmula das velas, os monges descobriram ossos brancos no chão e, em um nicho, 15 urnas nas quais havia restos de ossos. Mas não encontraram nenhuma lápide, nada que indicasse

Abraão e sua família. O abade organizou uma festa. Hinos

foram entoados em honra ao Senhor. Alguns ossos foram vendidos como relíquias, outros teriam sido deixados na caverna. "Desde então nenhuma pessoa esteve na caverna de Machpela", constatou o pesquisador e viajante dinamarquês Arne Falk Ronne, que estava seguindo o rastro de Abraão'. Não é mais possível checar se a descoberta do túmulo feita na Idade Média ocorreu exatamente dessa maneira, se os monges e/ou cruzados não encontraram realmente nada, absolutamente nada que se referisse a Abraão ou quanto daquilo que encontraram foi transformado em cobiçadas relíquias. Sabe-se apenas que na época das cruzadas muitos objetos da Terra Santa foram enviados a mosteiros europeus e ao Vaticano. Restam muitas perguntas acerca da região. Só sei que hoje nada mais pode ser provado: os muçulmanos não se atrevem a entrar na gruta de Abraão, pois Alá ameaçou com a cegueira aquele que perturbasse a paz do túmulo de Ibrahim. Por razões nominalmente semelhantes, os judeus ortodoxos proíbem qualquer pesquisa arqueológica. Pode ser.

Mas também não poderia ser que o trabalho das pás pudesse trazer à luz do dia surpresas que afirmassem o contrário daquilo que há muito foi transformado em uma parte da crença do povo? Não consigo imaginar que um patriarca abastado como Abraão, um "amigo do Senhor", fosse enterrado assim sem mais nem menos, sem objetos rituais e de adorno, e especialmente sem sarcófago e inscrições tumulares aos quais se poderia orar por sua paz eterna. Ou a gruta continha ornamentos e inscrições e alguém fez com que desaparecessem por não serem convenientes... ou então Abraão nunca jazeu na caverna de Machpela! Se houvesse alguma prova incontestável da existência do túmulo de Abraão (bem como de seus familiares), a caverna de

Machpela teria sido há muito declarada um santuário nacional e religioso de Israel, inscrições tumulares e ornamentos seriam exibidos como tesouros religiosos e nacionais a um público admirado e respeitoso. Como essa prova não existe, a conclusão lógica é a seguinte: não era Abraão.

Túmulos: de quem?

As mesmas constatações valem também para outros túmulos de profetas na Terra Santa. Qualquer turista pode admirar os seguintes túmulos em Israel:

Esau Mesquita de Si'ir/zior
 Aldeia árabe ao norte de Hebron

Lot Mesquita de Bnei Na'im
 Aldeia árabe a oeste de Hebron

José Nablus (Siquém ou Sichem)

Davi Jerusalém, piso da igreja Dormitio sobre o Monte Sião.

Samuel Noroeste de Jerusalém, próximo à aldeia árabe de Jib/Gibeon.

Gade e Natã Halhul, ao norte de Hebron

Rachel Belém

Em cada um desses túmulos há uma placa metálica azul

com a informação: "Túmulo de...". Procura-se em vão por uma prova verdadeira, autêntica de que o túmulo pertence ao profeta em questão. Ela não existe.

Sentimo-nos sobretudo logrados quando túmulos para a mesma pessoa são oferecidos várias vezes, e os moradores da aldeia, onde fica a tumba, estão plenamente convencidos de que o seu, e somente o seu túmulo, contém a ossada autêntica. O profeta Jonas é um desses que têm muitos túmulos. Ele já me havia impressionado quando eu era criança. Na aula de religião eu ouvia, admirado, a história de como Jonas, por sua própria vontade, foi atirado ao mar revolto por marinheiros, sendo então devorado por uma baleia até retornar belo e fresco à luz do dia (Profecias de Jonas, 2:1).

Há muito eu sei que os três dias e três noites no ventre do peixe apenas simbolizam — e o que afinal não é simbólico! — os três dias em que Jesus permaneceu morto antes da ressurreição. Mas, quando adulto, pesquisei a lenda de Jonas e soube, por ditados judaicos⁴, que a baleia não era uma baleia: Jonas penetrou no ventre do peixe "assim como uma pessoa entra em uma sala", e os "olhos do animal marinho eram como janelas que iluminavam também o interior". É claro que Jonas podia conversar com o peixe, e através dos seus olhos (escotilhas!) ele identificou na "luz, que era como o Sol ao meio-dia", tudo o que acontecia no mar e no fundo dele.

Sim, o túmulo desse passageiro de um submarino pré-histórico me interessaria, além do que a lenda de Jonas traça claros paralelos com a tradição de Oannes babilônica. Nela há um ser racional chamado Oannes e um ser marinho; o peixe original tinha uma voz humana e ensinou ao bípede a escrita, a ciência e a edificação de cidades*. Mas onde Jonas

foi de fato enterrado? O local onde foi sepultado existe em seis versões diferentes:

* Erich Von Däniken, *Será que Eu Estava Errado?* Edições Melhoramentos, 1989, página 123 e segs.

- | | |
|-----------------|-----------------------------|
| 1.Mesed | Galiléia |
| 2.Nabi Yunis | Judéia |
| 3.Halhul | Faixa de Belém-Hebron |
| 4.Tell Yunis | 6 km ao sul de Jaffa |
| 5.En nabi Yunis | Entre Sidon e Beirute |
| 6.Hama | Cerca de 150 km ao norte de |

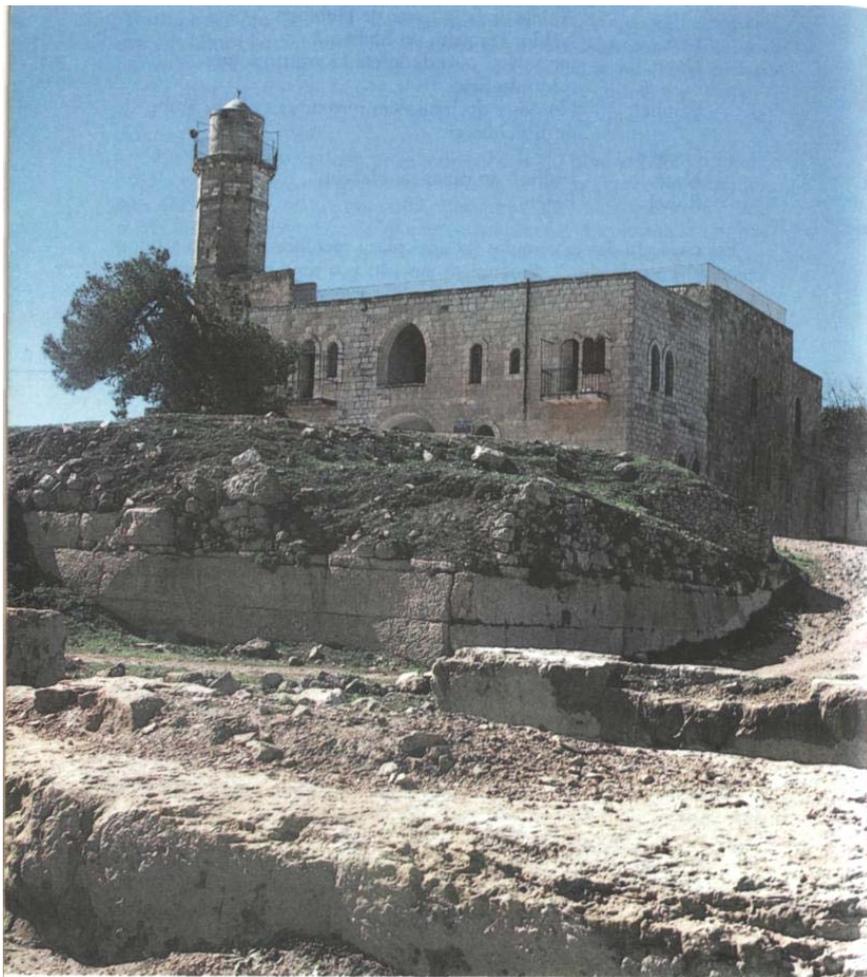
Damasco, na Síria

O que deve pensar o nervoso visitante de túmulos a respeito, se um personagem tão grandioso quanto Moisés deveria estar enterrado em Israel, quando, segundo a Tora e o Antigo Testamento, Moisés jamais entrou na Terra Santa? Pois Nabi Musa (= tumba de Moisés) dista apenas 15 km da estrada principal que liga Jerusalém a Jerico, afastada alguns quilômetros das cavernas de Omram, onde 30 anos atrás foram encontrados os famosos pergaminhos (que complementam o Gênesis bíblico).

No capítulo 34 do Deuteronômio o Senhor diz: "Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, Isaac e Jacó, dizendo: 'Eu a darei à tua descendência'. Mostrei a teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá... e Moisés, servo do Senhor, morreu ali, na terra de Moab... e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura".

Perguntamo-nos perplexos por que o Senhor prometeu um país a Abraão e Isaac já que desde tempos imemoriais esses personagens bíblicos viviam em Mambre. Aparvalhados,

ficamos sabendo que ninguém sabe onde está a tumba de Moisés — mesmo estando diante dela!



A noroeste de Jerusalém, perto da aldeia árabe de JibiGibeon, teria sido sepultado Samuel.



Também José, filho de Jacó, teria sido sepultado perto de Nablus, em Israel.



Freqüentemente nos memoriais há placas afirmando que aí seria o túmulo de XY.

Como reconhecidamente o que não pode ser não pode ser, espíritos manhosos descobriram um prodígio, para permitir que Moisés dispusesse de um local de descanso na Terra Santa.

O sultão Saladin sonhou uma vez que Alá trouxera os restos mortais de Moisés para a margem ocidental do Jordão. Esse sonho foi suficiente para que se estabelecesse um santuário com um cenotáfio de Moisés. Em 1265 o sultão Baibars fez com que se construísse uma mesquita sobre o cenotáfio. No século XV os mamelucos construíram uma suntuosa hospedaria próximo à mesquita, com mais de 400 quartos. Pronto!

Hoje mais de 70.000 peregrinos visitam o túmulo de Moisés durante a segunda quinzena de abril. Em meio às pedras nuas e às dunas áridas, a mesquita, com suas cúpulas e minaretes luminosos, dá a impressão de um oásis luxuriante. Os peregrinos passam piedosamente ao longo de uma grade atrás da qual está o cenotáfio, coberto por um pano verde. Cenotáfio? O dicionário nos informa do que se trata: um monumento fúnebre em memória a um morto que não está aí enterrado. Correto!



Presume-se que o túmulo de Moisés seja no Wadi Mousa, não muito distante da estrada Jerusalém —Jericó.

A Terra Santa era um solo historicamente rico, onde 800 anos antes de Cristo ocorreram acontecimentos únicos e decisivos para as grandes religiões da humanidade. Querendo-se, entretanto, precisar algo ocorrido antes de 800 a.C. tudo se desfaz como areia na peneira. Desapareceram os indícios dos grandes personagens tais como Abraão, Melquisedec, Lot, Davi ou Salomão. Necessariamente deveriam ter restado testemunhos deles na paisagem. Esses profetas foram muito importantes, muito grandes, muito sagrados! Argumenta-se que o espaço geográfico que hoje corresponde à Terra Santa teria sido politicamente turbulento, agitado por guerras, e esses distúrbios teriam

feito com que possíveis provas arqueológicas desaparecessem. Pode ser, mas ainda restam dúvidas, pois árabes e israelitas adoravam as mesmas figuras. Por ocasião de expedições guerreiras, tanto árabes quanto israelitas teriam preservado os túmulos veneráveis. O que é válido para o Oriente Médio deveria valer também para outras partes do mundo. Aí, entretanto, restaram ruínas de templos, rudimentos de estádios esportivos, colunas memoriais, pedras com inscrições... e túmulos de reis e heróis nacionais. Por que a Terra Santa seria uma exceção?

No bar do Rei Davi

Frustrado com a decepcionante caça aos túmulos, sentei-me, mal-humorado, no bar do nobre Hotel do Rei Davi, em Jerusalém. Resmungava para mim mesmo por que somente era possível encontrar pseudo-provas da existência dos profetas israelitas antigos quando um jovem cavalheiro sobressaltou-se com meus resmungos:

— Turista? - ele perguntou.

— Digamos que estou à caça...

— O que há aqui para se caçar?

Em código morse, expus meus esforços infrutíferos para encontrar um túmulo de profeta que fosse indiscutivelmente verdadeiro. O jovem cavalheiro ouviu educadamente e, franzindo o cenho, disse:

— Sou israelita, meus pais imigraram do Canadá. Conheço todos os túmulos que o senhor mencionou, e o senhor está sendo injusto para conosco supondo que fomos os descobridores desse circo que é a adoração aos túmulos!

— Não? Entretanto placas escritas em hebraico, árabe e

inglês diante dos túmulos fascinam os turistas!

— Certo! — riu o israelita.— Mas esses túmulos já eram, sem exceção, adorados pelos árabes antes mesmo que existisse um Estado de Israel. Nabi Musa, por exemplo, o túmulo de Moisés, é um santuário árabe. Nós, judeus, não acreditamos em uma palavra.

Silêncio.

Então meu companheiro de uísque disse:

— Por que o senhor não visita o túmulo de Aarão, o irmão de Moisés? Ele é autêntico!

— E onde fica? — perguntei.

— Na Jordânia, próximo à famosa cidade de pedra Petra. Alguma coisa estalou no fundo da minha mente. Quando rapaz, eu havia devorado um livro de Johann Ludwig Burckhardt: Viagem à Síria e à Terra Santa. Lembrava-me vagamente de que ele, além de fazer uma descrição impressionante de Petra, discutia sobre o túmulo de Aarão.

— O senhor esteve lá? Viu a tumba de Aarão? — provoqueei meu interlocutor, que no entretempo me havia informado ser piloto da Força Aérea Israelense.

— Não posso ir até lá! Não se pode ir à Jordânia com um passaporte israelense. Como eu, muitos de meus conterrâneos gostariam de prestar seus respeitos ao túmulo de Aarão. Sei de histórias dos anos 30 e 40, quando judeus corajosos tentaram visitar o santuário de Aarão. Nenhum voltou. O senhor é suíço, pode ir até lá! Mas promete que me contará o que achou?

Prometi. Trocamos nossos cartões. O gerente me conseguiu uma enciclopédia. Nela eu li:

"Johann Ludwig Burckhardt, escritor e orientalista suíço. Nascido a 24-11-1784 em Lausanne, morto a 5.10.1817 no Cairo. A partir de 1809 Burckhardt, que se havia convertido

ao Islã, viajou pela Síria, Palestina, Arábia do Norte, a península do Sinai, Egito e, em 1814, pela Núbia. Como peregrino maometano, visitou Meca e Medina, e em 1812 redescobriu Petra, as ruínas e o castelo de rochas no sul da Jordânia”.

Os parcos dados enciclopédicos não diziam nada a respeito do túmulo de Aarão. No dia seguinte encontrei na bem-provida Biblioteca Nacional de Jerusalém uma edição alemã do livro de Burckhardt Viagem à Síria e à Terra Santa⁵. Minha memória não me havia traído. Com o cheiro do túmulo de Aarão em minha massa cinzenta, gostaria antes de contar algo sobre meu conterrâneo, cuja vida aventureira é mais excitante que uma novela policial.

A caminho do túmulo de Aarão

Início de agosto de 1812.

Burckhardt tem 28 anos de idade. Ele adota o nome de Ibrahim Abdullah e volta a vestir-se como um xeique. Seu disfarce é perfeito, pois o suíço barbudo domina o árabe como se fosse sua língua nativa. Por amor ao Oriente, mas também para não ser renegado pelos árabes como infiel, ele se tornara maometano uns dois anos antes.

Nesse mês de agosto de 1812 ele queria atingir o Cairo, saindo de Damasco. Uma viagem de muitos dias, no lombo de camelo, atravessando o atual deserto jordaniano. Como afirmou em seu diário de viagem, ele estava curioso para ver o Wadi Mousa, o vale de Moisés, de cujas antigüidades lendárias os nativos lhe haviam falado com grande veneração e admiração.



Amã hoje é comparada — até mesmo quanto ao clima e ao meio ambiente — a qualquer outra grande cidade.

Ao sair de Amman, Burckhardt contratou um beduíno que conhecia a região mas que temia os perigos que teriam que enfrentar na longa jornada pelo deserto. Teimosamente, o beduíno exigia que eles tomassem a rota do Cairo que passa por Aqaba, pois seguindo esse caminho poderiam juntar-se a uma grande caravana de camelos. Mas Burckhardt queria evitar exatamente Aqaba a qualquer custo. Aí o paxá do Egito mantinha uma grande guarnição e controlava todas as estradas em volta. Meu corajoso conterrâneo temia todos esses controles, pois não possuía nenhum documento de identificação árabe, e nem mesmo algum com o nome de Ibrahim Abdullah. Para tanto, o destemido suíço tinha o temperamento de um pesquisador curioso, e nada o faria chegar perto de Aqaba seguindo trilhas de camelos mais frequentadas.



Em uma das sete colinas da cidade antiga fica a supermoderna Universidade de Amã.

O objetivo: Petra!

Petra rumorejava em seus pensamentos. No Oriente, Burckhardt ouvira alusões misteriosas sobre uma enigmática cidade de pedra: Quando estudante, ele havia lido a descrição feita pelo geógrafo grego Estrabão (63 a.C.-26 d.C), da grandiosa capital dos nabateus, Petra, na qual todas as casas haviam sido escavadas na rocha, e que aí reinara um monarca que "continuamente promovia grandes banquetes", nos quais "ninguém bebia mais que 11 taças, que eram todas de ouro, sem que fosse trocado o conjunto".

O historiador grego Diodoro Sículo, que viveu no século

I a.C, transmitiu alguns detalhes desse lugar envolto em mistério:

"Encontra-se no país dos nabateus um rochedo absolutamente seguro com um único caminho que leva ao topo, pelo qual somente alguns podem subir para lá deixar provisões... Esse lugar era muito seguro, mas sem muralhas, distante dois dias da região habitada".⁷

Burckhardt estava convencido de que o país dos nabateus estaria ali em algum lugar, nos vales áridos e desolados. Através de diários de viagens ele sabia que no final do Wadi Mousa deveria estar também o túmulo do profeta Aarão, venerado e fortemente vigiado pelos árabes. Sim, apenas umas poucas horas dali esse Aarão descansava, e até então nenhum europeu havia visto seu túmulo! Esse objetivo excitava Burckhardt.

Mas havia também o recalcitrante beduíno! Burckhardt o enganou com uma artimanha: disse que não podia utilizar a rota das caravanas porque havia feito uma promessa de sacrificar uma cabra em honra de Aarão. Por trás da testa do beduíno, tisonada pelo sol, ficava o dilema: o que pesa mais? Seu medo dos assaltantes do deserto ou o medo da ira de Aarão? Aarão venceu.



Há 175 anos Burckhardt cavalgou por estes vales
desérticos e áridos.



À sombra deste castelo, os cruzados lutaram contra os muçulmanos.

Os dois homens cavalgaram por seis horas e meia até chegar à encruzilhada que se dirige a Aqaba e ao vale de Moisés. Não havia nenhuma pilha de pedras próxima à encruzilhada indicando ao beduíno o lugar onde os viajantes sacrificavam suas cabras, cobrindo depois com pedras o local do sacrifício. Era assim que o patrão devia fazer também. Burckhardt respondeu que sua promessa o obrigava a sacrificar sua cabra expiatória nas proximidades da tumba de Aarão, mas até então não havia túmulo nenhum à vista. A coragem do beduíno tinha se esgotado. Aqui, ele disse, começava a terra das antigüidades, e o túmulo de Aarão ficaria do lado de lá do vale, mas ele não se arriscava a ir até lá.

Burckhardt prosseguiu sozinho.

Orgulhoso e autoconfiante como um verdadeiro xeique, ele penetrou na localidade de Eldjn, no vale de Moisés. Contou cerca de 300 casas na aldeia cercada por um muro. Burckhardt sabia que a partir dali estaria correndo perigo de vida caso seu disfarce fosse descoberto. Acocorou-se ao lado de negociantes faladores, exaltou Alá, Maomé e Aarão e contou a eles sua promessa, que o obrigava a oferecer uma cabra no túmulo de Aarão. Finalmente um nativo, em troca de duas ferraduras velhas, se dispôs a levar o xeique Ibrahim Abdullah ao túmulo de Aarão.

22 de agosto de 1812

Burckhardt e seu cicerone aldeão atravessaram uma garganta estreita e escarpada, tão estreita às vezes que mal havia espaço para um cavaleiro. Subitamente, entretanto, a garganta se abria para uma pequena depressão. Burckhardt ficou olhando atônito para a fachada de vários andares guarnecidos de colunas de um templo magnífico, que se erguia um pouco afastado do rochedo. Ele evitou fazer muitas perguntas para não dar a impressão de estar demasiadamente surpreso e curioso. O guia que contratara, na verdade, já estava desconfiado há algum tempo:

"Já estou vendo que você é um infiel que oculta alguma intenção especial para com as ruínas de nossos antepassados. Mas não poderá levar nenhum pedacinho dos tesouros escondidos, pois eles estão em nossa região e nos pertencem".⁸

O admirado suíço garantiu que era apenas o deslumbramento que o fazia olhar em volta. Seu acompanhante continuou de má vontade, pois, como todos

os habitantes do vale de Moisés, estava convencido de que ali agiam forças poderosas e que um sábio mago acompanharia os tesouros antigos pelo ar mesmo muito depois de ele haver deixado a cidade de pedra.

Enquanto cavalgavam, Burckhardt admirava as grandiosas edificações, que brotavam das paredes de pedra nas duas margens do riacho de Moisés, como se fizessem parte dos rochedos. Burckhardt não viu muralhas em nenhum lugar.

Em seus diários de viagem, Burckhardt deixa transparecer de que maneira manteve seu ardil:

"Eu conhecia o caráter do povo que ali me cercava. Estava desprotegido no meio do deserto, onde antes de minha pessoa nunca se havia visto um viajante, e um exame acurado dessas obras dos infiéis, como eles são chamados, teria levantado suspeitas de que eu fosse um necromante ou um caçador de tesouros. No mínimo eu seria impedido de prosseguir minha viagem até o Egito, e com toda a probabilidade seria despido e teria meu pouco dinheiro roubado, assim como meus diários, que para mim eram infinitamente mais importantes que o dinheiro. Futuros viajantes poderão visitar o lugar sob a proteção de tropas armadas".

Após atravessar a depressão e a cidade de pedra, os dois homens cavalgaram até uma elevação, chamada "terraço de Aarão". Diante deles, faiscando no alto de um morro à luz do sol poente, estava uma pequena construção branca com uma cúpula que mal podia ser distinguida no lusco-fusco do entardecer. O túmulo de Aarão! Burckhardt teria dado tudo para subir até aquele local, mas já era muito tarde e seu guia estava desconfiado e com muito medo de ladrões na noite que se aproximava.

No sopé da montanha de Aarão, Burckhardt registrou

"vários túmulos subterrâneos, cada qual com uma passagem escavada na rocha que levava até ele". Ele decidiu sacrificar ali a cabra que havia trazido. Enquanto o sangue jorrava da veia aorta, o beduíno se atirou no chão e orou em altos brados:

"Oh, Haroun, velai por nós. Para Você sacrificamos esta oferenda. Oh, Haroun, protegei-nos e perdoai-nos! Oh, Haroun, aceite a boa vontade pelo feito, pois a cabra é muito magra"!

Após ter repetido a oração várias vezes, o maometano cobriu as poças e os salpicos de sangue com pedras.

Johann Ludwig Burckhardt teve que interromper seu avanço em direção à tumba de Aarão a um quilômetro do alvo. Mais tarde ele o lamentou, tanto mais quando ficou sabendo que sob o pico da montanha, sobre a qual estava o túmulo, havia vários jazigos escavados na rocha. Ele morreu de malária no Cairo, com apenas 33 anos de idade.

Aarão, irmão e rival de Moisés

A releitura do livro de Burckhardt, Viagem à Síria e à Terra Santa, me arrebatou exatamente como quando eu era um jovem ginasião. Novamente as descrições da cidade de pedra me excitaram; dela sabe-se hoje que se tratava da cidade nabatéia de Petra mencionada por Estrabão e outros escritores da Antigüidade, redescoberta por Burckhardt em 1812.

Eu estava fascinado — e mais do que por ocasião da primeira leitura — com a idéia do túmulo de Aarão no alto da montanha. Familiarizado com a Bíblia desde a minha juventude, Aarão era para mim uma das personalidades

mais interessantes, um personagem cintilante e enigmático. A festiva iniciação de Aarão já não era misteriosa?

O próprio "Senhor" ordenou a Moisés que ungissem seu irmão! Moisés lavou Aarão, envolveu-o em seu casaco e num sobretudo, cingiu-o com um cinto e lhe deu um peitoral, onde depositou as pedras Urim e Thummin, apropriadas a um alto sacerdote. Finalmente Moisés colocou uma faixa de cabeça feita de pele em seu irmão Aarão, prendendo na parte dianteira um diadema dourado. (Lev. 8:1)

Que poder especial conteria esse diadema? Para que o senhor se dispusesse a inspecionar pessoalmente o cumprimento de suas ordens, o objeto necessariamente teria alguma função, que seria mais significativa que a de uma simples jóia. Acredito que as pedras Urim e Thummin, que no contexto da Arca da Aliança faiscavam com várias cores, tinham uma atuação especial. Eram tidas como pedras oraculares, sendo reservadas aos altos sacerdotes. Não era sem razão que a bolsa na qual eram trazidas fosse chamada de "bolsa da decisão". Elas eram parte essencial da toga dos sábios. Além disso, as pedras eram chamadas também de "pedras de tradução", com cujo auxílio personalidades eleitas podiam traduzir a língua escrita e falada de culturas há muito desaparecidas⁹. Poderia o "Senhor" enviar ordens a Aarão e responder a suas perguntas por meio do diadema dourado, um quase emissor e receptor de sinais? Vale a pena notar. Aarão estava sempre presente — aparentemente — quando o problema era técnico. Ele era também nada menos que o chefe da tenda sagrada, na qual Moisés guardava objetos funcionais como a Arca da Aliança¹⁰.

Quando ocorreu uma batalha entre israelitas e amalequitas, Moisés deu instruções a seu comandante Josué para que se

dirigisse ao campo enquanto ele — acompanhado por Aarão e Hur — "com o bastão de Deus na mão" posicionava-se em uma colina próxima. Vale a pena ouvir o que a Bíblia fala a respeito:

"E, quando Moisés tinha as mãos levantadas, Israel venciam, mas se as abaixava um pouco, Amalec levava vantagem. Ora, os braços de Moisés estavam fatigados; tomando portanto uma pedra, puseram-na por debaixo dele, na qual se sentou; e Aarão e Hur sustentavam-lhe os braços de ambas as partes. E aconteceu que seus braços não se fatigaram até o pôr-do-sol". (Êx. 17: 11 e 12)

Que relação poderia ter o "bastão de Deus" com este caso em particular? De qualquer forma, ele era consideravelmente pesado, pois, para segurar o instrumento, os braços de Moisés tinham que ser sustentados por Aarão e Hur. Não se impõe a imagem de um comando de três — Moisés, Aarão e Hur —, que assumem uma posição estratégica acima do campo de batalha com uma arma poderosa e decisiva?

Somente Moisés sabia o segredo, conhecia a arma e podia manejá-la, mas logo seus braços e mãos ficavam cansados, de forma que seus acompanhantes precisavam auxiliá-lo para que ele pudesse manter o alvo na mira. Se Moisés mantinha a arma secreta em posição de tiro, venciam os israelitas; se ele a abaixava, os amalequitas tomavam a dianteira. Então que tipo de arma de guerra era esse "bastão de Deus"? Pode-se apenas especular, a partir de conhecimentos atuais. Seria um aparelho de raios laser movido a energia solar? Somente poderemos saber quando a arma, ou partes dela, for encontrada, ou quando a "máquina do tempo" anunciada pela literatura de ficção científica puder levar-nos às épocas mais distantes. Mas pode-se

perguntar:

Será que talvez relíquias técnicas dessa época tão nebulosa ficaram armazenadas na tumba de Aarão? Existirão ainda em algum lugar as maravilhosas pedras Urim e Thummin? ou talvez em algum lugar o diadema utilizado por Aarão aguarde ser descoberto? Teria Aarão sido enterrado com ele?

Quem foi Aarão?

A Enciclopédia judaica alivia nossa sede de saber¹¹.

Aarão era o filho mais velho do hebreu Amram, da tribo de Levi. Moisés, seu segundo filho, era três anos mais novo, e a irmã de ambos, Míriam, alguns anos mais velha. Aarão, bisneto do alto sacerdote Levi, exercia uma função sacerdotal em sua tribo. Enquanto Moisés tinha sido criado na corte egípcia, Aarão viveu com parentes na região fronteira oriental do Egito e era conhecido como um orador brilhante. Quando Moisés recebeu a ordem do "Senhor" para libertar os israelitas do cativeiro egípcio, ele chamou a si seu irmão Aarão.

Na verdade Moisés não era de forma alguma bem dotado para a oratória, e precisava de um "orador oficial", que expusesse as exigências de Israel ao faraó de forma convincente. Durante os anos do Êxodo, Aarão foi promovido a lugar-tenente de Moisés e alto sacerdote; ele estava sob a proteção especial do "Senhor das colunas de nuvens".

Sempre que surgiam problemas que exigiam talento e conhecimentos técnicos, Aarão era chamado; era tido como mago, produzindo fenômenos que pareciam milagres ao

povo. Uma vez, relata Moisés, seu talentoso irmão atirou ao chão, diante do faraó, seu bastão, que imediatamente se transformou em uma serpente viva. Quando os magos da corte reproduziram o truque, a serpente de Aarão devorou todas as outras (Êx. 7: 10-12). Com o mesmo bastão mágico as águas do Egito foram transformadas em uma corrente vermelha malcheirosa, miríades de sapos e gafanhotos repugnantes surgiram do nada para assolar as plantações do reino do faraó.

A aparição dos dois irmãos na corte do faraó já tinha sido espetacular. Nas Lendas dos Judeus¹² há uma tradição em que Moisés e Aarão teriam tido medo da audiência, mas então o arcanjo Gabriel teria aparecido e levado os dois ao palácio, em meio aos sentinelas. Embora os sentinelas tenham sido duramente punidos por sua desatenção, o enigmático fenômeno repetiu-se no dia seguinte. Moisés e Aarão conseguiram chegar até o trono do faraó sem ser percebidos. Devem ter impressionado muitíssimo o senhor do Egito, pois "eles pareciam anjos, seu exterior refletia e resplandecia como o Sol, as pupilas de seus olhos eram como a luz da estrela da manhã, suas barbas, como jovens ramos de palmeira, e quando eles falavam, chamas projetavam-se de suas bocas". De fato, uma encenação fabulosa.

Uma vez o "Senhor" ordenou a Moisés que recolhesse os bastões de todos os príncipes de tribos e que à noite os depositasse diante da Tenda Sagrada. Israel tinha doze tribos, tendo sido recolhidos portanto doze bastões, cada qual trazendo o nome de uma tribo. Somente no bastão de Aarão, conforme havia ordenado o "Senhor", não deveria constar a designação tribal "Levi", e sim o nome de Aarão: "Moisés as depositou diante de Iahweh, na Tenda do

Testemunho. No dia seguinte, quando Moisés veio à Tenda do Testemunho, a vara de Aarão, pela casa de Levi, havia florescido: os botões haviam surgido, as flores haviam desabrochado e as amêndoas amadurecido". (Núm. 17: 8)

Desde os tempos de Aarão um bastão é portanto requisito indispensável para todos os magos, e provavelmente eles nem sabem a que colega devem agradecer por isso.

Quanto ao paradeiro da varinha mágica do Antigo Testamento, há diversas opiniões: um grupo de eruditos presume que ela tenha sido colocada na Arca da Aliança e escondida juntamente com ela; um outro está convencido de que o bastão foi depositado no túmulo de Aarão.

Há hipóteses diferentes até mesmo quanto à morte do fantástico Aarão. A Enciclopédia judaica registra que Aarão morreu "no primeiro dia do quinto mês com a idade de 123 anos"ⁿ. Infelizmente, o ano não é indicado. E o relato bíblico de seu falecimento é o seguinte:

"Iahweh falou a Moisés e a Aarão, na montanha de Hor, na fronteira da terra de Edom... Toma a Aarão e Eleazar, seu filho, e faze-os subir à montanha de Hor. Então despirás a Aarão das suas vestes e as porás em Eleazar, seu filho, e Aarão se reunirá aos seus: é aí que ele deve morrer. Moisés fez o que Iahweh havia ordenado. Diante dos olhos de toda a comunidade, subiram à montanha de Hor. Moisés despiu a Aarão das suas vestes e as vestiu em Eleazar, seu filho; e aí morreu Aarão, no cume do monte". (Núm. 20: 4 e segs.)

A versão lendária¹⁴ é mais extensa, com muitos detalhes. Ela atesta que Moisés foi informado pelo Deus Altíssimo de que Aarão deveria morrer em breve, e que seu túmulo estaria preparado sobre a montanha de Hor. O Deus implacável e rigoroso teria pedido a Moisés que transmitisse a mensagem a seu irmão. Moisés tentou em vão conseguir

do Senhor uma vida mais longa. A morte de Aarão estava decretada — "não por seus pecados, mas sim devido às intrigas da serpente"¹³, seja lá o que isso quiser dizer.

Moisés, Aarão e Eleazar subiram à montanha de Hor. Aarão vestia a toga de alto sacerdote. Chegando lá em cima, "abriu-se diante deles uma caverna, e Moisés exortou seu irmão a entrar"¹⁴. Com algumas mentiras necessárias Moisés fez com que o irmão despisse o hábito. "Aarão", ele disse, "não é razoável entrar nessa caverna com o hábito de sacerdote, pois ele poderia sujar-se. A caverna é muito grande e contém talvez outros túmulos"¹⁴. Aarão seguiu credulamente o conselho fraterno, e despiu as vestes consagradas, que Moisés, de acordo com a ordem do "Senhor", vestiu no filho Eleazar. Provavelmente a roupa também deveria estar associada a propriedades especiais. Estando Aarão nu diante da caverna, aconteceu — Deus do céu! — um milagre. Já durante o ato de despir-se "oito peças de roupa celestes vieram flutuando e cobriram Aarão". Então!

Enquanto Moisés entrava na caverna com Aarão, ordenou a Eleazar que esperasse fora. O espaço estava iluminado, havia uma mesa e também uma cama, ao redor da qual se haviam reunido muitos anjos. Só então, nesse momento, Aarão deu-se conta de que fora preparada ali para ele uma sepultura. Com medo da morte, Moisés consolou-o, já que ele não ia morrer como uma pessoa, e sim "por meio de um beijo de Deus". Aarão submeteu-se. Com palavras de despedida, Moisés saiu rapidamente da tumba.

Moisés e Eleazar desceram a montanha. O povo os esperava e deu pela falta de Aarão. Foram feitas perguntas cépticas. Teria Moisés assassinado seu irmão por inveja, porque Aarão era mais querido? Ou será que Eleazar teria matado o

pai para poder assumir o cargo de alto sacerdote? Em apuros, Moisés pediu socorro a seu "Senhor". Ele o atendeu e ordenou a seus anjos que fizessem com que o leito de morte de Aarão "voasse através do ar"¹⁴. Assim aconteceu, enquanto "Deus e seus anjos celebravam as exéquias de Aarão no cimo da montanha de Hor"¹⁵. Eleazar, em hebraico, significa: "Deus ajudou". De fato! Menos fantástica, mas ainda bastante excêntrica, a lenda islâmica descreve a morte de Aarão assim:

"Mousa (=Moisés) e Haroun (= Aarão) avistaram uma vez uma caverna que irradiava luz. Eles entraram e encontraram aí dentro um trono dourado com o letreiro: 'Destinado àquele a quem se ajustar'. Como ele fosse pequeno demais para Mousa, Haroun sentou-se nele. Imediatamente o anjo da morte apareceu e levou consigo sua alma. Ele tinha 127 anos de idade".¹⁶

Há muito poucos personagens no Antigo Testamento tão cercados de segredos quanto esse Aarão. Desde que havia relido os diários de viagem de Burckhardt eu me perguntava: por que ninguém volta suas atenções para a tumba de Aarão na montanha? Sua localização é conhecida. Haveria aí dentro objetos? O túmulo teria inscrições? Poderia se tirar algum tipo de conclusão quanto à maneira como a câmara mortuária teria sido implantada, talvez cortada na rocha? Haveria atrás da cidade de pedra Petra, na montanha de Aarão, outros cadáveres mumificados? Existiriam realmente ligações subterrâneas entre as galerias túmulares próximas ao terraço de Aarão e as tumbas no cimo da montanha, mencionadas por Burckhardt? E se não se tratasse de Aarão, de quem seriam os restos mortais lá no alto da montanha venerados há milênios pelos crentes? Percorri toda a literatura disponível sobre Petra. Não

encontrei praticamente nada sobre a tumba de Aarão. Neste nosso século mais que degenerado, muitos arqueólogos e globetrotters visitaram Petra, descreveram a miraculosa cidade de pedra, alguns até mesmo se deram ao- trabalho de escalar a montanha de Aarão. Não encontrei um único estudo extensivo sobre o túmulo de Aarão, ainda que sofrível, nada sobre o conteúdo da tumba. Cada bloco de construção em Petra foi cartografado com prumo e trena. A montanha de Aarão, que fica por perto, não despertou nenhum interesse, parecia ser tabu. Por quê? Será que os viajantes do Oriente temiam a melindrosa religiosidade dos muçulmanos que veneravam o túmulo de Aarão? Será que a aura do desconhecido místico e misterioso continuaria atuando em nossa época? Será que é por isso que se evita o túmulo?

Seguindo o ditado árabe "A experiência são os óculos da razão", eu queria saber o que havia para se ver na montanha de Aarão. Não, eu não tinha nenhuma ilusão de poder solucionar o enigma, os enigmas. Como descobridor de trilhas no jângal arqueológico, sei muito bem que antes de atingir o objetivo é preciso desvencilhar-se de um emaranhado de formulários para finalmente conseguir permissão para entrar em espaços protegidos e vigiados com rigor — por repartições cujos funcionários ficam vesgos só de ver uma câmara fotográfica. As despesas podem também freqüentemente desencorajar qualquer um. A tout risque! Eu queria chegar ao túmulo de Aarão.

Ebet de co-piloto

Não há nenhuma dificuldade séria para se fazer uma viagem

até a Jordânia, mas eu não queria percorrer o trecho até Petra, sozinho. Graças às minhas muitas viagens por todos os continentes, que frequentemente não deixavam de ser perigosas, sei como é bom se poder contar com um copiloto de confiança. E assim telefonei de Jerusalém para minha esposa; ela é uma apaixonada participante de rallys, ou seja, o "homem" perfeito para a viagem pelo deserto. Elisabeth (Ebet) inspirou profundamente uma vez, disse que eu deveria me informar sobre o próximo vôo direto de Zurique a Amã, e então deveria esperá-la no aeroporto. Adorei sua reação, uma compreensão construída sobre a base segura de um casamento de 28 anos.

De Jerusalém a Amã são apenas 83 km de estrada, mas aqueles que quiserem atravessar a famosa ponte Allenby sobre o Jordão fariam bem em ter um segundo passaporte consigo, pois, caso haja qualquer visto ou selo israelita no passaporte, a fronteira se fecha para o viajante. Prevenido, eu dispunha de um segundo passaporte, novinho em folha. Após trocar quatro vezes de táxi, consegui chegar ao moderno e extenso edifício do aeroporto de Amã, justamente a tempo de abraçar Ebet. No fim da tarde registramo-nos no Hotel Mariott. Nessa altura, nossas línguas colavam nas gengivas de tanto calor que fazia. Pedi duas cervejas geladas.

— No alcohol! — respondeu com o rosto sério um boy impecavelmente uniformizado.

— Nada de álcool? Mas aqui nós não estamos em um hotel moderno?

— Ramadã! — soou a voz festivamente.

Já está mais do que na hora de eu arranjar um calendário muçulmano! O nono mês do ano lunar é o mês do jejum, o Ramadã. Como um europeu iria pensar nisso? E nenhuma

agência de viagem chama a atenção para o problema. Durante o Ramadã não há nada para comer nem para beber do amanhecer até o pôr-do-sol, até mesmo fumar é proibido. A noite, entretanto, festejam-se as noites árabes: banquetes são servidos em recepções e festas familiares. Além disso, não há bebidas alcoólicas nem mesmo após o início da noite, ao menos oficialmente. Em países que seguem estritamente o Alcorão — Irã, Arábia Saudita, Líbia —, o álcool é tabu também durante os outros onze meses, pois foi proibido por Maomé.

Sentamo-nos no terraço do hotel enquanto o relativamente calmo dia de Ramadã terminava. Amã acordava para a vida. Do alto dos minaretes os muezins chamavam os crentes para a prece, com a ajuda de alto-falantes. A última luz do dia — aqui a noite cai rapidamente — criava um halo mágico de luz rosa-avermelhada nas cúpulas das mesquitas, nas ameias e telhados, uma fantástica ilustração para as histórias das Mil e uma Noites. A luz fraca e trêmula de um abajur de mesa, estudávamos mapas de estradas, e decidimos alugar um automóvel e tomar a antiga Estrada Real (Kings Highway) em direção a Petra. A distância era de 227 km, e dirigindo tranqüilamente levaríamos umas cinco horas para chegar lá.

Ramadã!

Pouco importa nossa atividade comercial matutina européia! Os muçulmanos digerem sua ceia noturna dormindo longamente. Por volta das 11 da manhã apareceu um sujeito de turbante que muito educadamente nos alugou um carro.

Saindo da cidade em direção ao sul, em 15 minutos já estávamos na estrada do aeroporto, de duas pistas, e em mais dez minutos na saída para Madaba. No cruzamento ainda havia uma placa Desert Highway-Kings Highway da

época colonial inglesa. Agradecemos ao Ramadã por ter saído tão depressa da cidade, pois os maometanos não têm pressa, eles jejuam com toda a tranqüilidade do mundo. Aqui e ali homens tagarelam, todos usam os panos de cabeça estampados com triângulos brancos ou vermelhos e brancos, presos com um cordão de pêlo de camelo trançado. Solenemente eles assentem com a cabeça, alguns fazem um aceno com a mão.

Na pequena cidade de Madaba, 37 km depois de Amã, a maioria das lojas e bancas estava aberta. Os moradores pertencem predominantemente às igrejas católica romana ou ortodoxa grega, e o mês de jejum não é por eles adotado. Madaba é famosa por causa do original piso de mosaico que foi descoberto em 1884 durante a reconstrução da basílica destruída. O piso, que tem 25 m de comprimento e 5 m de largura, é feito de 2,5 milhões de pedrinhas coloridas justapostas e forma um mapa da antiga Palestina bizantina, com a planta da cidade de Jerusalém, também um prodígio de engenho e arte humanos.

Na região montanhosa de Petra

Dirigindo pela estrada cheia de curvas que atravessa o deserto montanhoso, quando o sol já tinha quase atingido o zênite, abriu-se diante de nós uma garganta, o Wadi Mujib, que corta o deserto de leste a oeste até o mar Morto. Claro que me vinham à memória alguns pensamentos cheios de lembranças: de Johann Ludwig Burckhardt, que 174 anos antes cruzara este vale, e com menos HP; dos cruzados cristãos que, metidos em suas armaduras enferrujadas e cheias de areia, guerrearam contra os muçulmanos. O

coronel britânico Thomas Edward Lawrence, conhecido como "Lawrence da Arábia", organizou — como conselheiro de Faisal I, rei do Iraque (1883-1933) — a luta pela libertação árabe, vencendo-a contra os turcos aqui neste deserto.

Um pouco antes do castelo feudal de Kerak, do tempo das cruzadas, situado sobre um morro achatado a 1.050 m de altitude, um jovem árabe acena nervosamente para nós, tão nervosamente que eu paro o carro. O rapaz inclina-se à janela diante de Ebet, dá a volta no carro correndo para tentar esclarecer algo para mim com mãos, pés e todas as possibilidades expressivas de seu rosto moreno. Infelizmente não compreendo sua mímica. Ele aponta para uma negra e escangalhada tenda de beduínos, instalada em um ponto algo afastado da estrada. O jovem leva desesperadamente as duas mãos ao rosto, arranca os cabelos, aponta para o coração; ele arranca meu braço da direção, beija minha mão. Ebet e eu olhamos um para o outro desconcertados. É evidente que o jovem nos pede alguma coisa, mas não sabemos o quê. Minha mulher apanha no banco traseiro uma cesta de víveres abastecida na cozinha do hotel com ovos, pão de presunto, frutas e meia galinha assada, e as oferece ao rapaz. Nunca vimos um rosto infantil passar tão rapidamente do desespero para a própria expressão da felicidade! O jovem disparou em direção à tenda, rodando a cesta em torno de si como um troféu. Envergonhados, pois não sabíamos se algum outro tipo de ajuda era necessário na tenda, prosseguimos viagem.

Houve dia em que o deserto era um lugar de incompreensão e crueldade. Em casa, anotando minhas impressões de viagem do gravador, e colhendo informações do excelente conhecedor da Jordânia Karl-Erich Wilken, li a seguinte

descrição das margens da estrada que percorremos:

"Roubados e assassinados pelos gananciosos e extorsionários xeiques dos beduínos Huetat, enterravam-se os cadáveres em algum lugar nas areias do deserto, isso quando não eram arremessados em alguma garganta profunda e inacessível da região montanhosa de Petra, onde abutres e hienas se apiedavam deles. Há poucas décadas imperavam neste deserto outras leis que não as nossas, leis não escritas, determinadas pelos xeiques beduínos. O que ordenavam, assim era! O que exigiam dos viajantes precisava ser pago, se não com dinheiro, com a vida!"¹⁷

Insh-Allah. É a vontade de Deus. Foi de todo o coração que pagamos o pedágio ao rapaz.

A estrada cortava estreitas faixas de terra frutífera e passava por tendas de beduínos. No caminho tivemos que nos arrastar atrás de uma caravana de camelos e bestas de carga guiada por um burrico quase negro; com o lábio inferior projetado para a frente, os camelos nos observavam pensativos.

As dunas de areia já lançavam sombras cinza-avermelhadas quando, por volta das quatro horas, chegamos a uma pequena cidade sobre uma colina, Shobak, com suas pequenas casas de pedra talhada, extraídas da região ou roubadas de construções históricas decadentes. O imponente castelo do tempo das cruzadas construído em 1115 por Balduin I, rei de Flandres, também teve nesse entretempo que fornecer material para a construção de casas e cabanas. Quando, no calor do fim da tarde, avistamos o castelo, não podíamos conceber como os cruzados das regiões nórdicas podiam suportar tais temperaturas o ano todo. Mesmo sem armadura, nós estávamos fervendo, e só trazíamos sobre o corpo o mínimo necessário para que os muçulmanos não se

zangassem com a nossa decadência.

Conseguimos um lugar muito bom para passar a noite. O Hotel Petra Fórum foi inaugurado em 1983. Sentamo-nos no terraço e ficamos admirando o céu negro-azulado. Sobre os rochedos de cor violeta que ocultavam Petra pendia uma guirlanda rosada. L'heure rosée. Longe, alto sobre as fendas rochosas, faiscava sobre o cimo de uma montanha algo semelhante a uma pérola incandescente. Um criado nos disse que era o Dschebel Haroun, a montanha de Aarão. Tendo em vista o objetivo de minha viagem, perguntei a ele sobre o túmulo do profeta Aarão. Sim, ficava lá em cima, ele disse, e a pérola luminosa, que empalidecia cada vez mais com o crepúsculo, era a cúpula de uma pequena mesquita sobre o túmulo de Aarão. Entabulei conversa com alguns hóspedes, que eram turistas de todos os países do mundo que haviam visitado Petra. Nenhum deles estivera no Dschebel Haroun. Ninguém se interessava pelo túmulo do profeta.

Ebet veio até mim e colocou em minha mão uma lata gelada de suco de laranja. Ora, mas que boa idéia! Levei-a à boca, provei... havia uma boa dose de uísque misturada! Era por isso que os hóspedes em volta estavam tão joviais, tão alegres, embora estivessem tomando somente chá. Após minha agradável surpresa, pude concluir que o chá também fora generosamente batizado com C_2H_5OH . *Insch-Allah!*

A caminho com Machmud

No dia seguinte contratamos um intérprete, um guia de estrangeiros poliglota. Sua corporação trazia quatro nomes: Machmud, Mohammed, Achmed e Ali. Nosso manhoso

intérprete, que se chamava Machmud, nos aconselhou quanto ao aluguel de cavalos de montaria: as éguas Susanne e Leila inspiraram-lhe confiança. E assim cavalgamos a três, como antes de nós nosso conterrâneo Burckhardt, pela garganta de El Sik, diante de cuja entrada havia imponentes cubos de pedra.

— Que deus jogou com eles? — eu quis saber de Machmud. Num inglês quase perfeito, Machmud me explicou que antigamente havia sobre esses blocos estátuas do deus da Lua Dushara e da deusa do Sol Allat, ambos nabateus.

Notável. O deus da Lua Dushara era freqüentemente representado por um bloco de pedra ou um obelisco pelos nabateus. Estranho, pois essas formas encontram correspondentes idênticos na região indica. Dushara vem do árabe Dhu-esh-Shera e significa: "aquele que vem de Shera". As cadeias de montanhas em torno de Petra chamam-se Shera. O conceito aparece no Antigo Testamento, e aí o país dos edomitas e suas montanhas chamam-se Seir, e Seir é idêntico a Shera. O especialista G. Lankester Harding diz a respeito¹⁸:

"Jeová é chamado de 'aquele que vem de Seir', em outras palavras a mesma pessoa que Dushara, e Jeová habitava também um bloco de pedra, chamado freqüentemente de 'Beth-El', a casa de Deus. Altares em lugares elevados foram erguidos tanto a um quanto ao outro".

Então chamou-nos a atenção uma edificação de três andares escavada no rochedo, que a mim lembrava muito um templo egípcio. Em cima erguem-se quatro obeliscos, à direita e à esquerda deles uma rampa de pedra inclina-se em direção ao solo; no meio, diante da entrada, erguem-se pares de colunas. Não há nenhuma inscrição, nenhuma indicação da destinação do monumento, ele é chamado simplesmente de

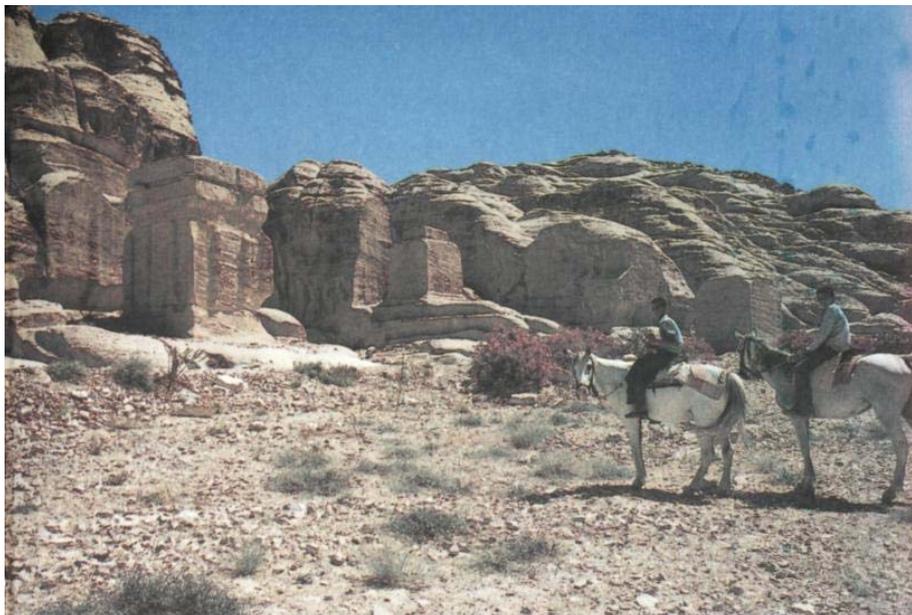
"túmulo do obelisco". Simples assim.

Cavalgamos garganta adentro. O ruído dos cascos dos cavalos ecoa nas paredes. A estreita garganta tem apenas 3 m de largura em toda a sua extensão, os rochedos lançam-se a mais de 100 m de altura. Quando parávamos e escutávamos, veio de algum lugar — a garganta tem 1,6 km de comprimento — o ruído de cascos. No alto, acima de nós, onde os rochedos parecem querer tocar-se, a luz do sol penetra pela fenda criando sobre a pedra calcária vermelha um jogo mágico de cores; estrias púrpuras, amarelas e azuis. As paredes à esquerda e à direita também apresentam camadas coloridas, sobrepondo-se suavemente como massa de modelar colorida: branco, marrom, verde.

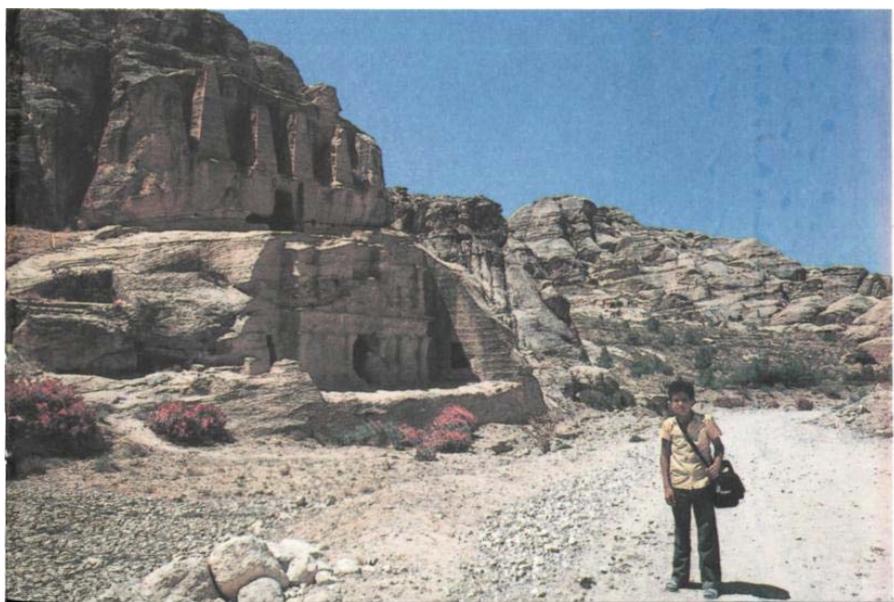
— Um desabamento — gritei para Machmud — e estaríamos irremediavelmente perdidos.

Não, esclareceu ele, um desabamento nunca foi o maior perigo aqui; massas de água descendo repentinamente sempre significaram catástrofe para homens e animais. Ainda em 1963 uma excursão de 26 turistas franceses afogou-se em El Sik durante uma enchente, mas esse perigo não existe mais. A água que se precipitava foi, a partir de então, contida por muros e desviada para um moderno reservatório através de um túnel antiqüíssimo.

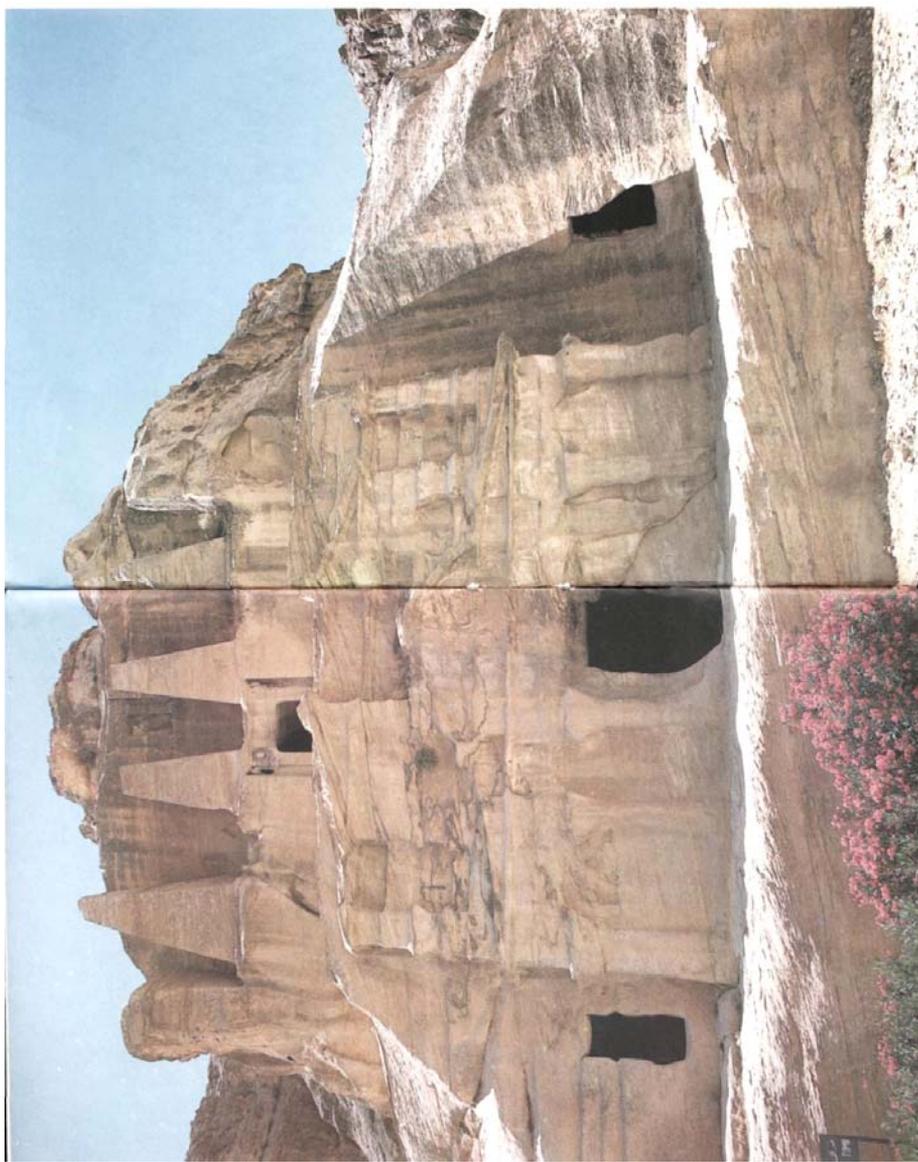
No ponto mais estreito da garganta ficamos deslumbrados ao olhar para o lado oposto. Fortemente iluminada, como se pela fenda de uma cortina, envolvida em luz avermelhada, nos defrontava a fachada aparentemente barroca de um gigantesco palácio.



Diante da entrada da garganta El Sik ficam estes cubos de pedra castanho-escuros.



Uma edificação de três andares ergue-se das rochas.



Quatro obeliscos perfilam-se diante do túmulo de pedra.



Cavalgamos garganta adentro.



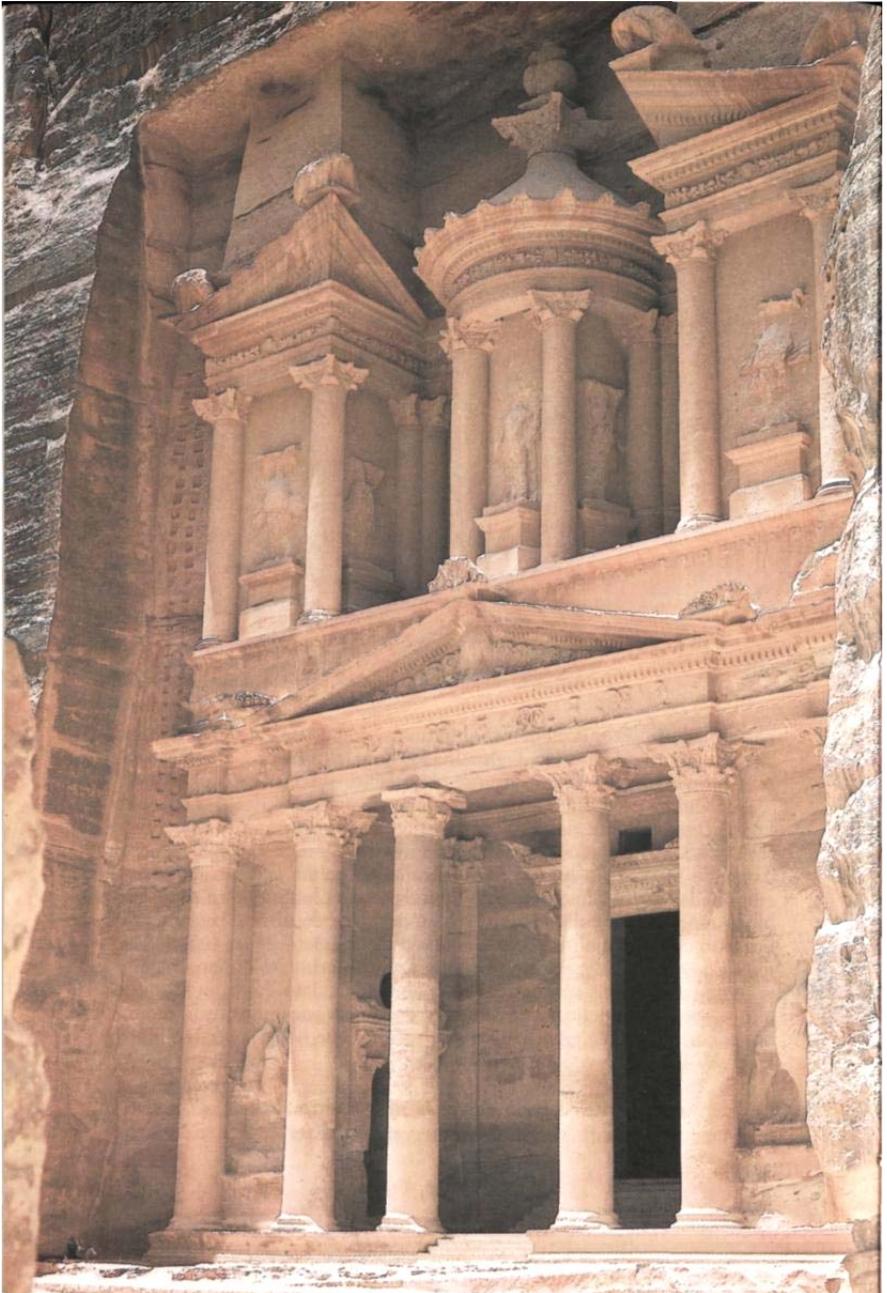
Na pedra calcária há filetes com suaves cores pastel.

— Khazne Fara'un, a casa do tesouro do faraó — disse Machmud. Emudecemos diante da cena imponente. Esse gigantesco monumento foi cortado, martelado e cinzelado, no resistente rochedo, que contém óxido de ferro. Não há em parte alguma o menor vestígio de pedras empilhadas artificialmente, nem emendas nas colunas. Trata-se de um bloco maciço. As colunas do térreo têm 12 m de altura, sustentando um friso de 6 m de altura com o símbolo da "mágica" deusa egípcia Isis: um disco entre dois cornos. Por assim dizer, no primeiro andar, erguem-se, como torres, seis colunas coríntias, e ainda acima destas, a 40 m de altura, sobre uma delicada construção, encimada por um telhado redondo, encontra-se uma grande urna de pedra. O que poderia conter? Karl-Erich Wilken escreveu em 1967¹⁷:

"Hermeticamente fechada descansa nela a alma do rei, não morta, mas misteriosamente viva... Quantas vezes não se escalou a fachada para se chegar até a urna, para se roubar o tesouro real que Areta pouco antes de sua morte encerrou na urna, juntamente com um misterioso mago? Mas todos os que se atreveram a chegar até a urna jamais atingiram o objetivo, despencando e estatelando-se diante da entrada do templo tumular".



Este gigantesco monumento foi escavado na rocha da parede de pedra perpendicular.



Na luz avermelhada, a graciosa fachada quase barroca do suntuoso palácio.

Atravessamos o portal e entramos na casa do tesouro. As paredes são nuas. Da ante-sala quadrangular saem passagens que levam a câmaras. A sala central possui três nichos, nos quais poderia outrora haver sarcófagos. Se assim era, continua a ser uma suposição, bem como a afirmação de que a casa do tesouro seria na verdade o "mausoléu de um dos últimos reis nabateus"¹⁹-

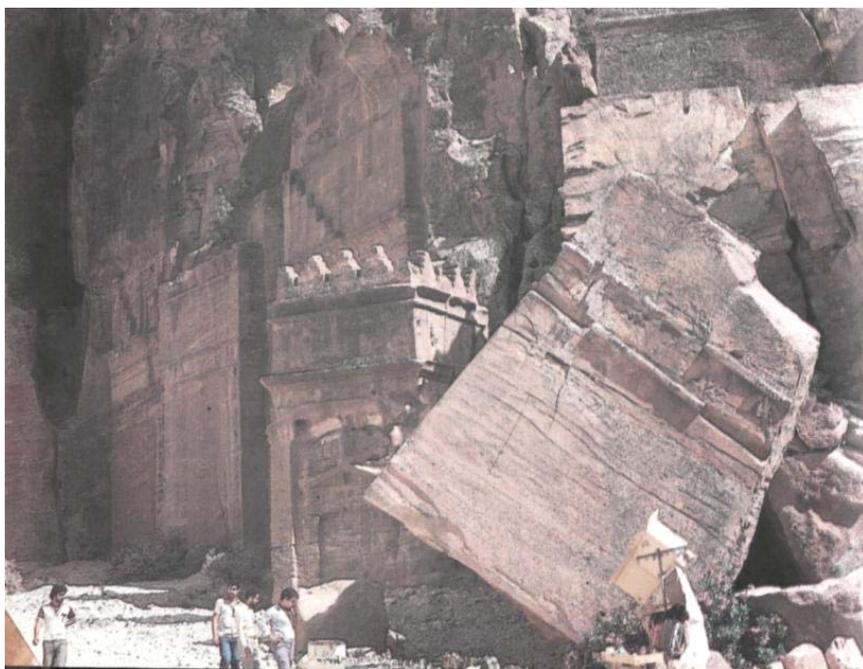
A pouca distância da assim chamada casa do tesouro, à direita, foi escavado um enorme buraco quase quadrado no rochedo. No revestimento, deslocado um pouco para a esquerda, reconhece-se um círculo vermelho-escuro. Tudo o que a literatura especializada tem a dizer a respeito é que se trata de um ornamento. Um trabalho tão árduo para um simples enfeite?!

Cavalgando adiante, passamos por um cubo de várias toneladas equilibrado diagonalmente sobre um dos cantos. O deslumbramento não termina.

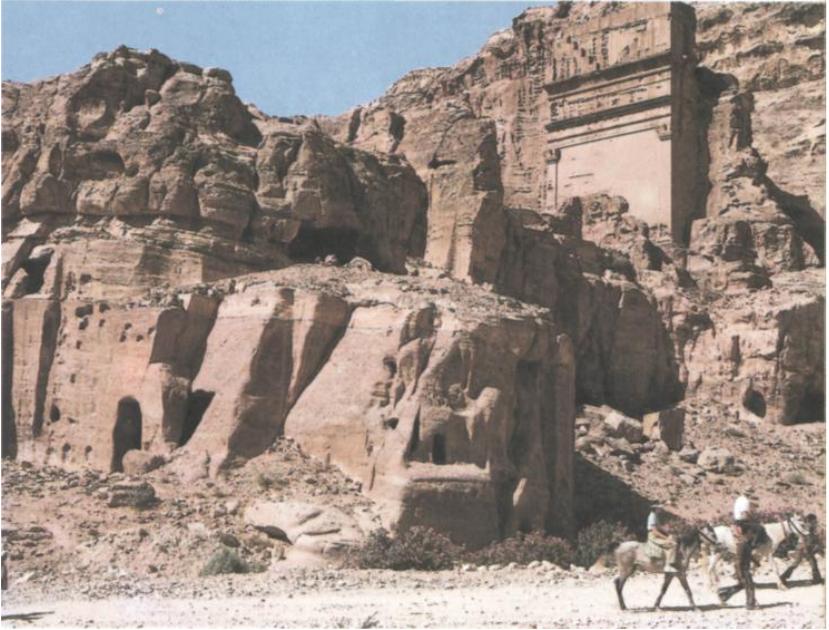


A pouca distância da casa do tesouro foi escavado um buraco quase quadrado na rocha.

Prosseguimos até a depressão na qual fica a monumental cidade de Petra, que se estende por uma superfície de 1 km de comprimento por aproximadamente 800 m de largura e a 925 m de altitude acima do nível do mar. Não é possível imaginar Petra com as palavras e conceitos disponíveis que se usam para se descrever uma cidade. Petra é uma verdadeira confusão na rocha.



O cubo, que está equilibrado em diagonal sobre um canto, pesa 4 toneladas.



Cartões-postais da cidade de rocha Petra.

Devoto, quase se desculpando, Machmud anunciou que teríamos que deixar os cavalos se quiséssemos subir até o santuário de Ed-Deir, pois os degraus eram muito íngremes para animais de montaria. Então marchamos em direção ao norte, através do vale perfumado por botões de rododendros brancos e amarelos. O vale tornou-se então estreito, do qual elevavam-se degraus muito íngremes em curvas surpreendentemente angulosas. Arfantes e suados, passamos pela "tumba dos leões", à margem da trilha — dois leões em relevo diante de uma entrada. Nesse local não houve nem há — de acordo com o que dizem alguns livros cuidadosos — túmulo algum. Há muito se sabe que o lugar foi denominado equivocadamente, mas nos livros esse tipo de relíquia também desafia o tempo.



Cartões-postais da cidade de rocha Petra.

Um tesouro para Alá

Havíamos caminhado com dificuldade por centenas de metros de trilha rochosa, tendo atingido uma altura considerável, quando chegamos ao templo de rocha de Ed-Deir, localizado sobre uma pequena plataforma; seu nome significa "mosteiro". Presume-se que a edificação tenha sido dedicada ao rei nabateu Obodat III, que foi deificado. A fachada de Ed-Deir é semelhante à da casa do tesouro do faraó, que tem 40 m de altura, 47 de largura, tendo também as dimensões de uma rica e moderna sede bancária.

Lá em cima há a urna de 9 m de altura, cujo segredo foi mantido durante milênios; nunca ninguém espiou aí dentro. Perguntei a Machmud. Ele ergueu os ombros, olhando por

um momento em direção ao céu. *Insch-Allah*. Só Deus sabe. Machmud só soube nos dizer o que há muito tempo circulava entre seu povo: Moisés e seus israelitas haviam trazido consigo um tesouro.

— Diz-se — resignou-se Machmud — que esse tesouro de Moisés está em algum lugar aqui perto de Petra, e um dia Alá virá buscá-lo.

Próximo à montanha de Aarão

Daqui de cima víamos, 1.000 m abaixo, o Wadi Araba, e ao sul, já bem próxima, a montanha de Aarão. Como um raio em céu azul, Ebet perguntou ao nosso intérprete:

— Você é um muçulmano muito crente? Machmud tartamudeou:

— Crente, sim, mas não muito...

— Não? Por que não?

Os olhos escuros de Machmud brilharam divertidos no rosto barbado:

— Jejuo muito pouco... e às vezes desobedeço à proibição do profeta. Gosto de álcool...

Após uma pausa para meditar — que somente mulheres sabem fazer — Ebet apontou para a cúpula branca sobre a montanha de Aarão:

— Você pode nos levar até lá? Embaraçado, Machmud coçou-se atrás da orelha:

— Isso vai sair caro! A senhora precisa pagar por mim e por três cavalos durante um dia todo; e se os senhores levarem suas câmeras, por um quarto cavalo e um cavalição...

Ele nos olhou interrogativamente para ver se íamos desistir. Nós o escutávamos. Então ele acrescentou:

— Além disso, os senhores têm que dar uma boa gorjeta ao guarda-túmulos e fazer uma oferenda a Harun...

— Por minha causa — me intrometi, pois nos países árabes

são os homens que fecham negócios. — Posso fotografar lá em cima? Você diz que se eu levar as câmeras...

— Não no santuário! — O intérprete ergueu as mãos em sinal de rejeição. — A paz do profeta não pode ser perturbada.

— As mulheres podem ir até o túmulo de Aarão?

Machmud considerou-me com um olhar sofrido, olhou então por longo tempo para minha mulher e finalmente extraiu de si a sentença que serve para tudo: — *Insch-Allah!*

Ainda que não se consiga acompanhar a sinuosa linha de pensamento da gente daqui, pelo menos senti que nem tudo estaria perdido. Se Alá quiser...

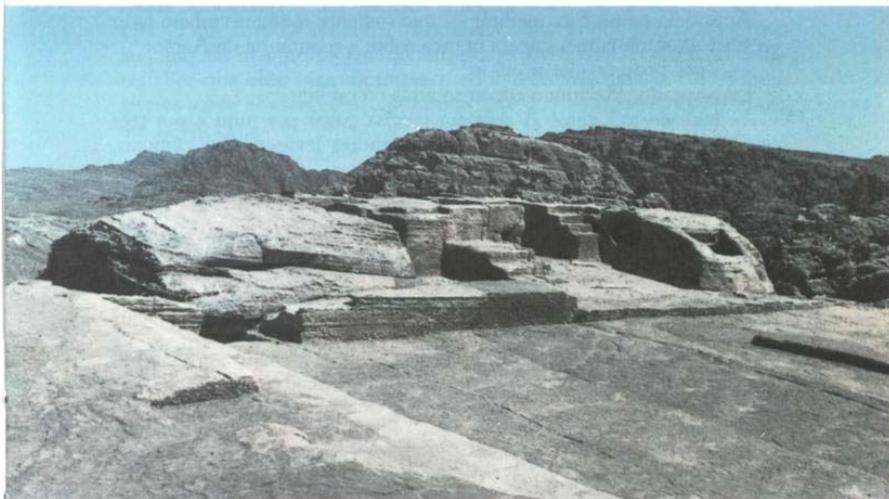
Dei tempo a Machmud para preparar a excursão.



O templo de rocha Ed-Dei ...

...É um local de oferendas nas montanhas perto de Perra

(embaixo)



Meditação em Petra

Não tenho a intenção de escrever um guia de viagem ou um livro histórico sobre Petra, a cidade de pedra; tal literatura já existe, e é ela que deve ser consultada sobre esclarecimentos a respeito do material factual. Como sempre, estou preocupado com as questões não esclarecidas. Posso me permitir esse outro ponto de vista, ainda que seja freqüentemente atacado por isso. Tenho um interesse apenas parcial pela história mais recente, ou seja, bem pouco pelas épocas em que os romanos, gregos ou cruzados visitaram Petra. Minha curiosidade dirige-se muito mais para a questão da origem da cidade, seus heróis e servidores divinos lendários como Moisés e Aarão. Gostaria de compreender qual o ímpeto que levou as pessoas a um dia construir toda uma cidade nos rochedos, ou melhor, a partir dos rochedos. Gostaria também de saber os motivos que faziam as pessoas acreditarem que Deus existiria em um

cubo de rocha (Beth-El = casa de Deus) ou estaria em um objeto de rocha semelhante a um obelisco (Lingam = coluna de fogo) caído do céu. O que leva há milênios os homens dessa grande região a subirem ao cimo das montanhas para tentar estabelecer contato com seres celestes? Por que eles, com sacrifício e esforço inimagináveis, construíram altares sobre as mais altas montanhas, por que arrastavam as oferendas até lá em cima?

A explicação de que o céu, lá do "alto", desde o início dominava os homens, e que portanto as pessoas lutavam para atingir o inatingível, é para mim simplória demais. Ela, com certeza, não é suficiente para que se compreenda por que os homens em todo o globo terrestre viam "deuses" descerem do céu — e eu não estou falando de figuras oníricas, mas de seres que falavam com eles, davam-lhes aulas e os ensinavam, impressionando-os com aparelhos tecnológicos. Pois Moisés seria então um autor de ficção científica quando descreve como todo o monte Sinai soltava fumo e tremia porque o Senhor descera sobre ele? (Êx. 24: 16 e seg.)

O que então, por favor, teria sido isso? Um fenômeno natural? Um milagre divino? Uma mágica encenada por sacerdotes? Uma psicose coletiva? Tenho muito, respeito pelas Sagradas Escrituras. E leio no Êxodo, cap. 19, vers. 23 e seguintes:

"O povo não poderá subir à montanha do Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: Delimita a montanha e declara-a sagrada... subirás tu e Aarão contigo. Os sacerdotes, porém, e o povo não ultrapassem os limites... para que não os fira..."

Para mim parece quase uma blasfêmia quando se supõe que e Deus precisava "delimitar a montanha" para não causar

prejuízos. Os fenômenos naturais sempre tiveram a desagradável propriedade de desabar sem aviso prévio. Não, levo Moisés ao pé da letra, e por isso também concluo que o Senhor ordenou-lhe concretamente que mantivesse o povo afastado da montanha — do local de aterrissagem — porque senão ele os iria "ferir".

Para mim parece grotesco que justamente aqueles críticos que declaram ser cada palavra da Bíblia sagrada e inspirada por Deus me ataquem porque levo tudo ao pé da letra. De fato! Entendo essas tradições bíblicas como fatos, onde são descritos fatos reconhecíveis.

O filósofo e médico grego Alkamaion, de Kroton, escreveu no século V a.C:

"E por isso os homens vão à ruína, porque não conseguem ligar o começo com o fim".

Essa falha na capacidade do pensamento humano aparentemente continua reinando 2.500 anos depois.

Genealogia, topografia, história de Petra

A capital dos nabateus é mencionada pela primeira vez em 312 a.C. o historiador grego Diodoro Sículo narra uma investida contra os nabateus empreendida por Antígono, o Caolho, que dominava a Ásia Menor, com 4-000 soldados de infantaria e 600 cavaleiros. Os nabateus venceram; eles atraíam os inimigos para precipícios ou deixavam-nos morrer de fome no deserto.

Até aí são conhecidos os nomes de onze reis nabateus, que dirigiram o reino até 106 a.C.; depois ele foi anexado pelo imperador romano Trajano (53-117 d.C), transformando-se na "Província Arábia".

Sua divindade principal, Dushara, o "Senhor dos montes Shera", era imaginada pelos nabateus "desde o começo como celeste, extraterrestre e sem forma"²⁰. Ele vivia em uma pedra e era venerado em cumes montanhosos. Foram erguidas colunas e obeliscos em honra de Dushara. Ainda hoje há colunas antiqüíssimas no anfiteatro de Petra, que comportava 8.000 espectadores. Sobre o "morro dos obeliscos" os nabateus aplainaram o cimo de um rochedo para fazer um terraço. Aí ergueram dois obeliscos de 7 m de altura que parecem nascer da rocha, símbolos de advertência para o deus Dushara e sua companheira Allat, que foi associada ao planeta Vênus.

De onde vieram os nabateus? Evidentemente da área geográfica representada hoje pela Arábia Saudita/Iêmen, onde o Prof. Salibi colocou os acontecimentos do Antigo Testamento. Tanto no Iêmen quanto na Arábia Saudita encontram-se edificações típicas dos nabateus, que poderiam estar em Petra. Os túmulos de rocha nabateus de Madain Salih, no noroeste da Arábia Saudita, são famosos. Tanto aí como em Petra, as colunas e estruturas dos templos são tiradas da rocha em um único bloco. Tanto num lugar como noutra há sobre os frisos dos templos urnas ou falcões com asas estendidas. Tanto em Petra quanto em Madain Salih o andar superior dos templos de pedra termina em degraus ascendentes — escadas para o céu — pelos quais os visitantes voadores desembarcariam em suas aterrissagens.

Os nabateus, mestres do trabalho em rocha, provavelmente não foram os verdadeiros construtores de Petra, foram herdeiros de um povo muito mais antigo, os edomitas. Além disso, Petra não teve sempre esse nome. Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus, escreveu no primeiro livro de suas "Antigüidades Judaicas" que na época de Moisés a cidade

era chamada de Arke — uma afirmação contestada pelo pai da igreja, Jerônimo de Belém, que sabia que "Sela" tinha sido o nome mais antigo da cidade. "Sela" quer dizer "rocha", e Sela seria portanto idêntico, quanto ao sentido, à tradução de Petra.



Passamos pelo anfiteatro que antigamente comportava 8.000 espectadores.

Os edomitas, antepassados dos nabateus, descendiam da linhagem bíblica de Esaú, uma família com uma história bastante confusa que preciso, entretanto, acompanhar porque suas linhas de descendência apontam novamente para os descendentes dos deuses:

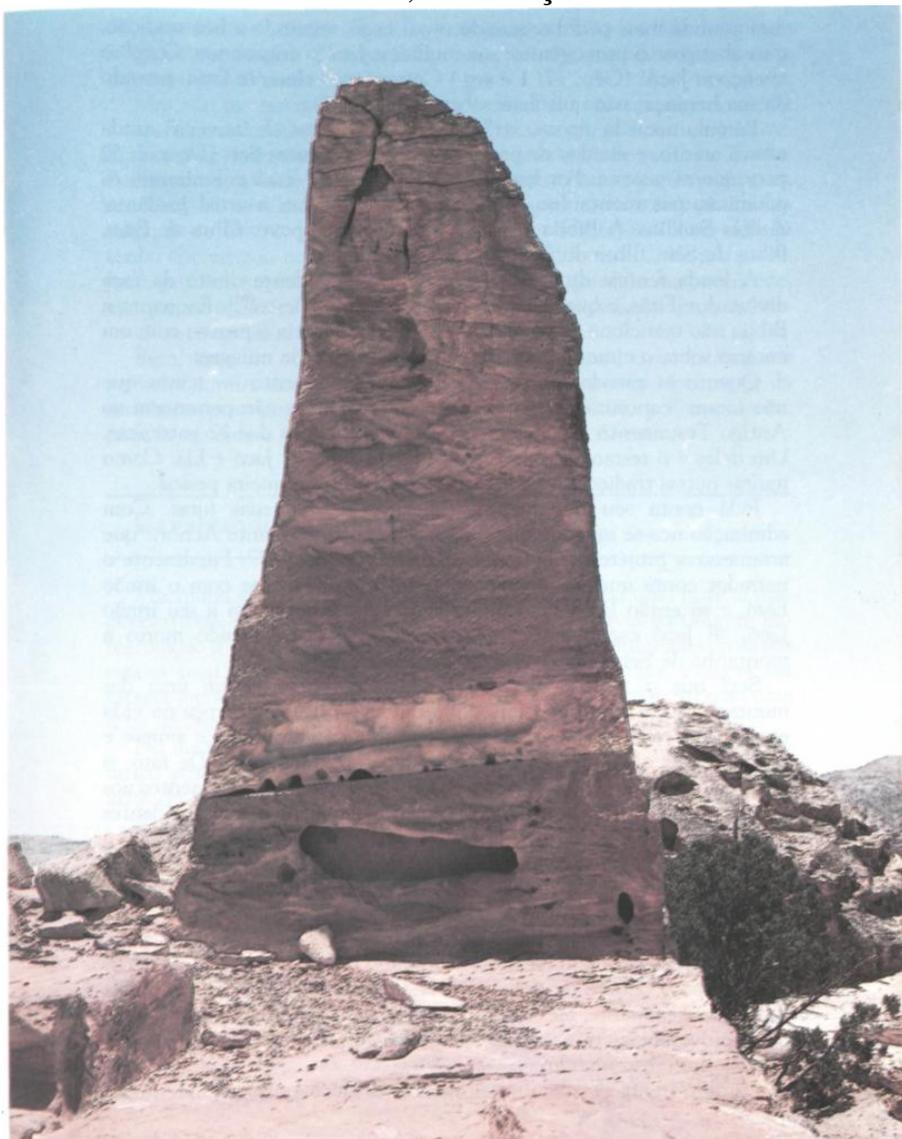
Isaac, filho do patriarca Abraão, criou os filhos Esaú e Jacó. Esaú era o filho mais velho, sendo portanto o primeiro na

linha de herança. Esaú não ligava para isso até que um dia acendeu-se uma luzinha em sua cabeça. Cansado, ao retornar do trabalho no campo, seu irmão mais novo havia preparado um tentador e cheiroso prato de lentilhas. Faminto, Esaú queria servir-se. Jacó, entretanto, impediu-o de comer até que Esaú abdicasse de seu direito de primogenitura. As intrigas foram ainda mais perversas quando o pai cego, seguindo a boa tradição, quis abençoar o primogênito; sua mulher e Jacó o enganaram. O velho abençoou Jacó! (Gên. 27: 1 e seg.) Compreensivelmente Esaú, privado de sua herança, não quis mais saber de sua família.

Porém, naquela época, o "senhor das colunas de nuvens" ainda estava atento, e ele deu de presente a Esaú os montes Seir (Deut. 2: 5) para que aí vivesse. Por isso os descendentes de Esaú colonizaram os edomitas, nas montanhas que fazem fronteira com a atual Jordânia/ Arábia Saudita. A Bíblia dá vários nomes a esse povo: filhos de Esaú, filhos de Seir, filhas do Edom... e edomitas.



Na montanha do obelisco cortou-se o cimo de um rochedo para se fazer um terraço plano; somente o obelisco ergue-se, clamando ao deus Dushara, em direção ao céu.



A lenda fenícia diz que Esaú era um descendente direto da raça divina dos Titãs, e que "guerreava com poderes celestes"²¹. Enquanto a Bíblia não menciona a morte de Esaú, a lenda fenícia o proveu com um enterro sobre o cimo da montanha acompanhado de milagres.

Quanto às pseudo-epígrafes do Antigo Testamento — textos que não foram "canonizados", ou seja, que oficialmente não pertencem ao Antigo Testamento —, elas incluem os testamentos dos 12 patriarcas. Um deles é o testamento de Judá, o quarto filho de Jacó e Lia. Como muitas outras tradições, esse texto está escrito na primeira pessoa.

Judá conta seu nascimento, sua juventude e suas lutas. Com admiração fica-se sabendo que Judá lutou contra o gigante Achor, "que arremessava projéteis pela frente e por trás do cavalo"²². Finalmente o narrador conta que seu pai vivera por 18 anos em paz com o irmão Esaú, e só então Esaú, com muita gente, declarou guerra a seu irmão Jacó. "E Jacó caçou Esaú com o arco, e Esaú foi levado morto à montanha de Seir."

Será que o túmulo de Esaú também se encontra em uma das montanhas de Petra? Seria talvez sua tumba — ligada à crença na vida eterna e na ressurreição — originalmente a razão de todos os amigos e descendentes quererem ser enterrados nas proximidades? De fato, o antropólogo Philip C. Hammond ²³ constatou que "os monumentos aos mortos de Petra são as edificações mais complexas e mais evidentes para todos os que visitam o lugar".

Desde que homens vivem e morrem sobre a Terra eles quiseram ser sepultados onde seus pais descansavam. Eles confiavam em que seus pais indicariam o caminho a ser seguido na vida do além, portanto, queriam estar próximos deles quando o "anjo" - os chamasse para a ressurreição.

Esse desejo de se estar próximo no além poderia esclarecer o monstruoso esforço de trabalho investido na construção dos túmulos de rocha. Realmente, eles são o testemunho suficiente da "necessidade de se providenciarem moradias adequadas para aqueles que continuam vivendo no outro mundo"²⁴.

Desde o início os edomitas tinham uma idéia de Deus diferente da de seus irmãos judeus. Esaú e Jacó receberam a mesma educação religiosa na família do patriarca Isaac, e supõe-se que eles teriam transmitido o "ensino puro".

Mas não foi assim. Para os edomitas seu Deus era uma figura visível e atuante, e não uma representação abstrata, como o deus judeu Jeová. Enquanto os edomitas tinham medo da proximidade real do "Todo-Poderoso na coluna de nuvem", os judeus conviviam naturalmente com seu deus invisível: "Os judeus ficaram pasmos com a representação edomita de Deus... para eles isso não passava de ateísmo"²⁵.

Que Esaú tenha encontrado uma representação de Deus diferente da de seu irmão Jacó, pode-se explicar pelo fato da experiência que teve na juventude, em que na presença do Deus onipresente foi sordidamente enganado.

O que tem tudo isso a ver com Petra?

Bem, caso os edomitas tivessem sepultado seu patriarca Esaú na primeira tumba de rocha, teriam logicamente enterrado príncipes da linhagem posterior nas proximidades, e assim Esaú, postumamente, poderia ter sido o fundador da cidade de rocha no deserto.

Cavalgando até o túmulo de Aarão

Machmud apareceu alguns dias mais tarde trazendo uma

notícia des-concertante, dizendo que o guardador de túmulos havia partido em peregrinação a Meca. Isso vinha ao encontro de nossos interesses, pois sua esposa nem de longe era tão teimosa quanto o marido, e agora ela estaria tomando conta das chaves. Brindamos a um bom êxito com uma dose de "suco de laranja".

No dia seguinte, bem cedo, quatro cavalos, Machmud e um cava-lariço estavam à nossa espera junto ao raquítico salgueiro que crescia atrás do hotel.

Através da garganta de El Sik, passando por um anfiteatro, começamos a subir a encosta. As formações rochosas às vezes pareciam um prato ou o couro de um crocodilo, outras desenhavam nítidos filamentos vermelhos, brancos, azuis e amarelos. Passamos por crianças que carregavam sobre os ombros baldes d'água pendurados em um bastão; vimos mulheres de negro que acenavam para nós das cavernas dos beduínos. Diante de nós, a sudeste, tínhamos a vista sempre voltada para o majestoso cume duplo do Dschebel Harun, e em sua ponta uma construção quase branca piscava como uma pérola preciosa.

A trilha rochosa era tão estreita que mesmo em fila indiana mal havia espaço para os animais. Conhecendo muito bem o local, eles pisavam com sonhadora segurança. Uma grande serpente negra se enrascava nas pedras, os cavalos pararam e fungaram, como se quisessem avisar seus cavaleiros. Segundo Machmud, cobras e escorpiões não são raros por aqui. Mais tarde, Ebet e eu somente notamos que uma mulher com traços quase masculinos havia se juntado ao nosso séquito, balançando-se sobre um jumento, quando Machmud começou a discutir com ela em voz alta.

— Essa é a mulher do guardador de túmulos — gritou Machmud.

A última terça parte do caminho até o pico de 1.330 m de altitude era difícil para cavaleiros pouco acostumados. Ebet e eu pedimos várias vezes para desmontar e levar Susanne e Leila pelo cabresto. Machmud recusou, dizendo que os cavalos estavam acostumados com a trilha rochosa na encosta da montanha.

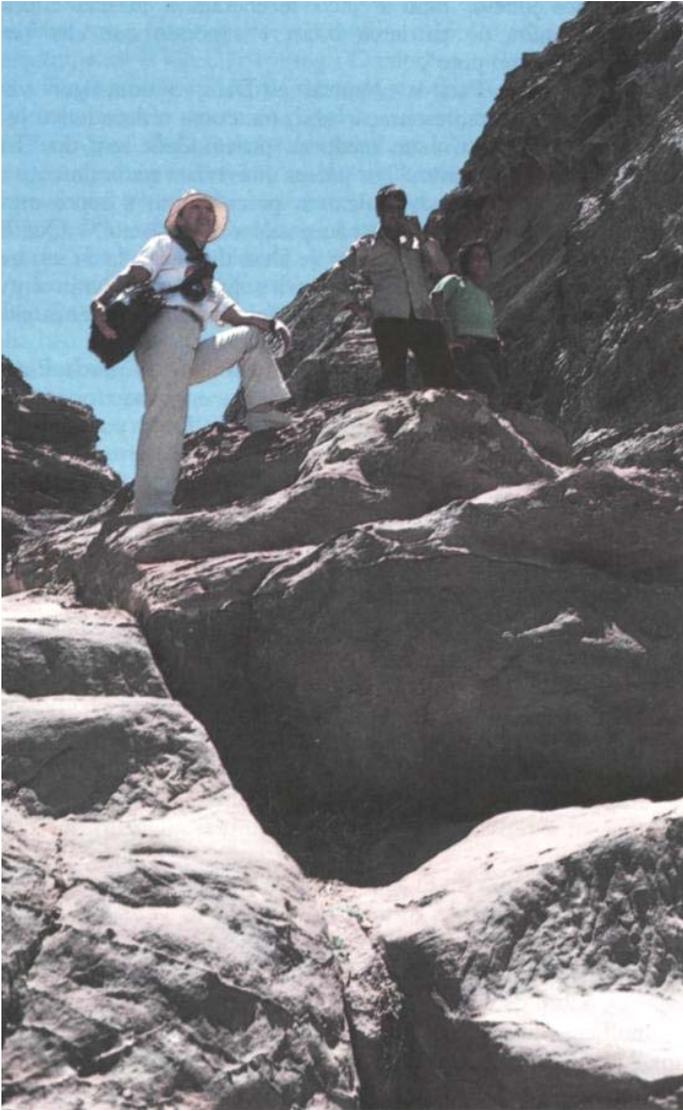
O panorama lembrava uma fantástica e inóspita paisagem marciana. Esporões de pedra negros ou marrom-escuros erguiam-se dos vales de areia desérticos, sobre nós o céu cor de safira louvado desde sempre pelos poetas orientais.

A uns 100 m do cimo chegamos a uma pequena superfície plana feita por mãos humanas. Machmud amarrou os cavalos em um ramo ressequido, quase petrificado, enquanto a velha administradora desmontava do burrico e escalava agilmente até um dos cantos do platô, onde havia muitas ruínas. Ela desapareceu em um nicho nas rochas, retornando rapidamente com uma caneca de plástico e uma corda. Lembrei-me do orientalista austríaco Alois Musil (1868-1944), que esteve aqui em cima no outono de 1900. Ele havia amarrado seu cavalo "não muito longe de alguns tachos de cobre que lá se encontravam"²⁶. E assim mudam os tempos, o plástico substituiu o cobre.

A velha mergulhou a caneca em um buraco no chão, ergueu-a, cheia de água clara e fresca. Uma cisterna nessa altitude, 100 m abaixo do cume! Isso não era de forma alguma comum nessa região. Nesse local ocorrem somente algumas pancadas de chuva esporádicas. A cisterna fora cavada na rocha para abastecer de água os trabalhos de cantaria que aí eram desenvolvidos!

Machmud dirigiu-se para o lado noroeste do penhasco e acenou com a mão para que o cavalariaço seguisse com nossas câmeras. Nesse instante a velha começou a gritar um

descanto estridente. Sobrepondo-se à sua voz aguda, soava o baixo do intérprete. Pelos olhos escuros do cavaleiro, percebemos que ele ateava fogo à discussão intercalando objeções malcriadas. Machmud, um filho do deserto muito digno e orgulhoso, nos contou num tom de voz calmo que a velha nos proibia de entrar na mesquita tumular se não deixássemos as máquinas fotográficas junto com os cavalos. Acenei-lhe com algumas notas — dinheiro — e senti o olhar cobiçoso da enrugada mulher sobre minhas mãos. Ainda assim ela provou ser — o que quer dizer muito no Oriente — insubornável. Mostrei-me dócil, deixando, entretanto — que Alá tenha piedade de mim! —, que, despercebidamente, uma Minox desaparecesse no bolso de minha calça. A velha, novamente com sua paz de espírito, subia com dificuldade um degrau após o outro adiante de nós, que nos arrastávamos atrás. Machmud, sempre nosso protetor, colocou-se por último em nossa pequena procissão. A subida era exaustiva, porque os degraus eram muito altos para serem vencidos com um único passo. A vista do vale abaixo dava vertigens. Lá embaixo, havia 174 anos, Burckhardt sacrificara sua cabra magra, sem conseguir subir. Paramos em uma curva íngreme para recuperar o fôlego. A rocha, à nossa volta, mostrava por toda parte claros sinais de ter sido trabalhada. Seja lá o que fosse que estava lá em cima, tratava-se em princípio de um santuário importante, pois em caso contrário tanto trabalho de cantaria não teria sentido. Arquei antes, finalmente chegamos a uma superfície plana no cimo. Diante de nós uma pequena mesquita, com cerca de 14 m de comprimento, 7 m de largura, pintada de branco. Sobre a cobertura achatada estava a cúpula branca, abaulada, que brilhava como um pérola para nós, no terraço do hotel.



Por fim a cavalgada ao túmulo de Aarão levou-nos, através de caminhos entre as rochas e penhascos, até os íngremes degraus esculpidos no rochedo.

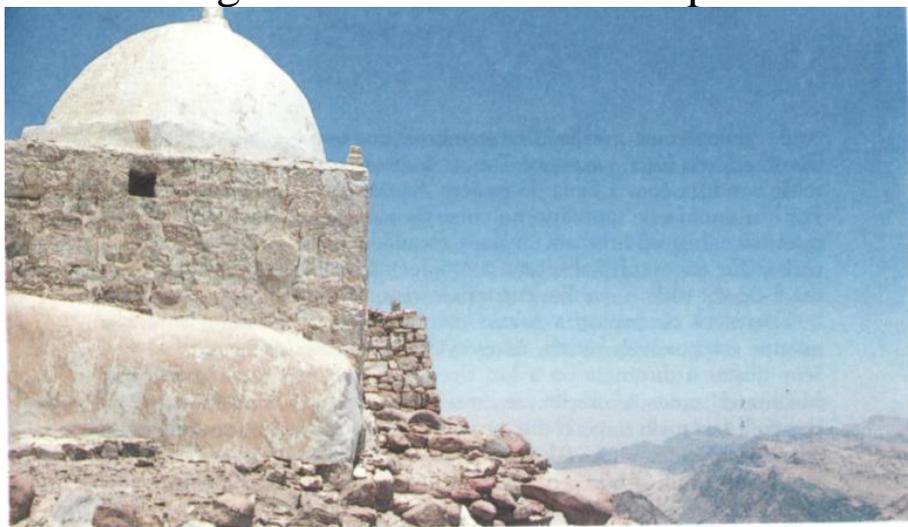
O túmulo de Aarão?

A zeladora rebuscou as dobras de sua roupa negra, tirando duas grandes chaves rústicas que enfiou na fechadura, mas então retirou ainda uma terceira chave, uma enormidade tal como eu nunca havia visto antes, uma coisa de pelo menos 15 cm de comprimento com uma rosca de parafuso que ela colocou em um buraco redondo e girou e girou; a porta rangeu e gemeu nos gonzos e se abriu. A velha então sentou-se em um banquinho e ficou murmurando para si mesma. Observei como Machmud descalçou os sapatos empoeirados e o imitei. Eu aguardava, tenso, como os dois muçulmanos iriam se comportar em relação a Ebet. Entretanto, como Ebet estivesse de jeans, jaqueta e chapéu de pano sobre os cabelos curtos, não aparentava ser necessariamente uma mulher, pelo menos não para a velha. Como um raio dei-me conta de que Ebet, desde que a velha se juntara a nós, não pronunciara uma única palavra. Muito refinado, pensei. Ebet tirou os sapatos e me seguiu com grande autoconfiança. Com o canto dos olhos observei como a velha olhava para ela um pouco surpresa.

A primeira coisa que vi foram três tapetes coloridos com motivos de Meca, da Kaaba e da Grande Mesquita, uma homenagem ao local de nascimento de Maomé, pendurados nas paredes da mesquita crepuscular. Machmud aproveitou a oportunidade para orar em voz alta, prostrando-se rítmica e demoradamente em direção a Meca. "



Chegamos arfantes ao cimo piano...



... e vimos a pequena mesquita com sua faiscante cúpula branca.

Curioso e cheio de expectativa, percorri com os olhos a sala, que media mais ou menos 8 x 4 m. A cobertura abaulada está apoiada sobre duas pilastras quadrangulares. Próximo à

porta de entrada, à minha direita, um cenotáfio adornado como se para alguma ocasião festiva, drapeado com toalhinhas de seda de um verde gritante sob a bandeira branca, vermelha e verde do Islã.

A decepção me paralisou os membros. Era esse o túmulo de Aarão? Tanto esforço físico para isso? Tantas despesas para isso? Esse pseudotúmulo condizia com a fama do profeta Aarão, que atravessara milênios? Por que então esse santuário no cume da montanha, erguido sobre plataformas, ao qual levavam degraus escavados com grande esforço na rocha? Eu não estava disposto a empreender a retirada antes de ver mais, de ver tudo o que havia para ser visto.

Enquanto eu percorria a sala com os olhos com tanto interesse quanto era possível, retirei, às escondidas, minha Minox do bolso e, sem ajustar a distância ou a luz, tirei uma foto no momento em que Machmud, em sua oração, se levantava. Naquele silêncio não era possível deixar de ouvir o discreto clic. Machmud me repreendeu com um olhar vazio e reprovador. Talvez eu tivesse uma foto do cenotáfio na máquina, ainda que precária. E realmente, aqui está ela.



Um cenotáfio sob a bandeira branca, vermelha e verde do

Islã simboliza o sarcófago de Aarão.

De um canto poeirento da sala Ebet me fez um sinal com a mão para que fosse até ela. Ali havia um buraco no chão de pedra, e uma escada mergulhava na escuridão. Quando me dispunha a descer, Machmud interrompeu sua prece e, de um salto, estava junto de nós.

— Não! Não! — ele sussurrou suplicante com um olhar de terror.

— Aonde leva a escada? — perguntei em voz baixa.

— Ao túmulo de Aarão...

— Então deixe-me descer! — disse bruscamente, pisando já o segundo degrau.

A cabeça de quem decidia aflorou à porta, ela gritava desesperada.

Machmud segurou meu braço, eu consenti e com a mão livre enfiei uma nota em sua mão sob a camisa. Ele assentiu, mas ainda sem me soltar. Suplicou:

— No comera! Please, no comera!

Entreguei-lhe a Minox. Ele a tomou e respirou aliviado, mas ainda não estava satisfeito. Indicou Ebet com a cabeça, e a velha que guinchava aparentemente não se atrevia a entrar na sala. Ebet se deu conta da situação, assentiu para Machmud, e me passou uma pequena lanterna, sem que nem eu nem ele pudéssemos ver. Eu tinha ao meu lado o copiloto certo!

Desci. Machmud, como uma sombra ao meu lado, escondia os olhos com o antebraço, pois ele estava com medo. Encontrei-me em uma sala estreita com paredes brilhantes de umidade. A luz fraca da lanterna, vi primeiro uma grade de ferro, e atrás dela um pano enrolado em dobras que poderia muito bem envolver uma múmia. Encravada na

parede em frente havia uma pedra negra, redonda, do tamanho de uma cabeça. Antes que eu pudesse pedir alguma informação a Machmud, ele caiu de joelhos, resvalou adiante em direção à pedra e, com o rosto extático, cobriu-a com uma série de beijos ruidosos. Mais tarde fiquei sabendo que essa pedra de Aarão é considerada tão sagrada quanto a Pedra Negra que fica na Kaaba, em Meca, trazida do céu pelo próprio Alá e depositada nesse local para distinguir o túmulo de seu servidor Aarão. A pedra, segundo se diz, faz milagres, tendo já devolvido a visão a cegos.

Machmud orava, ininterruptamente. Não posso negar que fui tomado de um sentimento de respeito, e também que não consegui resistir a iluminar a sala com a lanterna. A luz fraca se espalhou através da grade. Não podia acreditar no que estava vendo. Encostado à parede posterior, havia algo parecido com um sarcófago! Uma estrutura quadrangular, uma pedra poeirenta que eu não conseguia distinguir se fora cortada em granito ou mármore. Além disso, não havia nenhuma possibilidade de erguer o pano negro que envolvia esse algo. É duro chegar tão perto de um mistério... e não poder "desvendá-lo"!

Lembrei-me de ter lido em Alois Musil, que estivera neste lugar 86 anos antes, que ele tinha apalpado algumas "inscrições gregas e várias hebraicas" nas paredes e colunas. Iluminei as paredes, passei as pontas dos dedos por elas e não percebi inscrição alguma.

A pedra negra me fascinava, pois, da maneira como ela saía da parede, iluminada pela pequena lanterna, dava-me a impressão de que sobre ela fora derramada uma massa pegajosa e brilhante, como os minúsculos pontos luminosos que iluminam o universo iridescente, mas isso pode se dever à estranheza daquele lugar. De meus estudos sobre as

Rollright-Stones²⁷, na Inglaterra, eu me lembrava que pedras podem "falar", que elas armazenam pensamentos no limiar do sonho e da realidade. Pedras, como no fundo toda a matéria do universo, são "energia cristalizada". Seus elétrons contêm informações que em lugares consagrados podem ser sentidas por pessoas sensibilizadas. Eu não me sentia bem.

Machmud parará de rezar e insistia para que saíssemos da tumba. Piscando e cambaleante, saí para a luz do dia e sentei-me no chão ao lado de Ebet.

— Era o túmulo de Aarão? — perguntou ela.

— A mim falta a fé! — resmunguei, percebendo pelo rosto de Ebet que ela compreendera a resposta de duplo sentido.

— Não há dúvida de que aqui jaz uma personalidade famosa do passado. Aí embaixo há um sarcófago, uma pedra sagrada e, sob um pano negro, uma coisa comprida que eu não sei o que representa. Não encontrei nenhuma inscrição tumular, nenhum adorno, como seu diadema, seu peitoral, nem sinal de suas pedras Urim e Thummin, nada de sua vara mágica...

Reminiscências

A noite, no Petra Fórum Hotel, eu continuava perturbado pela mesma dúvida que tinha lançado ao piloto israelita alguns dias antes em Jerusalém. Por que não se consegue identificar nem uma única tumba de um profeta do Antigo Testamento? Caso o profeta Aarão tenha sido sepultado sob o Dschebel Harun, desde o dia de sua morte esse lugar necessariamente teria exercido um imenso poder de atração sobre os crédulos. Também não há importância alguma em

saber qual povo vivia nessa região, mesmo porque todos os povos veneravam fervorosamente Aarão! Se o lugar do descanso final de Aarão estivesse realmente sob o Dschebel Harun, todos os crentes de todas as épocas saberiam da história. Mas: como é que se lida hoje com os túmulos de profetas e fundadores de religiões?

Vamos dar quatro exemplos:

Jesus morreu em Jerusalém. Ainda que, como crêem os cristãos, ele tivesse ascendido ao céu fisicamente, é claro que já no primeiro século depois de sua morte seu túmulo, ou seja, o lugar onde o corpo teria permanecido após ter sido retirado da cruz antes da ressurreição, seria venerado. Em 136 d.C. o imperador romano Adriano mandou construir exatamente nesse local um templo a Afrodite, a deusa do amor. Adriano queria com isso apagar a lembrança de Jesus, mas foi em vão. Mal se haviam passado dois séculos — no ano de 326 —, o imperador Constantino deu ordens para que se derrubasse o templo de Afrodite e se construísse, em seu lugar, um santuário para Jesus Cristo. Desde então a igreja do Santo Sepulcro — apesar de várias destruições durante a conturbada história de Jerusalém — só cresceu. Os crentes nunca esqueceram o lugar sagrado.

- O apóstolo Pedro foi crucificado de cabeça para baixo pelo imperador romano Nero (54-68 d.C). Os cristãos reuniram seus restos mortais, enterraram-nos e marcaram o local com uma pesada pedra. Isso se deu numa época anticristã, em que não era possível construir uma capela. A jovem comunidade cristã venerava o local do sepultamento até que o imperador Constantino construiu sobre o local a primeira basílica, no ano de 324. Desde então a catedral de São Pedro, juntamente com o Vaticano, é o centro da Igreja

Católica Romana. Motivo: os ossos do apóstolo Pedro.

- Em Ravena, na Itália, está localizada há 1.500 anos uma imponente edificação de pesados monólitos: é o monumento sepulcral do príncipe godo Teodorico I (419-451). Ele não foi nem fundador de uma religião nem profeta, mas "apenas" fundador do império godo do Ocidente. Seu cenotáfio está hoje tão firme e incólume quanto na época de sua construção.

- Quando o profeta Maomé morreu em Medina, no ano de 632, o califa Othman ordenou a construção de uma mesquita sobre o local do sepultamento, que foi ampliada várias vezes nos séculos posteriores. Os muçulmanos crentes não rezam aí para Maomé — eles rezam por ele. E é muito provável que eles continuem fazendo isso pelos próximos 1.000 anos, em um santuário mais ampliado ainda.

Exemplos como esses podem ser multiplicados, para incluir até mesmo os mausoléus dos antigos imperadores japoneses. Todos esses lugares juntos permitem a constatação de que os locais de sepultamento de personalidades sagradas não são esquecidos pelos povos. Crescem com o passar dos séculos.

Não resta dúvida de que um personagem como Aarão, que, através de milagres e magia, tornou-se tão proeminente nas tradições, teria, a partir de seu enterro, alcançado uma veneração comparável à dedicada a Maomé ou Pedro. Como isso não aconteceu, fica a suposição de que desde o começo ninguém sabia onde Aarão foi sepultado. Por alguma razão a localização de seu túmulo foi mantida em segredo. E por isso não é de admirar que cenotáfios substituam a sepultura de Aarão. Um deles fica no cume do monte Ohod, em

Medina²⁸. Aí havia antes uma mesquita com uma cúpula que desabou 130 anos atrás²⁹. Um segundo local de sepultamento deveria estar, de acordo com a Bíblia, em Moseroth, no atual Estado de Israel. Mas talvez estejamos procurando em vão o local do sepultamento de Aarão, pois uma lenda popular árabe afirma que o leito de morte de Aarão elevou-se ao céu juntamente com o corpo³⁰.

E Abraão? O que aconteceu com ele?

O nome de sua tumba era conhecido desde o início, ele está anotado na Tora e no Antigo Testamento, não tendo nunca, portanto, sido mantido em segredo. Era a caverna de Machpela. A veneração ao pai e patriarca de todas as raças teria que ser muito maior que a dedicada a Aarão. Para expressá-lo em edificações, com o passar dos séculos, o local de seu sepultamento teria que ter alcançado o dobro do tamanho do Vaticano, e isso porque na mesma tumba estariam ainda cinco outros personagens dignos de adoração, venerados por judeus, cristãos e muçulmanos!

A caverna de Machpela, em Hebron, não é o túmulo de Abraão tanto quanto Mambre, perto de Hebron, não é o local onde ele atuou. Mambre e a caverna de Machpela ficam, segundo provou o Prof. Salibi, na província árabe meridional de Asir. O "Hain", onde Abraão se estabeleceu, "consiste hoje em pequenos bosques de acácias e tamarindos na região de Namira e Hirban, no interior do Qunfudha"³¹. Na mesma região montanhosa, próxima a Namira, fica também "a localidade de Maqfala (mqfah), que até hoje tem o nome da caverna dupla 'Machpelah', mkplh".

O verdadeiro túmulo de Abraão nunca teve a oportunidade de se tornar um local de peregrinação porque os israelitas foram derrotados pelos babilônios, banidos, espalhados aos quatro ventos. Mas os vencedores militares não veneravam

Abraão, eles tinham outra religião!

Justamente os santuários centrais das religiões antigas deveriam — sem ferir sentimentos religiosos! — ser pesquisados com os métodos científicos mais modernos, para que os túmulos verdadeiros fossem descobertos e os falsos identificados.

"O passado deve falar, e nós devemos escutar. Até então nem nós nem ele teremos paz." — Erich Kástner (1899-1974)".

Insch-Allah.

Capítulo 4

FILHOS DA TERRA, FILHOS DOS DEUSES

O HOMEM NÃO TEM UMA PÁTRIA DE ORIGEM?

Vocês não são degenerados, meus filhos. Sejam trabalhadores e preguiçosos e cruelmente suaves, generosamente avaros! Igualem o destino de todos os seus irmãos, igualem os animais e os deuses!

Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832)

Há milênios o homem está à procura do Jardim do Éden, do Paraíso, no qual foi criado ... e do qual foi expulso. Até hoje a pátria de origem da humanidade não pôde ser localizada.

Quando há alguns anos comecei a me dedicar à literatura sobre o Jardim do Éden, não tinha nem idéia do quanto as hipóteses são divergentes. Se 200 autores científicos derem suas opiniões, haverá 200 pontos de vista bem ou mal documentados contra elas. Onde ficava o Jardim do Éden? Aqui está uma mostra dos locais mais importantes^{1,2} \ à qual poderiam ser facilmente acrescentadas mais 80 sugestões:

- entre o Tigre e o Eufrates
- no Ganges indiano
- no Nilo Azul
- no Nilo Branco ocidental
- no mar Cáspio
- na margem esquerda do Araxes, na Armênia
- no Shatt-el-Arab
- no litoral do mar Oriental, na Prússia
- no Danúbio superior
- no Ceilão
- na ilha de Cuba
- no Jordão, na Palestina
- na atual Jerusalém
- próximo à atual Damasco
- em Dilmun (o atual Barein)
- na ilha de Creta
- nas ilhas Gotthard (Suíça)
- no altiplano da Cachemira, na Índia
- na ilha de Atlântida, que afundou
- no Estado de Maryland, E.U.A.
- em Tiahuanaco, na Bolívia
- no altiplano do México
- em várias ilhas dos Mares do Sul
- no país da Utopia
- em um planeta distante

- em uma nave espacial extraterrestre
- o Paraíso era o planeta Terra.

25 linhas que agitaram o mundo

Vinte e cinco parcas linhas do Gênesis, o primeiro livro do Antigo Testamento, colocaram centenas de escritores em marcha, em busca do Jardim do Éden, estimulando debates de cátedra para cátedra, provocando uma verdadeira enchente de literatura paradisíaca. Estas são as perturbadoras linhas do Gênesis 2:8 a 14:

"Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços. O primeiro chama-se Fison, rodeia toda a terra de Évila, onde há ouro; é puro o ouro dessa terra na qual se encontram o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon, rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio se chama Tigre, corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar".

Na tradução da Bíblia citada, a Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, São Paulo, 1985, fala-se do Eufrates, e também do Tigre; tais cursos d'água de nomes conhecidos permitem supor que a região geográfica era conhecida. Na verdade, ela não é conhecida. É preciso lembrar da escrita consonantal dos textos antigos, e assim Tigris, em letras latinas, é tgrs, e Eufrates resulta phrt, um som ronronado.

Introduzindo-se vogais pode-se fazer qualquer coisa. Os eruditos da Bíblia deram aos rios os nomes de Tigre e Eufrates porque o Gênesis diz que Deus havia colocado o Jardim do Éden "no oriente", e o Tigre e o Eufrates ficam no oriente.

A oriente de quê? Em uma bola como a Terra, "oriente" é um problema de referencial, de que ponto se determinam os pontos cardeais. De qualquer modo, o Gênesis afirma que no Éden nasce um curso d'água que se divide em "quatro braços". Levando-se a Bíblia ao pé da letra, o Tigre e o Eufrates podem ser riscados da lista de sugestões no que se refere às informações de localização, uma vez que não são partes de um único curso d'água, pois têm nascentes diversas. O Tigre, a oeste de Taurus oriental, e o Eufrates, que é formado por dois rios, o Kara Su e o Murad Su, na Anatólia, Turquia. Acima de tudo, a localização geográfica do Jardim do Éden continua sendo um jogo de palavras.

Os acontecimentos

Há notícias de três acontecimentos no Éden: a criação do homem, o pecado original e a expulsão do Paraíso. A versão bíblica desses acontecimentos é enigmática, cheia de contradições e disparates que são evidentes até mesmo ao leitor ingênuo.

Desde o início havia Jeová, o todo-poderoso e onisciente Deus criador. Não sabemos de onde veio ou onde vivia, mas apenas que ele "passeava à brisa do dia" no Jardim do Éden (Gên. 3:8). Se ele fazia alguma coisa durante o resto do tempo, nada se sabe.

O Jardim do Éden era propriedade de Jeová, pois ele mesmo

o plantou, tendo feito "crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer". Em meio ao jardim cresciam duas árvores notáveis — uma era a "árvore da vida", e a outra, a "árvore do conhecimento do bem e do mal".

Adão devia "cultivar e guardar" o jardim divino, sendo portanto jardineiro e vigia. Seria muito bom saber de quem e de quê ele devia guardar o jardim. Além dele não havia uma viva alma sequer, Eva só foi feita mais tarde. Uma interpretação teológica, a de que Adão devia guardar o jardim da serpente, dá a entender, e de forma cômica: então a serpente já serpenteava pela árvore do conhecimento?

Foi justamente quanto a essa árvore que Jeová preveniu o jardineiro: ele podia comer os frutos de todas as árvores, exceto dessa, senão "terás que morrer" (Gên. 2:16). É isso aí! A serpente, entretanto, defendia uma opinião decididamente contrária: "Não, não morrereis! Mas Deus sabe que... vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses..." (Gên. 3:4).

Aconteceu o que tinha que acontecer, a mais famosa mordida em uma suculenta maçã do mundo. O que aconteceu? Nada! Adão e Eva sobreviveram à refeição vegetariana. Mas a serpente tinha razão quanto à sua profecia, e o Senhor confirmou sua declaração: "Se o homem já é como um de nós..." (Gên. 3:22). Foi exatamente isso que a serpente dissera; pelo visto ela sabia tanto quanto Jeová.

Então aconteceu a terrível queda. Após deliciar-se com a maçã, Adão e Eva se deram conta de que "estavam nus". Não tardou muito e Deus em pessoa "fez para o homem e a mulher túnicas de pele, e os vestiu" (Gên. 3:21). Um momento nus — e por isso o primeiro casal devia ser

punido com a morte?

O Gênesis, a "criação", é, da maneira como está, indigno de um deus onisciente. Em seis dias — qualquer que seja a interpretação que se dê a esse intervalo de tempo — Jeová criou o céu, a terra, água, ervas, árvores, rios, peixes, pássaros, animais terrestres e também duas pessoas "segundo a sua imagem" (Gên. 1 e seg.); ele então olhou para sua obra "e viu que era bom" (Gên. 1:31). Mas somente um pouco mais tarde "Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a Terra, e afligiu-se o seu coração" (Gên. 6:6). Sim, como ficamos então? Sua obra era "muito boa" ou malsucedida? Apostrofado de "onisciente", pode-se pressupor que ele não era nenhum experimentador, que não soubesse de antemão em quê suas tentativas iriam resultar. Jeová sabia de antemão que Adão e Eva iriam petiscar na árvore do conhecimento, e portanto a queda necessariamente fazia parte do programa. Mas por que então o Senhor, quando aconteceu o que ele já sabia antes que ia acontecer, ficou tão decepcionado que expulsou o pobre casal escassamente trajado do Jardim do Éden? Não dá para entender. Ele amaldiçoou o chão da Terra, e ameaçou-os dizendo que dali para a frente precisariam ganhar o pão "com o suor do rosto" e que dar à luz as crianças seria um sofrimento.

No episódio da queda, Adão — tenho que admiti-lo, para vergonha do sexo masculino — desempenhou um papel lastimável. O Senhor o mergulhou em um sono profundo, para fazer uma mulher a partir de uma de suas costelas, um fato que Adão confirma intencionalmente: ela seria carne de sua carne e deveria chamar-se "homina". Ele deu a sua companheira um nome que o Senhor entretanto não ouviu, passando daí por diante a falar sempre em uma "mulher".

Quando estavam se adaptando às roupas de pele é que Adão repentinamente utiliza o nome "Eva". Essa Eva — que na verdade não se chamava Eva — caiu na sedução feiticeira da serpente e provou o fruto proibido.

E Adão? Ele "fica ali do lado, calado e impotente. Diante de sua própria tentação, não faz a menor tentativa de defesa. Ele come (somente porque Eva comeu — e apesar disso diz-se que é mais fácil a mulher cair em tentação que o homem", comentou há 80 anos⁴ o famoso teólogo Hugo Gressmann (1877-1927).

Se eu decomponho a história da criação é somente — por mais singular que possa parecer — porque não quero creditar ao Deus todo-poderoso as desgraças descritas. Um Deus que comete erros tão graves? Um deus que "passeava à brisa do dia"? Um deus que não tinha nem idéia de onde Adão se havia escondido em seu jardim? ("Onde estás?", disse ele.") Um deus que fazia experiências? Um deus que era microcirurgião?

O Gênesis é — isso esclarece muita coisa — uma lenda compilada de várias fontes mais antigas, enriquecida com erros e desejos humanos. Há tantas lendas da criação quanto o número de povos antigos que existiram, ainda que se tratasse de grupos pequenos. Cada um tem sua própria representação do surgimento da humanidade.

O inteligente Diodoro da Sicília

O historiador grego Diodoro da Sicília defendia pontos de vista francamente modernos. Viveu no último século antes de Cristo, e foi o autor de uma Biblioteca Histórica em 40 volumes, em que usou suas próprias expressões a partir de

obras antigas.

Diodoro defendia a tese de que os homens tinham a princípio "vivido em um estado desorganizado e meio animalesco"⁵, procuravam alimento individualmente e somente se agruparam porque eram atacados por bestas selvagens. Sua linguagem consistia em uma mistura de sons diversos, e somente aos poucos eles teriam aprendido a diferenciar os traços faciais dos vizinhos e a associar determinados sons a determinados objetos. Como esse desenvolvimento se deu de maneira independente em várias partes do mundo, surgiram línguas diversificadas, e cada "horda" terminou por encontrar designações próprias.

Nessa época de seres pré-humanos — segundo o historiador Diodoro, há 2.000 anos — os deuses foram introduzidos, e cada povo teria tido seus próprios deuses. Diodoro menciona os deuses Isis e Osíris do Egito antigo, que teriam feito com que os homens perdessem o costume de "devorar uns aos outros". Os deuses teriam cultivado o trigo e a cevada, ensinado a mineração, descoberto o vinho e "deram nomes a muitas coisas para as quais não se tinha expressão alguma até então".

Quando isso teria acontecido?

Informa Diodoro:

"De Isis e Osíris ao reinado de Alexandre, que fundou no Egito a cidade que leva seu nome, teriam passado mais de 10.000 anos, dizem".

O inteligente senhor Diodoro ouviu muito bem! Poucas páginas depois ele conta a história de Hércules, o filho de Zeus e Alemene, que ficara ao lado dos deuses olímpicos na luta contra os gigantes. Diodoro mostrou aos gregos que eles se enganavam quando colocavam o nascimento de Hércules apenas uma geração antes da guerra de Tróia, pois

isso teria "acontecido na época da primeira criação do homem. A partir daí os egípcios tinham contado mais de 10.000 anos, mas não mais de 1.200 desde a guerra de Tróia".

É portanto egípcia a concepção de que os homens se desenvolveram na Terra em um processo evolucionário, tendo de fato recebido dos deuses a cultura em seu sentido mais amplo. Essa concepção coincide com o núcleo das afirmações do Gênesis: Adão foi criado "a partir da terra", transformando-se em ser vivo por intervenção divina. É evidente que os produtos da criação — ervas, árvores, peixes, pássaros, etc. — não tinham a princípio denominação alguma, mas "o homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens..." (Gên. 2:20). Foi obra divina Adão ter aprendido a falar.

Pode-se objetar que na tradição egípcia falava-se de dois deuses, Isis e Osíris, enquanto no Gênesis apenas um deus é mencionado. Ora, no original hebraico, Elohim aparece freqüentemente em lugar de Deus, e isso é um plural para o qual não há singular. Por que então está Deus em lugar de Deuses em todas as Bíblias do mundo? Porque Abraão e Moisés pregavam o monoteísmo, a crença em um único deus. Os teólogos sempre tiveram que se conformar com esse escândalo, pois não podem eliminá-lo da face da Terra. No épico babilônico Gilgamés, escrito em acadiano semita, e que se remete aos sumérios para a partir daí perder-se na distância sem data, repete-se o mito da criação do homem. Gilgamés, rei da cidade babilônica de Uruk, foi criado pelos deuses Schamasch e Adad: "E assim os grandes deuses criaram Gilgamés. Sua altura era de 12 côvados... duas partes nele são Deus — Homem é a terceira parte"⁶. O companheiro de guerra de Gilgamés, Enkidu, vivia entre os

animais e comportava-se como um animal: "Coberto de pêlos por todo o corpo ... também não conhece nem país nem gente ... e assim ele come a grama com as gazelas, e bebe com aquilo que é selvagem ..."

Esta situação básica — o homem é separado dos animais, aprendendo a falar por influência divina — é um fio que perpassa todos os mitos da criação. Há dez anos já os analisei sob um ponto de vista moderno⁷. Peter Krassa e Viktor Farkas o fizeram em seu livro *Deixai-nos Fazer Homens*⁸, bem como autores franceses e americanos^{9,10}. Somente nas universidades não aconteceu nada. Os docentes animam um ao outro na tradição "comprovada", e um se liga ao outro na corrente de um ontem eterno. Sente-se o mau cheiro de 1.000 anos.

Muito mais que ficção científica

Que aparência têm os mitos da criação quando observados através de óculos modernos?

Há milênios — teriam sido 10, 30, 100.000 anos? — uma nave espacial extraterrestre pousou em nosso planeta. Sua tripulação tinha a missão de disseminar inteligência e modificar formas de vida apropriadas. A disseminação de inteligência no universo é uma necessidade premente para a inteligência que viaja pelo espaço, pois esta somente pode ser multiplicada por um sistema progressivo de bola de neve; somente com uma disseminação de inteligência suficiente será possível a comunicação interestelar nos extremos do universo.

Por que os estrangeiros simplesmente não se instalaram? Porque uma forma de vida que já existe em um planeta está

mais bem adaptada. Sua estrutura física orienta-se pela força gravitacional de seu planeta da melhor maneira possível, ele é imune a bactérias nativas e a mistura do ar existente lhe é familiar.

Quando os estrangeiros aterrissaram, há muito que já existiam milhões de formas de vida diferentes, entre elas espécies de nossos antepassados hominídeos, constituídos de maneira tosca: orangotangos, gorilas, chimpanzés, várias espécies de macacos. Os extraterrestres capturaram um exemplar da espécie capaz de chegar a um resultado positivo a partir de suas manipulações. Eles retiraram células desse exemplar escolhido e, ao microscópio eletrônico, introduziram modificações na seqüência básica da molécula ADN. Talvez a troca de um gene fosse o bastante, um procedimento que hoje é praticado com sucesso em laboratórios. A célula modificada através dessa mutação artificial dirigida foi colocada em uma solução nutritiva até desenvolver-se em ovo. Pode ser — como atualmente se faz com sucesso em mulheres grávidas — que um feto se desenvolvesse in vitro (em um tubo de ensaio). Bebês de proveta! Ou um ovo teria sido implantado artificialmente em uma jovem da mesma espécie. (Este método já é praticado há muitos anos com o sêmen de touros e varrões.)

Após o tempo de gestação vem o crescimento, com todas as características desejadas do ADN modificado. O feto tem a mesma estrutura física, o mesmo crânio, as mesmas reações imunológicas — apenas possui estruturas hereditárias complementares, de que seus companheiros de linhagem não dispõem: curiosidade, capacidade de falar, um cérebro que armazena experiências às quais pode recorrer e utilizar a qualquer momento, um sentido para a cultura, como

escultura, canto, para o cultivo de amizades... e para a religião, juntamente com o culto a totens.

Esse modelo de pensamento não contradiz a teoria da evolução de Charles Darwin, sendo entretanto um complemento lógico. O elo perdido, tão intensamente procurado na história do desenvolvimento do homem, foi a mutação artificial dirigida sofrida por um de nossos primeiros antepassados.

Se analisarmos hoje, foi apenas uma atitude racional terem os extraterrestres protegido o primeiro homem do ambiente circundante e plantar para ele um "Jardim do Éden". Ele não devia ser atingido por picadas de serpentes ou escorpiões venenosos, não devia correr nenhum perigo. Então, sim, então foi a vez da "homina". Sem mulher nenhuma, a coisa não vai adiante ...

Esses primeiros homens não dominavam língua alguma, conheciam apenas sons guturais. Devem ter sido os extraterrestres que ensinaram Adão e Eva — vamos deixá-los com esses nomes! — a falar. Por isso a língua da primeira geração de homens era a língua dos "deuses"! Essa suposição encontra-se ainda na tradição da torre de Babel: "Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras". (Gên. 11:1)

Chegou o dia em que os extraterrestres partiram para outros sistemas solares a fim de instalar outras populações com inteligência. Na despedida poderia ter-se passado a seguinte cena:

— Filhos — disse o comandante ao primeiro casal humano —, nós os tornamos inteligentes, sem nós vocês ainda seriam como animais!

Adão e Eva ajoelharam-se diante dos estrangeiros, adorando-os como deuses. O comandante rejeitou a honra:

— Não somos deuses, somos de carne e osso, como vocês. Nunca façam uma imagem de Deus, pois Deus é inconcebível e inexplicável.

Podemos ler a seqüência desse diálogo imaginado no Gênesis 1:28:

"Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a, e dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra".

A mensagem é clara. A vida inteligente deveria multiplicar-se e dominar as formas de vida não inteligente. Dali para a frente havia apenas uma lei a ser seguida com rigor: Adão e Eva (juntamente com sua descendência) não podiam mais manter relações sexuais com seus companheiros de espécie não-mutantes. Esse prazer passageiro teria significado um terrível retrocesso genético. Para tais excessos ameaçou-se com a pena de morte. Apesar disso ocorreu a queda. Alguém se deitou com um companheiro de espécie selvagem, não modificado. Essa sodomia passou à lenda como o pecado original. Então os homens inteligentes lembraram-se das ameaças, das punições prometidas pelos "deuses": eles ficaram com medo. A desgraça começou. Os homens acreditavam que os deuses poderiam ser aplacados com oferendas de expiação, com sangue.



Uma coleção de seres híbridos fotografados no Museu Turco, em Ancara — frutos da fantasia ou realidade no passado?

Uma "eternidade" depois do pecado original, os extraterrestres retornaram para controlar como a sementeira de inteligência que haviam plantado tinha se saído. A inspeção foi uma viagem de horror. "Então os deuses

(Elohim — plural!) se arrependeram de ter criado os homens, e isso muito os afligiu." Eles concretizaram a ameaça de morte. Muitos dos mutantes já viviam bastante espalhados, não podiam alcançar os indivíduos, e decidiram-se por uma solução radical. Afogaram a ninhada malograda.

Essa interpretação da lenda de Adão e Eva — vista atualmente — faz sentido, encaixa-se tanto na teoria da evolução quanto nas tradições religiosas. A guerra que vem sendo travada principalmente nos Estados Unidos da América entre criacionistas (aqueles que acreditam na criação divina) e evolucionistas (que foram convencidos pela teoria de Darwin) é desnecessária. Ambos os lados têm razão.

Devido a essa maneira de ver as coisas, sou acusado de abrigar pensamentos racistas, e além disso a criação de homens inteligentes por extraterrestres não é aceitável por razões éticas. Esses críticos não vêem que em lugar algum eu me referi a uma determinada raça humana. Trata-se única e exclusivamente da transformação de homínídeos em homens inteligentes. Todas as raças pertencem a essa espécie tornada inteligente. Não descobri nem o Dilúvio nem uma raça eleita.

O novo caminho

Pode-se provar essa nova interpretação da criação do Homo sapiens! Onde estão os princípios que justifiquem essa mudança de sentido?

- Ptolomeu de Alexandria (por volta de 100-160) estava convencido de que a Terra era o ponto central do universo.

Provou-se que essa linha de pensamento estava errada.

- Nicolau Copérnico (1473-1543) anunciou que o Sol era o centro do sistema planetário. Ele queria dizer que as órbitas planetárias circulares (e não elípticas) eram traçadas ao redor do Sol, e também as estrelas mover-se-iam ao seu redor a uma distância maior. Embora correto a princípio, esse pensamento heliocêntrico também estava errado.

- Os teóricos evolucionistas vêem o homem como o centro da vida universal. Esse é um pensamento antropocêntrico, e está errado.

O homem era e é muito cheio de si, e gostaria que tudo girasse ao seu redor. A moderna teoria da evolução também sofre desse mal de raiz. "O que é o homem? De qualquer forma, não é isso que ele imagina ser, ou seja, a coroação da criação (Wilhelm Raabe)." Quem pode conviver com o fato de não ser uma edição especial entre 5 bilhões de pessoas, também está pronto para compreender que a Terra não ocupa nenhum lugar especial no universo, já que pertence a um entre milhões de sistemas planetários.

Estranho. Os antigos índios da América do Norte e do Sul, que hoje em dia atraem cada vez mais atenção devido às suas tradições ligadas à natureza, sempre souberam que o homem é apenas uma entre muitas formas de vida inteligente no universo. Eles nunca se consideraram únicos:

- Os índios Pawnee, no atual Nebraska, E.U.A., acreditam que os homens foram criados nas estrelas e que mestres celestes sempre tornavam a descer na Terra "para dizer a homens e mulheres mais das coisas que eles precisavam saber".

- Os índios Ojibway (Ontário, Canadá) dizem que eles fazem parte da sociedade "dos homens celestes"¹². Esses

homens celestes "não são anjos, mas índios com a pele mais clara, vestidos com túnicas escarlates e capuzes".

- Um mito da criação dos índios Cherokee (noroeste da Geórgia, E.U.A.) começa assim: "No princípio todas as formas de vida viviam no céu... Os habitantes das moradias celestes estavam ansiosos para ir embora, pois suas moradias celestes estavam cada vez mais superpovoadas..."¹³.

- Os índios Miccosukee (sul da Flórida, E.U.A.) afirmam: "Há muito tempo uma tribo de índios do céu desceu no lago Mikasuki, no norte da Flórida. Nadaram para a terra e construíram a cidade de Mikasuki. É dessa cidade que os índios tiraram seu nome"¹³.

- A tribo dos índios Salishan (Colúmbia Britânica, Canadá) conta: "Uma vez os homens quiseram declarar guerra aos homens do céu..."¹⁴

- Os iroqueses (Estado de Nova York) têm uma tradição que diz que a Terra foi um dia coberta de água, e nesta habitavam monstros. "Muito distante, acima dela, fica o céu, onde vivem seres sobrenaturais..."¹⁵

- Os índios Tootoosh (costa noroeste do Pacífico, E.U.A.) conhecem várias tradições de "Thunderbirds" (pássaros trovão). Uma de suas colunas totêmicas para esse pássaro-trovão é o símbolo para a "cidade dos homens celestes"¹⁶.

São exemplos de uma lista de mitos de descendência índios que pode ser aumentada à vontade — exemplos que tribos vivas ainda hoje transmitem. A modesta pergunta de Ludwig van Beethoven: "Se eu não me considero no contexto do universo, o que sou eu?" pode ser comentada: Pergunte aos índios!

Conheço a história da tribo Quiche-Maya sobre o "Popol Vuh", e estou familiarizado com os mitos da criação dos

incas; conheço a religião dos índios Hopi, com seus mestres celestes, os Kachinas. Após ter me dedicado anos a fio às tradições dos povos antigos, posso afirmar que não me deparei com nenhum caso em que os antepassados desses povos antigos não tenham sido assegurados de que seres divinos ou celestes tinham sido seus professores. Somente nós, espertos sabichões deste século, negamos isso de forma categórica. Somente nós somos os maiorais!

Filhos, como o tempo passa

O exagerado valor dado à idéia antropocêntrica instituiu entre nós a teoria de que a vida surgiu na Terra a partir de matéria inorgânica, morta. A receita do manual é simples: coloca-se uma pitada de sopa primordial no tubo de ensaio, mexe-se bem e expõe-se a algumas faíscas elétricas para fermentar; fazendo isso por um tempo suficiente, surgem — Abracadabra! — proteínas extremamente complexas (albumina), moléculas de ADN, células vivas.

Um milagre! Os milagres são científicos?

Não quero repetir o que disse a esse respeito há dez anos⁷, mas sou suficientemente arrogante para notar que desde então muitos cientistas conhecidos aceitaram a bola que passei. Naquela ocasião eu disse que a primeira forma primitiva de vida não pode ter surgido na Terra por si mesmo. Isso ecoou prontamente na ocas salas de ensino acadêmicas: o homem não tem noção de encadeamentos moleculares e química pré-biótica. Como está a situação hoje?

É preciso distinguir claramente duas problemáticas diferentes:

1. Como a vida surgiu na Terra?
2. Como surgiu a inteligência humana?

Entre a resposta à primeira pergunta — o surgimento da vida — e a resposta à segunda — tornar-se inteligente —, há milhões de anos de permeio.

Respondo primeiro à segunda questão: a inteligência humana surgiu através de uma mutação artificial dirigida, executada em exemplares de hominídeos. Sobre a pergunta Houve ou não uma evolução? Respondo: Certamente que houve (e há) evolução. Mutações (modificações do material genético) e seleções (escolha do material genético mais apropriado às mutações) podem ser provadas pela paleontologia. O que não se conhece é o salto da inteligência até o *Homo sapiens*. Conheço os montes de teorias que afirmam o contrário, mas elas continuam sendo apenas teorias.

Representaria um avanço importante, decisivo, se os paleontólogos finalmente incluíssem as tradições da Humanidade em suas pesquisas! E como uma peça de teatro do absurdo: não passa nem um ano sem que seja exibido ao público algum osso, um esqueleto como a mais recente descoberta do mais recente "pré-homem".

Há dez anos, quando escrevi meu livro *Provas*, os paleontólogos atribuíam cerca de 1,5 milhão de anos de idade ao *Homo erectus*. Nesse entretanto Richard Leakey e seus colegas do Centro Nacional de Pesquisa para a Pré-História e a Paleontologia, de Nairóbi, desenterraram a oeste do lago de Turkana, no Quênia, um *Homo erectus* novo em folha¹⁷, que é 100 mil anos mais velho que seu antepassado, embora em termos de paleontologia 100 mil não queiram dizer nada. Calculando-se que uma geração dura 30 anos,

entre os dois esqueletos há uma diferença de "apenas" 3.300 gerações. Um crânio do mais antigo *Homo erectus* conhecido permite que se calcule a idade — desde sua existência — de 2,5 milhões de anos.

Entre o popular Neandertal — que viveu há 50 mil anos — e o *Homo erectus*, que existiu há 2,5 milhões de anos, há um espaço de 81 mil gerações. Não faz mal. A paleontologia é generosa. Novos ossos, novas datações — e a cada vez bota-se a boca no trombone: não há dúvida de que o esqueleto ou partes dele pertenceram a nosso mais antigo antepassado. Santa ingenuidade!

A verdade é que se estudam apenas restos abandonados de macacos! Não tenho nada contra o alegre alarde feito a cada nova descoberta — cada uma pode ter seu interesse para os teóricos da evolução para que finalmente se saiba quando uma espécie de macacos conseguiu manter-se sobre as pernas traseiras, e também se as articulações de suas mãos eram capazes de utilizar ferramentas primitivas. (Atualmente macacos selvagens utilizam ferramentas simples.)

Amigos: esse teatro de macacos não tem nenhuma relação com o tornar-se inteligente.

Eva — uma jovem mulher?

A paleontologia tem agora um concorrente promissor — a antropologia molecular. Os representantes desse novo ramo da ciência constroem árvores genealógicas baseadas em pesquisas genéticas. Este, sim, é um princípio promissor para a pesquisa, para o qual, entretanto, tenho o vago pressentimento de que os resultados de suas pesquisas um

dia não poderão mais ser divulgados, porque mais cedo ou mais tarde necessariamente se descobrirá a origem de várias raças, e sobre raças não se discute.

No ano passado o geneticista americano Douglas C. Wallace, da Universidade Emory, Atlanta, dedicou-se à busca de nossa mui amada Eva. Sua equipe pesquisou os mitocôndrios das células de 600 mulheres de todo o mundo^{18, 19, 20}. O resultado da pesquisa indicou que a humanidade surgiu há 100 mil anos. "Havia uma mulher que possuía esse ADN mitocondrial. Se ela era a única, então era Eva!", disse Wallace. O Homo erectus, que tinha na época 1,6 ou 2,5 milhões de anos, não tinha portanto nenhuma relação com nossa Eva. O que me teria surpreendido...

Os antropólogos moleculares procedem de várias maneiras. Um grupo de pesquisa da Universidade de Berkeley, Califórnia, que queria saber de que área geográfica o homem vem afinal, reuniu os dados genéticos de 147 mulheres da África, Ásia, Cáucaso, Nova Guiné e de aborígenes australianos. Estudos comparativos mostraram que os africanos são os mais freqüentemente representados nas árvores genealógicas. Cálculos de computador indicaram que a lenta disseminação deve ter começado há no máximo 180 mil anos a um ritmo de cerca de 1km por ano.

Os geneticistas J. S. Jones e S. Rouhani, da Universidade College, Londres, e uma equipe chefiada por Jim S. Wainscoat, da Universidade de Oxford, abriram caminho para uma frutífera terra nova. Eles pesquisaram a distribuição geográfica da beta-globina* de oito grupos populacionais. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que um dia, em algum lugar da região africana, existiu uma

"população fundante" que, feitos os cálculos, constituía-se de no máximo seis pessoas. "Se esse foi realmente o caso", dizem Jones e Rouhani, "durante uma fase decisiva da evolução a humanidade foi uma espécie ameaçada de extinção."^{21,22}.

* Componente específico da hemoglobina que dá ao sangue sua cor vermelha.

Os resultados são alarmantes. Se a "população fundante" restringiu-se a no máximo três casais ou até mesmo a uma única mulher, então os esqueletos e ossos com milhões de anos de idade provam apenas que os esqueletos e ossos que nos são apresentados no teatro do absurdo não pertenciam a nossos antepassados diretos, representando, na verdade, relíquias de nossos antepassados indiretos; naturalmente eles tampouco podem ter sido deixados pela "população fundante", porque esta somente surgiu há 180 mil ou 100 mil anos.

Geneticistas de várias universidades trabalham há alguns anos em um projeto conjunto internacional; querem instituir um fichário de genes de onde se possam retirar informações genéticas completas. Essas informações estão baseadas nos genes e serão transmitidas à posteridade. Genes são partes da hélice dupla de ADN, que pode ser comparada a um zíper em espiral, cujos dentes são constituídos de cadeias de ácidos nucléicos. A cadeia de ADN está localizada no núcleo de cada célula. Se esticássemos a molécula de ADN de uma única célula humana ela atingiria quase 2 m de comprimento. Como pode haver lugar para um fio de 2 m de comprimento em uma célula minúscula, somente visível ao microscópio? E o corpo humano é formado por trilhões de

tais células...

O fio é constituído de cadeias de moléculas, e estas são átomos ligados uns aos outros. Imaginemos que a célula é uma bola de pingue-pongue; nesta bola introduz-se um fio de 20 km de comprimento, todo enrolado em torno de si mesmo. Enchem-se quatro seringas, cada uma com uma das cores vermelho, verde, amarelo e azul e, com a agulha, injeta-se uma quantidade mínima de líquido colorido na bola, e assim o fio se tingem com essas cores. Abre-se a bola e pendura-se o fio em um varal de 20 km de comprimento: ele, agora, tem seções com as cores injetadas.

Nesse modelo o ADN seria o fio, os genes seriam as cores marcadas em comprimentos muito diferentes. Cada seção colorida representa uma determinada característica — uma combinação de vermelho-azul-amarelo para o crescimento dos cabelos, digamos, vermelho-amarelo-azul para o crescimento das unhas, amarelo-verde-azul para olhos azuis. E assim por diante. O código genético é decifrado quando se sabe qual cor representa o quê. Usando a terminologia técnica, as cores chamam-se "seqüências de nucleotídeos", que são praticamente as letras do código genético.

No computador do Laboratório Europeu de Biologia Molecular, em Heidelberg, República Federal da Alemanha, já estão armazenadas mais de 4 milhões de seqüências de nucleotídeos já decifradas. Isso parece muito, mas ainda não é um número muito grande quando se sabe que existem 3 milhões de letras para a herança humana e cerca de 50 mil genes em cada célula. Como a decifração é trabalhosa e demorada, as universidades e institutos genéticos se associaram para que cada laboratório trabalhe apenas com um fragmento da cadeia de ADN. O fichário de genes cresce diariamente. Computadores rápidos calculam as

combinações. Os resultados são trocados. Na Caltech californiana, em Pasadena, uma faculdade norte-americana de elite, foi inventada uma máquina de seqüência de genes computadorizada, o Gen-Alyzer. Esse aparelho examina as seqüências de nucleotídeos em novas "composições de cores" (segundo nosso modelo), compara-as com seqüências já existentes, separa, calcula. O Gen-Alyzer não é mais uma unidade, é produzido em série e comercializado.

Enquanto há 20 anos o projeto de um fichário de genes completos ainda era considerado absurdo por cientistas, especialistas como o ganhador do prêmio Nobel James Watson (hélice dupla) esperam sua realização nos próximos dez anos. No mais tardar nessa data o Gen-Alyzer terá alimentado, peneirado e ordenado o fichário de tal forma que será possível constatar exatamente quando um acontecimento artificial repentino na história do desenvolvimento humano modificou algo decisivo. O fichário de genes será um livro de história aberto, e nele se poderá ler que durante o desenvolvimento do homem ocorreu uma manipulação no código genético. Então ninguém mais irá exigir de mim relíquias de tecnologia extraterrestre para provar minha teoria. Mas será tarde demais.

"Só se pode compreender a vida em retrospecto. Mas é preciso viver para adiante", disse Sören Kierkegaard (1813-1855).

O código genético e a criação

O que acontecerá no dia em que o código genético for completamente decifrado? Para dizê-lo de forma negligente,

vamos poder brincar de "deuses" com ele, como os extraterrestres fizeram uma vez com Adão e Eva.

Vamos voltar-nos ainda uma vez para o varal imaginário no qual penduramos nosso fio de 20 km de comprimento. Vamos supor que à altura do quilômetro 10,5 está a combinação de cores para cabelos castanhos, e aos 8,1, para cabelos vermelhos. Deseja-se um homem ruivo. Um desejo muito fácil de satisfazer: a combinação de cores no quilômetro 10,5 é retirada do fio e substituída pela combinação do quilômetro 8,1. O fio é enrolado e novamente enfiado na bolsa de pingue-pongue.

Os geneticistas procedem da mesma maneira que nesse modelo simplificado, só que seu trabalho é muito, muito mais complicado e desgastante. Eles manipulam a cadeia de ADN sob o microscópio eletrônico com bactérias e vírus especiais. Com uma espécie de "tesoura bioquímica" (as chamadas enzimas de restrição), a cadeia de ADN é quebrada em locais demarcados, os locais quebrados são modificados (mutação), introduzindo-se aí outras seqüências de ADN. Após essa manipulação genética, a célula se reproduz como antes, só que os genes modificados produzem o efeito desejado: cabelos ruivos.

Em grandes centros de pesquisa já existem mapas de genes que mostram doenças hereditárias. Uma equipe do Massachusetts General Hospital, Boston, E.U.A., sob a direção do geneticista molecular James Gusella, localizou um gene no cromossomo número 4 responsável pela coréia de Huntington, uma doença nervosa²³. Há muito que publicações científicas noticiam diagnósticos genéticos como algo muito natural. Não é mais o médico familiar de confiança que faz o diagnóstico, isso é feito pelo geneticista. Ele "lê" no líquido amniótico da gestante se o embrião sofre

de alguma doença hereditária; se este é o caso, pode remediar os males genéticos meses antes do nascimento. Em um dia, não muito distante, os geneticistas irão — se os deixarem — "construir" homens e animais sob medida... como milênios atrás os extraterrestres fizeram com nossos antepassados hominídeos.

Para muitos, o "homem de vidro" do banco de genes é um pesadelo. Eles têm visões orwellianas de homens fabricados e dirigidos, temem que o homem comece a brincar de Deus, vêem no futuro exércitos de homens com características programadas, imaginam um estádio com esportistas cuja musculatura foi ajustada para determinados tipos de esporte, pressentem uma espécie de homem com olhos que possam enxergar também na faixa infravermelha. Frankenstein ergue-se no laboratório, o homem-animal com faro de cão, audição de gato, garras de tigre. Estaríamos correndo o risco de ser ameaçados pelo homem blindado, que não pode ser atingido pelo fogo, ou com asas de águia, que espreita sobre a área inimiga, o homem com corpo de cavalo, um centauro? Fantasiando, estaríamos em pleno gabinete de horrores como Pégaso, a serpente de várias cabeças, o leão voador (que pode ser visto em relevos nos museus do Oriente Próximo), o minotauro, o homem-peixe e o homem-escorpião?

Caminhando na fronteira, entre o passado e o futuro, fico sempre surpreso ao constatar que muito daquilo que é pressentido como o fantasma do futuro já existiu! Por que não se toma conhecimento de livros antigos agora, na onda da tecnologia genética? Neles pode-se ler que ainda em tempos históricos seres híbridos teriam vivido em hordas, tribos e até mesmo em grande número. Fica-se sabendo dos "animais do templo", mimados animais de estimação da

população. Grandes reis sumerianos caçavam — talvez por pura diversão — animais humanos. Heródoto, em suas Histórias Egípcias, fala de pombos negros singulares, que seriam "as fêmeas de homens animais", e de homens na embocadura do Araxes persa que teriam "se acasalado com peixes", sendo eles mesmos homens-peixe com pele escamada. Platão constatou em seu Banquete:

"Originalmente havia, ao lado dos sexos masculino e feminino, ainda um terceiro. Essas pessoas tinham quatro mãos e quatro pés... Grande era a força dessas pessoas, eram ousadas, tendo planejado invadir o céu e atacar os deuses".

Tácito (Anais XV, 37) descreve orgias que duravam toda a noite na casa de Tigelinus, nas quais "fazia-se amor com a participação de homens-animais". Nos relevos do obelisco negro de Salmanassar II, no Museu Britânico, em Londres, não é difícil reconhecer seres meio homem, meio animal. No Louvre, em Paris; no Museu Turco, em Ancara; no Museu de Bagdá e em outros lugares vi esculturas da crucificação de homens-animais. Em obras de arte assírias, representações de seres híbridos não são raras. Os textos que as acompanham falam então de "homens-animais aprisionados" que, aprisionados em guerras, eram levados do país de Musri como tributo ao Grande Rei.

Estariam os mitos sendo agora alcançados pela realidade? Quem tem olhos para ver, encontra em todos os museus antropológicos e históricos do mundo bastardos homens-animais em esculturas de pedra. As plaquetas que a elas se referem são escritas de maneira curiosa. Sob um animal semelhante a um leão, com um corpo de homem, lê-se: "Figura mitológica". Sob um corpo humano, com cabeça de águia e asas, está: "Gênio voador". Os deuses disseram ao profeta Ezequiel: "Vocês, homens, têm olhos para ver, mas

não vêm". O profeta está certo até hoje. Teoricamente a genética do futuro poderá reconstruir, ressuscitar esses seres híbridos.

Há muito que as possibilidades da cirurgia genética se delineiam de forma vaga. Tanto geneticistas americanos quanto alemães introduziram o gene de crescimento de um rato no embrião de um camundongo. Resultado: o camundongo gigante. O Prof. Horst Kräusslich, catedrático de embriologia animal da Universidade Ludwig Maximilian, de Munique, "construiu" um novo porco. Através da implantação de um gene estranho, o porco do futuro deverá ser mais pesado mas com menos gordura e resistente a doenças infecciosas específicas de porco²⁴. O novo cavalo de corridas, o novo touro não mais terão suas estruturas melhoradas através de cruzamentos, serão criados geneticamente. O mesmo vale para as plantas úteis. Já se serve à mesa o "tomata", um cruzamento de células de tomate e batata.

Geneticistas da Universidade da Califórnia, em San Diego, conseguiram uma criação iluminadora: folhas de tabaco e cenouras luminescentes! É simples quando se sabe como isso é feito; vaga-lumes emitem uma luz fria que se forma a partir da oxidação da luciferina e da enzima luciferase armazenada em seus organismos. Um gene determinado, que é "responsável" por essa enzima, foi isolado e depois implantado primeiro em bactérias, e mais tarde em plantas de tabaco e cenouras: "O sucesso da transferência de genes pôde ser constatado de forma bastante simples. Após o acréscimo de luciferina e do portador de energia ATP (adenosina trifosfato), as plantas começaram a brilhar. Na planta de tabaco a enzima se acumulava principalmente nas raízes e hastes, mas as nervuras das folhas também

brilhavam com nitidez"²⁵. Pode-se perguntar qual a utilidade disso. Pura brincadeira provocada pela alegria da descoberta? Não. Um gene luminoso poderá futuramente ser introduzido como "marcador para tornar reconhecíveis outros genes introduzidos no ADN. O "marcador", com sua capacidade bioluminosa, anuncia: Aqui estou eu!

Dessa maneira os geneticistas podem enganar a natureza em proveito do homem. A eritropoietina é um hormônio produzido em quantidades mínimas pelos rins. Esse hormônio estimula as células da medula espinhal a produzir glóbulos vermelhos. Quando ele não é suficiente, durante enfermidades renais, pode-se chegar a uma perigosa diminuição da quantidade de glóbulos vermelhos. Os geneticistas trouxeram a salvação do Northwest Kidney-Center de Seattle, E.U.A. Eles conseguiram produzir o hormônio através da tecnologia genética. O hormônio produzido em laboratório exerce sua função exatamente como o "natural"²⁶.

No verão de 1986 o FDA, o extremamente rigoroso serviço público americano de alimentos e medicamentos, autorizou pela primeira vez uma vacina produzida através de tecnologia genética. Essa vacina protege contra a infecção do extraordinariamente maléfico vírus da hepatite B, que provoca cirrose e câncer.

Não passa uma semana sem que se ouçam, vejam ou leiam advertências quanto à tecnologia genética. Discutem-se leis que proibiriam a manipulação de genes humanos por cientistas. A controvérsia está instaurada. Há duas frentes: uns a temem da mesma maneira que temem fantasmas ou a energia nuclear; outros gostariam de trabalhar na pesquisa sem nenhuma restrição. Na verdade, esse problema pode ser comparado ao da energia nuclear, que pode ser usada

pacificamente, mas pode levar também à construção de bombas de hidrogênio. Ainda que um país decida eliminar todos os reatores nucleares, ele não tem nenhum controle sobre os reatores nucleares de outros países. A tecnologia genética pode ser utilizada tanto para o bem quanto para o mal. Se a pesquisa genética for proibida em um país, as leis de outros países não impedem que os geneticistas continuem desenvolvendo seu trabalho em outro lugar. Os geneticistas dos países ocidentais — não se sabe quanto aos outros! — parecem estar impondo limitações por sua própria vontade. Eles não querem fazer nada através da tecnologia genética que possa modificar "o caráter pessoal do homem".

Um ponto de vista belo, nobre, correto, mas como isso será controlado artificialmente para que todos aceitem esse postulado? A tecnologia genética não brilha, nem provoca explosões, sejam subterrâneas ou na superfície. Nenhum aparelho de medição do mundo pode indicar em qual laboratório se fazem experiências genéticas. A pesquisa e a tecnologia genética não são exploradas somente por faculdades controladas e financiadas pelo Estado, há muitos laboratórios particulares e centros de pesquisa extremamente bem aparelhados ligados aos grandes conglomerados da indústria farmacêutica. E assim pode-se presumir — infelizmente! — que também no setor da pesquisa genética irá prevalecer no final a sabedoria tecnológico-militar: "Se nós não o fizermos, os outros o farão antes, e isso seria pior ainda"²⁷.

O oitavo dia da criação

Tudo começou há quase 15 anos, para ser preciso, a 30 de

agosto de 1976. Nesse dia o ganhador do prêmio Nobel de medicina, o professor indiano Har Gobind Khorana, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Cambridge, E.U.A., conseguiu produzir um gene por meios artificiais. Desde então os geneticistas começaram não apenas a trocar seqüências de nucleotídeos naturais do ADN, mas também a desenvolver e montar na prancheta, por assim dizer, seqüências de nucleotídeos e proteínas complexas (albuminas). A linguagem técnica não disfarça e chama esses ramos da biologia sintética de design de proteínas ou engenharia de proteínas (engenharia genética).

Em fevereiro de 1987 a *Bild der Wissenschaft*²⁸, uma revista alemã de divulgação científica, anunciou que o Prof. Bernd Gutte, da Universidade de Zurique, conseguira sintetizar "uma proteína com 24 aminoácidos de comprimento baseada em modelos ideais". Essa proteína artificial deve diminuir os efeitos colaterais nocivos do inseticida DDT. A notícia prosseguia, e o Prof. Ernst-Ludwig Winnacker e seu colaborador Ronald Merz, da Universidade de Munique, "traduziram" a seqüência de aminoácidos dessa nova proteína sintética e construíram um gene artificial, introduziram-no no material hereditário de bactérias *Escherichia coli* e com isso provaram "que estas bactérias modificadas geneticamente produzem a proteína artificial". A *Bild der Wissenschaft* colocou a seguinte manchete sobre os resultados da pesquisa: "O oitavo dia da criação".

Por trás dessas notícias factuais, talvez até um pouco aborrecidas para o leigo, esconde-se dinamite. Genes não são quaisquer amontoados de moléculas, genes são portadores de informações hereditárias. Ainda que o caminho a percorrer possa demorar décadas, algum dia as estruturas hereditárias de todas as formas de vida serão

novamente desenvolvidas de forma dirigida, e a elas serão dadas novas formas. Algum dia será ouvida uma voz singular em um laboratório. Alguém terá feito um cão falar. No Instituto de Genética da Universidade de Bielefeld, biólogos moleculares trabalham em um projeto que soa como um conto de fadas. Não é somente o lavrador que sabe que os campos são adubados com fertilizantes nitrogenados, todos sabem disso. A demanda mundial de fertilizantes nitrogenados gira em torno de 80 milhões de toneladas! Somente se consegue extrair amoníaco do nitrogênio contido no ar e na água a uma temperatura de 500°C e a uma pressão de 200 atmosferas. No subsolo existem bactérias que produzem fertilizantes nitrogenados naturalmente, "mas sua produção é muito pequena ou disponível no lugar errado para que somente com elas possamos fornecer nitrogênio às plantas de que nos alimentamos²⁹".

Os geneticistas dizem a si mesmos: o que as bactérias fazem em pequena escala pode naturalmente ser feito por plantas — formas de vida como as bactérias — em grande escala. O objetivo era desenvolver plantas alimentícias que produzissem seu próprio fertilizante nitrogenado. Um geneticista, o Prof. Alfred Pühler, descreve isso da seguinte maneira: "O efeito produzido deveria ser que essas plantas manipuladas geneticamente estivessem em condições de transformar o nitrogênio do ar em amoníaco — as plantas de trigo, por exemplo, produziriam seu próprio adubo mineral". Em breve produziu-se uma enzima que artificialmente fez com que se formassem duas moléculas de amoníaco (NH_2) a partir de uma molécula N_2 . O próximo passo foi decifrar a informação genética dessa enzima. Finalmente constatou-se que a informação genética procurada consiste em uma

"bateria de genes" (Pühler) formada por 14 genes individuais.

Geneticistas britânicos da Universidade de Sussex conseguiram transferir essa bateria de genes para bactérias intestinais da espécie *Escherichia coli*. (A experiência foi repetida mais tarde em Bielefeld com métodos de tecnologia genética.) Agora dispunha-se de bactérias intestinais que faziam algo para o qual a natureza não as havia destinado: elas transformavam o nitrogênio do ar em nitrato. O próximo passo tinha que ser transferir a informação genética para plantas comestíveis. Este último objetivo, o de se conseguir "trigo que adube a si mesmo", ainda não foi atingido. Na *Bild der Wissenschaft*, o Prof. Pühler dá a entender que esse trigo seria "ainda uma ficção distante!" Os pesquisadores são cuidadosos em avaliar o período de tempo necessário para uma descoberta, mas às vezes uma "inspiração" repentina — como ensina a experiência — pode freqüentemente encurtar bastante esse tempo.

E preciso falar também do passo que se segue a esse — a multiplicação de mamíferos. Seria desejável transferir a mesma informação genética para um novo ser vivo, de maneira que não se efetuasse nenhuma modificação no código genético. Esse processo chama-se clonagem. Trata-se da "produção de cópias genéticas idênticas"³⁰ através do transplante dos núcleos das células. O processo já foi testado em sapos, camundongos, carneiros e bois. Chegará o dia em que a série de experiências forçosamente se ocupará do material hereditário humano. O jornalista científico americano David M. Rorvik afirmou em 1978, em seu livro *Segundo sua Imagem*¹, que um milionário idoso depositou suas células-ovo para que um dia se obtenha, pelo processo de clonagem, uma duplicata de si mesmo. Dessa forma o

velho senhor se tornaria imortal.

Por que o homem, imperfeito como é, quer fazer cópias de si mesmo? Há razões plausíveis. Talvez um casal sem filhos queira um filho que se pareça com o pai, talvez o sobrevivente de um desastre queira de qualquer maneira um "substituto" exatamente igual ao morto, talvez cópias idênticas dos grandes espíritos da humanidade pudessem ser úteis. Talvez.

Conversando-se com geneticistas, depara-se hoje em dia com negativas rudes, sim, horrorizados quanto à possibilidade de se produzirem clones humanos; não existiria tecnologia para isso, e ademais a ética e a moral não o permitiriam. Quando o primeiro homem clonado sair caminhando por aí — saudável, imune contra o câncer e a AIDS, altamente inteligente, com boa aparência —, presume-se que a ética e a moral mudarão, e os geneticistas não poderão mais resistir às pessoas que desejam duplicatas. O epigrama que aprendemos na escola continua válido. *Tempora mutantur, nos et mutantur in illis*. Os tempos mudam, e nós mudamos com eles.

O espaço de nossa liberdade

Há 12 anos o ganhador do prêmio Nobel Manfred Eigen profetizou³²: "Será possível reproduzir 'artificialmente', isto é, por algum outro meio que não o natural, qualquer ser vivo".

O homem de vidro se tornará realidade antes do que os cientistas supõem. No final de fevereiro de 1987, a revista científica *Nature* (nº 325) noticiou que geneticistas japoneses tinham desenvolvido um "super-seqüenciador"

que podia decifrar diariamente um milhão de "letras" da cadeia de ADN. Oito desses aparelhos poderiam analisar todo o material genético do homem em meio ano. O custo total desse projeto foi avaliado em um trilhão de marcos alemães — uma soma não tão astronômica assim, comparando-se com os investimentos feitos nas viagens espaciais.

O desenvolvimento é caprichoso e prova que a prática pode caminhar mais rápido que a mais ousada especulação. Em abril de 1987, o escritório de patentes americano (US Patent and Trademark Office) reconheceu que "organismos vivos pluricelulares" também podem ser patenteados desde que construídos segundo um programa que não ocorre na natureza. Legalizou-se um produto que há muito já existia na prática: até março de 1987 mais de 200 micróbios modificados que, por exemplo, neutralizam óleo cru derramado ou produzem insulina já tinham sido apresentados com pedidos de patentes. Em abril de 1987, foram apresentados 15 pedidos de patentes para animais que não existem na natureza. E assim, por exemplo, cientistas da Universidade da Califórnia obtiveram uma mistura de carneiro e cabra — o cabreiro — por meios biotecnológicos. Essa nova criação de laboratório oferece a parte dianteira de um carneiro e a parte traseira de uma cabra. Críticos horrorizados inquietaram-se quando se mencionou que o monstro seria apenas o protótipo de uma série, cujo modelo os designers de animais prometeram melhorar.

Quem é que pode garantir que jamais existiram cavalos voadores? Ratos voadores (morcegos) e peixes voadores já existem há milênios. Se essas variedades são produtos de uma evolução natural ou surgiram dos laboratórios de visitantes extraterrestres é uma pergunta que continuará a

ser feita.

Maio de 1987. O Prof. Bruno Chiarelli, da Universidade de Florença, chocou a opinião pública mundial quando afirmou que seria perfeitamente possível criar homens-macacos. Para isso seria necessário "apenas" fecundar o óvulo de uma fêmea de chimpanzé com o sêmen de um homem. A declaração do professor, de que o feto foi abortado por razões éticas, significa que o homem-macaco existiu *in statu nascendi*! O Prof. Chiarelli tinha um objetivo prático em vista: pretendia que o homem-macaco poderia realizar trabalhos pesados e monótonos, de um moinho à linha de montagem, e além disso estaria à disposição como banco vivo de órgãos.

Perguntas não respondidas

Como a vida surgiu na Terra?

Até o início do século XIX as pessoas contentavam-se com as respostas das Sagradas Escrituras: Deus criou a vida. Surgiu então Charles Darwin (1809-1882) com sua teoria da evolução, e a partir desse momento tudo mudou. Desde então pelo menos os cientistas mostraram-se satisfeitos com o modelo evolucionista. Em centenas de milhões de anos uma espécie separava-se das outras, ocorriam modificações — mutações — no âmbito das espécies. De um cão primordial desenvolveram-se várias espécies de cão; de um ser pré-humano, vários grupos de homínídeos.

Darwin parecia ter apresentado um conceito lógico e fechado em si mesmo. Entretanto, a questão da origem de toda a vida continuava sem resposta. Se todas as formas de vida haviam se desenvolvido a partir de uma forma

primordial, continuava em aberto de onde essa forma primordial surgira.

Naturalmente da célula — disseram os cientistas —, pois a célula é a menor forma de vida existente. E de onde veio a célula?

A grande época da biologia molecular teve início com as respostas a essas perguntas. Não seria possível pesquisar a célula até a mais ínfima molécula, verificar suas ligações químicas para que finalmente se soubesse como tudo tinha começado?

Começou a moderna pesquisa celular, que já dura mais de 70 anos. Ela revelou conhecimentos fenomenais da vida interna da célula, mas um dito de Goethe podia ser aplicado também aqui: "Cada solução de um problema é um novo problema". Em sua substância básica, a célula foi reconhecida como um agregado de substâncias químicas. Mas como essas substâncias se organizam na seqüência necessária para o material genético hereditário? De onde elas "sabem" quais moléculas combinam e quais não? A colocação de tais perguntas levou ao nascimento da evolução química. Hoje há três níveis de pesquisa agindo sob o amparo da evolução.



O "cabreiro" é uma mistura genética de cabra e carneiro, criado em laboratório.

- Evolução química: a liberação de materiais químicos a partir de minerais primitivos.
- Auto-organização das moléculas em células capazes de se reproduzir: como a célula viva surge a partir da "química morta"?
- Desenvolvimento das espécies individuais = teoria da evolução de Darwin.

Manfred Eigen afirmou que a química estaria submetida a leis físicas. Sabe-se que a física provou que cada pequena porção de matéria possui uma carga elétrica positiva ou negativa. Essa lei também é válida para as moléculas; segundo sua natureza, elas deveriam atrair-se ou repelir-se. De forma idêntica todos os fenômenos relativos às

macromoléculas ocorrem de acordo com leis físicas: o aborrecido esforço para se encontrar o grande acaso na evolução podia ser deixado de lado. A única coisa irritante nessa solução é que longas cadeias moleculares não apenas se formavam em uma sopa primordial, mas também tornavam a dissolver-se como uma mancha de sujeira em água sanitária.

São necessárias muitas proteínas para a construção de uma célula. A menor proteína imaginável consiste em no mínimo 239 moléculas. Sendo assim, uma molécula protéica é um monstro constituído de vários aminoácidos e enzimas que devem estar ordenados em uma seqüência fixa. A improbabilidade dessa ordenação foi calculada pelo Prof. James F. Coppedge", antigo diretor do centro para a pesquisa biológica probabilística em Northbridge, Califórnia, como sendo de uma chance em 10^{23} , uma loteria com a seguinte probabilidade de acerto: 1:10.000.000.000.000.000.000.000.0. Quem quer arriscar?

O grande acaso teria que ser padrinho da primeira célula também, pois ela deveria ter se formado sob as condições da sopa primordial e da atmosfera primitiva. A atmosfera primitiva não tem nenhuma, absolutamente nenhuma, relação com a atmosfera que respiramos. Ela consistia principalmente em metano (semelhante ao nosso gás de cozinha) e amoníaco. Nessa atmosfera o oxigênio atuava como veneno mortal para a célula. Se as primeiras células tivessem se desenvolvido em uma atmosfera de metano e amoníaco, teriam sido mortas instantaneamente pelo oxigênio presente. Isso não é contestado a sério por ninguém. Por que não há nenhuma indicação a respeito nos livros escolares? Por que se cala a respeito dos fatos decorrentes de experiências bioquímicas? Por que cálculos

matemáticos são ocultados?

De nossa escapada à biologia e à química pré-biótica fica retido na mente que uma célula apenas pode se reproduzir quando traz em si um programa de ADN pronto, ainda que modesto. Esse programa é transmitido como um selo do correio para a próxima célula, a seguinte, e a outra, etc., até compor uma forma de vida simples, uma bactéria, por exemplo.

Mas uma bactéria já representa uma forma de vida acabada, com uma função determinada, precisando portanto já ter recebido seu programa genético do ADN das primeiras células. De onde surgiu o programa na primeira célula bacteriana para a construção de todas as bactérias? De onde o ADN da primeira célula recebeu a "ordem" para construir a primeira bactéria? E através de que mágica uma bactéria se transformou em outra com funções totalmente diferentes? A probabilidade do surgimento da bactéria mais simples através de modificações feitas ao acaso foi calculada pelo Prof. Harold Morowitz³⁴, físico da Universidade de Yale, E.U.A., como sendo $1:10^{100.000.000.000}$. São tantos zeros que não haveria espaço para eles neste livro.

Darwinismo — um engano

O Prof. Bruno Vollmert é titular de tecnologia química de materiais macromoleculares e diretor do Instituto de Polímeros da Universidade de Karlsruhe, República Federal da Alemanha³⁵. Químicos de polímeros dedicam-se à síntese de plásticos, que são constituídos por grandes cadeias moleculares. Quando se trata da criação de macromoléculas como o ADN, quem assume é a química molecular.

Durante décadas Vollmert e sua equipe, trabalhando em laboratórios muito bem aparelhados, pesquisaram o surgimento do ADN. O resultado foi fulminante para todos os teóricos da evolução: o ADN não pode ter se formado por si mesmo. Vollmert diz que um químico de polímeros não pode convencer nem ser convencido de que macromoléculas do tipo ADN surgiram por acaso na sopa primordial. Isso vale também para o crescimento da cadeia de ADN, no decorrer da história da Terra, de uma classe de animais para a imediatamente superior.

As palavras de Vollmert:

"O darwinismo é portanto uma visão de mundo, uma ideologia, e não uma teoria comprovada cientificamente... Considero, portanto, o darwinismo um engano funesto, cujo sucesso inigualável se deve ultimamente ao retorno de um tipo de pensamento antropocêntrico".

As teses de Vollmert, que se encontram em seu livro *A Molécula e a Vida*, que marcou época, foram naturalmente contestadas. Os defensores da idéia do surgimento da vida a partir da matéria morta (substâncias químicas) apontaram para o efeito recíproco da física e principalmente para os milhões de anos que os componentes químicos teriam tido à disposição para se encontrarem entre si da maneira necessária. Convenientemente calou-se quanto ao fato de que para isso seria necessária a concorrência ininterrupta de milhões de acasos. A ciência gosta de aparecer como exata e mantém o acaso longe de suas teorias. Por acaso o acaso é sempre conveniente quando ela se vê encostada à parede. Nem todos os tijolos científicos são de concreto armado.

Como o surgimento da vida evidentemente não foi esclarecido, o Prof. Fred Hoyle, ex-diretor do Instituto de Astronomia Teórica em Cambridge, e o Prof. Nalin Chandra

Wickramasinghe, catedrático de matemática aplicada e astronomia da Universidade de Cardiff, País de Gales, pesquisaram as possibilidades do surgimento da vida a partir de seu conhecimento matemático. Eles se perguntaram se enzimas poderiam se formar através da evolução química a partir de uma sopa primordial terrena. A declaração dos dois eruditos:

"Partimos do princípio de que a sopa deveria conter 20 aminoácidos biologicamente importantes em concentrações iguais. Cuidadosamente avaliamos que dez dígitos para cada enzima são decisivos para o funcionamento biológico correto. Seriam necessárias então 20^{10} tentativas para produzir uma única enzima funcional, e a probabilidade de se obterem N enzimas dessas é de $1:20^{10N}$. Já antes que N atinja o número 100, o número de tentativas seria maior que o número de átomos de todas as estrelas de todo o universo. Em conseqüência, vemo-nos portanto praticamente forçados a admitir que a vida é uma manifestação cósmica".

A vida como conseqüência de manifestações cósmicas? Se for assim — que manifestações? Ninguém sabe. Até que a pergunta por trás de todas as perguntas seja respondida, o homem não terá descanso. Sabemos que a célula é a base de toda a vida — a célula é composta de macromoléculas; macromoléculas são átomos dispostos em série; os átomos alojam numerosas partículas subatômicas. As partículas subatômicas são o mundo do movimento constante e da radiação difusa*. Com isso deixamos o mundo material para penetrar no inconcebível que uns chamam de Deus, outros de espírito. Estamos constantemente envolvidos por um outro mundo de radiação invisível, que não pode ser medida. Ela está presente em toda parte, existe em todo o universo. Será ela que organiza o programa nas cadeias

moleculares, e faz com que a matéria morta vibre para a vida?

* Exemplo: um elétron vibra 10¹⁸ vezes por segundo.

Capítulo 5

ETERNOS CONTATOS DE TERCEIRO GRAU

A CORAGEM DE ADMITIR NOVAS POSSIBILIDADES

Também os olhos têm seu pão de cada dia: o céu.
Ralph Waldo Emerson (1803-1882)

Um único osso original de nossos pais primordiais, Adão e Eva, precisava ter sido encontrado. O que os antropólogos moleculares não poderiam descobrir?

"Isso depende da idade e do estado do osso", respondeu à minha pergunta um geneticista da Universidade de Basel. "Com um osso de 500 anos podemos, baseados nas proteínas, constatar se ele pertencia a um homem ou a um macaco. Com tecidos ósseos mais antigos isso se torna mais difícil, pois após milênios não há praticamente ADN intacto, as proteínas e outros componentes celulares já se desidrataram há muito tempo. Apesar disso, fragmentos de ADN de múmias egípcias que foram embalsamadas há 4.000 anos já foram clonados com sucesso."

Geneticistas da Universidade de Uppsala, Suécia, pesquisaram fragmentos de 23 múmias egípcias quanto ao seu conteúdo de ADN. A revista científica Nature¹ publicou uma notícia a respeito. A descoberta foi feita no cadáver de uma criança de 2.400 anos de idade: do tecido subcutâneo conseguiu-se isolar uma seqüência de ADN com 3.400 pares de bases. O ADN foi tratado com fenol e etanol e colocado em um plasmídio bacteriano. Através de um processo de clonagem obtiveram-se 1.000 cópias do ADN da múmia, que foram enviadas para pesquisa em vários institutos. Os resultados mostraram um certo número das chamadas mutações corretas, que podem ser comprovadas em seres humanos atuais. Aqui estava a prova de que o ADN da múmia não tinha se modificado substancialmente com o decorrer dos milênios. Os pesquisadores da Universidade de Uppsala atribuíram o bom estado de conservação do tecido subcutâneo à circunstância "de que a mumificação foi feita através da desidratação do cadáver em sódio natural, uma mistura de hidrogênio sódico e clorido de sódio". Comentário do Neue Zürcher Zeitung a respeito²: "A bem-sucedida clonagem do ADN da múmia é mais que um assunto de grande interesse. Certas seqüências de ADN no genoma* humano são extremamente variáveis e podem ser usadas para a determinação exata do grau de parentesco e da ascendência de uma determinada população".

* O conjunto de cromossomos simples de uma célula, que representa seu material hereditário.

Era exatamente isso que eu esperava da respectiva pesquisa. Se é possível constatar o grau de parentesco e a ascendência de pessoas mortas há eras a partir do ADN, necessariamente

um dia será constatado que nós humanos não somente somos portadores de genes de primatas, mas também de genes de extraterrestres. Essas múmias que permaneceram "jovens" são de qualquer forma premissas para tais análises! Mas parece que elas já existem. Em 1975 arqueólogos chineses encontraram em Hupeh, no Yangtse Kiang médio, a múmia de um homem de cerca de 50 anos de idade que estava tão bem conservada que ele parecia ter morrido há pouco. Além disso, o invólucro exterior trazia a data de sua morte: o homem morreria 2.142 anos antes! A pele permanecera elástica, todas as articulações flexíveis, e em sua dentadura não faltava um único dente. Essa múmia antiqüíssima devia seu espantoso estado de conservação aos três sarcófagos colocados um dentro do outro e totalmente à prova de ar, e também ao líquido vermelho no qual estava mergulhada. Os cientistas chineses não puderam ou não quiseram dizer nada sobre a composição química desse miraculoso meio de conservação.

Com uma múmia tão bem conservada seria seguramente possível decifrar grandes seqüências de ADN das células. De qualquer forma, cadáveres que foram conservados em gelo, como as múmias glaciais no Peru, oferecem oportunidades semelhantes.

Vamos perder a oportunidade de pesquisar geneticamente as células de nosso casal de genitores primordiais?

O túmulo de Eva encontra-se nas cercanias da cidade árabe meridional de Dschidda desde que existe o pensamento humano. Quanto a Adão, a tradição conhece quatro sepulturas. A Enciclopédia do Islã registra que Adão teria sido levado para a ilha de Sarandib, o atual Sri Lanka (Ceilão), após ser expulso do Paraíso. (Infelizmente não se diz se ele foi a pé, de barco ou nas asas dos anjos.) Ainda

hoje há no Sri Lanka uma montanha que os portugueses batizaram de Pico d'Adam. Nas rochas dessa montanha turistas admiram diariamente gigantescas pegadas que teriam sido deixadas por Adão.

Após 200 anos de exílio ao norte do oceano Indico, o arcanjo Gabriel levou Adão de volta para a Arábia e para Eva. Ele tornou-se ativo, e construiu um santuário na atual Meca — que mais tarde se tornaria a Ka'aba. Após a morte de seu filho Seth, Adão, segundo a enciclopédia islâmica, foi sepultado "na caverna do tesouro ao pé do monte Abu-Qubais"⁴, a montanha mais alta da região de Meca. Outra lenda diz que o corpo de Adão foi levado para Jerusalém após o Dilúvio e sepultado uma segunda vez sob o monte do Calvário. O livro árabe dos ídolos⁵, ao contrário, coloca o túmulo de Adão em uma caverna sob o monte Naud, na Índia.

O texto seguinte pertence aos apócrifos do Antigo Testamento: A Vida de Adão e Eva⁶. A versão que chegou até nós é do ano de 730 d.O, estando baseado, entretanto, em manuscritos de idade desconhecida. Segundo ele, após sua morte Adão foi levado "à região do Paraíso", embalsamado com óleo perfumado pelo arcanjo Miguel e envolvido em uma mortalha. O próprio Senhor fechou o túmulo com um "selo de três pontas".

Onde Adão poderia ser procurado?

- Sob o morro do Calvário, em Jerusalém? — Dificilmente.
- Sob o morro Naud, na Índia? — A montanha é desconhecida.
- Na caverna do tesouro no morro Abu-Qubais? — É possível.
- Na "região do Paraíso"? — Muito provavelmente.

Estarei me contradizendo? Não deixei claro no capítulo

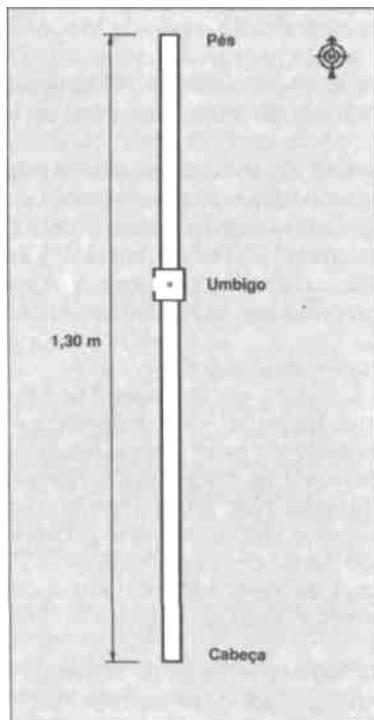
anterior que ninguém sabe onde ficava o Jardim do Éden, o Paraíso?

Basta aceitar as detalhadas pesquisas feitas pelo Prof. Salibi na província árabe meridional de Asir. Ele localizou incontáveis nomes de lugares bíblicos e também o lugar do Paraíso. Salibi escreve⁷:

"Em Wadi Tabala, não muito longe de Rausan, fica um outro oásis chamado Adana ('dnh), que até o dia de hoje tem o nome bíblico de Éden ('dn). Rio abaixo, não muito afastado de Rausan, fica o oásis Gunaina (gnynh, diminutivo de gn; gn em hebraico é 'jardim'); ele é banhado por rios que saem de 'Adana. Pode-se não ficar muito desconfiado a respeito, mas lá está ele, o Jardim do Éden, e ele se chama assim até hoje".

O túmulo da gigante Eva

Se o Jardim do Éden, o Paraíso, deve ser procurado na Arábia, é aí também que se deveria encontrar o túmulo de Adão, assinalado com um "selo de três pontas". Pesquisá-lo seria trabalho para uma equipe interdisciplinar de cientistas! Adão não é qualquer um na hierarquia da humanidade, ele é seu pai primordial. Seu cadáver poderia ter sobrevivido aos milênios em uma gruta de rocha fria. Finalmente, com o arcanjo Miguel havia mão-de-obra de primeira qualidade trabalhando com a embalsamação. Ousado como sou, chego até mesmo a especular que os extraterrestres teriam conservado Adão para a posteridade intencionalmente; eles sabiam tudo o que se pode descobrir em uma cadeia de ADN intacta.



A gigante Eva em uma representação esquemática.

Se o Jardim do Éden pode ser encontrado na Arábia Saudita, não seria de admirar se o local do descanso final de Eva também fosse aí encontrado. O pesquisador-viajante francês Maurice Tamisier⁸ visitou o túmulo de Eva a nordeste de Dschidda já no ano de 1840 e descreveu a sepultura como sendo uma pequena edificação quadrangular com uma miserável cúpula em miniatura, uma porta voltada para o oriente e duas janelas para o norte e para o sul. Os espaços internos — escreveu Tamisier — "estão cobertos de lendas e versículos do Alcorão", e no subsolo haveria uma câmara com uma pedra negra que estaria colocada diretamente sobre o umbigo de Eva.

O pesquisador alemão Heinrich von Maltzan⁹ visitou

Dschidda apenas uma década mais tarde, mas ele descreve o túmulo de maneira algo diferente. Segundo ele, a porta de entrada está voltada para o oeste, e as paredes são "nuas e frias"; presumivelmente ele estava se referindo às paredes externas do santuário. Maltzan confirma a existência da pedra adornada com gravuras "com cerca de 1,5 pé de altura e 0,5 pé de largura", que foi colocada exatamente no ponto "sob o qual se encontra o verdadeiro umbigo de Eva".

Em um ponto todos os visitantes concordaram^{10,11,12,13}: o túmulo de Eva era a sepultura de uma gigante! A topografia o confirma: o corpo da gigante jazia de atravessado sob a cúpula, orientado na direção norte—sul, sendo que a pedra do umbigo marcava apenas o centro do corpo. A cabeça era mostrada por uma placa de pedra que ficava ao ar livre, bem como a extremidade do corpo, os pés, sugeridos por duas pedras colocadas em pé. Os mamilos e o sexo da mãe primordial estavam demarcados com pedras especiais. Entre a cabeça e os pés estendiam-se uns bons 130 m! E todo o comprimento da gigante era acompanhado por dois pequenos muros que corriam paralelos.

O túmulo de Eva é mencionado por historiadores árabes já no século X d.C. Eles diziam que a palavra Jeddah remete-se ao árabe Jaddah e significa "avó". O excelente conhecedor da Arábia, Eberhard Wohlfahrt¹⁴, contesta isso, afirmando que jeddah remete-se a Gidda. Gidda era um pequeno porto natural onde, no ano de 647 d.C, o califa Othman fundou uma colônia a partir da qual desenvolveu-se a atual Dschidda. Mas também seria extremamente agradável poder procurar no mapa uma cidade da avó em memória da avó de todos nós.

Durante os séculos, peregrinos dirigindo-se a Meca que tocavam em terra firme árabe na cidade portuária de

Dschidda visitavam também o túmulo de Eva. Os conselheiros espirituais do conservador rei Abdul-Aziz, que entrou para a história como Ibn-Saud, consideraram as orações à mãe primordial Eva como pagas, pois afinal existia Alá, a quem as orações deviam ser dirigidas com exclusividade. Como ele não queria ver "o coração da religião islâmica perturbado por sombras pagas"¹⁵, em 1928 Abdul-Aziz ordenou a demolição do túmulo de Eva. Da edificação descrita restaram apenas murinhos que antes cercavam o local da sepultura.

Ainda assim! O piedoso rei saudita destruiu apenas as construções sobre o túmulo, o que havia embaixo continua intocado até hoje. A Arábia Saudita é hoje um moderno país industrializado. Os sauditas poderiam prestar um serviço importante à humanidade se com arqueólogos próprios procedessem a uma busca sob a sepultura de Eva. Os geneticistas dos países ocidentais esperam ansiosos por um pouquinho do ADN da mãe primordial. Esse presente não deixaria os sauditas mais pobres, mas enriqueceria a humanidade.

Segundo o texto apócrifo A Vida de Adão e Eva, Eva foi a primeira pessoa a observar uma nave transportadora extraterrestre com seus próprios olhos: "Então Eva olhou para o céu e viu um carro iluminado puxado por quatro águias reluzentes cuja magnificência não podia ser expressada por ninguém nascido de útero de mãe". Ela foi testemunha ocular de uma singular peça de teatro: "E veja, o Senhor, o forte, entrou no carro; quatro ventos o puxavam, os querubins conduziam os ventos e os anjos do céu seguiam adiante dele..."⁶

Trânsito intenso no céu

Os fãs de OVNI's caracterizariam isso como um "contato de terceiro grau". Ocorreram de fato encontros entre o primeiro casal humano e extraterrestre. Adão, nem bem fora destacado do reino animal, já tinha um programa escolar para cursar. Seu professor era o extraterrestre Raziel. Pode-se deduzir dos Ditos dos Judeus da Antigüidade¹⁶ que durante a estada no Jardim do Éden um anjo desceu "... e ensinou Adão e escreveu um livro para ele e fez-lhe advertências sobre todo tipo de coisa. E mostrou-lhe a ordenação dos planetas e levou-o para uma volta ao mundo..."

Os geneticistas vindos de uma outra estrela eram cuidadosos! Como pais preocupados, advertiam as crianças contra os perigos do mundo que os cercava. O anúncio tirado dos Ditos dos Judeus da Antigüidade encaixa-se na imagem de uma interpretação moderna da lenda de Adão e Eva como a última pedra decisiva no mosaico. Ele atesta que Adão não voou em ziguezague sobre o Jardim do Éden e os planetas, mas que deu "uma volta ao mundo". Como nos atuais vôos espaciais...

Os extraterrestres continuaram presentes também após a morte dos pais primordiais e controlavam o progresso de seu "experimento-humanidade". Personagens como Henoque, Abraão ou Ezequiel, que viveram em épocas diferentes, testemunham a respeito. Durante a história da humanidade foram reportados encontros com extraterrestres — pode-se dizer que em série — também fora do mundo bíblico. O Dicionário da Pré-Astronáutica¹⁷ apresenta páginas inteiras dedicadas aos OVNI's históricos.

Um fragmento da época do faraó Tutmés III (1504-1450 a.C.) fala de "bolas de fogo no céu". O historiador romano Caio Plínio, o Velho (27-79 d.C.), relata no segundo livro, "Cosmologia", de sua História Natural¹⁸ várias observações celestes notáveis, como estas: "Um escudo flamejante passou, soltando faíscas, ao pôr-do-sol da noite até a manhã, sob os cônsules L. Valério e O. Mário". Esses dois senhores viveram por volta de 100 a.C. Outros cônsules viram "vários sóis" e "três luas ao mesmo tempo" no firmamento.

Quando, em 332 a.C, Alexandre, o Grande, sitiou a fortaleza de Tiro, surgiram sobre o acampamento macedônio "cinco escudos voadores em formação triangular"¹⁹. Esses objetos circularam lentamente sobre Tiro "enquanto milhares de guerreiros de ambos os partidos os observavam assombrados". É natural pensar em hipnose de massa, mas não foi isso o que aconteceu, pois do maior dos "escudos voadores" foram lançados repentinamente raios em direção aos muros e torres da fortaleza, as muralhas ruíram e os soldados de Alexandre tomaram Tiro de assalto. Após essa surpreendente ajuda militar do espaço, os "escudos voadores" desapareceram com grande velocidade no céu azul da tarde.

Repressão coletiva

Há muito tempo assisti ao filme The Last Countdown. Nele Kirk Douglas é o comandante do porta-aviões americano Nimitz. Em meio a uma misteriosa força, o poderoso e supermoderno porta-aviões, com todos os aviões mais a tripulação, retrocede 40 anos no passado. Todos os aparelhos elétricos param. Ninguém sabe o que aconteceu.

O comandante ordena que dois jatos decolem. Os pilotos avistam dois aviões de combate japoneses da Segunda Guerra Mundial. O encontro é grotesco: dois jatos altamente desenvolvidos com asas retrateis e dois monomotores com a cabine aberta! Surpresos, amedrontados e perplexos, os japoneses presenciam os modernos jatos que brincam de gato e rato com seus patinhos feios construídos em 1940.

O que o filme mostra é realidade em nosso século: os extraterrestres brincam de gato e rato conosco. Eles aparecem esporadicamente, observam-nos, demonstram sua avançada tecnologia em manobras de vôo absurdas, fazem-nos de bobos.

Não sou nenhum fanático por OVNI's, infelizmente nunca vi um, e embora tenha em meu arquivo mais de 1.000 acontecimentos relacionados com OVNI's, nunca escrevi um livro sobre eles. Talvez devesse fazê-lo. O que aconteceu das últimas décadas até hoje já é excitante.

Na verdade, não gostaria de me meter nessa discussão acalorada, pois conheço a literatura. Tudo o que existe em termos de especulações abstrusas já foi colocado sobre a mesa, desde psicoses coletivas com nuvens de borboletas e gafanhotos até partes de foguetes em queda, plantas muito brilhantes e aviões iluminados pelo sol. Conheço os relatos técnico-científicos, as enciclopédias de OVNI's^{20, 21}, todas as vozes admoestadoras, críticas e que sabem tudo, as contribuições de sociólogos e psicólogos que falam muito de uma "repressão coletiva" e com isso abordam acontecimentos que grupos humanos não querem admitir.

Preocupo-me em tomar conhecimento objetivamente de fenômenos que ocorreram e ocorrem. Sou contrário a comportar-me frente a evidências como o trio de macacos: um tapa os olhos; o segundo, as orelhas e o terceiro, a boca.

A posição da "repressão coletiva" se modifica assim que se aceita que não estamos sozinhos no universo e que a Terra não é um sistema fechado em si mesmo. Esse é o meu ponto de vista.

Pendente entre o passado e o futuro, estou convencido de que milênios atrás as pessoas não se comportaram de maneira diferente da nossa: reprimimos aquilo de que não queremos tomar conhecimento. Podem-se reprimir fatos por toda a eternidade? Ofereço algumas nozes duras de mastigar:

17 de novembro de 1986. 17 h 10 min.

Um Boeing 747 da JAL (Japan Airlines), versão de transporte, dirige-se ao aeroporto de Anchorage, no Alasca, vindo de norte-nordeste. A velocidade é de 786 km por hora. Na cabine trabalham o comandante Kenji Terauchi, 47 anos, o co-piloto Takanori Tamefuji e o engenheiro de vôo Yoshio Tsukuda. O vôo de Paris pela rota polar transcorrera calmamente, em 1 h 12 min eles estariam aterrissando em Anchorage.

Repentinamente, a cerca de 6 km do Jumbo, surge uma luz forte, em seguida uma segunda à mesma distância, só que cerca de 600 m abaixo do Jumbo. No primeiro momento, o comandante Terauchi pensa em aviões militares que rapidamente tornariam a desaparecer de sua rota de vôo. Ele mantém seu curso. As singulares luzes desaparecem abruptamente na direção do vôo para quase ao mesmo tempo surgirem novamente próximas ao lado esquerdo do avião.

O comandante Terauchi já dominara várias situações complicadas em seus 27 anos de profissão, mas o que ele vivenciou com sua tripulação fez com que o sangue

congelasse em suas veias. Um gigantesco "objeto em forma de noz", paralelo ao seu avião, acompanhava-o com a mesma velocidade, emitindo luzes. Mais tarde Terauchi declarou que o objeto seria de duas a três vezes maior que seu Jumbo, e estaria flanqueado por dois objetos menores.

Terauchi anunciou o fenômeno pelo rádio à torre de comando e pediu autorização para executar uma manobra de evasão. A autorização foi concedida. Terauchi baixou a altitude de vôo em 1.000 m. O objeto desapareceu por segundos para logo em seguida surgir novamente na direção do vôo do Jumbo. O co-piloto ligou o radar de clima. Tanto o objeto grande como os dois menores podiam ser vistos nitidamente a uma distância de 12,6 km.

Um oficial da torre de comando perguntou excitado o que estava acontecendo lá em cima. Terauchi descreveu o que via e tornou a pedir para executar manobras de evasão. Ele faz algumas curvas, mas o objeto segue seu aparelho, às vezes à direita, às vezes à esquerda, acima ou abaixo dele. Terauchi descreve as manobras de vôo do objeto como "incrivelmente rápidas e hábeis"²². O Jumbo aproxima-se a uma velocidade de 270 km por hora da cidade de Anchorage, pelo norte, e as luzes já podem ser vistas. A tripulação observa a silhueta desse gigantesco objeto contra o mar de luzes. Tão repentinamente como surgira, o OVNI desaparece²³. O Boeing 747 da JAL aterrissa às 18 h 24 min. O mais surpreendente nesse caso registrado em detalhes é que o objeto mais seus acompanhantes menores foram registrados tanto pelo radar climático do próprio avião quanto pelo radar de terra, mas não pelo satélite de observação espacial americano. De qualquer forma, esses objetos estranhos não podem ser descartados como fenômenos naturais.

19 de maio de 1986. 17 h 14 min.

Na tela de radar da Central de Defesa Aérea do Rio de Janeiro, surgem 13 objetos que se deslocam a 1.400 km por hora em direção ao oeste. A Força Aérea Brasileira ordena a imediata decolagem de dois aparelhos Mirage franceses e dois modelos americanos F-5. O tenente Kleber Caldas Marinho, de 25 anos, consegue aproximar-se dos objetos até uma distância de 20 km, mas tem que desviar-se sobre a cidade de São José dos Campos porque o combustível está acabando. Diz o tenente Kleber: "Era uma luz que pulsava, vermelha e branca, preponderantemente branca. Não se tratava de uma estrela, mas também não podia ser um outro avião. Não podia ser nada terrestre".

O piloto do F-5, comandante Márcio Jordão, relatou que se aproximara dos objetos até uma distância de 40 km, mas não podia acelerar mais seu aparelho. A visão era excelente, não havia nuvens nem trânsito aéreo.

Um dos pilotos dos Mirages foi escoltado durante vários minutos por 13 objetos inquietantes. Seu relato: "Sete objetos acompanhavam-me de um lado, seis do outro, e repentinamente eles se afastaram com uma velocidade espantosa".

O ministro brasileiro da Aeronáutica, brigadeiro Otávio Moreira Lima, esclareceu em uma conferência de imprensa no Rio de Janeiro que os estranhos objetos tinham "inundado" sistemas de radar sobre o Rio e São Paulo e perturbado o tráfego aéreo, sendo essa a razão dos quatro aviões terem decolado. "Não posso oferecer nenhum esclarecimento para a aparição, pois não temos nenhum"²⁴.

A fantasmagoria durou quase três horas.

A Força Aérea Brasileira instituiu uma comissão de

inquérito que ouviu os pilotos e avaliou os dados do radar. Como não havia nenhuma explicação para o fenômeno, o relatório foi parar nas profundezas dos arquivos da Força Aérea. Novamente os "estrangeiros" tinham brincado de gato e rato com os terráqueos. O acontecimento não gerou conseqüências.

21 de outubro de 1978. 19 h 6 min.

O piloto Frederick Valentich, de 20 anos, voava com um Cessna 182 azul e branco emprestado de Melbourne, na Austrália, em direção a Kings Island. Valentich é descrito por seu instrutor de vôo e por conhecidos como um jovem prudente, mais propenso a falar pouco que muito. Valentich já tinha percorrido metade do percurso e aproximava-se, vindo de norte-nordeste, do cabo Wickham, o ponto mais a nordeste de Kings Island. Altitude: 1.400 m.

As 19h 7min ele avisa à torre de controle em Melbourne que está sendo seguido por uma imensa nave com quatro luzes brilhantes. Os funcionários do serviço de observação aérea perguntam-lhe se ele pode identificar o objeto. Diz Valentich: "Não é um avião. É um..." A ligação é cortada. A observação aérea exige repetidas vezes que o jovem piloto relate o que está vendo. Após dois minutos Valentich apresenta-se com voz trêmula: "Alô, Melbourne! Ele vem do leste em minha direção... Parece estar fazendo algum tipo de brincadeira comigo... Não consigo calcular a velocidade... Ele passou... Tem uma forma alongada... Mais que isso não posso reconhecer... Agora ele vem da direita... Parece parar no ar... Eu me movimento, e a coisa se movimenta comigo... Meu motor falha, pára..."

Logo em seguida os homens da torre de controle ouvem em seus alto-falantes um ruído de metal raspando contra metal.

A ligação é cortada. Aviões de busca saíram na mesma noite. Navios foram enviados à região do mar ao norte de Kings Island. Até hoje não se encontrou nem sombra de Frederick Valentich e seu aparelho. O caso ocupou a imprensa australiana e neozelandesa^{25, 26, 27} por alguns dias. Então o fato perdeu o interesse.

O acontecimento não teve conseqüências. Eles nunca têm. Mas a opinião pública está sendo enganada por órgãos oficiais. Posso e devo fazer essa afirmação.

Durante décadas os órgãos oficiais dos E.U.A. — Força Aérea, Marinha, Ministério da Defesa, CIA e a supersecreta NSA (National Security Agency) — garantiram que não sabiam nada a respeito de OVNIs, que nem dados nem informações tinham sido trocados ou armazenados. Recorrendo à Freedom of Information Act, uma lei que garante a liberdade de informação, grupos que estudam OVNIs tiveram acesso a arquivos que tornaram pública a divulgação oficial de mentiras praticadas até então. Um dos maiores jornais da América, o National Enquirer, freqüentemente voltado para o sensacionalismo, publicou em 1985 em forma de livro extratos de arquivos mantidos em segredo até então. Já em 1968 a NSA constatava em um documento: "O fato de que aparições de OVNIs sejam testemunhadas em todo o mundo, há muito tempo, mesmo por um número respeitável de cientistas eminentes de nossa época, prova agora com muito mais força que os OVNIs não são uma miragem"²⁸. Em um período de apenas três meses, segundo o relatório secreto, a Força Aérea registrou 35 aparições que não puderam ser esclarecidas. "Para cada problema há uma solução simples, clara e falsa", escreveu o jornalista americano Henry Luis Mencken (1880-1956). A mentira é uma falsa contribuição para a solução do

problema.

Dados sobre OVNI são e continuarão a ser acumulados. Os órgãos oficiais sabem mais do que admitem. Por que esse segredo todo? Teme-se que a população entre em pânico. Tenho certeza de que os governantes menosprezam o povo! Este sabe que precisa conviver com perigos, mas quer conhecer os perigos. Vivemos na época do jornalismo investigativo. Arquivos secretos são tão pouco tabu quanto os números de contas particulares. No que se refere ao terreno dos arquivos sobre OVNI que são mantidos em segredo, eu gostaria de um desvendamento radical. Isso só poderia ser útil para todos.

Moscou. Final de janeiro de 1985.

O jornal sindical Trud relata um caso de OVNI na União Soviética²⁹.

Dias antes um avião de passageiros do tipo TU-134A faz o vôo da Aeroflot nº 8.352 de Tiflis a Tallin, passando sobre Rostow. Os quatro tripulantes acham a princípio tratar-se de uma assombração quando sobre o aparelho, no céu noturno, surge uma grande estrela brilhante da qual sai um raio de luz estreito e reto que vai até a terra, onde se transforma num cone de luz, seguido por outros dois ainda mais brilhantes. Segundo o Trud, os pilotos presumiram que um objeto voador não-identificado a 40 ou 50 km de altitude sobre a Terra havia emitido os raios de luz. O reflexo da luz era tão claro que a tripulação e os passageiros puderam distinguir casas e ruas de uma altitude de vôo de 10.000 m. Mas então repentinamente o raio de luz foi desviado para o avião. A tripulação descreveu como um ponto cercado por anéis coloridos que os cegou na cabine. Mas logo a pretensa "estrela" disparou do céu como um raio em direção à Terra,

cruzou a rota de vôo do TU-134A e acompanhou o avião como uma escolta de honra até Tallin, na Estônia.

O cientista Nicolai Sheltuchin, vice-chefe da Comissão para anormalidades da Sociedade de Ciência Natural, esclareceu o fenômeno com "processos atmosféricos e geofísicos globais distantes vários milhares de quilômetros de um tipo desconhecido da ciência". Os pilotos, segundo Sheltuchin, "tiveram uma ilusão de ótica!" Ilusão de ótica! Não é difícil perceber que a população soviética é feita de boba na mesma medida que a americana.

OVNI filmado

Em meados de dezembro de 1978, foram anunciadas várias aparições de OVNI's na Nova Zelândia. Luzes cruzavam o céu à noite. Estações de radar registraram ecos singulares que não eram provenientes de aviões. Essas notícias animaram o repórter televisivo Quentin Fogarty, do canal 0 de Melbourne, a tomar um avião de carga do tipo Argosy com sua equipe para observar de perto se havia motivos para as sensacionais notícias.

Fogarty partiu nas primeiras horas da manhã de 31 de dezembro de 1978. Logo após elevar-se da pista de decolagem do Aeroporto Wellington, tanto Fogarty e seus homens quanto os pilotos notaram luzes estranhas em torno do avião. Era como se "alguém ou alguma coisa estivesse apenas esperando para ser filmado"¹⁰. O radar de terra em Wellington e o radar climático a bordo mostravam vários objetos. Geoff Clauser, chefe do controle de Wellington, disse mais tarde que os OVNI's eram vistos na tela do radar com o mesmo tamanho do avião:

"Nós recebíamos ecos de radar claros, definitivos. Às vezes chegava a haver dez OVNI's na tela"³¹.

Fogarty, que até esse dia nunca "acreditara" em OVNI's, resumiu: "Era fantástico. Luzes no céu. Uma luz nos seguia, então uma segunda juntou-se a ela um pouco mais abaixo. O ambiente no avião estava realmente tenso. Rodamos um bom trecho de filme, mas a objetiva era um pouco fraca. Então um OVNI aproximou-se muito pela direita. Através da lente zoom de 120 mm, ele parecia pequeno, semelhante a um pires, com luzes embaixo e em cima. Então rosqueei uma lente de 250 mm na câmera e focalizei a luz brilhante do objeto. Ele voava à mesma velocidade que nós, um pouco acima, então adiante à direita, em seguida sob nós e finalmente de novo ao nosso lado. Fizemos alguns cálculos aproximados e achamos que a coisa devia ter três ou quatro andares de altura".

Em 2 de janeiro de 1979 Fogarty disse ao jornal australiano The Advertiser: "Ficamos com medo quando o controle de radar de Wellington nos disse que um objeto estava imediatamente atrás de nós ... Cheguei a pensar 'Vai ser agora', pois lembrei-me de Frederick Valentich".

Trechos desse filme passaram em muitas emissoras de TV em vários países. O câmera David Crockett disse que o filme era "o mais fantástico" de que participara. "Ele virou minha vida de cabeça para baixo. Agora acredito que lá fora exista realmente alguma coisa sobre a qual não sabemos nada".

O que a ciência achou desse documento único? O astrônomo Peter Read disse na Rádio Nova Zelândia: "Não acredito em coisas como OVNI's. O OVNI era Vênus!" Santa ingenuidade! Desde quando Vênus produz ecos de radar? "Abençoados aqueles que não têm nada a dizer e

mantêm a boca fechada!" Oscar Wilde (1856-1900).

22 de junho de 1976. 21 h 37 min.

A corveta Atrevida da Marinha espanhola passa diante da costa sudeste da ilha Fuerteventura (Ilhas Canárias) quando do horizonte aproxima-se uma luz que brilha intensamente. A tripulação supõe que são os faróis de um avião, mas aí a luz se apaga e um novo fecho cai do céu e varre o litoral durante dois minutos. Não se escuta ruído algum, mas agora a tripulação acha que se trata do potente holofote de busca de um helicóptero.

Então acontece o inacreditável: da luz surge uma aura luminosa maior que se divide em uma "lente" superior e uma inferior. A metade superior eleva-se continuamente até desaparecer das vistas dos marinheiros, enquanto a inferior ainda ilumina o litoral e o mar.

O caso poderia ser classificado no abrangente conceito "Luzes do céu" se nesse momento o médico Dr. Francisco Padron Leon e o motorista de táxi Francisco Estevez Garcia não estivessem indo visitar uma paciente. O carro saiu de uma curva quando repentinamente, 60 m adiante, uma bola flutuava a apenas 2 m do solo; parecia uma bolha de sabão transparente feita de cristal. O táxi parou. Os dois homens esperavam ser testemunhas de um grandioso espetáculo da natureza. O motorista de táxi disse: "Claro que eu queria ver isso mais de perto; abri a porta, o doutor segurou meu braço. Eu saí assim mesmo... cheguei mais perto, a cerca de 25 m de distância"².

Então os dois homens viram "no interior da bola uma espécie de plataforma... e dois grandes seres"³. O médico disse mais tarde que poderia descrever os seres com todas as suas particularidades, pois ficara olhando para eles por

longos 20 minutos: os estranhos na bola tinham entre 2,70 e 3 m de altura, usavam sobretudos vermelhos e uma espécie de capuz preto. Os braços terminavam "em estruturas cônicas e não se sabia exatamente se se tratava de mãos ou luvas". O Dr. Padron constatou que nunca vira algo semelhante antes, e que os dois estranhos teriam "um brilho majestoso". Estavam um de frente para o outro e aparentemente operavam aparelhos. Finalmente os estranhos teriam olhado em direção ao táxi.

Disse o motorista de táxi: "Os dois sujeitos olharam para mim. Eu olhava para eles... Fiquei transtornado, e então só tive medo". O médico declarou que no interior da bola um tubo transparente se moveu e dele teria saído algo azulado que envolveu a bola. Diante dos olhos dos dois homens a bola foi se tornando cada vez maior, crescendo até atingir a altura de um prédio de 20 andares sem que o tamanho dos estranhos se modificasse. O médico e o motorista de táxi fugiram. Ao olhar para trás, viram como a bola desapareceu a grande velocidade em direção à vizinha ilha de Tenerife.

Muitos jornais europeus noticiaram esse acontecimento no verão de 1976. Havia uma pesquisa de jornalistas fazendo perguntas aos moradores da ilha e aos turistas. Muitos testemunharam a aparição do OVNI e a presença dos "homens de vermelho" também foi confirmada por testemunhas oculares. Que essa bola transparente era algo real e não um holograma, uma projeção tridimensional com a qual algum engraçadinho ou alguma empresa de turismo quisesse colocar a ilha em evidência, ficou provado no dia seguinte. A bola flutuara também sobre uma plantação de cebolas e por todo o campo havia impressões em espiral, e todos os pés de cebola estavam dobrados. Assombrações, fantasmas e ilusões vistas à luz do dia não deixam rastros.

Críticos de OVNI bem-intencionados, ao tomar conhecimento de tais declarações, dizem que sempre existiram vivências de OVNI, e perguntam por que então essas assombrações têm que ser necessariamente extraterrestres. O problema com todas as pesquisas sérias de OVNI são os disparates que muitas pessoas dizem. Exagera-se em observações de segunda e terceira mão que de fato podem ser esclarecidas como fenômenos perfeitamente naturais. Compram-se histórias grotescas de pessoas que querem se fazer de importantes. Excetuando-se todas essas fanfarrônicas e todos os fenômenos que têm uma explicação natural, sobra um número inquietante de aparições de OVNI que não podem ser esclarecidos nem contestados. Fotografias, filmes e traços físicos como registros de radar falam uma língua diferente da dos que se fazem de importantes. Todo aquele que assume uma posição tão neutra quanto é humanamente possível em relação ao problema dos OVNI logo se depara com declarações contraditórias de adeptos fanáticos da ufologia referentes ao mesmo acontecimento. Serão realmente contradições?

Tudo já existiu

Tudo já existiu!, costumava dizer Rabbi Ben Akiba no Uriel Acosta de Gutzkow (1847) em várias oportunidades. Com essa cartada eu me sinto em casa. Tudo já existiu ... isso pode ser provado em face dos textos antigos e suas declarações sobre aparições celestes e carros celestes, mas também é verdade que as descrições de então eram controversas. Eva viu "um carro de luz puxado por águias resplandecentes". O profeta Ezequiel descreve a

"magnificência do Senhor" como sendo um objeto com "rodas, aros, olhos e asas". Abraão foi até mesmo elevado a grande altura sobre a Terra em uma nave espacial, e o confortável meio de transporte de Salomão entrou para os anais como um "trono voador".

A coisa também é turbulenta e controversa na literatura sânscrita indiana quando descreve barcos e navios voadores: eles vão de cidades espaciais sobre satélites até "veículos celestes de vários andares incrustados de pedras preciosas" com ou sem asas, com ou sem rodas, troando poderosamente ou zunindo baixinho⁴.

Os professores celestes dos antigos também foram contemplados com descrições variadas: às vezes eram gigantes, em seguida figuras luminosas, às vezes seres vestidos com roupas espaciais e elmos, e então novamente "algo como uma pessoa com roupas de linho", como já havia observado Ezequiel.

Após saber isso, as declarações contraditórias sobre OVNI's não me incomodam, continuam numa tradição milenar. Naquela época, bem como hoje, os seres celestes quase não se dirigiam aos governantes, eles freqüentemente aproximavam-se dos simples habitantes da Terra. Por quê?

Nos últimos anos, astrônomos e matemáticos publicaram em revistas e livros especializados seus pontos de vista sobre as possibilidades de uma colonização galáctica^{35,45}. Foi calculada a probabilidade da existência de civilizações extraterrestres e também sua possível velocidade de disseminação. A maioria desses cientistas inclina-se para a opinião de que realmente o universo deveria estar formigando com civilizações galácticas. Mas onde estão os extraterrestres? Por que não temos nenhum contato oficial com eles?

O Prof. James W. Deardorff, da Oregon State University, em Corvallis, E.U.A., tratou da questão em um trabalho fundamentado⁴⁶. Ele levanta uma hipótese segundo a qual a Terra seria encarada como um jardim zoológico e tratada pelos extraterrestres como refúgio. A condição prévia para a existência desse zôo é boa vontade suficiente por parte dos que cuidam dele. Os animais vivem em paz entre si. É proibido aos visitantes tocar ou destruir os locais de nidificação de aves raras ou o terrário de salamandras exóticas. Todos os visitantes do zôo têm que obedecer ao código de não-interferência.

O Prof. Carl Sagan acha que poderia haver "impedimentos a um imperialismo cósmico", e talvez existisse algo como um Codex galáctico, segundo o qual sociedades planetárias subdesenvolvidas seriam orientadas e protegidas⁴⁷. Civilizações com uma longa história e experiência de vôos espaciais teriam que saber como comportar-se em relação a uma cultura em desenvolvimento — como pessoas que viajam a regiões distantes da Terra e aí encontram tribos estranhas.

Essa suposição é transportada a dimensões galácticas, deduzindo-se que a partir de seu nascimento cada civilização planetária teria a possibilidade de algum dia ir ao encontro da família de viajantes do espaço... ou de aniquilar a si mesma. Em parâmetros cósmicos ocorre um processo de seleção semelhante à evolução em nossa Terra: ou uma sociedade planetária se unifica e parte para colonizar os confins da galáxia ou se arruína em disputas destruindo sua capacidade de progresso. A sociedade planetária tem que provar por si mesma que pode florescer por suas próprias forças e manter contatos pacíficos com seres extraterrestres. Diz Deardorff: "Não há melhor caminho para provar essa

incapacidade que a autodestruição".

O Prof. Michael D. Papagiannis, da Universidade de Boston, E.U.A., dá um passo adiante quando diz que algum dia cada civilização será forçada a reconhecer e a superar os limites de seu crescimento material; então o esforço da inteligência será dirigido a objetivos imateriais. A consequência dessas premissas seria que algum dia as galáxias "seriam ocupadas por civilizações estáveis, muito desenvolvidas eticamente, e espirituais"⁴⁸.

As suposições de Deardorff e Papagiannis partem do princípio de que os extraterrestres são bem-intencionados em suas relações com os homens. E assim deve ser, porque de outra forma os extraterrestres poderiam há muito ter modificado nossa história valendo-se de métodos agressivos.

Não sabemos quantas civilizações galácticas existem. Pode ser que haja entre elas espécies agressivas — talvez por terem um metabolismo diferente, talvez porque tenham permanecido agressivos após vencer uma guerra planetária ou tenham adquirido agressividade após conseguirem viajar pelo espaço. Civilizações pacíficas poderiam tentar impedir que as agressivas se intrometessem no desenvolvimento de uma sociedade planetária. Há múltiplas razões para essa suposição. "Uma delas poderia ser", diz Deardorff, "que o Homo sapiens é uma forma de vida semelhante à sua". Uma outra seria que a sociedade planetária a ser protegida fosse portadora de genes dos extraterrestres. Talvez uma civilização galáctica tivesse um dia sido ajudada dessa maneira e portanto se sentisse no dever de comportar-se de maneira semelhante.

O Prof. Ronald Bracewell é um famoso radioastrônomo da Universidade de Stanford, na Califórnia. Ele acha que cada

governo do mundo manteria em segredo mensagens de rádio de extraterrestres no interesse da segurança nacional. A razão para esse comportamento é a esperança de, com informações extraterrestres, ganhar superioridade não apenas no âmbito militar mas também no sociológico, tecnológico, econômico e cultural. Mesmo que mensagens extraterrestres fossem recebidas, decifradas e divulgadas por companhias privadas de pesquisa, os governos poderiam desqualificá-las como erro ou brincadeira "e imediatamente uma redoma de segurança abafaria o assunto"⁴⁹. O Prof. Bracewell acha que os extraterrestres deveriam antecipar esse tipo de ação irradiando suas mensagens para além das fronteiras nacionais, levando-as ao grande público.

E que tal seria se uma espécie de embargo tivesse sido decretado sobre o zoológico terrestre?

A súbita presença de extraterrestres, onde eles seriam mostrados ao mundo de uma vez só em grandes estádios de futebol, aparecendo inesperadamente em nossa programação de TV, representaria o levantamento do embargo. Civilizações galácticas bem-intencionadas sabem, além disso, que um aparecimento repentino deixaria a opinião mundial em estado de choque e provocaria o caos. "Somente as conseqüências religiosas já poderiam ser poderosas"⁴⁶, isso para não falar das complicações militares. Nações atacariam umas às outras com mísseis atômicos porque cada uma delas acreditaria que os extraterrestres seriam armas secretas dos adversários. A confusão nas faculdades seria devastadora, o choque cultural nos paralisaria.

O dilema entre "embargo" e "boas intenções", entre ajudar sem chocar, tem apenas uma solução: os extraterrestres têm que dosar durante um longo período de tempo as mensagens que trazem aos homens, de forma que nem governo nem

castelos de cientistas possam reagir de forma repressiva. Por um lado a mensagem deve ser acessível ao público, por outro não deveria parecer "inaceitável ou inacreditável para os cientistas. Órgãos do governo que são aconselhados por cientistas não iriam então iniciar reações contrárias e o embargo permaneceria intacto. O conhecimento sobre aquilo que realmente acontece ao nosso redor ocorreria então lentamente, passo a passo. De qualquer forma, não mais rápido que o suficiente para que a humanidade em geral estivesse intimamente preparada para aceitar a mensagem extraterrestre"⁴⁶.

Processo de transformação do pensamento

Esse modelo de pensamento corresponde ao que acontece ao nosso redor desde os anos 70, mais ou menos. Indivíduos são contatados e recebem informações condizentes com seu status intelectual. "Eles" sabem e querem que esses contatos divulguem o que se passou com eles em seu círculo de conhecidos, que se encontram no mesmo nível intelectual. Conta-se com o fato de que embusteiros e pessoas que querem aparecer se infiltram e provoquem confusão. Mas o fato é que sem algum caos não é possível instaurar um processo de transformação do pensamento sobre uma base mais larga. Compreensivelmente, informações falsas e verdadeiras multiplicam-se em todos os meios de comunicação.

Essa, nova corrente espiritual obriga cientistas a se manifestarem sobre o tema "extraterrestres". Povos e políticos exigem respostas. A "introdução de um processo lógico de pensamento" faz-se agora necessária, "para se

decidir se a mensagem é essencialmente verdadeira ou não"⁴⁶. O próximo passo será a comunicação entre cientistas sobre o tema, e o seguinte o levantamento das barreiras diante daquilo que até então parecia impossível: fazer com que a sociedade se familiarize com a existência de extraterrestres sem guerra e sem caos.

Pode-se comprovar até onde esse processo de transformação do pensamento já se desenvolveu através de uma pesquisa feita pela revista americana *Industrial Research Development*, que é lida apenas por cientistas e industriais. Tratava-se da questão da existência dos OVNI's: 27% dos cientistas pesquisados acreditavam definitivamente na existência de OVNI's, 34% achavam provável sua existência, 12% estavam inseguros, 19% achavam que provavelmente eles não existiam e apenas 8% defendiam o ponto de vista de que eles definitivamente não existem. A porcentagem de 61% a favor dos OVNI's mostra como a sociedade americana está aberta em relação ao problema.

Somos propensos a reconhecer apenas o que pode ser medido ou pesado. Dessa forma uma parte dos cientistas perde o contato com um desenvolvimento virulento. Em fevereiro de 1987 a revista *Der Spiegel*⁵⁰ deu uma notícia relatando a confusão espiritual que tomou conta de boa parte da população de Brasília, a supermoderna capital do Brasil. "Somente em Brasília pode sentar-se à mesa de um bar e contar que se acabou de ter um contato extraterrestre sem que riam da sua cara", segundo citação de um jornalista do jornal do Brasil. Moradores de Brasília dizem que já a fundação e o planejamento de sua cidade supermoderna teria sido iniciado por extraterrestres, que o homem pertence a uma civilização interplanetária e seria "apenas hóspede neste planeta!" A revista comenta que essas seriam idéias

conhecidas, que têm aficionados entre os esotéricos de todo o mundo, "mas em nenhum lugar o reconhecimento oficial dessa ideologia está tão adiantado como o que foi calculado em Brasília".

13 de dezembro de 1973.

Claude Vorilhon, jornalista esportivo e piloto de corridas por hobby, dirige-se de carro às montanhas vulcânicas que dominam a cidade de Clermont-Ferrand. Estaciona seu carro próximo à cratera Puy de Lassolas; na verdade, quer apenas tomar um pouco de ar, "o céu estava bastante cinzento e havia véus de névoa nas baixadas"⁵¹. De repente Claude vê uma luz vermelha que vem em sua direção silenciosamente. Ele reconhece um OVNI com 7 m de diâmetro que flutua a 2 m do chão. Um estranho "com olhos em forma de amêndoa e cabelos longos e escuros, vestido com uma roupa verde de uma só peça" desce e aproxima-se até chegar a 10 m do jovem francês. Com uma voz potente e nasalada, o estranho explica ao jornalista que vinha de um planeta distante e teria uma mensagem para transmitir-lhe, pois, no dia seguinte, ele deveria estar no mesmo lugar à mesma hora.

Claude e o extraterrestre encontraram-se várias vezes. O estranho explicou que sua gente já visitava a Terra havia milhares de anos. Das longas conversas surgiram vários livros. Claude Vorilhon, que agora se chama "Rael", abandonou sua profissão e fundou algo como uma religião de extraterrestres terrena. Seu movimento deve ter algo em torno de 10.000 adeptos. A essência da seita: não existe Deus nem alma, que suavemente abandona o corpo após a morte. O homem foi criado cientificamente em laboratório há muito tempo por seres que vieram de outro planeta.

Não tenho idéia se Claude Vorilhon, aliás Rael, realmente vivenciou seus encontros ou se ele leu Däniken em demasia, e tampouco sei se sua mensagem urgente dirige-se ao bolso de seus adeptos. A única coisa incontestável é que, desde 13 de dezembro de 1973, Rael vem teimosamente montando sua associação, apesar de todas as adversidades. Eu não o teria notado se se tratasse de um caso único. Mas em todo o mundo há inúmeros Claudes Vorilhons, mais ou menos bem-sucedidos. Eles operam sobre um corpo receptivo

18 de novembro de 1982.

Andreas Schneider, um alemão de 15 anos, vive com os pais nos arredores de Santa Cruz, em Tenerife. A noite acorda com ímpeto de ir para fora. Sobre ele pende do céu um brilhante OVNI vermelho, azul e verde. O jovem perde os sentidos. Volta a si no OVNI. Uma tripulação de sete pessoas amáveis leva o rapaz para dar uma volta pelo OVNI, contando-lhe todo tipo de novidade. Eles profeciam para antes do final deste século uma horrível catástrofe natural, mas acham que não poderiam ajudar os homens "porque só rimos deles, atacamos e até mesmo atiramos em suas naves".

Conheci esse Andreas Schneider há uns dois anos, e na época ele me contou a história de uma maneira juvenil. É um jovem amável, simpático, inteiramente normal. É verdade que não sei se Andreas passou por uma experiência onírica adolescente ou simplesmente fantasiou... ou se estão sendo injustos para com ele e o acontecimento realmente ocorreu. Tenho a impressão de que Andreas passou por uma experiência extraordinária. Talvez em realidade, talvez apenas em seu cérebro, pois não pretendo assumir o papel de juiz. Mas qual seria a diferença se — segundo o Prof.

Papagiannis — se tratam de civilizações espirituais!

Conheço um homem, há muitos anos, que durante toda a sua vida pilotou um DC-8 para uma grande companhia aérea. Ele também dispõe de um cérebro normal que funciona com precisão. Esse homem comum recebe de repente, sobre sua massa cinzenta intacta, mensagens telepáticas de extraterrestres. O homem ficou louco? Certamente que não, pois ele leva uma vida como todos nós. Louco! É assim que as pessoas reagem quando deparam com tais disparates. Poderia considerar-se louco um caso isolado, se não existissem milhares de casos de contatos semelhantes. Cento e oitenta livros sobre OVNI's em alemão, francês e inglês acumularam-se em minha biblioteca com o passar do tempo. Neles há mais de 500 relatos de contatos. Acrescente-se a isso mais de 1.000 aparições de OVNI's arquivadas com mais experiências de contato. O chão está fugindo sob os pés do homem? Ele não está preparado para a realidade freqüentemente atroz? Estaria ele sofrendo de uma psicose de massa, tal como os psicólogos gostam de colocar na gaveta de um inconsciente coletivo? Ou é a dúvida que grassa na última instância de nosso ser?

Arthur Schopenhauer (1788-1860) escreveu à margem de seu desespero: "Se um deus fez este mundo, então eu não gostaria de ser o deus. Sua dor me cortaria o coração".

Nossos psicólogos têm explicações imediatas. A culpa é da sociedade, com sua pobreza de contatos. A culpa é das ameaças militares. A culpa é da idéia de que o meio ambiente está morrendo, etc.

Tenham piedade, meus senhores! Onde então vamos enfiar a experiência com OVNI's da tripulação japonesa da JAL sobre Anchorage? O que fazemos com os OVNI's filmados sobre a Nova Zelândia, com os OVNI's que foram caçados

por jatos militares sobre Brasília? Que "luzes do céu" deixam impressões em forma de espiral em um campo de cebolas e de que maneira OVNIIs surgem nas telas de radar?

E por que então há milênios haveria de ser diferente, quando as terríveis visões de miséria não tinham como ser divulgadas? Seriam então os "mestres celestes" dos indianos e das tradições indianas antigas produtos de nossa época? Como se explica então que crianças camponesas de regiões isoladas — sem os noticiários de televisão com as terríveis imagens do cotidiano — sejam escolhidas como contatos? Devo aproveitar mais um caso singular, que prova que não apenas os políticos, mas também os homens da igreja nos fazem de bobos.

Os casos que pesquisei para meu livro *Aparições*⁵² foram e são registrados há milênios por muitas religiões.

As visões de Fátima

O caso de que quero tratar ocorreu na pequena aldeia portuguesa de Fátima. O que aconteceu aí? Os pequenos pastores Jacinta, Francisco e Lúcia presenciaram, no ano de 1917, ao todo sete aparições de Maria — todas as vezes do dia 13 de maio até outubro.

"Quero que vocês venham aqui no dia 13 do próximo mês!", ordenara a aparição às três crianças de Fátima. A Madona então aparecia pontualmente no local combinado. Naturalmente — e que criança não o faria? — os três, entusiasmados e vivazes, contaram a respeito de suas visões. Durante o verão e o outono de 1917 eles foram o acontecimento em Portugal.

A princípio apenas as três crianças pastoras eram o centro

das comunicações, mas isso durou pouco. No dia 13 de cada mês, intermináveis caravanas de peregrinos entravam em Fátima. Segundo notícias confiáveis, no dia 13 de outubro de 1917 cerca de 70.000 a 80.000 pessoas esperavam por um milagre no local das aparições. Ia valer a pena. O que eles iam ver não ia impressionar apenas as crianças. Chovia a cântaros, sendo as condições climáticas miseráveis para uma aparição de Maria, mas é claro que isso também fazia parte do gigantesco espetáculo. Repentinamente as nuvens se abriram, um pedaço de céu azul surgiu e o sol apareceu brilhando, mas não cegava. Iniciou-se o "milagre do sol de Fátima", e tudo o que relato aqui está nos arquivos do grande dia.

O sol começou a tremer e a oscilar, executou movimentos abruptos para a esquerda e para a direita e finalmente, com uma velocidade espantosa, começou a girar sobre si mesmo como uma roda de fogo. Emitia cascatas de cor verde, vermelha, azul e violeta, mergulhando a paisagem em uma luz irreal. Sim, assim se disse, que não era coisa deste mundo. Dezenas de milhares de pessoas o viram, e testemunhas oculares afirmam que o sol ficou parado por alguns minutos, como se quisesse conceder um intervalo de descanso às pessoas. Logo em seguida os movimentos fantásticos começaram, inclusive o gigantesco fogo de artifício de luz flamejante. Observadores afirmaram que o espetáculo não poderia ser descrito com palavras. Após nova pausa, a dança do sol começou uma terceira vez, tão gloriosa quanto antes. No total, o milagre do sol durou 12 minutos. Foi visto em uma área de 40 km.

A cada aparição as crianças recebiam mensagens que Lúcia, a mais velha das três crianças — nascida a 22 de março de 1907 —, rabiscava num pedaço de papel. Todas as aparições

eram anunciadas por "relâmpagos" cujas descargas elétricas estavam associadas a ruídos sussurrantes e estalos. Lúcia declarou na época que sempre que uma aparição se afastava ela ouvia um som como se "um rojão explodisse" à distância.

Durante a quinta aparição para as crianças de Fátima, em 13 de setembro de 1917, uns mil peregrinos e curiosos notaram nitidamente uma bola luminosa que lenta e majestosamente desapareceu no céu. Lúcia descreveu que a aparição da mãe de Deus freqüentemente se aproximava "no reflexo de uma luz", e sempre as crianças viam somente a Madona quando o ponto de luz parava sobre o azinheiro. Quando durante o interrogatório perguntaram a Lúcia por que ela freqüentemente baixava o olhar em vez de olhar diretamente para a Santa Virgem, ela respondeu: "Porque às vezes ela me ofuscava"⁵³.

Já arrisquei em Aparições a supor que o espetáculo em Fátima teria sido uma demonstração de extraterrestres e escrevi: "É preciso livrar-se da idéia absurda de que aparições seriam um privilégio religioso". Nessa ocasião veio-me à mente uma reflexão decisiva que no entretempo foi pensada conseqüentemente até o fim pelo geólogo Johannes Fiebag em seu livro *A Mensagem Secreta de Fátima*⁵⁴.

Jacinta e Francisco morreram não muito tempo depois das aparições.

Lúcia entrou para um convento; tinha anotado as mensagens recebidas e as entregou ao bispo competente. A terceira mensagem — segundo Lúcia — somente deveria ser divulgada pelo Santo Padre no ano de 1960. De fato, na época, esse "terceiro segredo de Fátima" foi entregue selado ao Papa Pio XII, que passou o manuscrito secreto ao Santo

Ofício, "porque a Santa Virgem quer assim" (Lúcia).



Os que receberam a mensagem de Fátima: Lúcia,
Francisco e Jacinta.

Em 1959, um ano antes da data em que a carta selada deveria ser aberta, a revista Mensageiro de Fátima citou Lúcia: "... Eu não posso entrar em mais detalhes, pois ainda é um segredo... que somente pode ser conhecido pelo Santo

Padre e pelo bispo de Fátima, e nenhum deles quer ficar sabendo para não se deixar influenciar... A mensagem deve permanecer em segredo até o ano de 1960..."

Em 1960 João XXIII era o senhor da Cúria Romana. A carta de Lúcia foi aberta no escritório do papa a portas fechadas. O tradutor era monsenhor Paulo José Tavares. Quando os dignitários deixaram as salas papais, seus rostos "pareciam terrivelmente assustados, como alguém que acaba de ver um fantasma". Abalado, João XXIII disse: "Não podemos revelar o segredo. Ele provocaria pânico".

É claro que desde então correm rumores. Murmura-se que o terceiro segredo de Fátima anunciaria uma terrível catástrofe natural, talvez até mesmo uma terceira guerra mundial. A Igreja desmentiu tais rumores. O cardeal Ottaviani, que também conhecia a mensagem de Fátima, esclareceu em uma conferência de imprensa: "A única coisa que posso afirmar é que tudo o que circulou a respeito do segredo de Fátima não tem qualquer fundamento..." Em 30 de setembro de 1984 o semanário católico Bildpost publicou uma entrevista com o bispo da diocese de Leiria, Alberto Cosme do Amaral. Nela, ele disse: "O terceiro segredo de Fátima não tem nenhuma relação com bombas atômicas e ogivas nucleares, nem com mísseis Pershing e SS-20, nada a ver com a aniquilação do mundo. O conteúdo refere-se muito mais à nossa crença"⁵⁴. O cardeal acrescentou ainda que haveria "graves razões" para a Igreja abster-se de divulgar o terceiro segredo de Fátima.

Para a Igreja Católica Romana, Maria é a "mãe de Deus". Isso é um dogma, proclamado ex cathedra (da cadeira papal) a partir da infalibilidade do papa. É portanto uma *contradictio in re*, uma contradição em si mesma, que, apesar da ordem da mãe de Deus, de que o terceiro segredo

de Fátima deveria ser participado à humanidade em 1960, ele tenha sido retido pelo Vaticano. No início de 1987, por ocasião das comemorações da Igreja para o ano mariano de 1987/88 e do próximo jubileu dos 2.000 anos do nascimento de Cristo, o papa João Paulo II acentuou o significado central da mãe de Jesus. Jesus é Deus, a Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. Esse Deus é atemporal, ele conhece o passado, o presente e o futuro. A mãe de Deus ordenou que o terceiro segredo de Fátima fosse divulgado no ano da graça de 1960, e no entanto o destinatário da mensagem recusa-se a executar a ordem. Deus todo-poderoso não deveria ter previsto esse comportamento?

Devido a "graves razões" (bispo do Amaral), o Vaticano recusa-se a divulgar a mensagem porque ela "provocaria pânico" (papa João XXIII). É uma atitude temerária a que tomo agora escrevendo aqui o que no meu entender poderia estar na terceira mensagem de Fátima:

"Em nome do espírito que tudo penetra, nós os saudamos, habitantes do planeta Terra! Vocês atingiram o limiar da tecnologia que propicia grandes transformações. Os homens ficarão inquietos, tensões e guerras perturbarão a concórdia entre os povos. Tudo o que vocês empreenderem, façam-no com atenção e respeito ao próximo, façam-no com modéstia e veneração diante do eterno espírito do universo. Combatam o ódio e a discórdia, evitem as guerras. A guerra é o grande aniquilador, e seu mundo já foi freqüentemente perturbado por guerras no passado. Saibam que vocês não vivem sozinhos no universo. Muitas formas de vida pertencem à grande família das galáxias. Preparem os homens para encontrar-se com outras formas de vida do infinito. Como prova da verdade desta mensagem, vamos mostrar a vocês no firmamento um grandioso espetáculo.

Vocês ficarão sabendo que nosso poder não vem desta Terra".

Enquanto a Igreja não revelar a terceira mensagem de Fátima, que a pequena Lúcia anotou juntamente com a data da divulgação — 1960 —, posso afirmar que o conteúdo — seu sentido — corresponde ao meu rascunho. Seria de fato uma mensagem que chocaria, de que a Igreja dificilmente poderia dar conta, pois causaria um pânico entre os crentes. Pois, caso ela tenha um conteúdo semelhante a este, sua divulgação provaria que não foi a mãe de Deus que apareceu em Fátima.

O papa João XXIII, sob cujo reinado ocorreu a interdição da terceira mensagem de Fátima, em 1963 dirigiu-se aos crentes com a encíclica *Pacem in terris* (Para a confirmação da paz). João Paulo II viaja pelo mundo como nenhum outro de seus antecessores no trono de Pedro. No verão de 1986 ele — caso único na história da Igreja Romana — convidou os chefes de outras comunidades religiosas para orar e trocar idéias na Igreja de São Francisco de Assis. Teria o papa informado o Dalai Lama, o arcebispo de Canterbury e todos os outros príncipes da Igreja a respeito do futuro do mundo e daquilo que nos diz respeito, seu conhecimento quanto ao conteúdo da terceira mensagem de Fátima?

"Há momentos na vida do homem em que ele está mais próximo do espírito do mundo que em outros, e pode fazer uma pergunta ao destino."

Friedrich von Schiller (1759-1805).